



REDACTOR-CHEFE : 
A. M. BUARQUE DE LIMA

Orgam Official dos 
Aspirantes de Marinha

Benjamín Constant

Especial para A GALERA

AO CARO AMIGO FREDERICO VILLAR

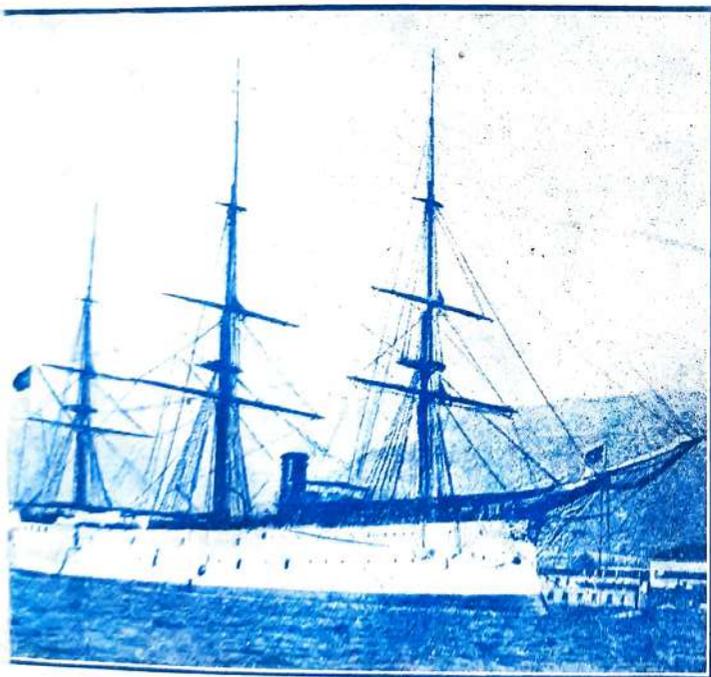
Delha galera branca, encanecida
Delas glórias marítimas de outróra,
Dejo-te no crepusculo da vida
Como uma cathedral que ainda é sonora.

Na magestade do teu bojo mora
Uma saudade rejuvenescida
Do tempo em que, singrando o mar afóra,
As procellas levavas de vencida...

No tsolamento humano em que descanças,
Sob a tranquilla protecção dos astros,
Dormem nossas passadas esperanças...

O mar que hoje te embala é o mar que te ama.
É o vento que soluça nos teus mastros
É a voz da grande Patria que te chama.

Oregario mariano



1926

11º 9-16

S U M M A R I O

<i>Benjamin Constant</i> (soneto) ..	Olegario Marianno	Capa
<i>Jangadeiros</i>	A. M. Buarque de Lima....	3
<i>Despedida</i>	A. Gomes Ferraz.....	4
<i>As Faluas</i>	Gastão Penalva.....	5
<i>As macas</i>	Tenente	6
***	Manuel Bandeira.....	6
<i>Artilharia</i> .. .	A. M. Gomes Ferraz.....	7
<i>Soneto</i>	A. M. Buarque de Lima....	9
<i>Doutrina</i>	Antonio Bardy.....	10
<i>Elogio do riso</i>	Eugenio da Silva Possolo ..	12
<i>Para brincar</i>	Aspirante	12
<i>Falando de mim e dos outros</i> ..	Joaquim Pernambuco .. .	13
<i>Quarts de nuit en rade</i>	Duroch	15
<i>Alexandrino de Alencar</i>	Gastão Penalva.....	16
<i>O Guardião</i>	A. M. Buarque de Lima....	17
<i>A sciencia e o amor</i>	Malba Tahan.....	18
<i>Amores de aspirante</i>	Paulo dos Mares.....	19
<i>A belleza do Narciso</i>	Balthazar Pereira.....	21
<i>Consulta</i>	Violeta	23
<i>O amor</i>	Tenente ...	24
<i>Desillusão</i>	A. M. Buarque de Lima....	24
<i>Uma carta</i>	Mar-Ijuh.....	25
<i>Crença</i>	Ruy de Bivar.....	25
<i>Fraqueza</i>	O. C.	26
<i>Guarda-marinha</i> .. .	Chatterbox	28
<i>A faina negra</i>	Gastão Penalva ..:.....	29

REDAÇÃO:

ESCOLA NAVAL  ILHA DAS ENXADAS
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL . . . , 16\$000





*Almirante
Alexandrino de Alencar*



Orgam Official dos
Aspirantes de Marinha

Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

JANGADEIROS

A. M. Buarque de Lima.

QUEM viaja os mares do nordeste brasileiro, principalmente os littoraes cearense e pernambucano, avista de quando em quando, quebrando a monotonia do panorama oceanico, a véla branca dos jangadeiros, enfiada e arrogante, galgando as ondas, desafiando as brisas, num flagrante admiravel do eterno duelo do homem e dos elementos.

Uma das minhas mais bellas impressões de viagem foi quando, aos primeiros frisos luminosos da madrugada, vi, saindo o porto do Recife, o bando alegre das jaugadas, em cada uma das quaes, equilibrados nas traves macissas, os caboclos manobravam o panno e o anzol. Quem as contemplasse como eu, sentindo no rosto o mesmo terral amigo que as impelia para o largo, não penetrava toda a immensidade do sacrificio, adivinhado nos bordos necessantes, e cuja synthese palpita na véla triangular, humida das virações, como se nestas lhe chegassem dos lares longinquos as lagrimas de afflicção e de saudade. E' a navegação em toda a sua rudeza primitiva, essa que praticam os pescadores sacrificados da minha terra; os cedros do Libano não arrostaram mais perigos que os troncos das nossas florestas, por elles toscamente unidos e assombrosamente amarrados.

Hoje, mesmo onde a pesca pouco evoluiu, a expressão minima do conforto está muito além do anachronismo dessas embarcações; a piróga, como nos estados do sul, é o barco do mais pobre. Por isso affirnei que no primeiro momento não se lhes abrangia todo o sacrificio; o alcance deste desaparece na impressão de audacia, que nos salteia. Mas não sómente em plena faina se lhes revela a indigencia. A morada, o vestliario, a alimentri-

ção denunciam uma miseria tão incompativel com a intensidade febril do seu labor como a humildade das suas casinhas com a belleza grandiosa das praias.

E' intuitiva, aos menos observadores, a espolação dos que açambarcam o peixe e sanguesugam o batalhador incansavel.

O quadro é este na sua simplicidade tocante: Na oila do mar, uma choupana, coberta pelas folhas dos coqueirões, cujos leques esmeraldinos enchem de cicios e de reflexos as praias nortistas; ao lado, horizontalmente distendida, a véla, que durante o dia, posta a seccar, abriga das scalheiras o fo'gado das criancinhas, infalivelmente opiladas, macilentas, corroidas pela verminose. E pelo areal, rendilhando-o, as rédes desdobradas, que as mulheres reparam cantarolando; proximo, o pescador, o cachimbo á bocca, a faca á cinta, ultima os preparativos para largar pe'a alva.

Para os espiritos romanticos não ha duvida que tudo isso é admiravel de tradicionalismo, poesta, despreadimento; o pintor, o chronista e o poeta, não futuristas, em presença desse espectáculo, bendiriam os mares do atrazo, que foram com Caramurú, muito antes das batatas, as primeiras exportações lusitanas para os Brasil.

Olhando-se certas arvores, nota-se ás vezes uma fada flôr roxa, rebeatando de improviso entre a folhagem mais viçosa. Essa flôr não é mais que uma parasita, e para mim symboliza bem, na sua graciosidade e procedencia, a poesta e o vampirismo, que doiram e infelicitam a existencia desses escravos, cujo captivo prolongado urge aboir.

Em paginas vibrantes e documentadas, encareceu L. Berthaut (*Les Vainqueurs de la mer*)

ao povo francês a alta significação económica, política e humanitária do desenvolvimento industrial da pesca. Referiu commovido os transe da existencia acidentada dos Brelões, immortalizados na epopeia admiravel de Lofi, que é um hymno a todos quantos, nos encouraçados e nas falças, peregrinam pelo mar.

Entre nós já se iniciou um movimento identico, a que, destas mesmas columnas, tocado pela piedade que me despertam sempre esses pequeninos soffredores, tributei a homenagem devida. Nicolau Débané e Frederico Villar ventilaram o assumpto, e á nossa marinha de guerra coube a iniciativa da effectivação desse programma. Esta, porém, exige a cooperação dos governos estaduais e a continuidade de uma campanha tenacissima contra o polvo odioso, cujos tentaculos Antonio Torres levantou, deixando-lhes á mostra as ventosas insaciaveis. Porque ha que solucionar um problema complexissimo, cuja primeira dificuldade envolve a educação e a saúde do homem; que impõe a aquisição de todo um novo material, inteiramente desconhecido entre os nossos pescadores, e pois a sua instrucção profissional; que se relaciona intimamente com o transporte, e, o que é mais, a conservação do peixe; e que implica, finalmente, na eliminação incondicional do intermediario.

Para se aquilatar do vampirismo dessa classe, na quasi totalidade constituida de estrangeiros, basta denunciar um latrocínio revoltante: uma caixa de 40 kilos de camarão, cuja compra em Cabo Frio e transporte ao nosso mercado orçam por 86\$000, proporcionalmente ao intermediario, vendido o kilo ao preço minimo de 8\$000, (oito mil réis) o lucro liquido de 234\$000 (duzentos e trinta e quatro mil réis). E é o português, como accentuei, o unico a quem isso aproveita.

Num livro irritante, e até certo ponto desaforado, o piffo Alberto d'Oliveira (o português, não o nosso grande Alberto) diz ver «com desvanecimento que, ao menos no Rio de Janeiro, essa industria (a da pesca) se encontra quasi exclusivamente nas rijas mãos portuguesas». Onde estaes, rijas mãos brasileiras, que não pegaes pelos cós das calças esses que proclamam com desvanecimento a eliminação da vossa soberania? Essa frase, insuspeitissima pela origem, revela bem a premencia da nacionalização effectiva da pesca.

Eis ahi um aspecto do problema, ainda vivo na memoria de todos, pela vibração intensa da sua repercussão, desde que, a 13 de Outubro de 1919, suspendia da Guanabara, para a sua missão providencial, o C. A. José Bonifacio. Arguiu-se de inconstitucional a medida, que dizia intimamente com a segurança nacional; calumniou-se de espoliação o seu cumprimento; impetraram-se **habeas-corpus**; sophismou-se, em arrazoados ócos, a constitucionalidade indiscutivel, e, por ultimo, desesperados, os poveiros simularam um repatriamento, que desgraçadamente não se prolongou além dos primeiros symptomas de fome nas margens do Tejo. E tudo isso acompanhado dos mais vis insultos á nossa dignidade. Mas, a despeito das dificuldades, e escudados pelo parecer admiravel de James Darcy, **nacionalizamos a pesca.**

A respeito dos pruridos de tolerancia, nascidos em certa imprensa sempre que, como a essa época, se contrariam interesses dos viscondes da republica iberica, é symptomatico o que occorreu ha pouco.

O chefe da flotilha de contra-torpedeiros determinou o desembarque de todos os elementos estrangeiros; ora, como entre a taifa figuravam portugueses, esses foram naturalmente atingidos pela ordem. Pois bem, essa medida elementar de prudencia, inquinaram-na garrafalmente de **jacobinismo** alguns jornaes brasileiros. Isso dispensa argumentos para pulverizar a ceceuma que metralhou a **nacionalização da pesca**. Os cerebros que as conceberam foram os mesmos, no cretinismo ou na venalidade. Os Brasileiros de fibra, esses comprehenderam os missionarios da cruzada reparadora, samaritanos do mar, cuja obra, bem que ainda embryonaria, levou de norte a sul, da jangada ao saveiro, o pavilhão auri-verde, unico sob que navegarão os mares territoriaes, iniciando-se, elles sós, nos segredos de uma costa insufficientemente balizada, cuja pratica será o seu concurso á marinha de guerra nas emergencias inesperadas.

O certo, porém, é que, graças á tenacidade victoriosa, está proximo o dia em que o pescador brasileiro relembra as **jangadas**, como o norueguês os barcos primitivos dos Vikings. Mas o que lhe chegar dellas será uma legenda inequalavel de audacia, de sacrificio e de fé, legenda que adivinhei commovido, naquella madrugada, sob a alvura das vélas, entre a crista das vagas.

DESPEDIDA

Traducção do hespanhol da poesia "Al despedirse"
de Mel. Palacio.

Vou partir! Quando eu for já distante
do dia ao despontar,
Nos reflexos da aurora, ó minha amada,
transmitte-me um olhar.

E quando a noite ó pallida creança
desdobra-se no mar,
Manda-me um sorriso de esperanza
num raio de luar.

Mas se esqueces, infiel, a outro amando,
a fé por ti jurada
Manda os pedaços d'alma que chorando
te dei, oh! minha amada.

A. GOMES FERRAZ.



AS FALUAS

(INEDITO)

E á tarde, quando a rija noritada sopra...

DANDAS as grandes velas triangulares como azas em ponta aguda para as nuvens, de altas vergas possantes que arquejam gementes ao duro embate das rajadas; carenas ao ar, adernadas para sotavento; proas altaneiras no recorte das aguas, que cachoam espumantes como alvas barbas de tritões undivagos; cada qual com a sua cruz escarlate nos traquetes, e a sua ancora içada á bocca dos escovens — cruz e ancora, fé e esperança — as faluas retornam porto a dentro.

Conheço-as todas de tanto que me acostumei a velas diariamente, desde a hora escura da madrugada, muito antes da alva, quando rumam á barra, proas ao mar alto, para a cruzada ingloria das pescarias, até essa hora de luz dubia da tarde, já quasi morto o sol por detraz das serranias da Penha.

Conheço-as todas, como conheço a todos os falueiros, desde os tempos de férias descuidadas. Uns eram de Mauá, no fundo manso da bahia; outros de S. Francisco, outros de Maruhy. Lembro-me ainda de alguns nomes: o Zé Lourenço, da **Maria Rita**, typo crestado do marujo antigo, velho desvendador dos segredos do mar, com seis filhos e seis netos na ardua lide das ondas; o Ignacio Tubarão, da **Ambrosia Gomes**, a falua mais rica e bem pintada da flotilha. Era um encanto de armação de bom pau, decorada a enfeites de mão de mulher, com Santos de madeira em seus nichos floridos; arabescos bizarros, symbolizando serpentes marinhas por todo o derredor da linha dagua; amuletos á proa, e um S. Miguel de cobre achado na praia, por milagre do céu, em dia cinza de resaca perfeito na sua investidura de varão biblico, rudimentar. E disticos de superstição interesseira: **Vae-com-Deus, Deus-te-guê, Em-bôa-hora...** por todo o taboado das bancadas, dos porôs, das cobertas.

A falua do Ignacio era tida pelo mulheiro praieiro como o amor das faluas. Com razão. E não só isso. Era tambem a falua dos amores. Fora sempre escolhida para o transporte alegre de nubentes, das easeadas nataes ás igrejinhas brancas dos povoados. Tinham-na em conta de mascote para o bom fim dos casamentos. Só desgarrára um par: o João Mathias com a Presciliana. Mas culpa delle... Casamento é sorte.

Depois vinha a falua do Nacleto, ex-foguista da armada, com o tempo de serviço acabado, livre afinal das quanturas horriveis das fomalhas para o grande ar do oceano, num fartão largo de oxygenio. Teahô lembrança delle a bordo, quando no pau puchado das caldeiras, sempre esgrouviado, com uma cara angu'ar de lobo famiato, a tossir, de maxillares muito salientes, rebrilhando de graxa e de suor. Quasi tyszico. Agora estava outro; reconquistára a sua corpulencia de pernambucano do sertão. Fazia-lhe bem a brisa fresca da manhã, como lhe era indifferente o furacão pasado, de surpresa.

E outras faluas; e outros pescadores.

Lá vinham elles, ainda bem longe; umas velinhas alvas, de enfiada, transpondo a linha azu' da barra — um bando de libelulas douradas, molhando as azas longas, translucidas,

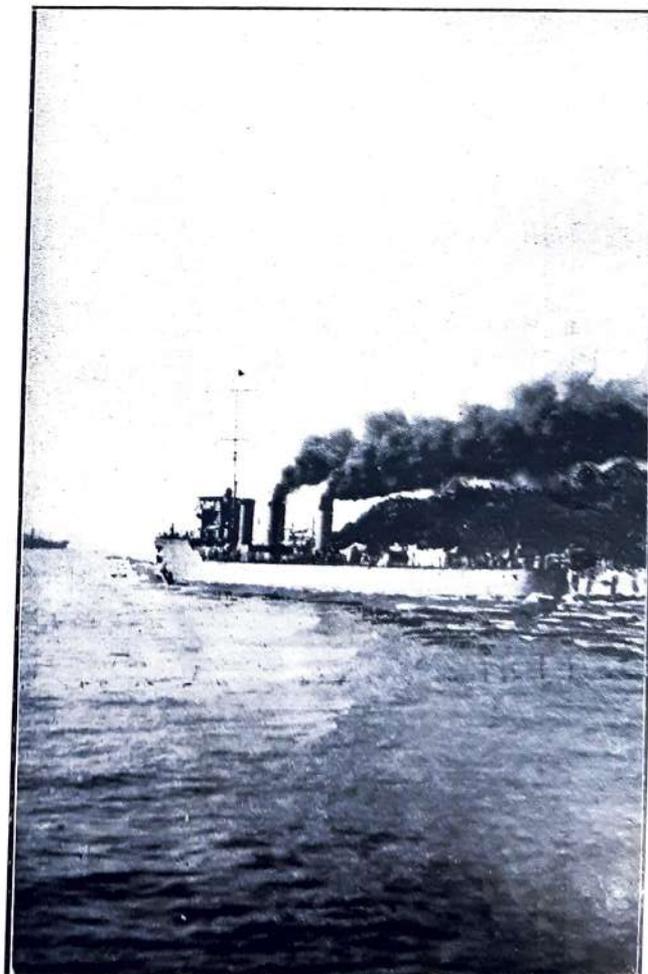
no banho vespéral das aguas livres. Chegavam todas afinal: a **Ambrosia Gomes**, de verde claro, e um enorme dragão rubro em cada alheta; a **Maria Rita**, pixada de novo, de verdugo rente ao mar; a **Liberdade**, desfraldando as velas para o poente, com duas flamulas esguias, tremulas, triumphantes; a **Flor do Mar**, pequenita e maneira como um cutter; e outras mais, que se aventuravam á pescaria, á maré farta das garoupas, preciosa maré de primavera, que é peccado perder.

Em pouco mais deslisavam em frente a mim, ao meu mirante escarpado de rochedos a pique. Quasi á fala, ellas desfilam certas no intervalo da popa de umh á proa de outra, alçados nos penões das vergas altas os estridentes pavilhões da audacia.

Reconhecem-me; saúdam-me ao passar, do bojo amplo das barcaças, com gestos largos de gorros no ar. São os falueiros, meus amigos, meus irmãos do oceano. Lá descubro o Nacleto, que me viu criança; e mais o Ignacio, bronzeado e gigantesco, com a sua grossa camisa de mau tempo; e o velho Zé Lourenço, que além da alva bandeira que tremula ao mastro, traz a esvoaçar a sua barba branca, batida fortemente de sudoeste, como estandarte patriarchal de paz e de trabalho.

Já lá vão distante. Passa por mim a ultima falua, deixando adeuses na saudade espumante da esteira. E ainda distingo, a resaltar das velas enfiadas, as cruzeiras vivas da fé, abertas para o céu, num fervor desvaivado, como estirados braços a sangrar.

Gastão Penalva.



Contra-Torpedeiro "Maranhão"

AS MACAS

SOLILÓQUIO DE UM ASPIRANTE EM VIAGEM DE INSTRUÇÃO

*Rolos de panno, salsichões enormes,
Unctuosos lagartos de brim-lona,
Onde o corpo se enrola e se abandona,
Em posturas ridículas, informes.*

*Corpo meu, porque deitas, porque dormes,
Numa cama que a ti tão pouco abona?
Si a dona do meu peito, a minha dona
Me visse em tão grotescos uniformes,*

*Deixaria de amar-me, certamente,
Pois não se ama um marinheiro sujo,
Num caracol assim tão repellente!*

*Clamo aos céos, de joelhos e mãos postas:
P'ra que eu seja um perfeito caramujo
Só me falta trazer a maca às costas*

TENENTE.

*Com que amargura mordes a areia,
Cuspindo a baba da acre salsugem,
No torvelinho de ondas que rugem
Na maré cheia,
Mar de sargaços e de amarugem!*

MANUEL BANDEIRA

ARTILHARIA

PREAMBULO HISTORICO

CAPITULO I

1.º Período. Descoberta da pólvora

Summario: Preambulo — Etymologia da palavra artilharia — Divisão da historia em tres periodos: 1.º periodo: artilharia nevrotóna, chalcatona, siderotona e de basculo — Composições incendiarias — Salitre: fogo grego considerado como o precursor da pólvora — Descoberta da pólvora — Consequencias sociaes da descoberta da pólvora.

1 — Lançando os olhos sobre o moderno material de artilharia, o observador sagaz e reflectido vê logo que não podia ter elle surgido assim, ostentando o gráo de aperfeiçoamento que, realmente, hoje possui; e, naturalmente, indaga quaes foram seus primeiros typos, qual a origem, sem duvida, grosseira, de onde procedeu e veio, de progresso em progresso, o poderoso e bem delineado canhão moderno.

E' o que vamos vêr neste ligeiro resumo da historia da artilharia, desde seus incertos primeiros passos até seu extraordinario desenvolvimento hodierno.

E' longo o estadio a percorrer, e demandaria paginas e paginas, si não preferissemos condensar-lhe a materia, circumscrevendo-a aos factos mais salientes.

2 — E' grande a controversia sobre a etymologia da palavra **artilharia**. Derivam-na uns de **ars tatorum** — arte das armas; outros mais verosimilmente das palavras — **artil'un**, engenho, **artillare**, de engenhos, vocabulos cujo radical é a mesma palavra — **ars**, artes.

Effectivamente, essa palavra não teve, a principio, outra significação que a de machina de guerra.

3 — A historia da artilharia póde ser dividida em tres periodos:

1.º O que vai da origem até o descobrimento da pólvora, ou antes de seu emprego como força de projecção;

2.º O que vai dahi até a guerra da Ciméa;

3.º O que decorre dessa guerra até nossos dias.

4 — 1.º periodo. O primeiro periodo, cuja origem, segundo a phrase consagrada, perde-se na noite dos tempos, abrange a artilharia nevrotóna, a artilharia chalcatona, a artilharia siderotona e, finalmente, a artilharia de basculo ou de funda.

A artilharia antiga comprehendia as balistas, catapultas e outros engenhos, em que se utilizava, a principio, a elasticidade das fibras de origem animal ou vegetal (artilharia nevrotóna) para projectar flexas ou pedras a grandes distancias.

Devido á grande hygrometricidade da materia prima das armas nevrotónas estas se des-

arranjavam com a chuva ou com simples humidade, de modo a ser impossivel utilisal-as.

Dahi que o engenheiro Ctesibius, que floresceu no anno 120, antes da éra christã, procurasse melhora-las, substituindo as fibras vegetaes ou animaes por molas de bronze batido — chalcos — cobre — de onde deriva o apelativo de chalcatona para essa artilharia.

A substituição ficou limitada aos pequenos calibres, naturalmente pela difficuldade de trabalharem-se grandes molas de bronze, attento o pequeno desenvolvimento industrial da época; além de que, qualquer reparo a fazer-se em um aparelho chalcatono, exigia um pessoal mais habilitado e demandava mais tempo do que com o nevrotono, cuja reparação podia ser confiada a qualquer operario, ainda nos campos de batalha.

5 — Heron de Alexandria, um seculo antes de Christo, conhecedor da excellencia dos aços hespanhóes, substituiu as molas de bronze pelas de aço, quando construiu sua famosa **chirobalista**. A artilharia siderotona de — **sideros**, ferro — gozou de excellent conceito por sua simplicidade e precisão de manobra. Passou a invenção do Egypto a Roma, e o grande Cesar, em suas guerras da Gallia, teve seu material de artilharia constituido por engenhos siderotonos.

Esta artilharia figura nas guerras da Edade Média, com Carlos Magno, Philippe Augusto e Philippe o Bello.

Simultaneamente com a artilharia nevrotóna, a éra medieval empregou machinas no genero das fundas e fundibulos, sob a denominação generica de armas de **basculo**.

6 — Toda essa artilharia antiga era utilisada sómente em guerras de sitio para bater as muralhas das cidades sitiadas. A catapulta foi empregada pelos romanos, em uma unica campanha, em condições excepcionaes. Foi na guerra contra os Parthos para poder attingir a um inimigo que, fugindo, os hostilisava com suas mortíferas flechas.

7 — Nem só projectis de pedra lançavam as machinas balísticas antigas; serviam tambem para projectar composições e artificios incendiarios, e diversos agentes, baseados no emprego do calor, taes como a agua, azeite e pez em ebullicão, areia aquecida a rubro, que penetrava as couraças dos guerreiros, inflingindo-lhes cruéis soffrimentos, e finalmente a cal viva.

8 — O emprego do fogo na guerra deve ser tão antigo como o proprio fogo, pois que os homens primitivos não deixariam de aproveitar seu effeito destruidor por excellencia. A principio, pedaços de madeira e tochas inflammadas, empregadas directamente pela mão do homem, para combater os adversarios, os animaes selvagens, incendiar as habitações e as portas dos muros das cidades sitiadas. Em seguida armas de arremesso, conduzindo estopas inflammadas para lançar o incendio nas machinas, com que os assaltantes batem as muralhas.

9 — Contra taes combustiveis era recurso infalivel a agua, que os domiava rapidamente.

Era preciso, portanto, aumentar a efficacia do combustivel, e appareceram as resinas, o pez, o enxofre, de que se embeciam as estopas ou com que se esfregavam as madeiras para que fosse mais difficil apagar o fogo.

Com a descoberta do petroleo ou oleo de naphtha, a defeza tornou-se mais efficaz, mais formidavel. Este oleo, de que existiam abundantes fontes na Persia e, principalmente, nas margens do mar Caspio, foi empregado, segundo Plinio, pelos habitantes de Cysico, sitiados por Lucullus.

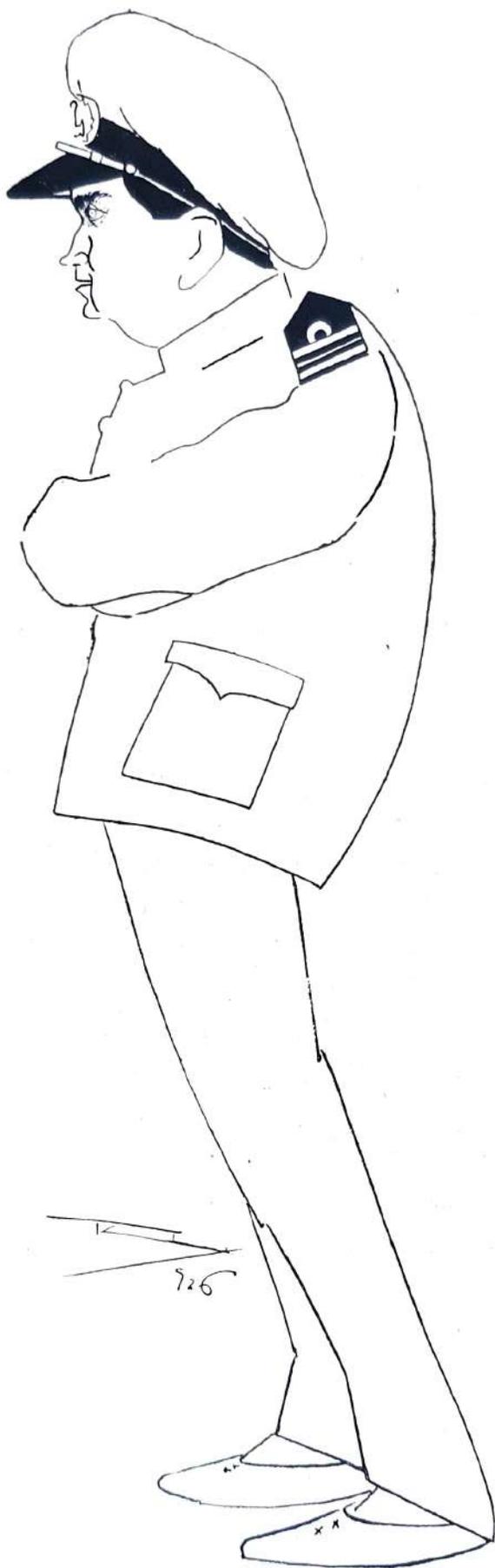
Em seguida a o oleo de naphtha, appareceram os oleos de therebentina, de genebra, ambos eminentemente inflammaveis, com que se formaram diversas composições incendiarias:

No seculo 13^o descobre-se a aguardente, isto é, o alcool, que concorre para novas combinações, e finalmente o **sal-nitrum** — salitre.

Essas substaneias eram arremessadas por meio de dardos incendiarios e vasos de fogo, designados pelos nomes de flechas ardeute, martellos e falaricas.

19 — Entre todas a mais poderosa dessas armas de arremesso era a falarica de Tito Livio e Vegetio. Tinha uma ponta em forma de anzol, e seu cabo era envolvido por uma armação de ferro de forma ellipsoidal, em cuja cavidade introduzia-se estopa cheia de materia inflammavel.

A falarica, arma de pouco alcance, em-



Commandante E. T.

pregada contra os assaltantes nas guerras de sitio, ou ainda nos combates navaes, era erremessada por meio de um arco ou de uma balista, com pouca força para que não se extinguisse durante o trajecto.

Nas flexas ôcas, denominadas — portafogo — a cavidade revestida geralmente de cobre, era cheia de uma mistura de pez, naphtha, enxofre, sal e estôpa,

11 — Os vasos de fogo, receptaculos redondos, lançados por meio de machinas de fundas, eram providos de uma mecha enxofrada e recebiam uma carga de estopa embecida em uma mistura de betume liquido, pez e enxofre.

12 — Aos meios de produzir o incendio, oppunham-se, naturalmente, os meios de extinguil-os.

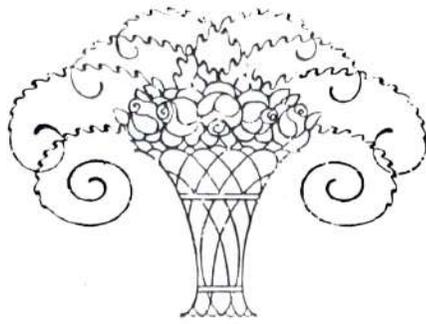
Reconheu-se, logo, que a agua era inefficaz para as novas substancias incendiarias. O enxofre, em particular, communica ás composições, em que entra, uma combustibilidade maior, por inflammarse, uma vez fundido, em temperatura mais baixa que os oleos e o carvão. A agua foi, pois, substituida por areia, terra secca ou molhada, excrementos e pelles ainda frescas de animaes nos incendios mritos circumscriptos.

A essas substancias juntavam-se outras que os antigos preconisavam como excellentes contra os fogos e resinas e oleos combustiveis: o vinagre e a urina.

(Continúa)

Soneto *℞*

A. M. Buarque de Lima



...et l'Es ssaie, penché sur le cievel, avait deviné, plutôt qu'entendu, l'appel suprême au Consolateur Eternel: «Jesus, Jesus, Jesus !...»

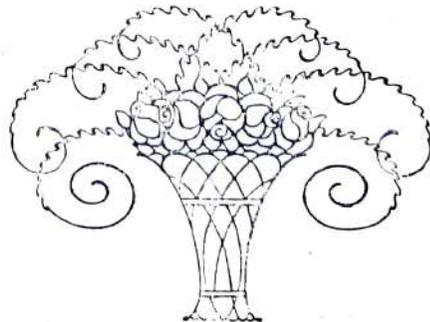
Claude Farrère, «Les Peies Alliées».

Já não borboleteia pelo mal
A sua alma de triste messalina.
Extinguiu-se-lhe a vida liberina
E agoniza num leito de hospital.

Inda o encanto satânico e fatal
De Lucrecia ella tem; mas a ruína...
Tal Magdalena morre Messalina,
Ennauseada da antiga bacchanal.

E é quase santa, sendo tão impura,
A que rolara de amante em amante
Lubrica, venal, perfida fingida.

Pois redimiste, louca creatura,
Na tristeza do teu último instante,
O peccado de toda a tua vida.



DOCTRINA

(CONTINUAÇÃO)

These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Baudry á Escola Naval de Guerra em 1922.

CAPITULO VI

Doutrina e suas relações com a tactica

Não deixo de deixar passar este paragrapho, sem que nelle articule algumas referencias ao conhecido trecho do Memorandum de Nelson, em que o glorioso Almirante declarava achar-se decidido a manter a sua esquadra em uma formatura de navegação tal «que a ordem de navegação viesse a ser a ordem de combate».

Sem examinar, devidamente, as razões (numero dos navios, natureza dos propulsores, etc.) que levaram o inextinguível Almirante a resolver daquelle modo, muita gente, interpretando ao pé da letra o que dispunha o dito trecho, pretende que, nos tempos que correm, as forças que se destinam á batalha, adoptem, desde logo, isto é, muito antes de qualquer contacto com o inimigo, a formatura de combate.

Para quem pode avaliar em função de que argumento é que se escolhe essa formatura; para quem sabe, hoje em dia, apreciar o elevado papel dos Esclarecedores; para quem accetou como verdadeira a analogia entre a formatura de combate e a posição que a fera assume para o bote; para esses, logo occorre considerar que a formatura de combate (em uns casos) ou a formatura de aproximação (na generalidade dos casos) só pode ser adoptada em uma força, depois que os Esclarecedores — que são os olhos de alcance das esquadras — fixarem a posição e a formatura do inimigo.

Fóra disso, adoptar uma formatura de combate seria, para uma força naval, o mesmo que, para um luctador, seria preparar, de olhos vendados, um golpe especial contra um adversario que nem sequer elle sabia haver chegado á arena.

Interpretando aquella disposição do já fallado Memorandum, diz o Commandante Baudry (1) que, enquanto não se obtiverem informações seguras, em virtude das quaes se possam acompanhar todos os movimentos do inimigo, as formaturas de navegação e de manobra (elle diz, precisamente, manobra) «devem permittir que se passe, com rapidez, á de combate, seja qual fór a marcação na qual elle possa ser avistado ou assignalado, seja qual fór a sua formatura, o seu rumo, a sua velocidade, a sua manobra».

E' isto, em verdade, o que se passa com as «formaturas de navegação», isto é, as que hoje se denominam formaturas de cruzeiro: em razão das surprehendedentes possibilidades da guerra moderna, e, mais ainda, em virtude do consideravel raio de acção dos submarinos, as esquadras adoptam, em cruzeiro, uma formatura de manobra tal que, defendendo-as dos golpes de torpedos, lhes facilite, ao mesmo tempo, passar, com promptidão, á formatura de combate.

Considerando-se que as formaturas muito fundas são as mais vulneraveis ao ataque de torpedo, escolhe-se, em geral, para formatura

de cruzeiro a «Linha de Divisões», a qual, podendo, sem perigo, apresentar uma frente muito ampla, apresenta menor profundidade.

ORDEM (POSIÇÃO DA CAPITANEA EM FORMATURA)

Embora se entenda, geralmente, por «ordem» a precedencia de qualquer natureza, verificada entre os navios de uma Divisão, as divisões de uma Esquadra, as esquadras de uma Armada, todavia o conceito de «Ordem» sempre esteve historicamente ligado á posição da Capitanea no Conjuncto.

E', pois, em torno deste assumpto que versará o paragrapho presente.

Em todos os tempos, constituiu preocupação, entre as forças destituídas de Doutrina, a posição da Capitanea no combate. Por isso mesmo que, na Capitanea, se encontrava o cerebello da força — o seu Chefe — a ordem directa era a ordem exclusiva da orientação. Ordem inversa suppunha, em consequencia, orientação incompleta, e, por vezes, desorientação.

Ainda mais: desapparecida a Capitanea, ou, simplesmente, morto o Chefe, reduzia-se a força, no primeiro caso, a um individuo decapitado, e, no segundo, a um individuo a quem se tivesse inutilizado o cerebello.

O contrario, porém, se dá numa força naval endoutrinada. Nella, a posição da Capitanea é indifferente, porque, apesar de ser o Chefe o cerebello, o orgão orientador por excellencia, a função desse orgão se exerce igualmente em toda a Força. Póde-se bem dizer que, morto o Chefe, o corpo é que se evolva; a alma fica.

Foi isto o que se passou em Trafalgar com a morte de Nelson; foi o que não se viu, em Dez de Agosto, com a morte de Whiteft.

Que é que faz lembrar uma «massa» perfeitamente endoutrinada de Cruzadores ligeiros ou de Contra-Torpedeiros que, durante as peripecias de um combate, se contorce e colleia, já para a frente, já para a retaguarda, mas sempre orientada e sempre firme?

Que é, pois? Uma «cobra de duas cabeças», penso eu.

SIGNAES

Um dos symptomas evidentes da ausencia de doutrina em uma força naval, é a frequencia de signaes.

De facto, se os actos a praticar por uma Força, no correr do combate, se impõem, do mesmo modo, a cada um dos navios que a formam — por isso que, em um dado momento,

(1) A BATALHA NAVAL pg. 173.

a realidade tactica é uma só — a utilização frequente dos signaes demonstra, claramente, que essa realidade não está sendo, a cada passo, comprehendida egualmente por todos, e, d'ahi, a necessidade de um interprete para ella.

Em uma Força perfeitamente endoutrinada, podem, é bem verdade, apparecer os signaes, nunca para indicar a realização de um movimento que é previsto por todos, mas sim para confirmar a necessidade da execução de um movimento que o Chefe concertára, conditionalmente, com os seus commandados.

Comprehendo a necessidade imprescindivel dos signaes durante os exercicios e o doutrinamento da Força, isto é, enquanto ella se está exercitando com a resolução de themas tacticos concretos, verdadeiras maquetas das situações da mesma natureza que hão de algum dia apresentar-se no combate real.

Como, apesar do previo entendimento entre o Chefe e os commandantes, não é possível figurar a todos, simultaneamente, durante os exercicios, os diversos movimentos, as diferentes deixas do inimigo, deve o Chefe empregar, para todos os movimentos da sua Força, os signaes correspondentes, os quaes, nesse caso, irão actuar como medidores, no tempo e no espaço, das occasiões ou dos pontos em que toda a Força ou parte della terá que evoluir ou manobrar.

Conseguida a necessaria harmonia e precisão de movimentos, deve, então, o Chefe suprimir esses signaes, passando, d'ahi em diante, a annunciar á sua Força, pelos meios que julgar mais adequados, as diferentes deixas do inimigo, afim de que os seus commandantes se habilitem

a proceder de accordo com elles, e, ao cabo do necessario treinamento, adquiram a «iniciativa inconsciente».

Certamente, não foi tanto por serem de si mesmos dispensaveis, si não antes pelo facto de se poderem dispensar, em grande parte, nas esquadras perfeitamente endoutrinadas, que Nelson dizia dos signaes que «elles são iuteis entre individuos dispostos a cumprir o seu dever» (1). E, se assim pensava, melhor o fazia. Disso, dá testemunho a completa unidade de pensamento que existia entre elle e os seus commandados, em especial Collingwood.

Se, no tempo da Marinha a vela, já se podia proclamar a «inutilidade» dos signaes em uma força endoutrinada, (que outra coisa não queriam significar as palavras de Nelson) muito mais se poderá dizer delles agora, justamente porque a grande velocidade dos navios e a subita appareição dos Contra-Torpedeiros e dos submarinos no taboleiro da lucta determinam mutações tacticas tão varias, situações por vezes tão fortuitas, que não se póde esperar que a vóz tarda e precaria dos signaes indique ás esquadras em acção os movimentos e os gestos tacticos que o inimigo lhes inspira.

Conclusão: Todo o Commandante em Chefe que endoutrina a sua Força, deve ter o maximo empenho em que ella chegue a prescindir quasi absolutamente dos signaes, por isso que elles são, na generalidade, recursos de emergencia para acudir a imprevistos; e, em rigor, o imprevisto não surge onde a Doutrina impera.

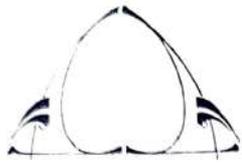
(Continúa)

Alfaiataria do Club Naval

Está aparelhada a confeccionar com esmero e promptidão os enxovaes dos alumnos da Escola Naval, mediante pequenas prestações mensaes.

MATERIAL DE 1.^a QUALIDADE

Dizeis que o muito rir prova falta de senso ;
Permitti que eu aqui lance um pallido protesto :
Da menor alegria ao prazer mais intenso
Tudo o que ha de feliz se traduz neste gesto.



Elogio =
= do riso



Emquanto eu posso rir, em tristezas não penso ;
E, se o tédio me assalta o espirito, funesto,
Uma feição faceta ás tristezas empresto :
Rio ... e o tédio recúa ante o riso e eu o venço.

Porque chorar ? Se toda a natureza chora !
Do orvalho as proprias gotas feitas de brilhante
São lagrimas da noite expulsa pela aurora.

Se ao homem só foi dado o consolo do riso,
Porque não concluir desta excepção frisante
Que o riso constitue prova cabal de juizo ?

EUGENIO DA SILVA POSSOLO,



*Tu dizes que tens quatorze,
Só quatorze annos de idade ;
A prima que tens dezoito
Como saber a verdade ?*

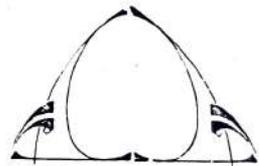
*Os teus meneios vivazes,
Travesso modo de olhar,
Revelam ledos quatorze,
Em que se vive a brincar.*

*A julgar pelo vestido
Que usas curto... de mais ;
Não tens quatorze, tens doze
Primaveras ideaes !*

*M s o vestido elegante,
Feito com graça e maneira,
Não indica claramente,
Que tens dezoito, faccira ?*

*Mas o seio columbino,
Eburnco, firme, genti,
Desmente, quando caminhas,
Teu grande ar infantil.*

*Não sei; não posso acertar
Em tanta contradicção...
Mas confessa : não é certo
Que a priminha tem razão?*



Para brincar

A uma Senhorita



ASPIRANTE.

Falando de mim e dos outros...

Caro Buarque de Lima: — Ha dias, passando a nossa displicencia pelas areias aristocraticas de Copacabana, realçava-te eu certos pormenores apimentados da vida alheia, quando tu, meu caro amigo, olhando o fresco movediço das ondas, sentenciaste sinceramente revoltado: — Até hoje só não te ouvi — falar da tua vida.

Desde então comecei a verrumar o bestunto, inventariar todas as tolices que fiz — desde a de ter nascido até a de ter estudado — e offerecer-te um dia a leitura inédita da minha *auto-trepação*. Como hoje chove, e nas vitraças insupportavelmente escuras tamborila uma chuva insupportavelmente monotona — tão monotona que me lembra o resfolegar das machinas do finado «Benjamin» ou o rodopiar fanhoso da vitrola do meu visinho, chiando a *Ave-maria* de Gumod e outras coisas alegres — como hoje chove, determinei escandalizar-te, garatujando, em forma de auto-biographia, os commentarios sobre a minha peregrinação (em breve dir-se-á *vôo*) neste vale de — trepações. Porque, meu amigo, tudo entre nós é trepação. A differença está em que alguns falam desassombradamente porque viram fazer e outros falam cautelosamente porque ouviram dizer. Quando me despeço de um grupo, tenho a certeza, a mais relativa (eu sou da relatividade absoluta) certeza de que o tamanho das minhas orelhas, a idade do meu paletó, a tuberculose das minhas algibeiras, o meu passado, o meu presente, o meu futuro, são infallivelmente ridicularizados ou lameutados conforme a virulencia do *treponema*. E como me enfileiro entre os apolo-gistas do surradissimo *similia similibus curantur*, (nem o ditado escapou) vou a meu turno trepando, para o que commetto indiscreções, ca'umno, invento, digo que o Mattos perambula alta noite pelos galinheiros do proximo—afastado, entretanto, porque esses *footings* não convêm na nossa rua; que o Saldanha demora o olhar numa mulata visinha, a qual mulata, para pagar ao turco, descobriu que a gaveta do patrão range, tanto assim que nos dias de *limpeza* não se esquece de azeitá-la, etc. etc, etc: enfim tudo o que disseram, dizem ou dirão de mim, dos meus actos, dos meus costumes. E tudo é assim. Esse mesmo arrependido peccador constricto, que ajoelha num confessionario, nada mais faz que *trepar* em si proprio. O pregador catholico desanca do pulpito o protestante; o espirita descompõe de um tripode o protestante e o catholico, e o positivista arraza-os a todos, do maior até os microbios, negando a *unã* a doutrina e a estes — pobres coitados — a existencia mesma. Dizem que Erasmo proclamou a loucura universal; eu proclamo a *trepação* terrestre, com uma prudente reserva para os

bipedes dos planetas estrangeiros. E depois deste enorme preambulo, vou começar a minha: — Nasci naquella terra que Gonçalves Dias amou, rimando-lhe a beleza e Castro Alves exaltou, cantando-lhe a coragem: na

*Veneza Americana transportada
Boiante sobre as aguas.*

Visitei-a ha pouco, e, além do Capiberibe, das ruinas hollandesas e das pontes, achei-lhe uma grande praga e uma grande virtude: o *não-riquismo* e o *nativismo*. Não sei se conheces o *nouveau-riche*: é um plumitivo a quem a guerra obrigou a ser rico. Gera'mente diz sandices em francês de «Guia pratico» de conversação» e de quando em quando, despachado com as bagagens por uma qualquer «Empreza de navegações internacionaes, vai á França, ou melhor, a Paris, onde um individuo muito amavel o diverte e depenna. Depois regressa, profundamente ridiculo e pretensioso, sem a minima preocupação financeira — porque o mundo não lhe dispensa o algodao e o café não lhe dispensa o açúcar. E considere-se muito feliz, e não seja muito temerario porque naquellas bandas Voronoff anda atraz de macacos. Dir-me-ás — e parece-me ouvir-te as ponderações — que num pais novo tudo ha de ser novo. (Eu te pediria licença para exceptuar um certo predio numa certa ilha). De accordo; nem eu confundo o que começou pobre e acabou rico, prosperando gradativamente, não confundo esse que é um triumphador com o *nouveau-riche*, que é um cogumelo. Essa a grande praga. Quanto á virtude, ella é um resquicio do sen-



Moss chorando

timento profundamente nacionalista do pernambucano. E neste ponto a minha provincia leva a palma a muitas outras: deixando de lado o italianismo de S. Paulo, o germanismo do Sul e o espanholismo da Bahia, eu me limito a compará-la com esta querida Sebastianópolis, que, se continuam as coisas nestes pés (ou nestas patas) se apellidará, em futuro não mui remoto, *Saccaduropolis* — a propriedade do *Bisconde di Murais*. Aqui tudo é chiadesco: desde o vendedor, que nos envenena e do proprietario, que nos extorque até o botequineiro e o conductor, que nos embriagam e nos descompõem. Se fores a um hospital ou a uma repartição, se olhares uma carroça ou um tableiro encontrarás infallivelmente o mondrongo ou, para quebrar a monotonia, a cara ladina e subserviente do turco — o modista das cosinheiras. E' horri-vel! E' humilhante! E não haver por ahi, Santo Deus, um automovel que achate esses roedores!

No «Leão do Norte» o elemento nacio-

nal prepondera: até os engraxates e os conductores são brasileiros; brasileiros os pescadores e os motoristas. Influência do clima? Hostilidade do meio? Bem haja então, Caboclo nordestino, trabalhador e altivo, que eu contemplei moirando, sob a soalheira inclemente, nos grandes cannaviaes, a semear e a colher — gente abandonada á miséria, á ignorancia, e á verminose pelo egoismo de uns sanguessugas, que o vulgo chama usineiros, e que eu chamo espoliadores. O que a meada faz á canna, esmagando-a, fazem elles ao lavrador, vampirizando-o. É o latrocínio impune, a escravidão rediviva, a agiotagem despudorada. E daqui, do meu remanso solitario, saúdo os escravos e amaldição os senhores — com o que ambos elles nada perdem nem ganham.

Creio que, quanto á minha terra, já te importunei bastante. Quanto á familia, as minhas reminiscencias paralyam-se nos avós — de quem sei que viveram com honestidade e morreram sem dividas; mais: não eram portuguezes nem *nouveaux-riches* — coisa esta muy digna de lastima, porque seria a unica maneira de eu ir com mais frequencia á Colombo e menos pressa ao Arsenal. E até podia convidar-te sem a inevitavel *vaquinha*.

No capitulo *mulheres*—eu capitulo, porque tenho de mim para mim que todo homem, mesmo o mais mysantropo, manda ás favas todas as filosofias, quando um palminho de cara ou um pésinho de meia lhe acena favoravelmente. Até hoje, entretanto, venho fazendo

a apologia íntima do celibato — unico antidoto contra os pimpolhos, a sogra e a quebradeira — tres coisas abominaveis, que não me lembra agora se Voltaire incluiu naquel'a ode tão finamente voltairiana: *Sur les malheurs des temps*. E descubro mesmo em mim certas tendencias (dirias *patescamente*: tendencias para a arribada) que me levam a preferir a vida de unidade. Neste mesmo quarto silencioso donde te escrevo, tendo por unicos companheiros inseparaveis os livros e ao meu gato preto, que defende dos ratos as vetustas brochuras, fico muito mais á vontade — e portanto muito mais satisfeito — do que nos salões doirados, barulhentamente infernaes, soporiferamente mediocres, onde se é obrigado a manter uma palestra toda falsa com uma melindrosa toda artificial — desde a cor até o sorriso.

Não sei se és da minha opinião neste ponto. Mas ha um que concordamos perfeitamente: o *bellartismo* (superlativo futurista de comprimento) desta epistola. Comecei fallando mal dos usineiros e, quando dei por mim, já estava ás voltas com as festas, cujos promotores tão amavelmente nos convidam. E tudo isso sem fallar de mim. Porque, caro Buarque, a gente só se confessa infame quando a inspiração vem dum cano de revolver ou duma ponta de faca.

Do teu

Joaquim Pernambuco

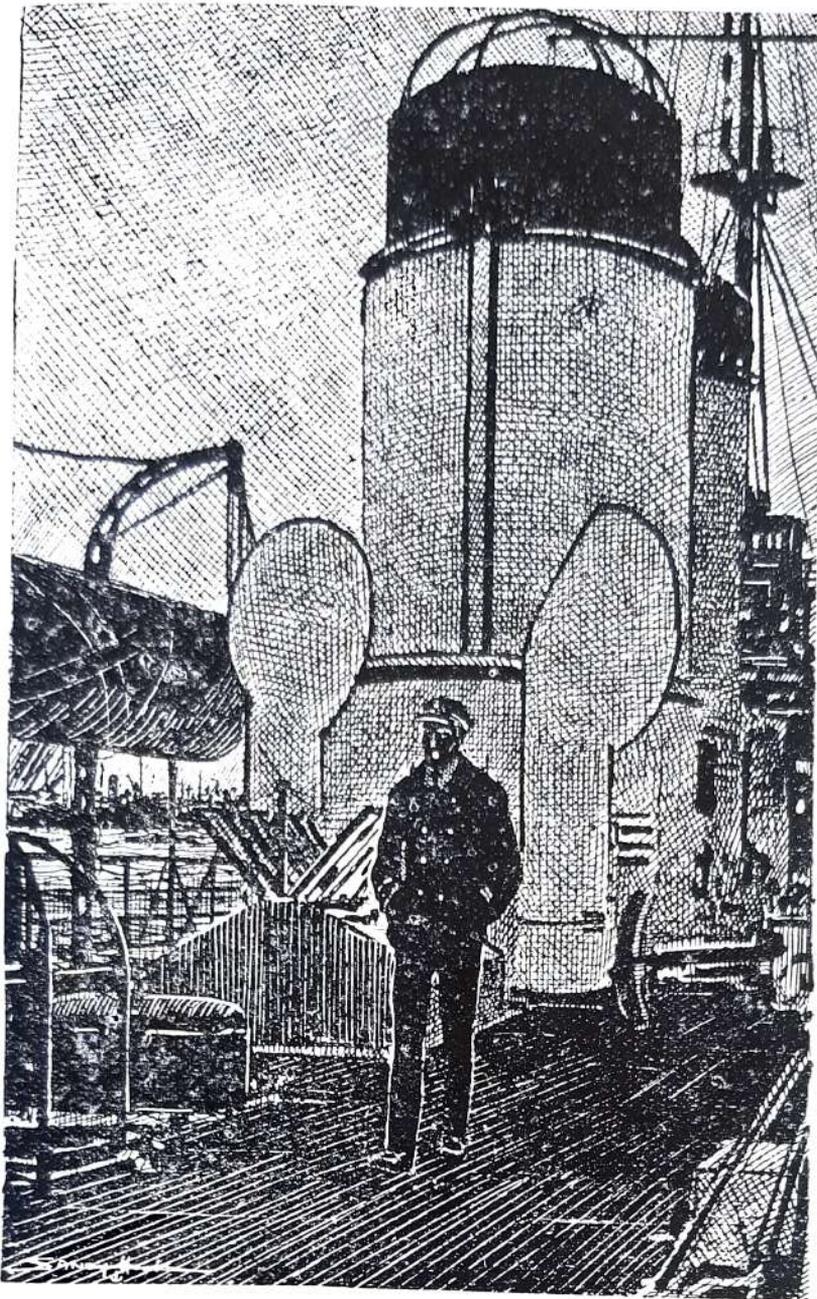
A' D'era Cruz

℞ ℞

Armarinho

℞ ℞

Rua Copacabana, 661



QUARTS DE NUIT : EN RADE

LA NUIT. UN GRANDE SILENCE, OÙ S'ÉLÈVENT PARFOIS
UN ORDRE OU LA RUMEUR DES VILLES TROP VOISINES...
A BORD, ASSEZ CONFUS UN BRUIT SOURD DE MACHINES,
QUI MONTE, INTERMITTANT, DES FONDS, EN TAPINOIS.

SURFACE DE L'EAU CALME. UN ÉPAIS BANC D'ANCHOIS,
PRESTE, Y FAIT MIROITER SES FACETTES MARINES,
ET LE MUGE COMMUN COURT SUS, EN SES RAPINES,
A DES REFLETS QU'IL PREND POUR UN BUTIN DE CHOIX.

SUR CHAQUE PONT DÉSERT, QUELQUES FANTÔMES SOMBRES,
QUI SURGISSENT SOUDAIN DES COINS DE JOUR OU D'OMBRES.
AUTOMATIQUEMENT FONT LES MÊMES CHEMINS.

ILS FUMENT... REPLIÉS DANS LEUR ÂME SONGEUSE...
TANDIS QU'UN PEU DE FEU S'ÉCHAPPE DE LEURS MAINS
A L'EST, EN ROUGISSANT, SE LÈVE BETELGEUSE.

DUROCH.

ALEXANDRINO DE ALENCAR

É o chrenista admirado, e não o subalterno saudoso, que vai dizer do grande chefe extinto.

Parece-me ainda vel-o, o bello marinheiro, typo acabado de sympathia que regumava por aquelle seu conhecidissimo sorriso, a despontar entre o bigode branco. A sua figura era inconfundível, sempre á prôa da lancha ministerial, onde tremulava ridente o pavilhão estrellado da sua insignia, quando elle ia ao mar, na sua habitual inspecção ás náos de guerra, pairava no ar a sensação de um festival marujo. Era a azafama das arrumações de ultima hora para recebê-lo, e rebates falsos de que elle iria inesperadamente a este ou áquelle navio, que afinal acabava por ficar desconsolado se o via apenas passar rente ao costado, á falla, havendo sempre qualquer cousa a dizer, ordem a transmitir, quando não simples gracejo sobre o estado physico do barco ou a morosidade de certas obras que jámais findavam. E a sua lancha, seguia, elegante, de linhas aguçadas que talhavam o mar, seguia veloz para o fundo da bahia — Mocanguê, Galeão, dique fluctuante, lá onde havia algo de interessante para a retina, móga daquelle olhar que já cansava. Mais tarde, ao estrugir das bandas marciaes, elle voltava ao Arsenal, saltava lépido ao cáes, subia ainda ao Ministerio, onde havia papeis a despachar, gente que em vão o esperara o dia inteiro, marujos de todo o gráo — e elle a todos attendia, zombeteiro, mordaz, dispensando a sua preferencia a quem mais lhe cahia na amisade ou no espirito de justiça.

Certa vez, por volta de 1 hora, o Almirante chegou ao gabinete. Já lá havia pessoas que o aguardavam ansiosas. Elle perguntou:

— Quem está ahí?

Responderam:

— A esposa de um Almirante, dous politicos, a mãe de um marinheiro...

Alexandrino ordenou sem detença:

— Mandê entrar antes a mãe do marinheiro.

E ouviu paciente o choroso discurso da velhinha.

Quando parecia que, mercê das circumstancias, ia apagar-se o fogo santo da crença na marinha, restava ao menos o seu immorredouro enthusiasmo, que era um mórão eternamente acceso a illuminar de novo as luzernas morticças. O seu grande desejo era ter forças para dotar o seu paiz de uma armada possante, cheia de naves de primeira linha, guardada de gente adextrada e forte. Fez o que pôde — ou melhor — o que o deixaram fazer. O que ficou na esquadra de moderno e efficiente, deve-se ao seu esforço creador e benefico. Possua ademais o maior merito de quem administra: que lhe serviram de muito nos transes mais penosos da sua longa gestão. Teve amigos seguros, dedicados, incondicionaes, que, contudo, nunca o rodeavam de mesuras, nunca lhe estavam á vista, nunca lhe enviaram cartão de parabens em dia de annos. Elle, porém, conhecia-os todos, distinguia-os quando menos o esperavam com relevantes commissões de sur-

preza. Nunca vi, na minha vida, quem tão de perto e com tão aguçada psychologia soubesse entender-se com os homens, por conhecê-los á maravilha. E quanta vez se enganava!

Sua vida foi tortuosa e accidentada como têm sido os raros patriotas. Viu varias vezes o fogo das batalhas, a furia dos oceanos, a tempestade das situações difficeis. Moldado na escola do severo Abreu, ainda poucos mezes antes de morrer, o Almirante me contava a influencia que aquelle illustre chefe lhe causara no decorrer da profissão, e citava a proposito anecdotes que frisavam notavelmente a sisudez impenetravel do commandante á moda antiga.

Por uns annos deixou de ser ministro, elle que de tal modo se identificára com a vida intima do casarão do cáes dos Mineiros. Fizeram-no outra vez senador por um Estado que não era o seu. Foi um transtorno no seu viver nervoso de trabalhador. E toda a tarde ia ao Club Naval palestrar entre amigos. E áquelles que indagavam da sua saudade pelo mar e pelas rudes cousas da marinha o Almirante respondia:

— Qual nada! Matava-me. Prefiro morrer cá no Senado, e em paz. Tenho pela prôa nove annos de regabofe.

O olhar, contudo, e o seu sorriso de matreira ironia, filtrado através do bigode branco, trahiam-lhe a mentira; e os circumstantes logo lhe adivinhavam a vontade incontentada de regressar á sua pasta.

Um dia voltou mais uma vez a desempenhar esse cargo ingrato e tumultuoso que já lhe integrava a existencia. Foi quando mais lutou e mais soffreu. Quasi no fim da vida, numa phase de profunda atribulação nacional, escutei-o fallar aos marinheiros no amplo quartel de Villegaignon, em dia de grande festa. Era o mesmo homem. Mas, numa allocução cheia de fé e de arrebatamento, fallava muito em morte, em sepultura, num desfiar doloroso de cousas acabadas, que calaram fundo na alma da assistencia.

Em seguida, certa manhã, em que o espirito de disciplina militar soffria um golpe terrivel que o abalára devéras, Alexandrino de Alencar, que sempre suffocou dentro do peito o seu ardor de antigo revolucionario, quiz ir em pessoa, com a força estoica da sua idade e do seu prestigio, suffocar, por ingloria, a revolta dos outros. E foi, e venceu.

Só hontem mesmo, deante da determinação irrevogavel da morte, é que se lhe extinguiu para sempre a chamma altiva do patriotismo, como os ultimos lampejos de um pharol.

Elle se foi, portanto. Mas deixou nas dobras de uma divisa heroica alguma cousa que conseguiu executar. E como restasse ainda muita cousa por fazer, no instante de silenciosa tristeza em que o seu esquite mergulhava na terra, parecia em contraste que de dentro ainda sahia para os que ficavam este conselho nobre e impercível:

— Rumo ao mar!

Gastão Peralva

O GUARDIÃO

A minha mãe

Entro o velho portão do secular mosteiro.
Com o guardião, á cinta esgarça o Christo preso,
Peregrino de cella em cella, aventureiro,
E ajoelho commovido ante o altar todo acceso.

De cada imagem fala o eremita do outeiro
E os milagres do santo ennumera-os; desprezo
Do mundo trae-lhe a voz; mas num tremor ligeiro
Fita o nicho mais bello, entre as ruinas illeso.

O silencio, a penumbra, e os cirios... uma'prece
Que deante do altar um peregrino tece'...
E ao meu lado o guardião disfarça embalde o pranto.

Pelo templo deserto a Ave-Maria ecôa,
E parece-me então que elle ainda resôa
Das confissões de amor que ouviu aquelle santo.

A. M. BUARQUE DE LIMA.



MINHA TERRA

A meu paz

A casaria colonial de Olinda
Descia da collina para o mar,
E das ondas, na verde esteira infinda,
Recife comzçava a repontar.

Crivada de arvores, sinuosa e linda,
Uma praia bem onge a sublinhar
O horizonte... E perto á praia ainda
Uma vela pontilha a bordejar...

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
Minha terra! eras tu que, espedaçando
Das nuvens e da espuma o branco esquite.
Emergias, cantando e palpitando,

Nos teus coqueirões, cheios de crepios,
Na serena altivez do teu Recife,
Na ballada sonora dos teus rios!

A. M. BUARQUE DE LIMA.

A SCIENCIA E O AMOR

O rapaz que vinha a meu lado, apontando para uma joven elegante que passava, sobraçando uma pasta escura, disse-me: — Aquella moça morena que ali vai, apresentada, é a senhorita Stela Merivald, filha do velho juiz Merivald. E' uma joven de grande preparo scientifico. Formou-se em medicina, pharmacia e tem tambem o curso de engenharia. E' autora de varios trabalhos sobre mathematica, physica, chimica, geometria, geologia, psychologia e anatomia!

Fiquei encantado ao saber que havia no mundo uma mulher assim tão preparada, tão intelligente! Era exactamente com uma creatura assim que eu desejava me casar. A mulher ideal, para mim, devia saber, não só as theorias mais complicadas da algebra, como as ultimas concepções sobre as «ondas electro-magneticas do ether».

Desse dia em diante não mais sahiu do meu pensamento a figura encantadora daquella joven sabia, capaz de discutir com os doutores nas Academias.

Um dia, afinal, depois de varias tentativas, consegui que ella me concedesse uma entrevista, á noite, no jardim do palacete em que morava.

Entrei, emocionado, tremulo, para o pequeno caramanchão em que a joven erudita me aguardava, sentada em um pequeno banco de pedra.

— Parece-me um sonho — disse-lhe, visivelmente acanhado — vel-a, ahi, sentada nesse banco rude de granito.

— Perdão — replicou a senhorita Merivald. — O senhor deve estar enganado. Este banco não é de granito. E' de quartzito! O senhor não ignora, com certeza, que o granito é uma rocha holocrystallina caracterizada pela presença do quartzo e dos feldspaths alcalinos, ao passo que o quartzito é um arenito metamorphico!

Fiquei um pouco perturbado ao ouvir aquella inesperada observação scientifica, exactamente no momento em que pretendia fazer uma sentimental declaração de amor.

— Mas... senhorita... — balbuciei — confesso que não me foi possível reparar bem se esse banco era de granito ou de quartzito.

O jardim estava escuro. Guiava-me, apenas, a luz daquella estrella!

E num gesto romantico, cheio de poesia, apontei, ao acaso, para um astro qualquer que brilhava no céu.

— Mais uma vez o senhor parece estar enganado — ajuntou a illustre doutora — aquelle astro brilhante, para o qual o senhor apontou, não é uma estrella. E' o planeta Jupiter que se move a 775 milhões de kilometros do Sol! E' um erro imperdoavel confundir um planeta com uma estrella!

E, como eu ficasse mudo de espanto, ella continuou no mesmo tom:

— E' aliás facil reconhecer no céu esse formidavel planeta Jupiter, que é em volume, 1.295 vezes maior do que a terra!

— Mas... senhorinha... — objectei, humildemente, vencido pelo peso daquella sciencia esmagadora. — Eu vim aqui, unicamente, para lhe confessar o meu amor. Quer ser a minha esposa? Ponho a seus pés toda a minha fortuna.

Ella fitou-me muito séria, immovel.

Pensei que fosse pedir algum prazo para responder ao pedido de casamento que naquelle momento eu acabava de lhe fazer. Afinal, depois de alguns minutos de silencio, ajuntou, calma e resoluta:

— Sou obrigada mais uma vez a chamar a sua attenção. A palavra «fortuna» no sentido de riqueza, bens, dinheiro, é um galicismo que todos os grammaticos condemnam. Em vez de «minha fortuna» seria mais correcto que o senhor dissesse «meus haveres».

Ao ouvir semelhante observação fugi a correr pelo jardim.

A joven doutora, positivamente, não era o ideal que eu sonhava.

Compreendi que a mulher, sabia ou ignorante, deve ser antes de tudo, meiga, simples e affectuosa.

Ao chegar á grande praça olhei para o céu.

Na abobada celeste, no meio de myriades de estrellas, brilhava Jupiter, 1.295 vezes maior do que a terra!

Malba Tahan.

AMORES DE ASPIRANTE

O aspirante Saldanha foi, no seu tempo, um dos razes mais interessantes entre os que passaram pela Escola Naval. De um physico muito agradável, quasi bello, reunia a estes predicados qualidades intellectuaes que, geralmente, não se encontram juntas nos chamados homens bonitos. Pelo embevecimento com que o contemplava o carinho materno e pelo que lhe dizia o seu espelho, o joven militar foi se tornando vaidoso e dahi á fatuidade um pequeno passo o separava.

Era lamentavel este «sinão» pois o aspirante Saldanha, quando não se sentia observado ou quando na despreocupaçào do seu «entourage», tornava-se um motivo de verdadeira alegria.

Suas narrativas eram sempre ouvidas com vivo prazer não só pela fórma e pela feliz expressào de suas phrases, como pela oppor-tunidade de mil e uma historias que conhecia ou creava ou contava com certa elegancia literaria.

De modo que o Saldanha que se fazia notar ainda pelo donaire do seu porte — e ninguem se distinguia melhor do que elle, na esbeltez do seu corpo que parecia emergir varrepanho gracioso e despreocupado — era sempre solicitado e disputado nas rodas dos collegas e nas relações de sua familia.

Um dos casos interessantes, delle ouvidos sempre com prazer, era a narrativa dos in-

cidentes e das perpeccias postas em pratica pela sua astucia intelligente para vencer o oculista, na inspecção de saúde.

O aspirante Saldanha era um pouco myope. Não se sabe bem como elle conseguia desviar a attenção do especialista pois esta historia nos chegou contada por outros que a ouviram em segunda mão. Ha quem affirme que tres mezes antes do exame o Saldanha estudava de todos os modos, de cór e saltado, o quadro de exame visual, que elle 'deveria ver, á distancia, sem o auxilio das lentes.

Outros dizem, porém, que o empenho entrou um pouco em acção. O que é facto é que, por uma ligeira tangente, o candidato foi acceito e sua myopia passava despercebida á maioria da gente, por muitas razões e porque o aspirante evitava o uso dos vidros de grão.

Quando andava pelo terceiro anno, os intimos de Saldanha começaram a sentir que a sua fatuidade augmentava não só pelas attitúdes do rapaz, como pelas suas preocupações de elegancia e pela conversa em que as moças de tal ou qual bairro, eram o seu thema dilecto. Evidentemente o joven militar entrava numa phase amorosa com preocupações de conquista e aventuras galantes... O caso, porém, de mais o absorvia, segundo se deprehendia de suas confidencias, com os mais intimos, era uma «pequena», cujo retrato elle fazia com sympathia, mas imprecisamente, para o criterio de todos.

— Creio que não é rica porque mora aqui no centro da cidade, em 3.º andar. E' aos sabbados, quando deixo a Escola, á tarde, que eu a vejo á sua janella, numa attitude de santa. Evoco o quadro das castel'ans e vejo-a na torre dos seus dominios, guardada e triste do seu isolamento. Vocês não imaginam a graça daquella cabecinha a um canto da janella, ás vezes com uma mantilha. Estou certo de que está só á minha espera, porque doutras vezes, quando passo por ali, accidentalmente, em hora que não são as do costume, ella não é vista na sua attitude de meiga e apaixonada espera. A coincidencia de ali estar, sempre que eu passo, é que me levou a crer que a pequena pensa em mim.

E o Guaraná interrompe o narrador:

— El'a te cumprimenta? Não te faz signaes?

— Qual! Você está louco! Naturalmente acena com a cabecinha...

Ahi está uma prova de sua fina educação.

Pelo meu lado olho-a disfarçadamente para evitar os reparos da vizinhança e a consequente maledicencia. O que mais me prende é a sua reserva, o recato e a modestia da sua attitude. Ha tres mezes que este sentimento nos une. Ha tres mezes que, aos sab-

bados e vespas de feriados, áquella hora, a linda creatura a'í está.

Tenho a certeza de que me espera.

Como eu advinho, a julgar pela minha alegria, a a'egria que ella sentirá ao ver-me!

Certo sabbado o Saldanha chamou á parte o Guaraná e disse-lhe:

— Você é o unico que se interessa pelo meu «caso». Quero dar-lhe uma prova de amizade e peço que veja a «pequena» e me diga depois algo. Quando sairmos hoje, ao deixar o Arsenal de Marinha, desfarçaremos para que os outros se distanciem e vou mostrar-lhe a minha castel'an.

Os ultimos preparativos para a sahida dos rapazes terminaram entre a alegria dos que iam á cidade descançar das durezas da Escola e a triste inveja dos que ficavam de serviço.

A lancha cortava céere as aguas encrespadas da bahia conduzindo uns trinta ou quarenta rapazes, alegres, felizes nos seus dezoito e vinte annos. O uniforme do jaquetão e as largas capas, atiradas ao braço, davam-lhes aspectos graciosos de jovens officaes em recreio.

Em breve os grupos se formavam e pelas immediações do Arsenal tomavam rumos diversos, assignalados pelo disco branco dos bonets que se distanciam e moviam.

Saldanha, chegado ao Guaraná, quasi tocando-lhe no braço, disse em voz sumida, como que receando ser ouvido:

— Attenção! Estamos perto; é ali, no numero 36. Não me comprometta, olhe de relance, assim como por acaso. Lá em cima, homem, naquella janella. Lá está ella, eu vou fazer-me distrahir. Não fixe os olhos...

O Guaraná olhava e cada vez mais intrigado, procurava o objecto das preocupações do colega, sem nada distinguir. Afinal declarou:

— Não vejo nada, Saldanha!

— Ali, filho, na terceira janella, bem no cantinho. Com certeza ella está um pouco retrahida. E' natural...

De repente o outro aspirante, arregalando os olhos, numa expressão de espanto, e como se esclarecesse qualquer ponto duvidoso do seu pensamento, indagou:

— Ali, na terceira janella? Aquella cabecinha redonda?

— Justamente! Não olhe assim...

E o Guaraná, com uma estrepitosa gargalhada, exclamou:

— Oh! Saldanha! Você está amando uma moringa? E dobrou a risada com gosto.

Neste momento uma mão apanhava da janella o vaso posto ali, dia a dia, para refrescar a agua, aproveitando a viração suave do mar, áquella doce hora da tarde...

Paulo dos Mares.

CASA VIEIRA NUNES

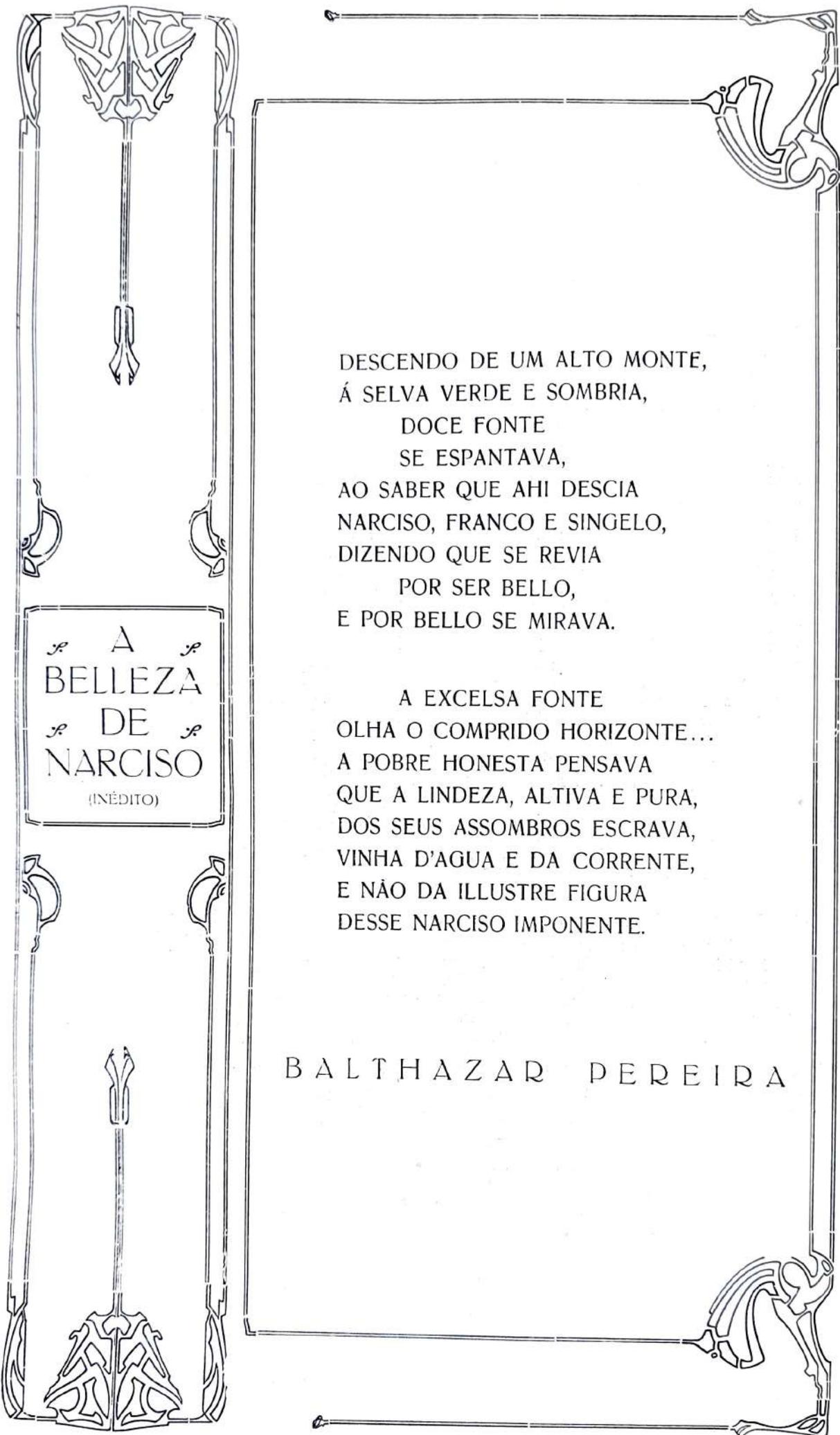
• ARTIGOS PARA HOMENS •

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142



"Team." de water-polo, campeão de 1925.



DESCENDO DE UM ALTO MONTE,
À SELVA VERDE E SOMBRIA,
DOCE FONTE
SE ESPANTAVA,
AO SABER QUE AHI DESCIA
NARCISO, FRANCO E SINGELO,
DIZENDO QUE SE REVIA
POR SER BELLO,
E POR BELLO SE MIRAVA.

A EXCELSA FONTE
OLHA O COMPRIDO HORIZONTE...
A POBRE HONESTA PENSAVA
QUE A LINDEZA, ALTIVA E PURA,
DOS SEUS ASSOMBROS ESCRAVA,
VINHA D'AGUA E DA CORRENTE,
E NÃO DA ILLUSTRE FIGURA
DESSE NARCISO IMPONENTE.

BALTHAZAR PEREIRA

A
BELLEZA
DE
NARCISO

(INÉDITO)

CONSULTA

DE carinhosa mãe de família, de quem a amizade eu preço como uma das melhores fortunas da vida, recebi delicada consulta, nos termos mais sentidos do seu coração extremoso.

Resume-se o empenho de minha prezada companheira de infância, em que, tendo uma das suas graciosas filhas inclinação por um jovem official de marinha, se lhe afigura pessimamente o partido, a ella, mãe e responsavel por todas que são bellas, ricas e eminentemente prendadas por uma instrucção e educação pouco communs.

Pergunta-me, vendo as cousas bem encaminhadas para um proximo pedido de casamento, o que deve fazer, quaes os meios suaves a empregar no sentido de obstar semelhante «desgraça». Ao seu espirito repugna ver a filha querida e jovem como é, ligada a um homem, cuja profissão tem como consequencia o afastamento da casa, da «fiscalização» da esposa, do carinho, da meiguice que elle deve aos filhos, — emfim, e é esse o argumento de truz: — «da protecção e da assistencia a que estaria obrigado a manter do berço contra o sol, do mundo contra o lar».

Não ha, deante disso, quem não descubra, nesse temor coberto de flores, o bem dessa alma de mãe, a caridade dessa leão terníssima ante o futuro de seus entes adorados; e o brilho de suas phrases, de uma seducção irresistivel, nos lançou o anathema proclamado como uma verdade, tanto mais perniciosa quanto é certo que vem de longe, aureolada por uma tradição pacifica, mantida atravez das edades e das gerações.

Mas vejamos com calma o assumpto, e afastados os pontos de vista pessoas, eliminando os accidentes communs a todas as classes sociaes, confessemos, em voz alta, quanta injustiça vae nisso, quanta falsidade vae derramada em torno do bem, do amor e do sacrificio de semelhantes nossos, que despercebidos não vêem o veneno das teorias, e a maldade de preconceitos, nascidas dos odios de uns, ou das infelicidades inevitaveis de outros. Respondi-lhe assim. A minha bôa amiga não tem razão. Não tem razão o mundo, que julga mal dos factos e das cousas, sem conhecê-las, e que é tangido constantemente a generalisar pela vaidade de se mostrar sapiente, quando, — pobre do mundo! elle ignora tanto do intimo de cada individuo, como da sua propria estrutura ou do seu interior.

Desçamos, porém, ao embasamento dessa velha maldade contra a classe dos homens do mar, colloquemos, em seus lugares, as quantidades apreciaveis, todo o material desse vestuário preconceito, e, eu, embora sem eloquencia e sem saber, mostrarei á minha dedicada amiga que assim está arriscada a commetter uma falta muito grave e de responder perante a propria consciencia, pelos damnos causados á vida de entes innocentes de semelhantes processos.

Hoje, melhor do que hontem, a sciencia corre em auxilio dos bons homens, dos sinceros, e os liberta da escravidão das concepções empiricas da antiga hygiene medieval para lhe dar o seu logar na série dos phenomenos psychicos, como o éo mais perfeito

das manifestações animadas sobre a terra, éo dependente, apenas, das forças moraes.

Adoptemos a verdade scientifica de Schiller, e está explicado o homem. Só — elle viveria para a fome; em sociedade, — elle vive para o amor.

E o elemento da vida, em sociedade, não é o homem, como não é a mulher, é o casal, e com elle a descendencia, a nossa fortuna sobre a terra, a nossa immortalidade sob o céu.

Completo o factor social pelo casamento, desde que, nellê se liguem duas vontades num só amor, como define o quinhentista Diogo de Paiva, não ha ausencias, nem transitorias, nem definitivas como as da morte, que o desfaçam, que dispersem esse elemento essencial á humanidade.

Provado scientificamente que, embora menos resistente pela educação, o homem pôde ser tão puro e fiel como as mulheres, hoje não se desdoura nenhum esposo de guardar na ausencia do lar, a fidelidade que antigamente a bruceza da animalidade tornava ridicula.

A substituição do conceito, entretanto, minha bôa amiga, não aproveita sómente aos homens que se entregam ás ondas, e ás violencias do mar.

E' para todos os profissionaes, e seria, em vista dos factos, mais applicavel aos medicos. Ausencias fazem todos os que se encaram da vida ou da fortuna alheias.

Engenheiros, medicos, advogados, machinistas, mineiros, pescadores e artistas, são forçados á ausencia, sendo que nenhum intellectual permanece mais distante dos seus entes queridos do que... os poetas.

Os officiaes de marinha não demoram mais arredados do lar do que os diplomatas, os generaes de terra ou os aeronautas.

A questão é ter merito, isto é, é ter o que fazer. A não ser em tempo de guerra, e, nesse caso, a ausencia é forçada para todos os homens validos, as commissões são eguaes ás dos demais profissionaes, sendo de notar que avulta, entre todos — os engenheiros enviados a regiões longinquoas e perigosas, no desempenho do trabalho de abrir caminho á civilização em toda a parte.

Assim, não ha motivo para se admitir melhor conducta, melhores sentimentos, nos homens das demais classes, attribuindo-se ao official de marinha um defeito que seria então de todos.

A observação que tenho da vida, minha bôa amiga, me faz ver claro em tudo isso.

Quando os cabellos brancos nos apparecem, como me succede, e se vive com um advogado como é o meu marido, que, sem falar das pessoas, sabe de cada processo desentranhar o romance que lá palpita realmente, uma felicidade immensa nos anima que é conhecer uma outra paixão rara, exquisita, e tão difficil de ser cultivada — a justiça. E eu te envio essas linhas porque te quero como sempre, calma e reflectida, quero sempre, contemplar-te feliz pelos actos de alta justiça para com os teus, e para com aquelles que te cercam.

Ha muita inveja no que dizem. Por toda a parte os officiaes de marinha exercem a seducção do seu uniforme, mais doi-

rados pelas lendas dos perigos, que correm, da bravura de uma existencia dada ao carinho dos seus barcos, aos sorrisos das suas brisas, á brancura das suas velas, aos silencias dos seus horisontes.

Nos salões, nas festas e nos theatros, todos os olhares femininos têm um lampejo de admiração pelos officiaes de marinha.

E é justissimo.

O mundo, porém, é ciumento.

Se uma desgraça acontece no lar de um desses homens, logo a maldade a carrega, a espalha, e enchendo-a de peçonha — generalisa e procura tisanar todo aquelle ouro dos galões impecaveis.

Classe menor que as outras, em breve tempo suas infelicidades são conhecidas, e dis-so se faz a lei, quando é excepção.

Entretanto, se tu, como eu, conheceres os lares dos nossos officiaes de marinha, terás de ficar assombrada, encantada, e cheia desse extremoso desvelo pela honra desses homens de boa fé e de energia.

Como que a sua vida á parte, os preserva da corrupção e da malicia impudente que campeia nas relações do negocio, baixo ou alto.

E dos quadros mais perfectos do amor ao lar, é a festa que prepara a esposa á chegada do marido, restituído pelo mar á tranquillidade e ao repouso de sua familia.

Não sejamos mais barbaros do que o oceano orgulhoso, que os acceita e os supporta, achando-os bravos e bons.

Se lançarmos uma vista pelas familias dos officiaes de marinha, terás de concordar commigo; o sacrificio pela patria não mata o estimulo para que as suas esposas se cerquem de conforto.

Do almirante ao guarda marinha, este entre sonhos, aquelle entre as realidades do seu posto, has de encontrar bondade, solicitude e o bem estar.

A historia nos conta como os mais notaveis marinheiros presavam e ouviam as suas espo-

sas. Corajosos, nenhum faltou ao dever, mas, ás vespas dos grandes conflictos navaes, sem excepção, em documentos de toda a ordem, em determinações especiaes, todos se voltavam para as esposas queridas e distantes que os acompanhavam com a alma.

E' bom que se saiba que os officiaes de marinha têm a preocupação do futuro, são bons filhos, bons irmãos, e muitos nos dias de folga, ensinam, desenham, constroem, servem como peritos, e tudo isso para o conforto da esposa e educação dos seus filhos.

E' preciso que minha distincta amiga, com o tacto das intelligencias de escola, não persista nas idéas communs, dos que falam do nosso official de marinha, sempre educado, correcto, elegante e generoso.

Se a tua filha escolheu um joven official; se este preferido tem talento, character, saude e bondade, ella escolheu bem.

Deixa que se amem, que se estimem, que realizem os seus sonhos, como realisamos os nossos.

Além do mais, a nossa marinha tem a carreira do magisterio e da engenharia naval, onde as especialidades exercem sua actividade com tanta gloria, quanto a de affrontar os temporaes.

O pavor da minha amiga é infundado, e não te assiste o direito de cortar o laço desse affecto nascente, porque as apparencias illudem.

Peço á minha amiga que medite as palavras que escrevo com todo o coração, e as submetta ao juizo das pessoas que, como eu, collocam a verdade acima de tudo.

Deixa a menina casar com o official de marinha que o seu amor eleger entre tantos concurrentes, e a verás feliz; tendo eu, nesse caso, a ventura de, em breve, saudar a vóvó, cheia de caricias e de mimos pelos netinhos.

Dispõe sempre da amiga

Tua do coração

Violeta.

Leitão, Irmãos & Cia.

FORNECEDORES DO GOVERNO

CASA LEITÃO

Importação e Exportação de Fazendas, Modas, Armarinho, Perfumarias,
Roupas Feitas, Tapeçaria, Alfaiataria, etc.

Largo de Santa Rita n. 2

Rua Municipal

Telephone Norte 767

Rua Visc. de Inhauma

Travessa Santa Rita

RIO DE JANEIRO

O MAR

Ó mar, salso elemento, irrequieto e profundo,
Cemiterio do bom, do máo, do scelerado,
Intransigente mar, socialista iracundo,
Que fazes enjoar ao rei como ao soldado,

A ti, ora eu dedico, em teu louvor eu fundo,
Em doirado crisol, um verso apaixonado ;
E's, ó mar, o juiz mais forte deste mundo
E mais justo talvez que muito magistrado.

Julgarias Phrynéa indifferentemente,
Núa ou mesmo vestida em trajes de rigor,
Pois co'as damas tu és, eu sei, mais inclemente.

E's o succo ; és o mosto espumante e branquinho
Que produz a tristeza, as nauseas, o torpor
Dos que ficam na chuva e não conhecem vinho !

TENENTE.

DESILLUSÃO

Para que, tanto tempo decorrido,
Nos vimos encontrar? Toda a vontade
De tel-a, ao coração adormecido,
Tornou com a mesma antiga ansiedade.

Ha tantos annos havia eu partido,
Tanto já me afizera á soledade,
Que tudo para mim, desilludido,
Não era mais amor, era saudade.

Mas agora tudo isso se desfez.
O destino impiedoso nos juntou
E nós inda falamos uma vez.

Olho-a ; falo-lhe. Tão mudada e feia...
Nada do encanto antigo lhe ficou
Nem sequer um tostão do pé de meia...

A. M. BUARQUE DE LIMA.

UMA CARTA

Querido sobrinho:

A CABO de receber sua carta, que me trouxe, ao mesmo tempo, alegria e tristeza. A alegria foi causada pela resolução que, afinal, você tomou de abandonar a vida inútil que levava, e abraçar uma carreira distincta como é a de official da nossa marinha de guerra.

Outras carreiras ha mais rendosas e remuneradoras; essa, porém, é, sem duvida alguma, das mais bellas e gloriosas.

No entanto, meu caro sobrinho, «noblesse oblige» como dizem os francezes. Num militar é indispensavel que se encontrem umas tantas qualidades e virtudes sem as quaes elle não é digno da farda que veste: a intelligencia, a lealdade, a coragem, a altivez e a justiça.

Sei que você é leal e intelligente; sei que é corajoso e altivo, mas, acabo de verificar que não é justo, e eis o que me entristeceu em sua carta.

Foi grande a injustiça que você commetteu para com sua prima, taxando-a de avarenta.

E' possivel que um rapaz intelligente não saiba differenciar a economia da avareza?

A primeira é uma virtude que todos devem possuir, pois é a arte de bem governar e administrar as finanças.

A segunda, uma das mais despreziveis paixões do homem, é o amor desmesurado ao dinheiro, o appetite voraz de adquirir e guardar o ouro, não pelas commodidades que elle pôde proporcionar, mas apenas para o possuir.

Vê você que não podem ser confundidas. Verdade seja dita, que o excessão é sempre máo, e as proprias virtudes levadas ao exagero são prejudiciaes.

Estou certa, porém, de que esse não é

o caso de sua prima, que me pareceu muito ponderada, recusando-se a gastar desordenadamente em passeios e vestuários.

A sociedade de hoje está crivada de males, e um del'es é justamente o amor demastado ao luxo, que leva cada um a gastar mais do que pôde, para não fazer figura triste.

As consequencias desse erro são lamentaveis; o descredito, o desanimo, e em geral, a miseria. Proceder assim, é sacrificar sempre a felicidade que todos almejamos na vida, e que muitos julgam que só se encontra no luxo desenfreado. Mas poupar judiciosamente é louvavel, e não se pôde de maneira alguma confundir a economica com a avarenta.

Espero que você não se zangue com esse pequeno sermão, e que, de hoje em diante, seja mais reflectido em seus julgamentos.

Lembre-se de que, em sua carreira, as occasiões de fazer justiça serão muito frequentes, e num militar devem sempre os seus subordinados reconhecer um alto espirito de rectidão e imparcialidade.

Ai! d'aquelle que tal cousa não consegue! Perde logo a consideração, o respeito e o affecto de seus subordinados, e o prestigio na classe a que pertence.

Trate pois de evitar esse habito que é bem da nossa época: viver a descobrir defeitos nos outros, accetando sempre as hypotheses mais antipathicas, e censurando levianamente creaturas que nem sempre merecem taes censuras.

Procure ser o amigo sincero dos seus camaradas, e um protector amigo para seus subordinados.

Que esses conselhos aproveitem ao caro sobrinho, são os votos da tia

Mar-Ijuh.

CRENÇA

A uma pessimista



Senhorita, do amor a emmaranhada teia
Tanta forma diversa e complexa apresenta,
Que debalde se cansa e inutilmente anseia
Todo o ingenuo mortal que decifra-la tenta.

Quem tem a alma feliz, de puro amor sedenta,
De illusões ideaes e phantasistas cheia,
Tem ousadias mil, processos mil inventa
Por se prender do amor na solida cadeia.

Sonhar do eterno amor a perennal ventura,
Viver da phantasia a voar de ramo em ramo,
Acreditar no amor que a bella amada jura,

A tudo isto, de louco, um desvario eu chamo,
Porém é tão divina e grande esta loucura
Que folgo de dizer apaixonado: "eu amo".

RUY DE BIVAR

FRAQUEZA

Grandes nuvens de chuva vinham cobrindo o sol, quando Romualdo deixou a estrada e se metten pela planície abrasada. Um vento quente e suffocante queimava os renovos verdes e inclinava na hastil exóticas flores silvestres. Entrava o mestiço pelo campo para encurtar caminho e ia agora de passo lesto pisando o capim novo do chão.

Um relampago brilhou no alto. O céu estava agora toldado de pesadas montanhas negras, que o vento impellia vigorosamente para as bandas do sol. Um trovão longinquo e cansado roncou pelo escampo e morreu na reticencia do eco. Vinha-se aproximando o temporal.

Aqui e alli, pelo campo enorme e relvado, uma ou outra rez pascia, levantando por vezes a cabeça inquieta num lugubre mugido, nesta agoniosa sensação instinctiva, que até os homens sentem quando os elementos o ameaçam.

Outros e outros relampagos succederam, mais claros e mais frequentes, seguidos de trovões mais roucos e mais proximos. O vento cahiu de repente sobre o campo num rugido tetrico de fera acuada. Saltou, rondou, torvelinhou e levou de rastros pela estrada numa nuvem de pó, folhas seccas de outomno com os prenuncios da tormenta. Depois amainou subito como viera repentino. Uma dolorosa sensação de angustia, opprimia os animaes, Passaros acolham-se aos ninhos do arvoredado versudo num vôo desamparado, delirante. Dos campos crestados sob o olhar do sol de estio, hirtos como mortos, erguiam-se aqui e alli troncos retorcidos estendendo adustos galhos nus numa lugubre evocação de forcas.

Como a um ronco mais forte da trovoadade, começassem de cahir grossas e gelidas gottas precursoras do aguaceiro, que já escondia numa cortina cinzenta o affastado amphitheatro de morros, o mestiço chegou á porta da choupana.

Entrou num repellão, a tempo em que desatava o aguaceiro.

Ao primeiro relancear de olhos viu que não havia ninguem.

— Onde diabo teria ido a Luciana, com um tempo daquelles? — pensou e foi até o fogão, ver o que havia para a janta.

— Peste! —

Não havia nada. Tudo apagado, tudo morto, sem um carvão acceso para denunciar a presença de uma mulher naquella choça humilde. Os olhos do mestiço brilharam:

— Não; que ella havia de pagar-lhe caro aquelle desmazelo; que não se deixava uma casa assim ao Deus-dará, como si o dono não tivesse direito a encontrar comida prompta depois de trabalhar todo o dia numa soalheira do inferno; que era de mais, que não perdoaria desta vez...

E passeava de um lado para o outro, furioso como um leão enjaulado.

Lá fora bramiam livre a tormenta, como uma acquiescencia á raiva, que lhe ia na alma.

Um sentimento mixto de inquietação e de ira lhe baralhava as idéas; formava planos para quando ella chegasse; procurava representar-se o que lhe diria a cafusa; construia um dialogo cheio de azedume por parte delle e de humildade pela outra; previa o choro da mulher, via-a implorando o seu perdão, e, afinal, apesar de tudo, como sempre acontecera em suas rusgas, a reconciliação, a volta á carinhosa paz de todos os dias, cheia de encantos. Ahi, por uma reversão natural dos pensamentos deante da antithese da situação presente, voltava a concentrar a raiva, promettendo-se a si proprio ser inabalavel no castigo.

E os minutos passavam dolorosamente lentos na espera da mulher. Nem a ira dos elementos nem a do homem declinavam. A's vezes o rugido do temporal tinha num accento tão desgarrador, que Romualdo pensava com uma inquietação carinhosa em si Luciana estaria exposta á sanha da borrasca. E lhe vinham alentadoras esperanças de uma explicação razoavel: quem sabe si não estava em alguma casa da visinhança, resguardando-se do tempo, angustiada talvez com a idéa de que elle voltaria para jantar? E ahi a evidencia vinha contradizel-o: era o fogão apagado, a casa desarrumada, o todo como si ha muito tempo não houvessem cuidado em arrumal-o.

E a lueta continuava, intima e terrivel, numa agoniosa expectativa, que abatia o homem; e elle reencetava o estranho dialogo consigo mesmo entre um eu furioso, cujo amor-proprio ferido procurava bestializal-o e um eu carinhoso, que procurava desculpas na lembrança dos bons tempos, na saudade dos primeiros encontros, na reminiscencia ainda quente das doçuras encontradas naquella união. Mas a raiva vencia-o; não perdoaria; que era preciso uma vez por todas mostrar-se forte; que não haviam de movel-o os seus carinhos quando ella chegasse; que elle bem a conhecia, sempre procurando explorar a fraqueza do mestiço, que se dobrava ás suas vontades e as suas bizarrias por um olhar da cafusa; que saberia ser forte...

Inabalavel porem o tempo passava e a mulher não vinha. Verdade é que o temporal, que se dissera por vezes que amainava, repente criava novo alento e continuava rugidor a desolar o campo alagado.

Cansado da espera, exhausto da raiva, foi até a porta ver o temporal, como um derivativo á sua paixão exaltada. Mas em vão procurava encontrar interesse na enxurrada, que criava rios nos sulcos dos roçados; debalde buscava prender o olhar aos relampagos, sentir curiosidade na galhada luminosa dos coriscos. Parecia-lhe que a tormenta era um reflexo do seu estado dalma, e fechou a porta com violencia.

A vista do interior desarrumado redobrou-lhe a colera. Minava-o agora a incerteza e o despeito, como duas grandes sombras que

augmentavam á medida que o tempo o tyrannizava.

Sentou-se com a cabeça entre as mãos. Pensamentos terríveis rasgavam como raios as sombras do seu rancor. O eu carinhoso fugira apavorado, e só lhe falava agora no íntimo o outro, com uma linguagem de odio e de vingança. Constatava agora que o penetrara insensivelmente a duvida e que o mordida o ciúme, e procurava raciocinar, para se dar a si proprio a certeza que não, que só o incomodava o desmazelo daquella mulata e má morte a que em peor dia se ligara.

— Não; que havia de ver, aquella perdida; iria até o fim desta vez; não queria mais saber de choradeiras nem de perdões; saberia romper os laços que o prendiam ainda, si é que existia algum; nem mais uma noite ella dormiria sob o mesmo tecto que elle, nem mais uma noite...

Poz-se a andar procurando prever a scena, os choros os pedidos da cafusa, e elle inabalavel, apontando-lhe a porta e entregando-lhe uma trouxa; que se fosse, que desaparecesse para sempre de sua vida!

E ahí lhe vinha uma incerteza de ser forte como se representava. Ella sempre soubera vencel-o com carinhos. Mas o mestiço não a queria mais: um diabo daquelles podia até leval-o a desgraçar-se um dia... Precisava acabar com aquillo. O melhor era expulsal-a sem explicações quando chegasse. Era isto. Precisava evitar explicações, porque não tinha coragem bastante para vel-a chorar agarrada a seus joelhos. E se figurava então como seria: ella chegando, e elle, á porta, sem mesmo deixal-a entrar, entregando-lhe o que lhe pertencia...

Era isto; precisava arrumar-lhe a trouxa. Dirigiu-se para a mala enorme que jazia no canto mais escuro da sala e abriu-a. Num desalinho cruel tudo se revolvía dentro della. O mestiço ficou parado, olhando com espanto. Da confusão de suas idéas, vinha surgindo aos poucos a desoladora evidencia da traição. Luciana levava consigo toda a sua roupa. Ella não voltaria para ser expulsa por elle, para receber na porta os seus objectos e todo o seu passado de ventura com uma despedida repassada de colera. Ella já se fóra para sempre...

E era assim que acabavam tantos mezes de uma felicidade calma, numa evidencia brutal, sem uma palavra de adeus, sem uma sombra de tristeza!

Romualdo esfregou os olhos desesperadamente: não; não podia compreender.

Esquecia-se de que quizera expulsal-a: fóra a raiva, justificava-se; e o seu amor-proprio a raiva, o orgulho, tudo lhe cahira aos pés como por encanto, deante de uma velha mala remexida, onde faltavam umas roupas de mulher.

Fôra-se para sempre! — e com esta constatação dolorosa, vencera afinal o eu carinhoso e amante.

Vieram-lhe á mente num tropel de lembranças, todos os pequenos incidentes do seu amor, desde a festa do sitio do Fagundes, em que a conhecêra, até os ultimos dias de ligação, até a sua despedida pela manhã. E ella o beijára ainda como sempre!

— Traidora!

Mas não havia mais rancor na alma do mestiço; as mãos cahidas ao longo do corpo, a cabeça descansando sobre o peito, deixava-se ficar deante da mala aberta, e uma ternura infinita lhe vinha do íntimo, condensado todo aquelle passado feliz, que era uma nevoa de fumo agora.

Depois, voltou para a mesa e sentou-se. Olhou para o fogão apagado, onde tantas vezes a vira diligenciando acabar um guisado; mirou longamente a cama tosca que acolhera os seus corpos, na epoca venturosa, relanceou um olhar terno e triste por tudo quanto lhe era familiar e que lhe trazia uma viva impressão de que ella ia chegar, que ainda estava allí, e no entanto uma impressão dolorosa de que aquillo tudo pertencia a um passado remoto, que elle exhumava dalma, dava-lhe um nó na garganta.

Quiz encolher os hombros, para fugir áquella onda de ternura e de saudade que lhe vinha do peito e não poude. Estava sob a garra forte da recordação, e todos os objectos allí lhe falavam della, estavam cheios della, e até o seu perfume acre como o de uma flôr silvestre, ainda baillava no ambiente, intoxicando-o, suffocando-o, cercando-o.

Então duas grossas lagrimas doloridas e mal contidas, saltaram-lhe dos olhos e correram-lhe pelas faces até o largo peito. Não poude mais. Cobriu o rosto com as mãos e deixou-se abater sobre a mesa, soluçando baixinho, muito baixo e dolorosamente, como uma criança magoada...

Lá fóra, cessára a tormenta, e grossas gottas de chuva deslisavam como lagrimas pela face luzente das folhas muito verdes, cahindo para o chão, fertilizando a terra...

O. C.

Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua 1.º de Março, N. 4, 2.º andar

Sob a criteriosa orientação da sua directoria e a comprovada competencia do seu corpo docente, os alumnos deste curso têm obtido os melhores resultados nos exames do Pedro II, Escola Naval, etc., bem como os que se destinam á MARINHA MERCANTE.

GUARDA-MARINHA

J. D. B.

Alto, louro, sempre preocupado com o cabelo, é um estudante distincto, amigo das mathematicas, das musas e das... moças. Filho de uma terra de poetas, é grande cultivador da poesia, e antes de vir para a Escola, lá na Athenas Brasileira, fazia parte do gremio da «Tavola dos Cavaleiros do bom humor». Aqui no Rio, ao chegar, ficou espantado, preocupado com o modo de fallar dos Cariocas, e queria rapidamente apreender os termos de gíria usados pelos rapazes.

Apaixonado e inflammavel ao excesso, quando tem uma paixão parece que é a unica, e que nunca terá fim.

Sempre fica apaixonado no verão, a alta pressão athmospherica tem grande influencia no seu coração.

No primeiro anno da Escola ao chegar o verão, teve uma violenta paixão por uma joven Espirito-Santense, e nos tres verões como Aspirante, teve tres, cada uma mais forte do que a outra. Chegava, porém, o outomno, e como as folhas cahem das arvores, cahiam do coração d'elle todos os sentimentos de amor.

Ao sahir de sua terra, em pleno verão, o thermometro marcando 39 á sombra, elle veio loucamente apaixonado, e ao despedir-se da sua amada, enviou-lhe os seguintes versos:

Olhaste-me, eu te olhei. Era o verão.
Foi-se a minha alma toda neste olhar,
E nesse olhar, que tu me dirigiste,
O nosso amor eu vi desabrochar!

Amaste-me. Eu te amei... Como foi triste
A nossa despedida! E além do mar,
Que, atravessando eu vou, sinto que existe
Outro mar em minha alma atravessar.

No proximo verão já tinha novos affectos.
Quando está apaixonado, não mede sacrificios nem distancias. Ama com todas as energias, e diz continuamente a frase do poeta:

«Isto é amor e deste amor se vive
Isto é amor e deste amor se morre».

Acabando o seu curso brilhantemente, deixou a Escola em busca das parajens luminosas, da liberdade e do amor.

Filho de politico, já tem pretensões a

seguir a acre doce carreira do Pae, e brevemente nós o veremos, com a intelligencia que tem, surgir nos horizontes complicados da politica... deputado estadual... federal... governador de Athenas; e assim como o navio com brisa á feição tem as velas enfunadas e corre agil e veloz, assim veremos nós o jovem e apaixonado poeta, distincto Guarda Marinha, chegar até Presidente da Republica. Todos os requisitos elle tem para isto, agora o perigo está justamente na paixão deste verão, que, com o galãozinho, a liberdade e o dinheiro, fazem com que esta paixão seja a mais perigosa de todas.

Por causa de um costume que tem já passado alguns dissabores, e está arriscado a passar muitos outros. — Gosta de piscar os olhos, costume inoffensivo, porém que alguns tomam como desrespeitoso; quando mais está entusiasmado, mais encantado, ahí principia a piscar. E' economico, e em tão pouco tempo já está juntando dinheiro só preocupado em ter o **bungalow** em Copacabana. Tenaz e methodico irá longe. Dança bem, e gosta muito de dançar, especialmente a quadrilha a qual aprendeu com o maior entusiasmo.

Nos dias das lições era sempre o primeiro a chegar em casa do professor. Appreciador da literatura gosta muito de ler, sendo seus autores predilectos Marcel Prevost, Claude Farrère e Paul Margueritte... Escreve na «Galera» e tem graça e verve.

Tem porém uma mania de querer ser poliglotta, e a todo momento está intercalando na conversa — **yes, já very well, épatant! charmante, comment? Como va usted? grazie, non dimenticare di me, al rivedersi,** e até palavras japonezas como **banzai** e **haricato**.

Com certeza só fará declaração de amor em italiano, pois diz elle que é poetico dizer-se **io t'amo!**

Dará um bom marido, porém diz aos amigos que: só se casará quando tiver um **bungalow** em Copacabana e um **Lincoln**.

E' bom amigo e muito dedicado, fiel em suas amizades, e por isto finalizamos enviando-lhe um conselho:

Cuidado, amigo, cuidado com este verão, que elle te leva o isocego, já levou-te o coração.

Chatterbox.

Casa Azevedo Alves

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Azevedo Rodrigues & Cia. Limitada

Confecção de uniformes e equipamentos militares em grande escala.
Fornecedores dos Governos Federal e Estaduaes,
corporações militares e civis.

End. Telegraphico: "ONIMRIE"

Telephone N. 111

:: NORTE ::

Rua do Carmo, 53

Rio de Janeiro



E' de "Botões Dourados", o lindo ramilhete de chronicas que a Academia ha pouco tão alto distinguiu, que transcrevemos esta pagina, uma das mais bellas que o fino espirito de Gastão Penalva cinzelou

Um dos maiores encantos da vida do mar é esse adoravel contraste que tão bem faz realçar, como em nenhuma outra profissão, o lado bom do lado mau.

Si desde pela madrugada veste o official a ganga immunda das fainas, lambusado de graxa, desfigurado de carvão, pode acontecer que nessa mesma noite tenha que vestir a casaca de dourados para figurar entre os pares de um salão aristocratico, levando pelo braço a galante condessa de Batignolles, ou a diplomatica embaixatriz da Hottentocia. Então dirá cousas finas, terá attitudes estudadas, num fidalgo florear de gestos e de phrases — esse mesmo que horas antes estivera occupado em conferir caçambas, na pittoresca e exhaustiva faina negra.

A faina negra é a faina do carvão.

Desde os primeiros albores da manhã, á chegada do rebocador da casa Wilson, possante e soberbo com o seu W de metal brilhante á chaminé, trazendo a reboque os batelões e o guindaste — começa a azafama.

Dá-se o rancho mais cedo, e logo após se distribuem funcções, de accordo com a categoria de cada um. Passam-se sanefas, isolando toda a parte de ré, dependencia do estado-maior. Sobe dos paiões todo um arsenal de pás, caçambas, alavancas e carrinhos; divide-se a guarnição em turmas, chefiadas por sargentos, fiscalizadas por officiaes que tomam o tempo nos relógios, e annotam o numero de toneladas recebidas.

Tudo prompto, dá-se inicio á faina, em que todos tem parte, desde o commandante, que passeia de um bordo a outro, observando a marcha do trabalho, e o immediato, que o succede na inspecção e estimula as diversas secções a um record bem compensado até ao ultimo foguista, que fica todo o tempo lá por baixo, esquecido no negror poeirento das carvoeiras, longe da luz e do ar, no empenho de arrumar, desentulhar, acamar a moinha asphyxiante que invade gretas e compartimentos.

E' bello ver-se então o interesse geral, o navio inteiro congregado para um mesmo fim, como um só braço manobrado por uma só voz.

Nos batelões, que se amarram ao longo do costado, fortes homens de Portugal, dessa raça audaciosa que não teme o trabalho; caboverdes atleticos de torso nú requeimado das soalheiras dos tropicos, enegrecidos do carvão de fainas sobre fainas, brancos apenas os olhos espantados, e os dentes que rebrilham destacados da tréva do rosto — enchem as caçambas, guindados logo pela mão ferrea do guindaste, que gira com estrondo. No convés ellas despejam a sua carga, que toda a gente ataca e espalha, desfazendo o monte, cahindo-lhe em cima de pás que riscam o chão cantantes, communicando ao pessoal essa alegria metalica de ferramenta de trabalho.

Voltam de novo as caçambas ao batelão, e de novo emergem plethoricas para atulhar o convés, formando agora uma enorme montanha negra e luzidia, a que as turmas já não podem dar vasão, entupidos que estão os agulheiros das carvoeiras.

Desperta então, mais rude e mais activo, o concerto atroante das pás, espalhando, raspando, jogando aqui um montão de moinha, alli um pedregulho immenso, que é preciso quebrar para não obstruir a entrada dos depósitos.

E' grato contemplar-se em tudo a satisfação da maruja, sempre a rir, a troçar, saltando lesta para safar da caçamba que o guindaste arria certo sobre as cabeças; a zombar dos que ameaçam esmorecer de fadiga, a arengar com a negrada das catraias, que ás vezes desanima, desequilibrando o seu esforço do esforço do navio.

O mais curioso, o mais comico, o mais ridiculo é o aspecto de que cada qual se reveste. Desencava-se para a labuta do carvão tudo quanto existe de mais velho e estragado em vestuario: camisas e dolmans de remota idade; calças que nem têm signal do antigo panno, tantos se contam os remendos que as guarnecem; chapéos furados, sem abas; capas de bonnet, e até meias e luvas, que apparecem como um remate de elegancia nas divertidas matinées do carvão.

Ao cabo de uma hora de trabalho, não se encontram mais a bordo os menores vestígios da raça branca, sumida por completo naquella mascarada negra e indistinguivel. Tudo está preto, como se o barco fosse um corsario africano. Desconhecem-se uns dos outros, officiaes e marujos, reinando então, pelo incognito em que todos se confundem, e extingue a hierarchia militar, uma extrema e jovial familiaridade, o que melhor contribue para o successo do exercicio.

E' findo o quarto. Duas horas de folga. Corre á formatura a segunda turma, ao som da corneta que chama a reunir, e ao estridido de apitos que a secundam. Circulam os latões de jacuba, refresco indispensavel, reclamado por todos que trazem a garganta secca e queimada de poeira. E a banda de musica, empoleirada nas barbetas, estruge retumbante num maxixe que provoca e excita, lascivo e bamboeante, de cadencia lenta e chorosa, marcado pelo bombo, sempre tocado pelo miqimby mais beicudo da charanga. Então, ante esse golpe inesperado de puro nacionalismo, tudo parece dançar: o quarto de folga, o quarto de serviço, acompanhado das pás que grazinam pelo chão de ensurdecer; as canecas de refresco, que rolam pelo convés, a gente toda — os nossos, os de Portugal, os da Africa, todos irmanados pela musica, todos no mesmo plano de labor e alegria — até o proprio navio, nesse jogo suave

do bordo a bordo, pesado e immenso como um elephante que dança.

A faina negra transforma-se então num vasto jogo, monotonico e saudoso, a recordar uma raça nostalgica de exilados, e uma terra deserta de sol e de infortunio — sem arvores, sem natureza, sem amor, e sem alma.

Mas a obra prosegue, e as turmas se revesam.

A' ideia de record. nasce a rivalidade a instigar as forças que se enfrentam estimuladas, dando lugar a um due'o edificante de crença e de trabalho.

O immediato surge a encorajar uns e outros, citando para despertar vaidades o exemplo do grupo adversario, que moureja e não cança. Institue recompensas — premios, licenças, regalias que actuam como a cafeina, sobre energias decabidas.

E' a hora do almoço. Sem cuidar de si, que falta tempo para abluções e *toilettes*, vae comer cada um, encontrando já cheio o pratarraz da caldeirada farta e rescendente. Uma caneca de café *comprido* com pão e manteiga, e está terminado o rancho da maruja.

Não ha tempo a perder. O dia corre, e o carvão lá espera em baixo, negro e ameaçador, prompto a subir, invadir, abordar, penetrando em tudo, fendas e escaninhos, sujando, estragando, incrustando-se, como numa desforra final mesquinho e vingativo, deslocado que foi do seu socego, no intimo absconso das minas, em Cardiff, sob o amplo céu de chumbo de Inglaterra.

Após a comida, todos se reactivam diligentes, e vão digerer no trabalho, que recrus-dece mais forte, mais ruidoso e mais festivo.

Voltam as caçambas a atravessar o convés, construiado montanhas enfileiradas, num systema orographico de carvão que contorna toda a proa, beirando o mar. Zelosas da boa fama do navio, as turmas dos dous bordos procuram agora deslindar o record, metter nas carvoeiras o maior numero de toneladas no menor espaço de tempo, defendendo os brios de campeões do carvão, para dar que falar ás guarnições dos outros barcos.

A banda toca sempre, desafiando o instinto choreographico dos que trabalham com a tentação luxuriosa dos tangos, todo o mundo está contente, de cara alegre, a julgar pelo estrepito das risadas, em que alvejam os dentes como o marfim a realçar do ebano das faces.

E' empolgante, quando não grandioso, nesses ultimos arrancos o movimento a bordo do grande couraçado. E' a hora decisiva em que todos se empenham. Officiaes e inferiores, num gesto igual que a todos enthusiasma, resolvem por sua vez pegar nas pás. E nesse instante, como si nova braçada de combustível cahisse sobre o fogo baixo de uma fornalha, crepita rubra e altiva a chamma do trabalho, reanima-se pelo exemplo o ardor da guarnição, e a faina negra é então uma apo-

theose deslumbrante á vida e á força, cujo hymno é entoado a uma só voz, glorioso e patriotico.

Descamba o sol deixando no azul escuro das aguas uma mancha larga e escarlata. Termina o exercicio. Encostam-se os instrumentos, que se amontoam em feixes. Largam do costado os batelões vasilos e o guindaste, que seguem a reboque do vapor da Wilson, fumegante e a altanciro, com o seu W de metal polido á chaminé. Conferem-se as caçambas annotadas, somma-se, arqueia-se, e chega-se á conclusão de que o record foi batido, ficando longe o ultimo campeão.

Mas a maruja não descança ainda. E' preciso lavar o navio, esfregar, baldear. Vae-se assistir então a outro spectaculo notavel: a quadrilha da agua. E' uma figura unica de uma dança curiosa em que os comparsas trazem aos pés pedaços de lona com que raspam a areia solta do convés. E' a classica esfregação de lona e areia, a alma ruidosa dos quartos d'alva.

Todos se movimentam, mãos cruzadas ás costas, em silencio, ouvindo-se apenas, de quando em quando, a voz do official de quarto, e logo após o apito do guardião. Entram depois a funcionar as mangueiras, que jorram agua a distancia, e num momento inundam todo o navio — o convés, as cobertas, os porões e as anteparas, fazendo tudo resurgir do carvão para o branco, lentamente, naturalmente, como a parte final do programma de um dia.

Dahi a pouco tudo se transforma. Não foram os olhos do pessoal, bistrados de carvão e de fadiga, dir-se-ia não se haver realizado a bordo faina tão trabalhosa e tão suja.

— 0 —

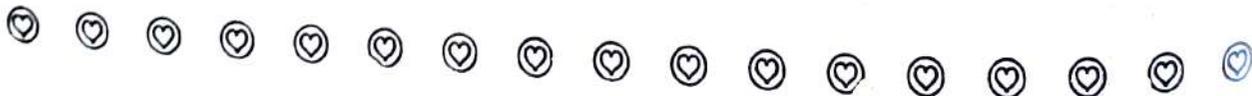
Certa occasião, em Montevideo, recebiam carvão dois cruzadores, um brasileiro e outro inglez. A' noite, a officialidade de ambos deveria comparecer a uma festa em palacio de legação, ou no solar aristocratico de algum nababo porteño.

Após um dia inteiro de carvão, lá estavam os garbosos marinheiros, em traje de rigor, resplendendo sobre peitos dilatados o impecavel peitilho das casacas. Aquelles mesmos que desde a alvorada tinham sido homens rudes do mar, lidando em lides arduas de marujos, eram então diplomatas gentis, bem postos em seus uniformes, manejavao entre damas o florete do galanteio com a mesma galhardia e a mesma precisão de golpes com que de dia haviam manejavao a pá das carvoeiras.

Apenas, sob o olhar vivo e penetrante, a scintillar como o aço á luz dos candelabros, dois circulos negros punham-lhes na physiognomia a expressão abatida e romantica de sonhadores.

Eram olheiras de carvão — vestigio trahidor da faina negra.

Gastao Peralva



SIRGUEIRO
Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida

Artigos em deposito : Flanela kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance e casemiras
 inglezas e francezas. Brins brancos — diversos fabricantes — estrangeiros e nacionaes.
 Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

Vendas por Atacado e a Varejo

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade.
 Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata,
 capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados,
 kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

Guida, Machado & Cia.

Successores de G. GUIDA & Cia.

IMPORTADORES

Ferragens, Trens de cosinha, Metaes, Cutelarias
 Finas, Louças e Crystaes

Largo da Carioca, 10 e 12

RIO DE JANEIRO

Telephone Central 733



Caixa Postal N. 1507

*Para a compra de terrenos a prestações, procure,
em primeiro lugar, a*

Cia. Brasileira de Terrenos

Rua da Assembléa, 123 - 1º andar

TELEPHONE CENTRAL 3978

Porque essa preferencia?
Porque a direcção de nossa companhia está entre-
gue a quem, durante 12 annos, já vendeu lotes a mais de
10.000 compradores, mantendo sempre:

A maior e mais completa seriedade;

A maior condescendencia nos contractos;

A maior dilatação nos prazos.

Terrenos a prestações ou á vista nos seguintes logares :

*Meyer — Bocca do Matto — Engenho de Dentro —
Jockey Club — Piedade — Bom Successo — Penha
Braz de Pinna — Circular — Cordovil*

Director-Presidente

Dr. Cesar Proença

Director-Gerente

José Milliet

Director-Secretario

Francisco Eduardo Magalhães

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo - R. DA BAHIA, 1052 - Belo Horizonte

Bernado — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriais, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho e A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — **Construção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das formas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanis'au de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — **Construção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das quereiras, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — **Construção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estructura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto \$

Acesoro — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paíões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do aparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharões, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Socorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis, Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

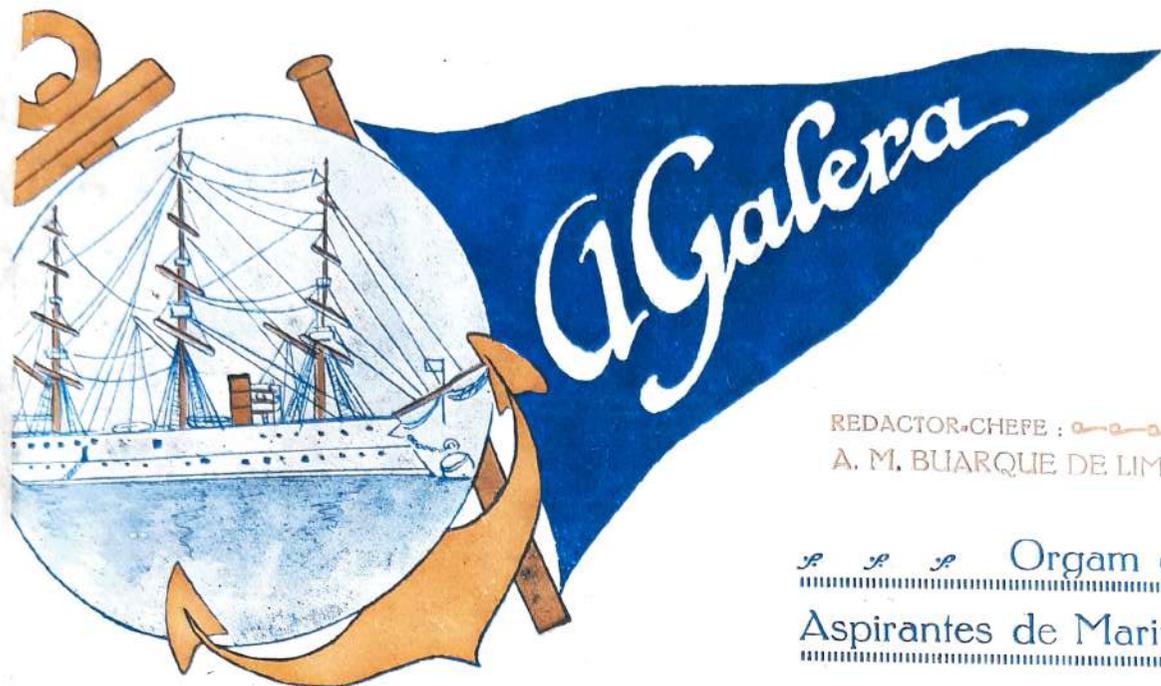
VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

— Telephone Norte 3974 —
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.



REDACTOR-CHEFE : 
A. M. BUARQUE DE LIMA

S S S Organ dos
Aspirantes de Marinha



Tão densa vae lá fóra a escuridade,
Tão forte o frio pela noite morta,
—Que eu descanso um momento á tua porta,
Album gentil, casa da mocidade!

Um só momento, nada mais... que importa?
Este calor que o coração me invade
E o espirito cansado me conforta,
Ha de dar-me a illusão de uma outra idade

Lá fóra, a noite, a solidão, a bruma...
Aqui, fulgura a primavera ardente
Que todas estas paginas perfuma.

O' morada suavissima da Graça!
Junto de ti, meu coração contente
Pára um minuto, gosa um pouco, e... passa.

Em viagem, 1902.

OLAVO BILAC.

S U M M A R I O

<i>Soneto</i>	Olavo Bilac.....	Capa
<i>Velhice gloriosa</i>	A. M. Buarque de Lima....	1
<i>Meteorologia pittoresca</i>	Gastão Penalva.....	3
<i>Arrependimento</i>	A. M. Buarque de Lima....	7
<i>Maria e Isabel</i>	A. M. Buarque de Lima....	8
<i>Volta à Escola</i>	Peter-Pan.....	8
<i>Cigarra do Inverno</i>	Roberto de Barros.....	13
<i>Razão (I e II)</i>	Eugenio da Silva Possolo ..	14
<i>Notas</i>	A Redacção.....	16
<i>O soldado desconhecido</i> ..	Malba Tahan.....	17
<i>Justiça</i>	O. C.	18
<i>Soneto</i>	A. M. Buarque de Lima....	19
<i>Naufragio da corveta D. "Isabel"</i>	Aspirante.....	20
<i>O mar</i>	Joaquim Thomaz de Paiva ..	25
<i>Soneto</i>	Luiz Delfino.....	25
<i>Em prol dos Pescadores</i>	A. Buarque de Lima.....	27
<i>Doutrina</i>	Antonio Bardy.....	28
<i>Casamento</i>	Tenente	31
<i>Artilharia</i>	A. M. Gomes Ferraz.....	32

REDAÇÃO:
 ESCOLA NAVAL  ILHA DAS ENXADAS
 RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL 16\$000





Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS

Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA

Redactor-thesoureiro — D. GARNIER DE ALBUQUERQUE

Orgam dos
Aspirantes de Marinha

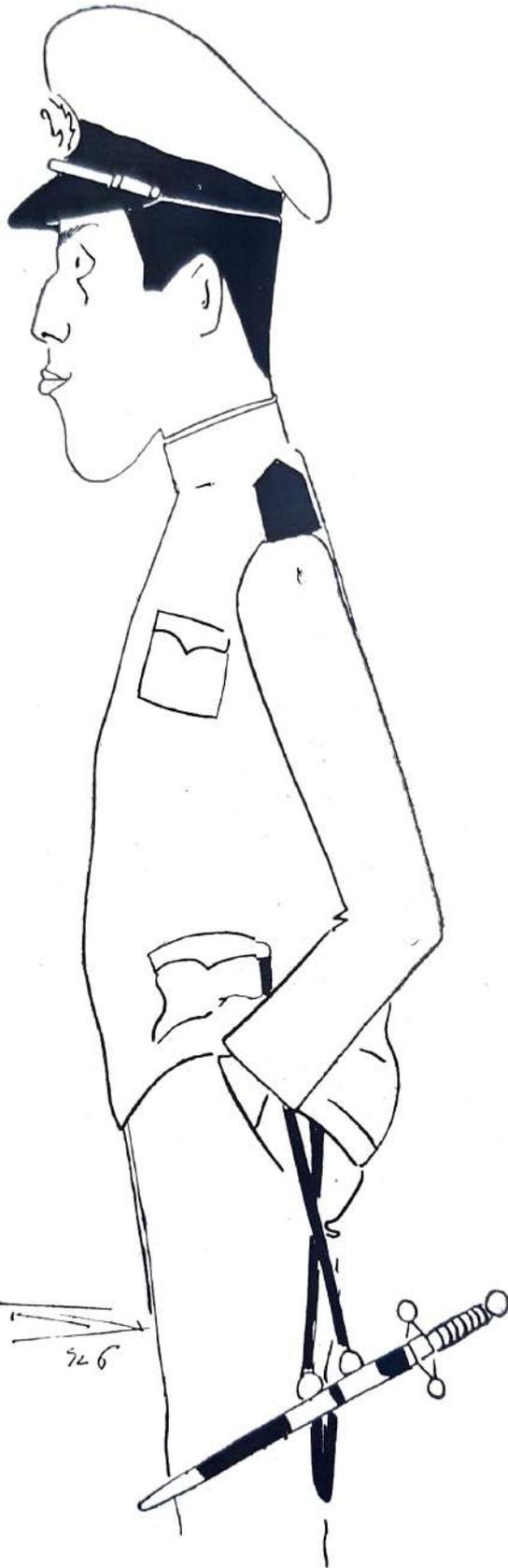
VELHICE GLORIOSA

A. M. Buarque de Lima.

SE entre nós se dedicasse alguma attenção ao culto das tradições historicas, não teria passado despercebido, antes se transformaria numa data nacional, o anniversario do unico dos commandantes sobreviventes de Riachuelo.

A 9 de Maio ultimo, Antonio Luiz Von Hoonholtz, Almirante Barão de Teffé, o valente do passadiço legendario da «Araguary», completou, entre o indifferentismo do povo e o silencio da imprensa, 89 annos de idade. Velhinho, não podendo mais suster nas mãos tremulas o sextante, o bordão do peregrino do mar, e discernir no céu o disco luminoso dos astros, recolheu á vida privada, lá na encantadora Petropolis, longe da cantilena saudosa do marulho e da seducção irresistivel das ondas, esse mesmo que as sentira e amára, ainda ao tempo cavalheiresco das caravellas cruzadas. Ahí, no remanso poetico do «Villino Nair», é que se deveria ter aproximado d'elle, naquella data que não lhe pertence mais porque é patrimonio da Patria, a mocidade das escolas, a que busca reproduzir hoje o fremito que a empolgou na abolição e na republica, para que elle, com o prestigio das ancoras douradas, que o fogo paraguayoso respeitou, lhe falasse de uma jornada bemdita de sangue e de gloria. Mas a mocidade não subiu a serra. E no entanto, com que carinho paternal elle abençoá as cruzadas que ella emprehende. Foi d'elle que recebi, desde o principio, o mais generoso estímulo. Guardo com orgulho para «A Galera» o *benedicite* do seu coração de santo, no qual muitas vezes vou buscar o esquecimento das

tristezas inesperadas. Ainda me lembro da surpresa e da gratidão que me assaltaram, quando uma tarde recebi um telegramma de Petropolis. Eu tinha escripto «Sea Power», um desses artigos rabiscados nos raros instantes de folga, e nelle relembra, commovido, que, num dia inolvidavel, a Marinha Brasileira salvara a America do Sul, acastellada na couraça dos seus navios e no peito dos seus marinheiros. Tocára a alma do velho marujo, e da sua bondade infinita recebi estas palavras, que transcrevo hesitante, tão larga é a generosidade immerecida que as repassa: «Ao joven camarada aspirante Buarque ainda no primeiro degrau da longa ingreme escada que conduz á posteridade soube produzir bello artigo «Sea Power» auguro de coração brillantissimo porvir pois seguramente quem ainda adolescente tal erudição revela, a par acrisolado patriotismo póde contar seguramente posto destaque na proxima poderosa armada nacional. Ao futuro almirante saúda portanto desde já o mais velho dos actuaes almirantes.» Não me foi possivel ainda agradecer pessoalmente estas expressões; mas não esqueci nunca o ancião generoso que me falava por ellas. Eu já o tenho contemplado nas commemorações da grande batalha, quando elle representa a coragem de uma época — o bravo que lutou com a astucia de Lopez, o heróe que venceu com Barroso. Mas queria vê-lo naquelle dia cercado, pelo menos, da juventude militar, no canteiro serrano das hortencias, em que envelhece, como um grego antigo, coroadado de flores e reminiscencias.



J. C.

METEOROLOGIA PITTORESCA

«CÉO pedrento, chuva ou vento ou outro qualquer tempo» — affirma o sertanejo, olhando as nuvens, na sua previsão infallivel. E lá se vae, de enxada ao hombro, caminho da roça. Mas ás vezes, indolente, deixa-se ficar em casa, a chupar todo o santo dia um intermino cigarro de palha. Culpa do tempo, que o abraza ou encharca.

Menina, casa commigo,
que eu sou bom trabalhado:
com chuva não vou á roça,
mas com sol... também não vou.

Já não pôde pensar do mesmo modo o attribulado homem do mar. O temporal apanha-o de surpresa; e elle, molhado até á alma, tem mesmo que acudir á manobra, emquanto o barco, ás cabeçadas como um cabrito sobre a crista alterosa das ondas, range pelas costuras do costado como si houvesse dentes a morder, numa afflicção de asphyxia.

Por isso, o marinheiro teme os terríveis vendavaes que o acommettem como castigos de Deus. Tem pavor ás nuvens negras, *cumulus* e *nimbus*, que se acastellam no horizonte, pejudas dagua; foga a leguas do ameaçador *o'ho de boi*, uma pequena esphera cinza que surge além no azul do céu, e a pouco e pouco vae-se avolumando, augmentando de raio, enchendo o espaço inteiro, despencando afinal no oceano encapellado, num furacão destruidor e implacavel. Sente no ar, farejando de narinas infladas, o cheiro acre do cyclone proximo — cheiro metalico, enxofrado, inconfundivel, de que se pôde até definir a côr, que seria um amarello esverdeado, tonalizando para o oxido de chumbo. Persigna-se, contricto, ao ribombo arquejante do trovão; e espanta-se ao clarão do fusil, que muita vez lhe racha ao meio o traquete, desmoronando com um fragor atordoante de cabos e ferragens. Inunda-se de goso ao desabar de aguaceiros pesados — a barca dagua em mar alto — na sua alegre algaravia; e essa alegria quer dizer fartura, banhos em copia, lavagens que não se acabam, abluções de todo o instante, com essa boa agua alcatroada que se despenha da barriga do toldo. E ri-se dos *parajás*, chuvas fagueiras, nuvens de estio que passam, e tombam no mar como um pranto rapido de céu choramingas.

Após tudo isso, a noite é de luar, luar de pleno oceano, sobre aguas que cachoam na proa, argentadas e faiscantes como mancheias de moedas soltas. Então, o nauta indomito, que levara a jornada a subjugar a furia dos elementos, vae cachimbar placidamente no elevado castello em sombras. Subito, recorda-se de que é tambem tropeiro, péga da viola, e passa o resto da noite em descantes, emquanto em derredor se contam lendas sobre o eterno mysterio do mar...

Dão que fazer e que pensar as nuvens aos marinheiros, talvez como rivalidade entre filhos do mesmo ventre. Aristophanes elucida a questão poeticamente: «Quando Socrates evoca as nuvens, fala de côros que ellas formam com as nymphas dos jardins do oceano; e o coro

diz, entrando em scena: «nuvens eternas, appareçamos; elevemo-nos dos abysmos rugidores do oceano, nosso pae».

Deitado no convés, em hora de lazer, e contemplando a aboboda celeste, o homem do mar vae construindo mentalmente uma variedade infinita de historias que se illustram no scenario cambiante das nuvens. Ora são rebanhos de carneiros que passam numa debandada louca; depois, galeras que navegam a todo o panno em demanda do além; monstros medonhos de uma fauna ignota que descem das alturas para sugar sedentos a agua do mar; caravanas que marcham sem descanso no amplo deserto do firmamento; castellos medievaes que ruem com estrepito, sepultando torres, bastiões e ameias na fimbria azul do horizonte; aves colossos de largas azas brancas, espalmadas como pallios sobre a dolente procissão das vagas; e uma torturante volubilidade de figuras, num cosmorama de pasmar: o que era templo se transmuda em bicho; o que parecia ser perennemente uma floresta se modifica em descampado immenso, riscado apenas de farripas alvas como penugens de gaivotas migradoras; solidos edificios viram naus errantes; e a especialização gigantea de personagens lendarios, num ápice dissipa-se, ou corre célere em tumulto, para os escuros bastidores do céu, numa apresada mutação de tragedia.

Não ha figuração no theatro do mar que dure mais do que um simples lance de olhos; e assim, veloz e ephemera, não impressiona a retina, nem cala fundo nalma. Por isso, queixam-se as apaixonadas de que o marujo é inconstante, e não lhe mora no coração mais que um dia um retrato de mulher, que mal se grava, logo se desfaz como um suspiro. Culpa delle? Jámais. Culpa do ambiente que o circumda, e não lhe permite assentar as idéas, nem aprofundar o sentimento. Talvez para conciliar o amor com a meteorologia, lá pôz o poeta o verso celebre na boca do marujo enamorado:

*Ta présence est le jour; la nuit est son absence.
La nature sans toi c'est l'univers sans Dieu!*

Pensando assim, *tout finira bien*. Tolas são as amantes que se lastimam do desprezo de tal gente. Amor de marinheiro é catavento: muda com o tempo — reza o adagio bretão. E a Deus sobejam razões, quando mette na alma do povo tão segura philosophia.

Christovão Colombo, a quem de resto as chronicas negam dilatados conhecimentos astronomicos, costumava, comtudo, lançar mão dos que possuía para explorar a boa fé da sua tropa. E com elles chegou mesmo certa vez a salvar-a da fome. É que andava o illustre nauta aportado a terra estranha, onde selvagens exerciam a sovinnice com a ousadia de gente civilisada. E por tal fórma o privavam de alimento, e á sua gente combalida do reduzido passadio marítimo, que um bello dia o capitão foi forçado a usar do seguinte estratagemma. Sabendo que o outro dia era de eclipse, fez congregar ao sol-

por o gentio alarmado, e discursou-lhe convicto, com ademanes calculados de propheta:

— Recebi de Deus a graça unica de fazer extinguir a luz do dia. Si continuardes a occultar aos meus marujos o sustento de que tanto elles carecem, ides ver amanhã ficar o mundo ás escuras, e assim por muito tempo, até que vos tireis da vossa criminosa obstinação de usurarios.

Passa-se a noite; e o dia immediato, que amanhece claro e festivo, logo se põe a escurer, e o céu a toldar-se de densa treva que se estende para além do mar e para além da rendilhada serrania distante.

Corre o gentio apavorado; roja-se ás solas da iniqua hospitalidade; e como o audacioso genovez, tocado na sua alma generosa, inicia-se uma série de preces rogando a volta da luz, e a luz volta-se a pouco e pouco, dourando de novo o dia, que despertava em segunda alvorada — logo os proprios indigenas, confusos, guarnecem lestos os seus barcos frageis, e acorrem alegremente ás caravellas da frota, bem cedo abarrotadas de toda a casta de vitualhas da terra.

Muitos seculos antes de Colombo, na China impenetravel, era costume o imperador mandar matar o astronomo que errasse na previsão de um eclipse. E um existiu que logrou escapar da tortura por um requinte de bajulação.

Com muita antecedencia, o sabedor dos astros prognosticára o phenomeno. Toda a côrte preparara-se para assistil-o; e conforme a velha usança, chegam de longe mandarins remotos que atulham a morada imperial, armados de arco e flecha, em soccorro do astro que se obumbra. O imperador, ao pé do bonzo hierophante, aguarda apenas o momento de rufar o tambor como signal de arremesso das flechas. Tarda esse instante demoradamente. Correm as horas, e o sol insiste em mostrar-se cada vez mais brilhante na turqueza colosso do infinito. Calefrios de morte percorrem o espinhaço da côrte avassallada. Lança o Filho do Céu ao seu astronomo esgares de furiosa ameaça. Então o sabio, crente do seu grave engano, mas sem querer passar por desastrado, acerca-se do soberano, beija-lhe a fimbria da régia tunica, e exclama emfim, theatral, em lagrimas:

— Senhor, perdoae. Meu calculo está tão certo como estar eu aqui em adoração a vossa sagrada figura. Mas desta vez achou-vos o céu tão omnipotente, tão cumulado de reaes virtudes, que quiz tambem render-vos homenagem, alterando as leis inalteraveis do seu movimento.

E assim salvou-se, o patife.

Desta sorte, motivo de carpim e de gritar por soccorro teve aquelle pobre guardador de gado (conta o *Journal des Basses Alpes*) todo o tempo que durou um eclipse. A julgar pela reencarnação, lá estava no arreliado pastor o espirito do velho feiticeiro chinez.

De trombas dagua disse Victor Hugo, que as assistiu dos rochedos de Guernesey: «De subito vem o furacão, como um animal, beber ao oceano; sugamento inaudito: a agua sóbe para a boca invisivel, fórma uma ventosa, o tumor incha; é a tromba, o Prester dos antigos, estalactite por cima, estalagmite por baixo, duplo cone invertido, como uma ponta equilibrada sobre a outra, beijo de duas montanhas — montanha

de escuma subindo, montanha de nuvem descendo: medonha conjunção de onda e de sombra. A tromba, como a columna da Biblia, é tenebrosa de dia e luminosa de noite. Na presença da tromba cala-se o trovão! Parece amedrontado.

E analysando a agua que as constróe, canta o Homero portuguez esse monstruoso insulto da natureza:

A's ondas torna as ondas que tomou;
mas o sabor de sal lhes tira, e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura
que segredos são estes da natura.

Napier, navegador inglez, avistando uma tromba no oceano, a 6 de Outubro de 1814, fel-a cortar por bala de canhão. Logo ella separou-se em dois segmentos para depois juntar-se na mesma massa dagua primitiva. Após o que, muita chuva cahiu, e toda de agua doce.

Diz o marujo, na sua indumentaria jocosa, que a tromba dagua é o nariz do mar.

Camões, posto uma noite em socego na amurada da nau que o levava aos rudes campos da peleja, olha subito o tope do mastaréo mais alçado, para depois gravar em verso a rutilante lembrança:

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta, o vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto.

É o fogo de Santelmo, que os marujos de outras éras costumavam chamar — Castor e Polux. E é tido a bordo como bom presagio, talvez assim o encarasse o padre Vieira. «Bem haviam estas tempestades mistér dos milagres de Santelmo».

A avisada maruja de Colombo appellidava o fogacho espectral de *corpo santo*. É o que se encontra na narrativa do filho do almirante: «Na noite de sabbado (Outubro de 1493, segunda viagem de Colombo), trovejava e chovia torrencialmente. O Santelmo appareceu nos tópes dos mastaréos com sete tochas accesas, isto é appareceram aquelles fogos que os marinheiros julgavam ser o *corpo santo*. Immediatamente se ouviram cantar ladainhas e rezar orações em todo o navio: os maritimos suppunham passado o perigo com a apparição do Santelmo».

E Herrera, falando dos marinheiros de Magalhães: «Durante as grandes tempestades, o Santelmo apparecia nos tópes dos mastaréos, umas vezes com uma tocha, outras com duas. Essas apparições eram sempre saudadas com entusiasmo e lagrimas de alegria».

Os inglezes, segundo Arago, dão-lhe os nomes de *S. Nicolau, Santa Clara e Santa Helena*.

E que lindo chuveiro desses fogos cahiu certa noite a bordo da galera de Lysandro, ao largar de Lampsaco para atacar a frota atheniense!

Mas, vem a physica, e mata o encanto da superstição. E a electricidade recolhe o bem-fazejo Santelmo, encaixando-o no ról dos seus phenomenos.

O raio! Livrae-nos Deus do raio — roga o marujo, persignando-se, em hora negra de tempestade.

Descartes explica o raio pela quédá das nuvens mais altas sobre as mais baixas, comprimindo o ar de permção, donde fusila o relampago e ribomba o trovão.

Boërhaave contesta-o, e affirma que isso antes se deve á concentração dos raios solares por minúsculas parcelas da gua congelada, taes lenticulas convergentes a boiar num colchão de nuvens.

Que belleza! Esses senhores scientistas!...

Servio Tullio, commentando Hesiodo e Eschylo, attribue a Prometheu a arte divina de fazer descer o raio sobre a terra — *eliciendorum fulminum*.

Zoroastro, mago dos magos, celebra-se pela faculdade de attrair o raio.

Ovidio, nos *Fastos*, conta que Numa Pompilio, em dada época que o mal do raio assolava a Italia, foi inspirado pela nymphá Egeria no almejado saber de attenual-o. Porque Fauno e Pico, deuses das florestas, costumassem percorrer os bosques á procura da vinha deliciosa, poz-lhe Numa no caminho amphoras cheias de capitoso e perfumado nectar. Os deuses não tardaram em adormecer, embriagados. E em sonhos, ensinaram ao arguto rei de Roma o unico modo de abrandar o raio — *quoque modo possiui fulmen monstrare piari*. E o facto é que o flagello acabou.

Benjamin Franklin appareceu afinal para salvar a humanidade da retumbante colera dos deuses. E descobre o processo de fazer passar silenciosamente a electricidade das nuvens para a terra. Sem mesmo a intervenção da nymphá Egeria, simplesmente a soltar um papagaio de papel como qualquer garoto da sua aldeia, idealiza e fabrica o pára-raios.

Deixae falar poetas e mathematicos — visionarios em summa. Para o homem do mar, o raio é cousa sinistra, que o diabo inventou. E o melhor pára-raios, depois de S. Jeronymo, é Santa Barbara.

Que volumes encheriam os proverbios sobre o tempo que andam na boca da maruia gente! E e de notar que cada um delles vale um tratado de observação meteorologica. Porque não é dizer-se que sejam simples tiradas de momento, para distrair. Ha nellas muita sabedoria, dessa que nasce da experiencia diaria, média da reprodução milenaria dos mesmos acontecimentos.

Todos os povos do mundo que navegam levam de memoria uma enfiada dessas adoraveis sentenças. E o certo é que os instrumentos de precisão que atulham os observatorios lá um dia pódem falhar: ellas, porém, é que não falham nunca, porque dizem sempre a mesma cousa, como o devoto que não muda de cartilha.

O almirante Thévenard, um dos mais illustros marinheiros de França, escreveu uma memoria sobre o tempo onde ha rifões deste jaez:

Horizon net et clair
— *vent du nord, bonne affaire.*
Horizon trouble, obscur
— *le temps n'est guère sûr.*

E mais este:

Soleil avec haubans

— *pluie et vent.*

E este ainda, infallivel:

Si, contre vague, la mer frise, saute de
[*vent vient en surprise.*

São os taes saltos de vento que enlouquecem os barometros.

E a proposito do raio:

S'il y a plus d'éclair que de tonnerre —
signe de pluie. Si l'on entend plus de tonnerre
que d'éclair — le vent viendra du côté où il tonne.

O nosso — céo pedrento, chuva ou vento, tem a sua variante franceza: *ciel en bergerie, pluie ou vent*; e em dialecto veneziano; *cielo pecorelo, o piova o ventese'lo*.

Os marinheiros de Italia regulam-se muito pelos seus proverbios sobre o tempo. E teem-nos encantadores:

Sciloccu chiaru e Tramontana scurameteite
a mari senza paura.

E sobre as nuvens:

Quando le nuvole passa in mare, bon
tempo vol fare.

Definindo o contraste do mar e da costa:

Montagna chiara e marina scura, metite
in viaggio e no te far paura.

Os hespanhoes, sempre cavalheirescos, confundem as estrellas com os olhos da mulher amada:

Por la estrellita del norte
se guian los marineros;
Yo me guio por tus ojos,
que parecen dos luceros.

Não escapa tal sabença aos inglezes que, fleugmaticos marujos de alma, cream tambem seus conselhos:

When wind weers against the sun, trust
is not for back it will run. O que quer dizer: quando o vento sopra contra o sol, não te fies porque logo volta.

Cousa interessante: os arabes teem um proverbio identico, com referencia ás mulheres. Donde se conclue que a meteorologia é perfectamente applicavel ao amor — com certas restricções.

A lua! Quanto assumpto ella fornece á crença e á superstição!

Afirmam os marinheiros da Mancha que a lua commanda o mar. E a lenda que se segue auxilia bastante essa asserção.

Um dia, o mar fez com que um bello navio se estraçalhasse de encontro aos rochedos; e toda a tripulação morreu afogada. A lua indignada contra o mar, repreendeu-o por haver sepultado tanta gente, e enguliu-o. Passa-se o tempo. Um capitão que uma noite encontra a lua diz-lhe: «Desde que tens o mar no ventre, todo o mundo succumbe de fome, porque os navios estão em secco. Tem piedade dos mari-

nheiros, e restitue-lhes o mar. Elles agradecerão a tua bondade».

Segreda então a lua ao mar: — «Si me promettês uma cousa, far-te-ei sahir de dentro de mim, e collocar-te-ei no teu logar». — «Que queres?» — fez o mar — «Que fiques sempre ás minhas ordens, e obedecas a todas as minhas vontades».

O mar accitou. E a lua pol-o onde elle estava dantes.

Mas depois disso, ha entre a lua e o mar formidavel disputa. A lua, para castigal-o, quer devoral-o outra vez; mal sabe ella que o mar agora está salgado — e era outrora tão doce! Põe-se então a sugal-o, e a achal-o detestavel, o que a leva a escarrar a cada passo. Afinal, desiste do seu intento. O mar, contudo, fica sujeito ao seu capricho: segue-a na sua rota; infla e retrae-se com ella, por força de attracção irresistivel.

Essa historia foi contada por Marquer de Saint-Cast a um marinheiro bronco da Terra-Nova. E só assim conseguiu metter-lhe na cabeça a concepção do phenomeno das marés.

«Lua deitada, marinheiro de pé».

Lá vem de novo os proverbios! E sobre a lua são sem conta.

Vent de lune n'a jamois cassé la lune.

Luna curcata, marinaro a l'addrita; luna a l'addrita marinaro curcato.

E sobre o halo que a circunda:

En llevando cerco la luna, y estrellas dentro, pluvia y viento.

Lune cerclée, prenez garde, si vous voulez.

Nem se esqueceram da côr da lua, quando ella é rubra de verão, ou quando é pallidá, da pallidez da namorada que velou toda a noite, como disse Junqueiro. Cantam, pois, os marujos da Sicilia:

Quannu luna é palita, chiovi; quannu é russa, fa ventu; quannu é chiara, fa sirinìta.

E sorumbatico marinheiro inglez, cachim bando ao luar:

A fog and a smal! moon bringeasterly wind soon.

Os pescadores da Escossia jámais pescam em noites de lua. Porque acreditam que o peixe

dessas noites traz veneno no bucho. Não teem tal scisma os seus parceiros da Alta Bretanha; acham antes que

D: pleine lune, mer montante, du poisson en abondance.

Outras credices traz a lua. Os navegantes de Albion chamam *moon-blind* á cegueira que ella causa a quem adormece debaixo dos seus raios. É a origem da *gota serena*. Loti, em *Mon frère Yves*, confirma esse abuso.

Que a lua come, não resta duvida. Na lenda de Saint-Cast ella engole o mar. Flammarion observou que ella comia as ruinas. E os nossos marinheiros teem um velho dictado — «a lua vem, come tudo» — quando dictado garantir que não deve haver receio a essas nuvens de tempestade que procedem ao nascer da lua.

Ainda si a casta Diana fosse apenas devoradora de borrascas...

Catullo, o poeta magico do sertão brasileiro, empresta-lhe innegaveis qualidades femininas, ou antes, certos defeitos que a mulher guarda, e lentamente nos absorvem a paciencia:

O sol é homem! É firme!

A lua é mulher! Varia!

O sol tem sangue de fogo!

A lua, calma e dolente,

Tem sangue de gelo!... É fria!

O sol fecunda as sementes com os jórros incandescentes dos raios esbraseados!

A lua, essa alcoviteira, só fecunda a sementeira dos corações namorados!

Realmente, não sei de nada mais bello na ataviada meteorologia pittoresca.

A fóra o que vae por ahi além — esses estados dalma que tão bem se assemelham ao vario estado do tempo.

Que estudo complicado, a escala de Beaufort da humanidade!

Gastao Pevalva

CASA VIEIRA NUNES

ARTIGOS PARA HOMENS

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142

Arrependimento

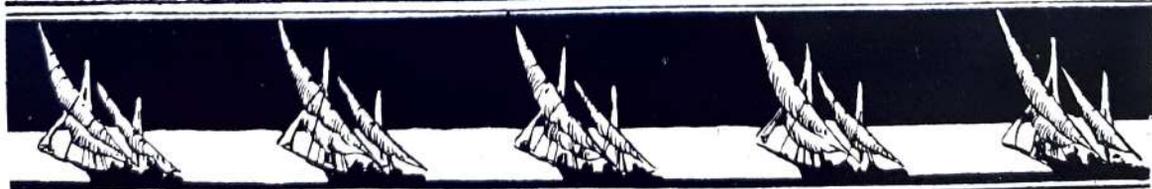
(Para o album
da Senhorita
Ruth de Almeida)

Sempre que eu scismava em felicidade,
Uma voz interior me segredava:
— “Não procures jamais a realidade,
Que ella mata a illusão que te embalava.

Na illusão é que está toda a magia
Da vida; deixa-a assim mesmo imperfeita...
Sonho, caprícho, simples fantasia,
Uma vez alcançada e satisfeita,
Todo o feitiço antigo perderia.”

— Que a Verdade se odeie e se maldiga
Eu dizia, e jurava no momento
Cumprir... Hoje o remorso me castiga
De não ter escutado a voz amiga,
De ter faltado áquelle juramento.

A. M. Buarque
= de Lima =



PARA os Brasileiros o mês de Maio lembra a poesia da mais doce das lendas christãs e a reminiscencia da mais santa das leis humanas. Maria e Isabel, a piedade da nossa fé e a flor da nossa historia, a doçura biblica e a inspiração abolicionista, vivem no coração brasileiro todas estas tardes, que a doçura do mysticismo repassa de uma serena, infinita poesia.

Das capellinhas humildes dos logarejos ás naves das grandes cathedraes, todo o interior, onde a piedade edificou um santuario, enche-se do rumor dos canticos religiosos, entoados por uma multidão que se comprime respeitosa e logo após se espraia festiva, como que levando no coração a recompensa da prece fervorosa. E toda aquella turba heterogenea, mas nivelada pela consciencia da sua pequenez deante da omnipotencia divina, ajoelhou perante a Virgem, de cujo semblante parece descer, por entre o clarão tremulo dos cirios, um sorriso á esperança dos justos e um perdão á irreverencia dos peccadores.

Aquelles que têm na côr a reminiscencia de um fadario tenebroso, não podem esquecer nessas preces a alma generosa que o extinguiu. Por isso neste mês florido e ennevoado, Maria impera todas as tardes e Isabel impera num dia. E' o dia do negro, o 13 de Maio, para mim a justa mais cavalheiresca da nossa historia, torneio atheniense, cujos lances assignalaram o remigio da eloquencia, vibrada inexcusavelmente pelo triangulo de ouro da tribuna brasileira: Ruy, Nabuco, Patrocinio. Aproximo-me sempre commovido das paginas que re-

colheram os écos adormecidos das suas orações, ora violentas como as verrinas, ora delicadas como as parabolias, e que, apostolando a liberdade dos escravos, escravizavam o coração dos auditorios. O Theatro Polytheama daqui, o Santa Isabel do Recife, o Polytheama Bahiano, a tribuna popular e a parlamentar rutilavam nos reflexos das suas apostrophes formidaveis, das suas perorações demosthenicas. Patrocinio empolgava. Era bem o João Caetano da palavra, o tragico da eloquencia. Representava tanto como falava; Ruy assombrou; Nabuco seduzia. Mas de todos, embóra hoje relativamente o menos relembrado nas commemorações, foi ao burilador amavel de «Pensées detachées et Souvenirs» que coube a tarefa mais espinhosa da cruzada. Elle andou de casa em casa, como *Pedro, o Eremita*, de cidade em cidade; ouviu bem de perto os soluços amaldiçoados por Castro Alves e ao largo dos quaes passou durante seculos o coração das gerações. Teve a magia de accender um reflexo de belleza onde só havia treva, e, nos transeis mais vehementes da campanha, não perdeu nunca aquella serenidade, aquella largo sorriso de indulgencia dos apóstolos e dos santos. E esse homem, que falava, como Jesus, a linguagem dos corações, aproximou, para a mesma obra de misericordia, a cruz e o septro, ou nas suas expressões maximas de caridade: Maria e Isabel, a rainha do céu e a padroeira da senzala, por cuja intercessão houve, a partir daquelle dia, «uma manhã mais clara em torno dos herços, uma tarde mais serena em torno dos tumulos».



VOLTA Á ESCOLA

En este mundo enganador
No hay verdad ni mentira
No hay verdad ni mentira,
Tod és segundo el color
Del cristal con que se mira.
CAMPOAMOR.

ACABARAM-SE as ferias, os dias de liberdade, em que o Aspirante livre, diverte-se á vontade.

Volta á Escola! Ao estudo, á prisão! Que saudades nos aperta o coração.

Como passou veloz este tempo de alegria, em que cada um fazia o que queria.

Volta á Escola! Temos que estudar, e o tempo aqui custa a passar!

Volta á Escola! ao Chapolata aborrecido... á matutina... e ao livro de castigo.

Depois de tanto tempo sem se ver, cada um em se encontrar sente prazer.

Os do quarto anno, têm um de importancia; dá prazer ver-lhes o garbo e a elegancia.

Mais sete mezes, e lá se vão embora, cheios de projectos pelo mundo á fóra.

No fim do anno, um galãozinho, uma fitinha... faz do quarto annista, um feliz Guarda-Marinha.

Pensando n'isto ficam alegres, têm razão... é o ultimo anno de Escola... e de prisão.

No salão se reúnem conversando, e as aventuras das ferias vão contando.

O Moss está prazenteiro e animado; diz alguém que elle anda apaixonado.

E o Heck brejeiro logo diz: «o Moss em amores é feliz...»

Nas ferias deu para ser *cantor*... mas só cantava da *Carmen* a aria da flôr...

E o Moss sorri, com aquelle sorriso insinuante; de rapaz sempre correcto e elegante.

O Ferraz mudou inteiramente, vive agora sem flirts... e bem contente.

Teve tantos no anno que findou, e como tudo cansa... elle cansou.

Hoje aqui na Escola, só pensa em estudar, não quer mais ir ás festas nem flirtar.

E o Ferraz diz: «Em namoros, não mais perco meu tempo, não quero tão cedo pensar em casamento».

E nisto elle agora anda acertado; o *flirt*... é negocio arriscado.

Elle e Amaral estão juntos conversando e para o futuro projectos arranjando.

O Amaral sempre *safo* a namorar, não se deixa seduzir nem agarrar.

Quando parece que está muito enrrascado, nem sequer está apaixonado.

Nas férias sempre alegre foi feliz, dansou e flirtou tanto quanto quiz.

O Ferraz, diz vendo-o sempre se *safar*. «Difficil é o Amaral de se agarrar.

O Apollinario já não é quem dantes era. já não vive só para a Galera.

Como é poeta, e está apaixonado, vive na *onça*, sempre atrapalhado.

O Heck, anda triste a pensar, em alguém que foi para as terras de Além mar... E para lhe consolar o coração, descobriu o Heck nova ocupação...

Como falla muito bem inglez, quiz agora estudar ... o japonéz!!!

Ha dias na Escola, em japonéz uma carta recebeu. E cousa admirável!!!... o Heck leu!

O Mattos passou as férias na Bahia, todo cheio dos carinhos da titia.

E o Sampaio, ouve, sorri e nada diz, mas... tem um ar mysterioso e feliz.

O Lopes seguiu para a Bahia, bem contente, foi passar as férias com a sua gente.

Como amator que é de antiguidades, visitou todos os conventos das cidades.

Mas o Lopes na Bahia não flirtou; uma menina *passadista* não achou.

E saudoso quiz logo ao Rio voltar; — sem o *Chapolata* não podia passar...

O Meira está ficando atirado, tomou por mestres os do «Bloco Motor», e já conhece a escripta bem certa, a respeito de moças, e de ... amor.

O Levi sempre correcto e elegante, é um diplomata com a farda de Aspirante. Não tem flirts, é livre independente, e assim é mais feliz que *muita gente*.

Nas férias foi com Apollinario passeiar; a Redação, não quiz se separar.



Guarnição do actual terceiro anno, campã de 1925.

Como bahiano seu tempo aproveitou, e as patricias formosas bem flirtou.

Tinha convites para dansas todo o dia, e o tempo era só — flirts e folia —.

Apezar de tudo isso, ao Rio voltar logo quiz... sem o Amaral não sentia-se feliz.

O Sampaio está muito mudado; na Escola dizem que está apaixonado.

Passou as férias animado trabalhando; via-se que um ideal o estava dominando.

Não vai a festas, não tem os flirts que dantes tinha. Não liga ás pequenas e nem... á vizinha.

Não lê mais poesias, nem Alencar... o tempo d'elle é só para pensar.

Tudo mostra que elle ama *alguem*, mas é um segredo guardado muito bem.

Diz o Moss: «O Sampaio é intelligente e tem gosto muito delicado, deve ser uma fada graciosa, quem o traz assim apaixonado.

Certo, é uma pequena gentil encantadora, toda cheia de graça seductora».

Gosta de theatros, musicas e peças francezas. Mas... não supporta as revistas portugezas.

O Enéas e o Vasconcellos fallam de Petropolis, da cidade toda encanto seductor, e estão saudosos dos passeios agradaveis, no meio das hortensias, — tudo em flôr.

Diz o Fischer: «Um Domingo em Petropolis alegre a gente, volta-se feliz, animado e bem contente!

Nas férias fui ao Norte em viagem de instrucção. Vocês não avaliam que saudades!... Deixará em Petropolis o coração!

Gosto de Petropolis é verdade, mas... *agora* gosto mais é da cidade.

Não ha fiquem certos, que se possa comparar, com um passeio em Copacabana, á beira mar.

Tem o Fischer uma baleeira aqui na Escola. É um nome poetico encantador, que em cada sylaba diz uma canção de amor.

E no recreio fica o Fischer a pensar tiste sosinho... olhando a baleeira com tanto amor, tanto carinho...

O Saldanha que o vê vai observando: «Pobre de quem vive namorando!» E diz ao Guaraná com quem está a passeiar: Creio que nunca nunca hei de me casar...

Pequenas, dansas e flirts tudo é massada; só fazem a vida do homem atribulada. Já marquei da minha vida a directriz — nada de *socialismo*, e hei de ser feliz.

No meu navio despreocupado trabalhando, sem idéas de amores *me amolando*.

O Guaraná concorda e vai dizendo: Eu também sem amores irei vivendo. Mas as minhas férias bem aproveitei; e os cabarets elegantes frequentei. Ali sim, pode-se dansar, sem receio de pequenas namorar.

O Guaraná agora acompanha o Heck, na lição de *japonez*; e breve estará fallando tão bem quanto o francez.

Ha dias esqueceu o collarinho e a gravata na lição... Imaginem vozês... que afobação!!!

O Bardy com ar de socegado, tem um temperamento muito apaixonado.

Está narrando aos outros com emoção, de uma viagem de omnibus com emoção.

De Copacabana, veio de pé sem ter lugar, quando uma gentil moçoila veio n'elle se apoiar.

E o omnibus ia aos solavancos empurrando, e a mocinha... sempre n'elle se amparando.

E o Bardy hoje só deseja o prazer; de uma viagem *igual* conseguir fazer...

O Guilhon agora anda muito elegante, é Rod la Roque, vestido de Aspirante.

Mas não é de admirar que o Guilhon se vista bem; é artista... e bom gosto elle tem.

O Guilhon fica na porta do Pathé observando, «Donas Boas», que facieras vão passando.

Não é com idéas de as flirter; é só pensando suas silhuetas desenhar.

E mais de uma vez do seu Capis creador; surge da — melindrosa, o typo encantador.

Passa o chefe de dia, os caloiros olham com admiração; — e o Djalma, — como sempre empertigado, até parece soldado allemão!!!

O Djalma de manhã é o primeiro a levantar, mas... em vez de se benzer... faz a continencia militar.

O Djalma, diz o Heck, certamente fará declarações de amor-militarmente.

Apollinario, o redactor, não sabia como aqui se arranja dinheiro. Teve uma ideia — convidou Djalma para ser da «Galera» thesoureiro.

E elle é um esplendido cobrador; dever ao Djalma, meu Deus! é um horror!!!

E assim vai a «Galera» prosperando, e todos que deviam vão pagando.

O Rademaker está triste e saudosos; a gente vê que elle está preocupado. É tudo lembrança das horas felizes, quando elle tinha *Lucienne* ao seu lado.

O Fragoso nas férias, na visinhança, fez sensação, passava ás horas da noite a cantar... e tocar violão.

Durante o dia ficava trabalhando, e um livro sobre *Alcaloides* organisando...

E um livro bem interessante...mas, não é *assumpto* para Aspirante.

O Menescal passou as férias atribulado, umas férias de Aspirante apaixonado.

Tinha o tempo todo dedicado, a quem lhe trazia o coração acorrentado.

Alegre só tinha um pensamento, — no fim do anno contractar o casamento —

Dormia em Copacabana, e cedo tratava de acordar; para ir á Urca... tomar banho de mar.

Assistia dansas classicas, declamações do curso Jacobina, passeios, picnics, enfim... ia onde ia a meruma.

Hoje, Menescal em vão procura o esquecimento, porém, não se esquece d'ella um só momento.

E nas horas vagas leva a fazer poesia, onde surge sempre; o lindo nome de — Maria.

O Angelo, diverte-se acha encanto, das criancinhas enxugar o pranto.

E fica horas na Avenida Beira-Mar, enlevado vendo as crianças a brincar. Gosta de crianças é signal de bondade, nem todo o Aspirante, tem essa qualidade.

O Belart anda sempre com um livro na mão, sempre ás voltas com o tal allemão.

Se se chama o Belart de repente, elle volta-se e diz — «ya» — para a gente.

O Brasil passou as férias em Angra, lugar encantador á Beira-Mar, paraíso terrestre, onde Adão facilmente pode Eva encontrar.

E parece que o Brasil aproveitou... e por lá muitas Evas encontrou.

O Brasil em Angra chamou logo attenção, ali os Aspirante tem alta cotação...

E todos invejavam-lhe a felicidade; mas... elle era o — «unico» — Aspirante da cidade.

Passava as noites de bote a passeiar; acompanhada, apreciando os encantos do luar.

E o bote cortava as aguas veloz e ligeiro, cheio de mocinhas, e o Brasil — «timoneiro».

Sahiu de Angra prometeu de voltar, parecia apaixonado... e falava em casar!

Chegando ao Rio, nem mais em Angra pensou... e com a irmã de um collega, — casamento já tratou!

O Sá aborrecido diz aos outros; «Que falta faz meu primo, que massada! Se aqui na Escola elle estivesse, já estava a conta do *Figaro* liquidada».

Meu primo é muito liberal, amavel como elle, não ha igual!

Juntos, iam ao theatro, ao cinema, ao Alvear, e sempre elle pagando, sempre elle a pagar...

O Novaes e Mario Lima, resolveram nas férias ganhar muito dinheiro — deram concertos de cavaquinho — e foi um successo verdadeiro.

O Toscano, nosso illustre presidente — anda agora animado e bem contente. Arranjou um namoro, mas guarda segredo, pois de ser descoberto elle tem medo.

Passeiando na Quinta da Bôa Vista, foi que elle arrajou esta conquista.

E nas férias estava sempre a passeiar, em São Christovão de ruia Escobar!

O Milton deixou a Normalista; que rapaz volúvel e bandoleiro! Parecia tão apaixonado, e o amor que lhe tinha verdadeiro.

Mas o Milton resolveu ser escriptor, não quer mais saber de pequenas, nem de amor!

E um livro de aventuras tem em mão, que vai chamar para seu nome attenção.

É o título do livro escolheu bem, mostra o gosto literário que elle tem.

E aqui na Escola muito breve vamos ter, as Novas aventuras de Monkausen para lêr. O Magaldi anda muito assustado... «Cherchez la femme», — é negocio complicado.

Diz elle que vai o box aprender; naturalmente para poder se defender.

O Magaldi agora só tem um pensamento — «observar o nono mandamento». — E ao Frágoso elle leva a aconselhar: «olha o que me succedeu!... trata de evitar...»

Ao Coronel, Baena segreda, e vai dizendo: De que será que o Duque Estrada está soffrendo? Veio das ferias com o coração a lhe apertar, e agora mesmo, quiz se suicidar. O Coronel pensa e diz: isto é paixão, e elle não tem corajem para a declaração.

O Milliet não passa uma semana sem ir a Escola visitar, sente falta dos collegas Aspirantes, e saudoso vem com elles palestrar. Agora mesmo na Escola vai chegando, e aos amigos alegre abraçando.

E como elle é homem de negocios, e tem sempre terrenos a vender, aproveita as horas da visita, e terrenos leva a offerecer.

E diz: os terrenos são enormes, magnifica situação... comprem — pagam sem sentir; pois pequena é a prestação!...

O Milliet na Escola é pessoa importante. Tem honras de quarto annista Aspirante!!!

E o Xavier fechou o negocio das cocadas de uma vez... ausente o Milliet... perdeu o melhor freguez!!!

O Wanderley está magro e mudado; o que será, estará apaixonado?

Qual não pensa em moças nem flirtar; se está magro, é de tanto estudar.

Não tem nem um momento de alegria; todo elle é — calculo e astronomia.

Agora mesmo está elle trabalhando, certo a trajectoria de um astro calculando.

O Chagas diz que este anno a Escola está triste está feia! Falta-lhe o sol que surgia do Norte, que trazia-lhe luz e alegria.

Triste pensa nos domingos que aqui vai passar, sem picnics... nem passeios no mar...»

O Herman Martins está triste tambem, não pôde mais remar nem visitar ninguem!

O Paredes, tem estado a trabalhar, quer a bibilhoteca da Phenis arranjar.

Vê-se elle sempre activo caminhando, e os «engraxates e sebos» visitando...

A «Phenis» o absorve inteiramente, e a tudo mais elle é indifferente.

Está alegre, conseguiu o que queria obter, e assim agora livros para lêr...

O Moitinho como anda triste, qual a razão? É porque não pôde mais usar... a casaca do irmão.

O Moraes e José Lima não quizeram saber da «Beira-Mar» foram para os suburbios e conseguiram namoradas moreninhas arranjar.

E no Meyer, nos Cinemas, nas zonas elegantes, fizeram um successo inveiavel os dois destemidos Aspirantes.

O Vieira falla entusiasmado, da viagem que fez maravilhosa, e se lembra cheio de saudades, da Rosita, gentil e tão formosa.

O Oliveira, do segundo anno, que só pensa no positivismo, abriu uma aula na Escola agora,

para explicar de Comte, o Cathesismo. Elle explica o positivismo muito bem, e só deseja converter alguém... E por mais que elle leve a fallar, não encontra quem o queira imitar.

O Zany diz: eu vou tratar do Oliveira converter, e convidal-o para as coristas do Trólóló, commigo vêr. Coitado, elle não sabe sequer, o que é a graça o encanto da mulher!

Mas o Zany fallou tudo em vão, o Comte absorveu-lhe o coração...

O Souto voltou das ferias dansando muito bem, e dansa o Charleston como ninguem. E pôde agora ir ás festas sem penetrar, pois todos o convidam para o Charleston dansar.

O Dunham quem diria, é bem esperto, e sab escolher o lugar para flirtar; e sempre com alguém em Copacabana, sentava-se na areia, olhando o mar.

Mas... flirt assim é arriscado... e sentar na areia, é preciso ter cuidado.

O Freitas agora para ter sorte, tomou uma resolução: — andar com o Gato Felix, pregado juntinho ao coração.

O Perrin só pensa em se casar, nas ferias só andava com a noiva a passeiar! Agora só leva os dias contando, dizendo: «Guarda Marinha estou me casando».

Coitado com que irá viver!... Seis centos mil réis, mal dão para um comer!...

Os caloiros tiveram muita sorte, este anno na Escola não ha trote. O quarto anno mantem a ordem muito bem, e os trotes antigos não consente a ninguem. Apezar disto os caloiros tem receio, e lá estão juncos conversando no recreio.

O Seu Altamiro não gosta de brincadeira, na Escola só o chamam — «Procopio Ferreira».

E coitado não pôde reclamar, é caloiro tem que aguentar.

Seu Benevides, diz: que felicidade do Altamiro comparado a um genio! De mim querem fazer os veteranos o reclame feliz do pilogênio.

O Seu Pinto do primeiro anno, o tal dos concursos veteranos, está triste e ao Seu Sampaio vai dizendo: Não imaginas o que está me aborrecendo; chamam-me velho, e é uma maldade, já apresentei na Escola tres certidões de idade!!! E enquanto vocês riem eu estou pensando em tudo isto, que está me acabrunhando. Chamado velho é triste! e mais é ser careca, quando se é moço como eu, apaixonado e... levado da breca...

O Saba está magro e mudado! Certamente anda impressionado.

Não dorme nem descansa um só momento, com uma ideia fixa a lhe atormentar o pensamento. Ninguem pôde imaginar o que será? Pavor, da sombra do Tender Ceará!

Mas se elle assim continúa, no setenta sul irá parar.

O Isaac Cunha e o Descascado, estão animados conversando, e das festas da Escola se lembrando.

O Cunha tem saudades da loirinha tão formosa, seu par na dansa sempre gentil e graciosa.

O Desgraçado está triste, acabrunhado, perdeu um dente, ficou apaixonado. Elle vive agora

das moças a fugir, não quer mais flirtar, não quer mais rir.

O João Costa descreve animado, a vesperada partida, e as emoções, e não pôde esquecer-se um só momento. — *aquella* — inominavel noite... e as sensações...

O Humberto, que o ouve admirado, diz: o Costinha ficou impressionado!... Mas, o João Costa está sempre variando, e uma *allemãzinha* já está elle namorando.

Porém, com o padrinho não pôde brincar... se namora agora... é para casar.

O Cavalcanti para as ferias aproveitar, frequentou o curso do *Professor Mozart*. E hoje aqui na Escola, de espiritismo dá lições, faz o corpo fallar... e outras *assombrações*.

O Waldeck está ficando atirado... e já pensa em moças e flirtar... Só usa *cabeleira* de poeta, para as meninas facilmente conquistar...

O Humberto, na Escola, está se lembrando, que podia no «*Curso da Margôt*» estar dançando.

Diz elle que o curso é muito *divertido*, e o *pessoal* que o frequenta *escolhido*.

Nas ferias o Humberto não queria descansar, passava os dias no «*Curso da Margôt*», a dansar... a dansar!!!

O Armando anda agora afobado — foi buscar lan, e sahiu *tosquiado* —.

Ancioso imagina o que vai acontecer, quando a noiva o boato vier a saber.

Já telegraphou á noiva cheio de afflição, dizendo: que não casou, e tudo é invenção! E leva o Armando, triste a se lastimar: Quem mandou o Toscano, tal cousa inventar!

E este que parece sério, ponderado, em materias de boatos é *formado*!

O Atahualpa só tem um intento: quer seus flirts de todos esconder, elle receia «*Peter Pan*» e tem medo, que venham sua vida a saber. Mas... a Escola é como o Pathé, que tudo sabe e tudo vê...

O Atahualpa tem sangue de inglez, está sempre a morrer de calor, e até nas noites mais frias, elle dorme sem o... cobertor.

O Enéas e o Vasconcellos estão alegres conversando, quando o Poggi com ares de *Almirante* vai passando.

Diz o Enéas: O Poggi gosta de *bancar* o elegante, mas, isto é facil... elle é Aspirante. Nas ferias o Poggi ia seguido a Petropolis, e uma pose marcial sempre affectando para outro passeiando. Tomava um ar sobranceiro de importancia, e gostava que lhe vissem a elegancia.

Um dia estava o Poggi passeiando, quando um grupo de meninas ia passando. Eram do Rio; meninas gentis e bem formosas. Tres entre abertos botões de lindas rosas..

O Poggi para as saudar foi a *correr* mas... as meninas, passaram sem o ver!!! tem será algum mysterio?

O Coronel chegou triste e sério. O que elle Ao Fischer que o ouve attentamente, está elle a dizer o que tem e o que sente: Quando a vi, não imaginas fiquei louco, deslumbrado, e desde então vivo preso, meu coração sosso-brado! E é triste a separação, quando se tem um amor, pois certo que a saudade é espinho cheirando a flor.

O Zany nas ferias nunca andava só, andava sempre com alguém do Trólóló. E aqui na Escola está se lembrando, quando ficava na porta a esperando. Tira do bolso um lenço, pequenino, perfumado, e dentro um baton de rouge enrolado... Que saudades o lenço des-pertou, quantas horas felizes elle lembrou!...

O Ferraz que passa, diz: Que felicidade! Sete mezes... depois a liberdade!

Voltamos á Escola!!! E já o estudo está a tocar! Deixemos as saudades e o passado, e só no futuro vamos pensar!

E quando mais tarde, os annos correndo, já formos velhos... e Almirantes, recordaremos sempre saudosos a nossa vida de Aspirantes.

E passou-se um dia, como os outros dias, deixando em uns saudades, n'outros alegrias!!!

É tarde e o sol se some, ha sons dolentes no ar; e o sol vai desaparecendo, vai-se sumindo no mar...

Peter = Pan

Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua 1.º de Março, N. 4, 2.º andar

Os exames deste Curso, cujo regulamento acaba de ser assignado pelo Exmo. Sr. Ministro da Marinha, são validos para a Escola Naval.

Os alumnos serão reservistas da Armada

CIGARRA DO INVERNO

Roberto de Barros

A VIDA febril, estrepitosa, das grandes cidades, é, sem duvida, um escripto phantastico de emoções diversas, um thesouro inexgotavel de assumptos polyformes, uma pagina psychologica palpitante que óra comove fundo a alma delicada e sentimental do observador, óra desperta — acachoadada e irreprimivel — a catadupa esfusante do riso no labio irrequieto, trocista, do cultor impenitente de humorismos.

Entre extremos oppostos, entre a lagrima desatada e o riso que explóde, tambem há, nas grandes manifestações urbanas da vida collectiva moderna, uma região de semi-calma em que o espirito complacente do criterio das multidoes — sorrindo tristemente — delinea, com a «*penna da galhoja*» e a «*tinta da meancholia*», as miniaturas preciosas do ridiculo humano.

Foi num desses recalhões da vida turbilhonante da cidade que presenciámos o facto cujo aspecto imprevisto é hoje transportado para as columnas irreverentes desta revista.

Fazia um calor amodorrante e senegalesco.

Envolvidos por essa atmospheria perfumadamente effeminada dos salões de barbear; semi-estirados beatificamente sobre os coxins macios e os metaes reluzentes dessas cadeiras americanas, verdadeiros prodigios da mechanica cujas mólmas temperadas em luxuria se desconjuntam em caricias ao mais leve toque; emballados pelo rythmo suavissimo dos arquejantes ventiladores que despertam fremitos na folhagem recortada das avencas de alto preço; circumdados por um painel de espelhos crystalinos em cujas faces faiscantes se reflecte, com o ouro das etiquetas, a longa fileira das loções aristocraticas e finas; gozando os requintes da vida superiormente «*pódre de chic*» nesse estado quasi nirvanatico, apenas cariciosamente perturbado pela lamina cantante da navalha que, célere, rasoura, o nosso espirito sentiu-se atraído, da somnolencia deliciosa em que mergulhára, para um arruido vago, indefinido, mysteriosamente vindo de uma direcção difficil de determinar.

Pareceu-nos, a principio, que uma immensa cigarra, num vôo de phantasia, tangida pelo calor, amodorrante e senegalesco, houvesse penetrado no perfumoso e fresco recinto para ahi dialogar, em canticos estivaes, com o zumbido monotono dos ventiladores indefinidamente acorrentados á faina intérima de assoprar.

O estridor fortissimo das suas azas fez com que os nossos olhos, numa soffrega curiosidade, passassem pelos recantos altos do salão em busca do insecto enorme, da cégarrega anti-diluviana, cujo aparelho tão ruidosamente vibratorio nos arrancára do torpor, do meio somno vaporoso, através do qual iamoz gozando, de manso, a alegria dolcissima de viver...

Em vôo o nosso olhar esquadrinhou, ponto por ponto, tecto e complicadas guarnições em arabescos, avencas balouçantes e palmeiras anãs a farfalharem em vasos caprichosamente artisticos.

O que a vista não alcançou o ouvido conseguiu e, na direcção da cigarra, a nossa cabeça se moveu vencendo preguiças, entre nuvens refrigerantes de um polvilhamento tenuissimo trescalando a violetas.

Bem ao fundo do salão, sob o feixe de luz obliqua e vivida que cahia da alta claraboia inundada de sol, lá estava universalmente a explicação prosaica e torpe, a chave decepcionante e cruel dos canticos estivaes de tão extranha cigarra.

Era o aparelho electrico das massagens!

Era o dynamo formidavel e longinquo, com o seu milhar de rotações, com todo o peso da sua complicada voltagem, a lapidar (sim, esse é o termo), a lapidar de tão longe, descerimoniosamente, a *carinha* encarquilhada de um velhóte gamenho.

E a cigarra cantava ousadamente, bem junto das neves eternas de uma cabelleira alvissima com tonalidades rebrilhantes de prata, sob o feixe de luz obliqua e vivida que cahia da alta claraboia inúndada de sól...

Sob os dedos ageis de um latagão escañoado, serviçal e sollicito, o aparelho das massagens, cégarrega cantante de nickel e ebonite, ia e vinha no piedoso afan de aplainar ravinhas abertas pela hostilidade insidiosa dos tempos; subia e descia no exhaustivo trabalho de de nivellear rugas insondaveis, de acomodar *pel-lancas* ingratamente renitentes, buscando escrever a palavra «*mocidade*» naquella pagina pergaminhada, naquella face em ruinas devastada pela dolorosa inclemencia de uns oitenta e tormentosos Janeiros.

Era nada mais nada menos que a hulha branca do Ribeirão das Lages, através de uma de uma rede complicada de fios, em offensiva fulgurante contra os aspectos indesejaveis da velhice.

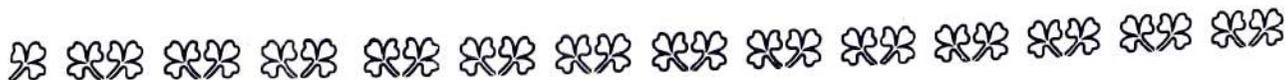
Era a energia-mater do universo, domesticada pela mão incansavel dos homens da sciencia, a se desfazer em carinhos enganadoramente rejuvenescedores pelo rosto senil e grelhado de uma vaidade de beira tumulto.

E o aparelho cantava, entre beijos electricos de lisonja, a canção ironica do insecto do Estio, em torno da physionomia sorridente do pobre e ridiculo enganador de si mesmo.

Foi então que, tambem sorrindo (mas com uns longes de tristeza), resolvemos delinear, com a «*penna da galhoja*» e a «*tinta da melancojia*», essa miniatura do grotesco.

E' bem provavel que della nos esqueçamos (como heróes gamenhos da curva extrema da vida) em um futuro prenhe de aparelhos remoçantes.

Ficou-nos entretanto — deante do estridor dessa cégarrega mechanica de ebonite e nickel — a impressão de que uma cigarra ousada andasse a cantar, em trahição sonóra, canções estivaes, em plena face engelhada e fria do Inverno...



RAZÃO

I

A mim, feliz mortal a quem tudo sorria,
Deram para beber um licor exquisito :
Uma mistura ideal de hackiss e de ambrosia
Com opio de Chang-hai e com nectar do Egypto.

Sobre o effeito da droga eu nada conhecia
E encontrei em sorve-la um sabor infinito ;
Mas, tive uma visão tão tetrica e sombria
Que fiquei como louco e reflecti constricto.

Sob a acção pertinaz, que a vista me augmentava,
Vi mudar-se do mundo a face conhecida
Como se um véo cahisse, opaco, que a occultava;

E senti a impressão p'ra sempre inesquecida
Que a vida como eu via, e sentia e julgava,
Era uma mascarada eterna, repetida.

II

Se a droga produzira tal clarividencia
Permittindo-me o mundo a sério conhecer ;
Se me augmentara tanto a fraca intelligencia,
Fazendo-me a verdade pura comprehender ;

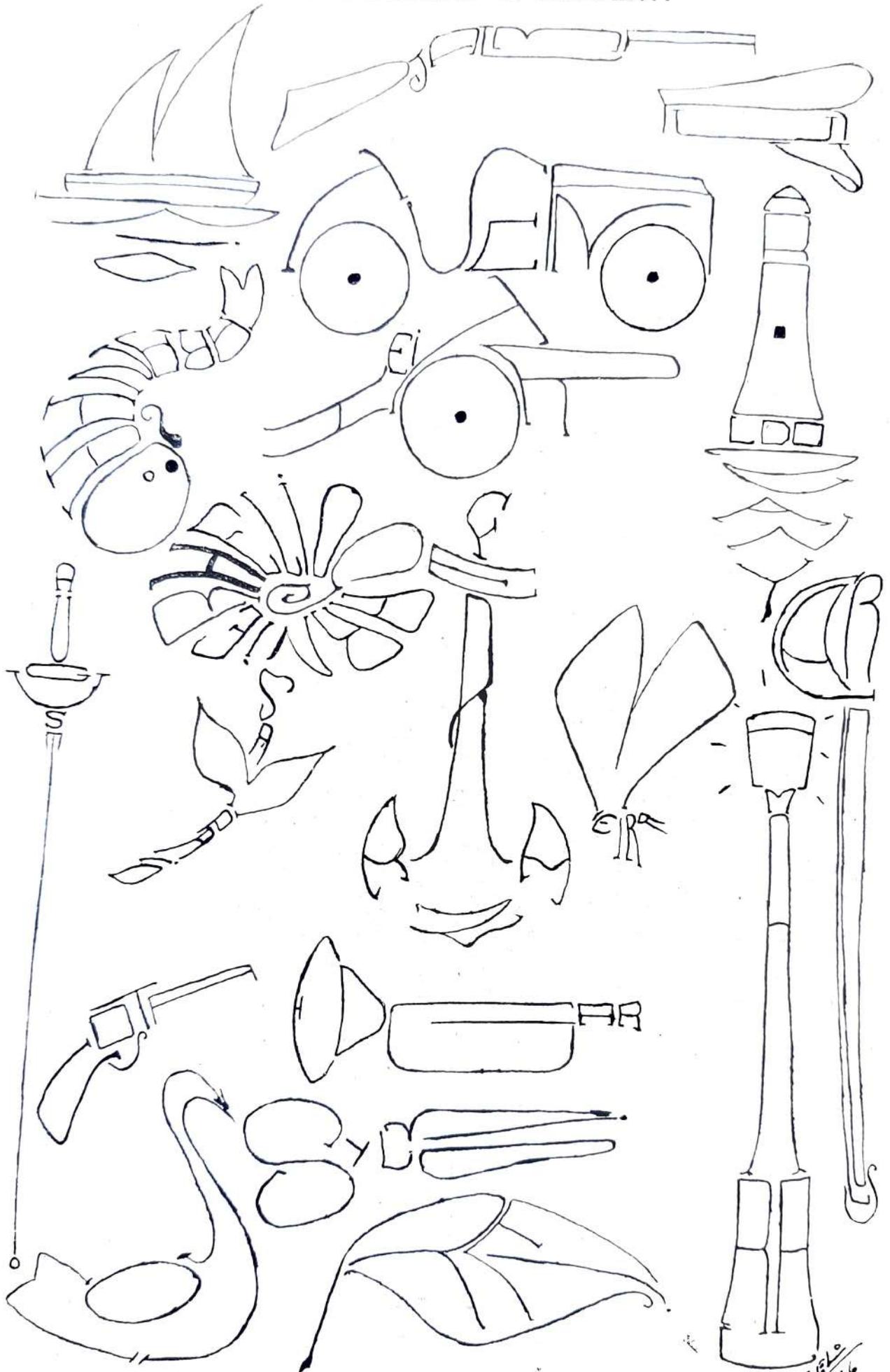
Para que ir em livros doutos remexer
Procurando buscar a escondida sciencia ?
Bastarei tão sómente esta droga beber
Para prestar meu culto ao altar da sapiencia...

Desde então só bebi esta droga admiravel,
Pregando o seu valor em discurso eloquente,
Procurando saciar a garganta insaciavel...

E, si o mundo em que vivo, obscuro não concebo,
De bem o conhecer me abraço em sêde ardente,
E é por esta razão ambiciosa, que eu bebo.

EUGENIO POSSOLO.

PARODIANDO O RAUL...



ANGELO
A. 926

NOTAS

Aviões para o transporte de tropas

Quinze aviões para condução de tropas estão sendo construídos nas usinas Vickers; cada aparelho possuirá a velocidade de 160 kilometros por hora e comportará 25 soldados, com equipamento completo.

Na cabine estão preparados dispositivos para transporte de fuzis, equipamento, água e rações.

São destinados ao Irak, região onde ha grande dificuldade de meios de transporte; em qualquer caso, facil é a concentração de forcas em um dado ponto

(*Revue Maritime* — Abril, 1926).



Utilização dos alto falantes e o lançamento do paquete "Ile de France"

A delicada operação que é o lançamento de um navio exige que simultaneamente sejam dadas ordens a varias pessoas e como meio de fazel-o foi empregado no lançamento do paquete francez «Ile de France» um alto-falante.

O engenheiro que dirigia a operação fazia-o de um passadiço onde se achava o microphone: dois grupos de receptores, providos cada um de quatro falantes, collocados a espaços de 60 metros de um e outro lado da carreira, repetiam suas ordens, todas ouvidas com perfeita nitidez.

(*Revue Maritime* — Abril, 1926).



Orçamento da marinha ingleza para 1926

O orçamento da marinha ingleza para o anno corrente é de £ 58.100.000 (cerca de 2 milhões de contos da nossa moeda, ao cambio actual); nelle estão comprehendidas £ 9.000.000 (315 mil contos) para novas construcções.

(*Revue Maritime* — Abril, 1926).



Repatriamento do exercito americano após a grande guerra

Quando a 11 de Novembro de 1918 teve lugar o armistício, na grande guerra, existiam na França cerca de dois milhões de soldados americanos. A suspensão de hostilidades implicava no immediato regresso das forças, tanto mais urgente quanto o entusiasmo com que os soldados haviam attendido á chamada, rivalizava com o desejo de volta á vida normal.

Importante problema se apresentava ao governo americano: a constituição da frota de

transporte; empregando os navios que a America possuia para tal fim a capacidade de transporte ficaria reduzida a 85.000 homens por mez; dois annos seriam precisos para toda a operação e não era possivel tanto esperar.

Tratou-se da organização da frota capaz de resolver o problema; para isso foram condicionados á então existente:

a) 58 navios cargueiros, devidamente adaptados, com capacidade media de 2.000 homens, cada um;

b) 15 couraçados antigos e 10 cruzadores, podendo transportar um total de 30.000 passageiros;

c) 9 grandes navios ex-allemaes com a capacidade total de 42.000 homens (só o «Imperator» transportava 10.400 homens em uma viagem);

d) 33 navios obtidos de marinhas mercantes estrangeiras.

Não era isso o necessario: medidas especificas eram precisas para evitar o accumulo de homens nos pontos de embarque; assim é que nos tres portos francezes para tal fim escolhidos se estabeleceram campos de concentração, sendo que um delles comportava 200.000 homens.

Depois do serviço regulado o transporte chegou a attingir o embarque em um dos portos, em um mez, a cerca de 268.000 homens.

Começado logo após o armistício estava terminado 11 mezes após, sem que tivesse havido uma unica perda de vida no mar.

A desmobilização era feita logo em seguida ao desembarque nos portos americanos, que foram de preferencia New York e Newport News, e evacuados os soldados pelas estradas de ferro e outras vias de communicação, tudo preparado e regularizado de antemão.

Um anno depois do armistício finalizara o serviço.

(*Revue Maritime* — Abril, 1926).



Augmento do numero de aspirantes para 1927

A proposta de lei de fixação de forças navaes para o anno vindouro, que acaba de ser apresentada ao Congresso, limita o numero de Aspirantes em 120, havendo assim augmento de 20 em relação ao effectivo actual.

(*Diario Official* — Maio, 1926).



O emprego de aviões em navios

O paquete italiano «Saturnia», em construção para fazer a linha Napoles-New York, será provido de uma plataforma para o lan-

O SOLDADO DESCONHECIDO

Conto de Malba Tahan

Muitos mezes depois de terminada a guerra, achava-me nas celebres planicies do Marne, percorrendo os antigos campos de batalha, quando encontrei casualmente, em uma pequena aldeia quasi em ruínas, o meu velho amigo Coronel William Kuntz, do Corpo Medico do Exercito Inglez. O velho militar levava na mão, juntamente com a sua bengala, um grande ramo de flores.

«Que é isso, Coronel!» — exclamei — «que grande surpresa encontral-o aqui, na França, visitando trincheiras abandonadas».

«Vim cumprir um dever sagrado!» — respondeu elle abraçando-me. — «Vou levar estas flores ao tumulo do Soldado Desconhecido Inglez».

O Soldado Desconhecido Inglez!?

Positivamente o Coronel Kuntz não abandonára, com a idade, a sua eterna mania da pilheria com os amigos. Seria então possível que elle ignorasse onde estava o Soldado Desconhecido, o grande symbolo dos heróes anonymos sacrificados pela Patria!

Meu amigo: — começou o Coronel Kuntz — não quero conservar mais tempo o tormento de um segredo que me enche de remorso o coração. O que lhe vou contar, em confiança, seria capaz de revolucionar a Inglaterra.

O corpo que está sepultado na Abbadia de Westminster, e que os Inglezes veneram como o Soldado Desconhecido, é o corpo do meu filho Thomas, que morreu, como um valente, em um dos seus memoraveis assaltos ás trincheiras allemãs!

«Não é possível! — exclamei — Ha forçosamente um engano de sua parte».

Absolutamente — continuou o Coronel — tenho plena certeza do que lhe affirmo.

Quando o corpo escolhido pela Commissão Secreta foi transportado para o hospital de XXX, para ser cuidadosamente embalsamado, eu fui encarregado desse serviço. Devia ser auxiliado por dois outros medicos de minha absoluta confiança. Na noite, porém, em que deviamos proceder ao embalsamamento, falleceu meu filho!

«Seu filho Thomas! — exclamei — aquelle que nasceu em Berlim quando o senhor era addido militar na Allemanha?»

«Exactamente. Ordenei que o corpo de Thomas fosse levado para o necroterio, e colloquei-o na mesa contigua áquella em que se achava o Soldado Desconhecido.

Durante a noite, illudindo a vigilancia dos guardas e enfermeiros, e auxiliado por um dos medicos, troquei o corpo do heróe anonymo pelo corpo de meu filho. E foi assim, meu amigo, que eu tive o consolo e a gloria de ver meu filho recebendo homenagens extraordinarias de reis e principes. A Inglaterra em peso levou flores e lagrimas ao tumulo do meu querido Thomas.

E, entre as ruínas das velhas trincheiras, onde tantos bravos haviam perecido gloriosamente, eu fiquei, algum tempo, a meditar sobre as consequencias incalculaveis, daquella verdade espantosa, incrivel e monstruosa!

«O Soldado Desconhecido Inglez é... allemão».

(Tradução do Inglez pela senhorita Maria Helena Milliet).

çamento de aviões. Aproximando-se do porto de destino, de accôrdo com seu raio de acção o avião voará, diminuindo assim o tempo para entrega de correspondencia. Ainda mais: o avião pôde sahir depois do paquete e ir alcançal-o levando correspondencia e mesmo algum retardario.

(Revue Maritime — Maio, 926).



O canal de Nicaragua

Cogita-se da abertura de um canal ligando o mar das Antilhas ao Oceano Pacifico, através da Republica de Nicaragua.

O augmento do trafico no canal de Panamá attingirá, dentro em breve, o maximo de possibilidade, o que mostra aos Estados Unidos a necessidade de um novo Canal. Os engenheiros americanos estudam o aproveitamento do rio São João, em Nicaragua, para o traçado da outra via de comunicação maritima.

Um tratado entre os dois paizes daria aos Estados Unidos favores especiaes, vindo de lá o capital preciso para a empreza constructora: além disso, a facilidade que obtem para que seus navios de guerra atravessem de um oceano para outro, no caso de obstrução do Canal de Panamá é de um valor inestimavel.

O canal, mais longo, exigirá para a travessia dos navios o quadruplo do tempo gasto para atravessar o de Panamá.

(Revue Maritime — Maio, 926).

JUSTIÇA



.....
 Para gaudío do Gaudío

DENTRE os mil e um espinhos desta vida maruja, que faz a inveja das melindrosas existe o mistér penoso de juiz das pequenas desavenças da existencia a bordo. (E não é precisamente o Direito do Commandante Olavo Viana que prepara a gente para isso).

O facto é que a jurisprudencia a bordo foge a todos os codigos, evita toda a systematização, paramenta-se do absurdo e do inesperado, tornando difficilima a tarefa de Salemão da rotina, com que o caveira de páo tem de fazer reinar a paz entre os miquimbys. Accresce a isso a nomenclatura offensiva, novo dicionario das familias, que apresenta os maiores insultos sob a capa das palavras menos injuriosas.

Não ha ainda na Escola uma cadeira de «*Technologia Naval Injuriosa*» nem se deu a um substituto de direito a tarefa de explicar o capitulo inedito do Digesto: *De jure navalis descompondi*.

Lacunas formidaveis que põem em mãos lenções todos os pretenciosos *qualys rabudos*, que pavoneiam pelo convez o exterior importante de quem ainda traz no bestunto as aulas de Mecanica e as apostillas de Balística.

E é tal a apparencia inoffensiva do vocabulario marujo no capitulo descompostura, que não tenho receio de ser comprehendido pelas familias fixando aqui um dos mais communs dialogos da vida de portalo a dentro.

Scenario: convez a ré; hora da baldeação; lona e areia; mangueiras, botas e resfriado.

Tempo bom: Céu limpo, mar tranquillo.

Personagens: Ascendino Maria da Conceição, fiel da aguada; José do Nascimento Patrocínio, grumete avesso ao serviço; o Caveira de páo, personagem anonymo, encarregado do presente inquerito; ponto, eu servindo de escrivão, que o... escrevi.

O primeiro: — Prompto seu tenente. Trouxe este grumete, que me respondeu de modo rebarbativo. *Tá sempre se escamando da bardeação.*

O segundo: — Dá licença, seu tenente...

O terceiro: — Espere! Tire a mão do bolso! Perfile-se! Endireite essa camiseta!... (aqui o caveira de páo julga de seu dever fulminar o infeliz miquimby do alto das suas botas legalmente constituídas em pilar da auctoridade. Depois, para o fiel da aguada): — Explique-se seu Ascendino. Que foi que elle fez?

O primeiro: — Saiba vossa senhoria que este *home martratou o meu morá* com palavras rebaixativas, porque eu topei com elle escamado no porão da quarta.

Ahi eu disse p'ra elle *vim á torda cummigu*. Elle ahi se *arrebarbou* todo e disse que não vinha...

O segundo: — *Menas a verdade, seu tenente...*

O terceiro: — Cale a bocca! Já lhe disse! Primeiro fala um só! Continua, Ascendino.

O primeiro: — Eu então *cumo a phrasea* deste indigitado era contraria ás *leses da oligarchia militá*...

O terceiro: — *Oligarchia não, Ascendino;* hierarchia é que você quer dizer. Mas vamos a deante...

O primeiro: — Pois é isso *memo*, seu tenente. Eu então preveni a elle que ia *levá*

que não é por mim, mas, a rotina é clara; *tá* escripto no código *pená* que o grumete tem de *arrespitá* os primeira classe nem que seja *perciso empregá* a physica. Eu não tenho nenhuma nota na *Cardaneta* e não posso agora *enrascá* por causa de um «*boi de biccó*».

O segundo: — Seu tenente, elle *tá* *fantando* á uma mentira: eu não sou «*boi de biccó*»; eu sou quinze *mi*...

O terceiro: — Você está com cocega para ir ver de perto o livro de castigo. (aqui já se evidencia a parcialidade do caveira, que parece querer derreter sob o fulgor da auctoridade a consciencia infinitesimal do miquimby).

Mas afinal, seu Ascendino, que foi que este grumete lhe disse?

O primeiro: — Vossa Senhoria me desculpe, mas as offensa que elle me disse, eu não posso *repeti*, não *senhô*. Só si vossa senhoria *dé* licença...

O segundo: — Seu tenente, este individuo...

O primeiro: — *Tá* vendo vossa senhoria? Eu não sou individuo...

O terceiro: — (ainda procurando tomar pé no enrascado caso judiciario) — vamos ao caso, (para o miquimby) conte como foi isso...

O segundo: — É *simpres* seu tenente. Eu tinha ido ao porão da quarta *buscá* um pedaço de lona p'ra *bardeação*. Foi quando appareceu o *fié* daguada gritando *cummigu*. Seu commandante nunca gritou *cummigo* e eu não sou nenhum *vaquêro*. Fiquei enfezado e disse a elle que fosse *gritá* na casa delle. Elle ahi me *chamô* de *gaiato*. O senhor sabe...

(O tenente não sabia nada disso e portanto...).

O terceiro: — Basta de conversa! Que é que você diz a isso, Ascendino?

O primeiro: — É verdade seu tenente, mas elle primeiro *insurtou* a minha *morá*...

O terceiro: — Mas afinal de contas, que foi que elle disse?

O primeiro: — Com licença de vossa senhoria, elle me chamou de diabo...

(Pausa comprometedora da posição falsa do Salomão *madé in Gecoland*. O tenente, que ignora as bellezas do vocabulario insultuoso de gurupés acima não sabe mais para que lado pende a balança da deusa cega. Uma unica solução se apresenta, solução certa desde que Adão sentou praça na Escola de Sagres: dar mão forte ao mais antigo e mandar embora o grumete com um conselho a mais e uma illusão a menos).

O terceiro: — Está bem, seu Ascendino, vá dirigir a baldeação (severo).

E você, seu Patrocínio, não tem vergonha de maltratar um companheiro, que além de tudo é mais antigo e tem direito a uma certa consideração? Como é que você vae chamar o outro de diabo? Você não vê que isto é uma cousa feia, a falta de camaradagem a bordo?

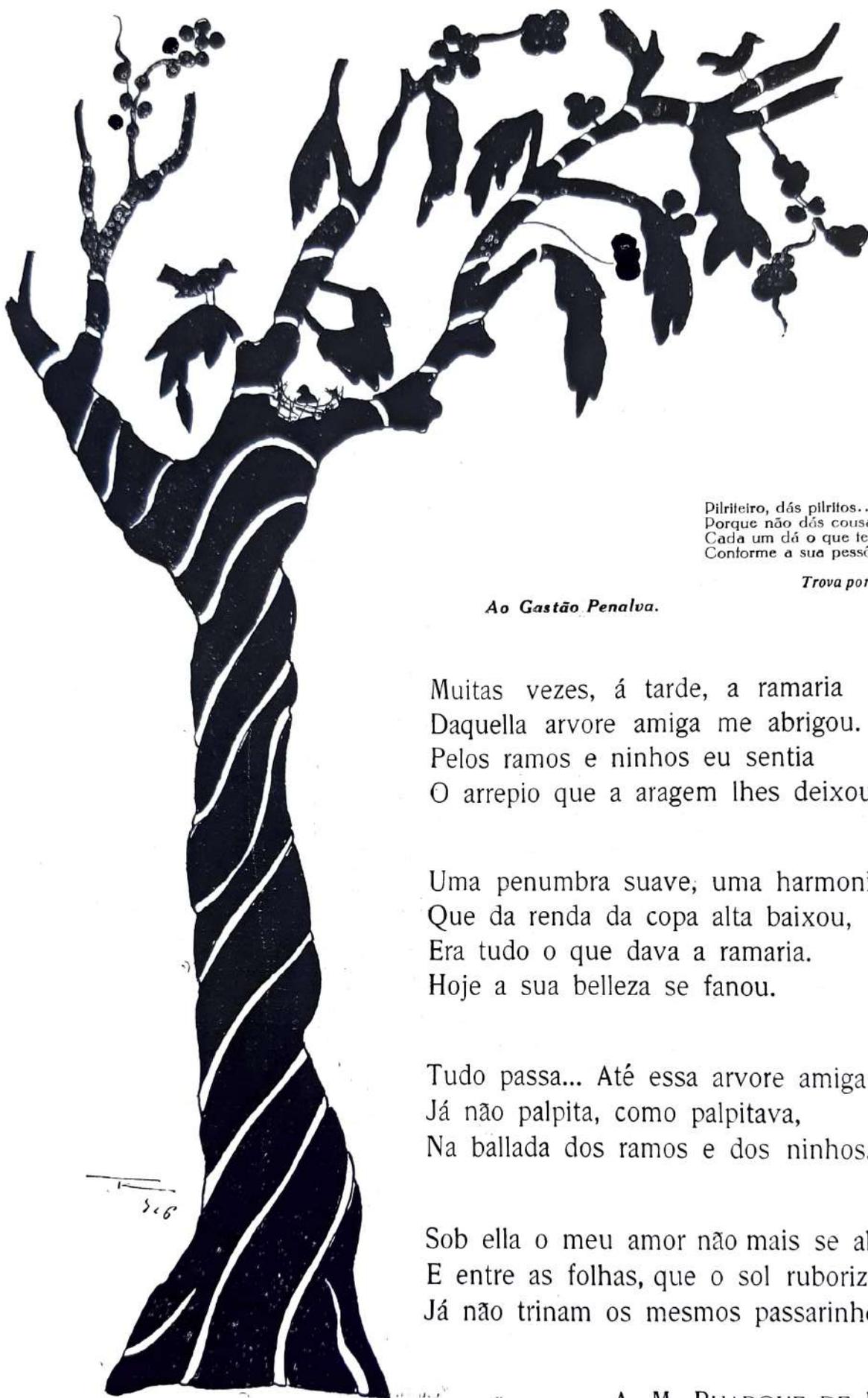
A gente não chama de diabo a ninguém! isto é uma cousa de educação religiosa de cada um.

Você não é catholico?

O segundo: — Não *senhô*; saiba vossa senhoria que eu sou da guarnição do quarto *escalé*...

(Cae a vela ré sobre o tenente inteiramente succumbido...).

O. C.



Pilriteiro, dás pilritos...
 Porque não dás cousa boa?
 Cada um dá o que tem
 Conforme a sua pessoa.

Trova portuguesa.

Ao Gastão Penalva.

Muitas vezes, á tarde, a ramaria
 Daquella arvore amiga me abrigou.
 Pelos ramos e ninhos eu sentia
 O arrepio que a aragem lhes deixou.

Uma penumbra suave, uma harmonia,
 Que da renda da copa alta baixou,
 Era tudo o que dava a ramaria.
 Hoje a sua beleza se fanou.

Tudo passa... Até essa arvore amiga
 Já não palpita, como palpitava,
 Na ballada dos ramos e dos ninhos.

Sob ella o meu amor não mais se abriga,
 E entre as folhas, que o sol ruborizava,
 Já não trinam os mesmos passarinhos.

A. M. BUARQUE DE LIMA.

Naufragio da corveta "Dona Isabel"

Neste seculo de progresso de electricidade e de grandes emprehendimentos nas construcções navaes, o navio de guerra, com as suas machinas possantes, radiotelegraphia, e todos os aperfeiçoamentos que a marinha moderna possui, tornam-se as viagens rapidas e agradaveis; e nunca se fica inteiramente isolado de terra.

Como era differente o tempo dos nossos avós, o tempo da marinha a vela!

Nós, filhos do progresso, acostumados ás grandes velocidades, imaginamos como seria difficil viajar-se no tempo da marinha antiga, quando o navio partia, e ficava mezes entregue aos caprichos do mar, isolado completamente de terra, sem poder mandar noticias, nem recebê-las!

Como devia ser triste uma viagem assim! E que soffrimento para os entes queridos que ficavam em terra!

Os officiaes da marinha antiga porém não receiavam as longas travessias a vela, eram habéis navegadores, e estavam acostumados á rude vida do mar.

Não mediam sacrificio para que o nome do Brasil fosse conhecido e o seu pavilhão fluctuasse em todos os mares. E assim, todos os annos partiam elles, nos seus navios, — **só a vela** — em longas viagens a paizes estrangeiros!

Nos tempos antigos, havia particular cuidado para que annualmente os Guarda-Marinhas (1) fizessem sua viagem de instrucção.

Não se podia admittir que, concluido o curso da Escola Naval, o jovem official não fizesse uma longa viagem a paizes estrangeiros, para acostumar-o ao mar, e para que puzesse em pratica o que teoricamente sabia.

Ao mesmo tempo, viajando, visitando estabelecimentos navaes, fabricas, etc., completavam a sua educação de official de marinha.

Assim, todos os annos, no mez de Dezembro, acabados os exames e promovidos a Guarda-Marinhas, embarcavam os jovens officiaes num navio préviamente preparado para este fim.

E todos os annos, nos ultimos dias de Dezembro, deixava o porto do Rio de Janeiro, a turma dos novos Guarda-Marinhas.

Quasi sempre, devido a serem muito longas e demoradas as viagens a vela, quando um tinha regressado ao Rio.

Sempre estas viagens corriam com a maior felicidade, e affrontando mares, ora tempestuosos, ora bonanzosos, regressavam depois de um anno ou mais de ausencia aos seus lares.

Quiz a sorte, porém, que pela primeira vez acontecesse uma desgraça; e a Corveta «Dona Isabel» que levava a turma de Guarda-Marinhas, de 1859, em viagem de instrucção, naufragou, quando regressava ao Brasil, marcando assim uma data lutuosa na nossa marinha de guerra.

Vamos recordar esse triste acontecimento.

No fim do anno de 1859, preparava-se a Corveta «Dona Isabel» para fazer a viagem de instrucção.

O Ministro da Marinha, José Antonio Saraiva, tinha já mandado ordens a nossa Legação

em Londres, para que em todos os portos, que a corveta tocasse nada lhe faltasse, provendo-a de dinheiro e facilitando tudo, para que os Guarda-Marinhas aproveitassem em sua instrucção.

Era commandante da Corveta o Capitão Tenente (1) José Bento de Carvalho, um dos officiaes mais distinctos do seu tempo, o herói do ataque a Laguna, e a Pernambuco. Tinha um nome feito na marinha, e o peito coberto de medalhas de merito. Era irmão do Almirante Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhauma.

O immediato era o 1.º Tenente J. Mendes Salgado, e encarregado da instrucção dos Guarda-Marinhas o 1.º Tenente Caio Pinheiro de Vasconcellos.

A Corveta «Dona Isabel» tinha que tocar nos portos de Pernambuco, New York, Angra, Horta, Ponta Delgada, Lisboa, Porto, Vigo, Plymouth, Portsmouth, Cherburgo, Ostende, Antuerpia, Havre, Marseille e Lisboa.

No dia 22 de Dezembro de 1859, a Corveta se balançava garbosa e faceira pela viação da brisa, e ás 10 horas da manhã, quando um vento fresco rugava a superficie das aguas, do seio do Oceano levantou-se a ancora.

A Corveta ergueu a cerviz, como livre de um jugo; centenares de corações que assistiam á partida palpitarão, e o pavilhão nacional fluctuou orgulhoso no penol da carangueja.

Era a hora da partida!

Pelas praias se apinhavam as familias, as lagrimas arrazavam muitos olhos, e os lenços se agitavam no ar, mandando os adeuses da despedida!

E, vagarosamente rebocada, ia a Corveta sahindo, acompanhada pelos corações dos que ficavam!

Lá fóra da barra as velas brancas des enrolaram-se das vergas, e a Corveta partiu, levando uma pleiade de officiaes jovens, distinctos e cheios de esperanças no futuro.

Iam saudosos dos entes queridos que deixavam, porém, animados com a viagem que iam fazer, e entusiasmados a pensar nos bellos e adiantados paizes que iam visitar.

Os que ficavam, estes sim, ficavam cheios de saudades e apreensões, pensando que o mar, a quem elles iam se confiar durante tanto tempo, é um amigo muitas vezes falso e trahidor!

Acompanhada de saudades e cheia de esperanças — partiu a Corveta!

Com feliz viagem, chegou a Pernambuco, e em Março já estava em New York.

No dia 11 de Abril de 1860, os officiaes e a guarnição portaram-se com um valor extraordinario num incendio que houve na Galera «Jacob Westerwall» e o Herald, jornal publicado em New York, refere-se a elles no seu numero de 12 de Abril, do seguinte modo:

«Um dos mais interessantes e satisfactorios incidentes, que nesta occasião se deram — facto que deveria fazer corar de vergonha a certa classe de officiaes do nosso paiz, por terem tão tarde offerecido a esses estrangeiros, a hospitalidade que elles tanto merecem — foi a prompta chegada e efficaz auxilio dos officiaes e marinheiros da Corveta

(1) Escrevo a palavra no plural de accordo com os grandes mestres da lingua portugueza Candido Lago e Gonçalves Vianna.

brasileira «Dona Isabel», presentemente no nosso porto.

Apenas tinha se feito o signal de desastre, e já tres lanchas contendo mais de 50 homens, sob as ordens do Capitão Tenente Bento José de Carvalho, estavam em caminho para o lugar do sinistro.

Traziam duas bombas de mão, com as quaes no principio do incendio fizeram um excellentes serviço, demonstrando uma calma admiravel e grande bravura. Depois, quando se pôde aproveitar o auxilio de grande quantidade de botes e embarcações de reboque que accudiam, tornaram-se os brasileiros uteis por diferentes maneiras, atirando-se com denodo no meio do maior perigo. Ora desciam ao porão, ora subiam por entre o apparelho do navio, salvando cargas, cortando as velas, ajudando em toda a parte; em uma palavra trabalhavam como heroes, alli onde julgavam valiosos seus serviços.

A uma hora avançada do dia, quando compareceu a companhia de engenheiros n.º 20, só com alguns ajudantes para por em movimento seu mecanismo, os brasileiros lançaram mãos dessas bombas, e por espaço de mais de 3 horas, posto que numa posição nova para elles, mantiveram com firmeza os jorros d'agua sobre o fogo, prestando assim os melhores serviços do dia.

Estes heroes eram commandados por seu Commandante, 15 officiaes o mestre Antonio Joaquim e 60 marinheiros».

Em New York, a Corveta entrou para o estaleiro, para revistar o fundo, reparal-o e forrar de novo.

Durante o tempo que passaram em New York, os nossos officiaes despertaram elogios por onde passavam, e antes de partirem, a cidade de New York concedeu ao Commandante e officiaes o titulo de — cidadão americano. E assim, deixando atraz de si um rastro luminoso de bravura e heroismo, partiu a Corveta em demanda das terras européas.

Depois de percorrer diferentes portos da Europa, estava a Corveta em Marseille, quando o Commandante teve ordem de ir a Napoles, então em plena revolução, e trazer a Princesa Januaria, seu marido o Conde d'Aquilla e os principes seus filhos.

A commissão era difficil e arriscada, foi porém, desempenhada com a maior felicidade, e o Commandante teve o prazer de collocar a princesa e sua familia no sólo francez.

A viagem tinha sido uma viagem gloriosa e feliz; o pavilhão brasileiro tinha tremulado nos mares Americanos, e em Marseille se tinha feito conhecer, salvando das ondas um navio hespanhol, e um francez, prestes a sossobrar.

Tudo parecia indicar que a gloria de Bento José de Carvalho se agigantava, e que sobre sua cabeça cahiam as saudações dos povos estrangeiros.

E, para elles, alegre souu a hora do regresso á Patria.

No dia 30 de Outubro, por entre as manifestações de amizade do povo francez, deixaram Marseille com rumo a Lisboa.

Iam felizes, só pensando na Patria, ignorando que iam a caminho da morte.

E no dia 11 de Novembro, ás 9 horas da noite naufragou a Corveta, na costa da Barbaria, seis milhas ao sul do Cabo Spartel, perto de Carger, perecendo no naufragio o Commandante, 6 officiaes, 11 Guarda-Marinhas, 2 medicos, 1 escrivão, 1 pharmaceutico e 123 marinheiros. Salvaram-se 3 officiaes, 4 Guarda-Marinhas e 91 pessoas da guarnição!

No Rio de Janeiro tudo se ignorava devido a difficuldade de communicações. Só no dia 19 de Dezembro com a chegada do navio francez «Extremadura», que trazia os naufragos, foi que se veio a saber da grande desgraça!

Foi uma tristeza e luto geral! No dia seguinte o Jornal do Commercio publicou uma carta do 2.º Tenente Marques Guimarães «mais tarde Almirante» narrando como se tinha dado o naufragio, carta que por falta de transporte veio no mesmo navio que elle. Transcrevemos aqui alguns trechos da carta:

«No dia 30 de Outubro ao amanhecer deixamos a reboque Marseille, levando a bordo o nosso Consul, a bôa distancia do porto, quando o Consul passou para a embarcação que nos tinha rebocado, demos uma salva de despedida, mal sabiamos que era a ultima vez que faziamos resoar o ribombo dos nossos canhões.

«Depois maréamos o panno e seguimos com ventos bonancosos a demandar o Estreito de Gibraltar com destino a Lisboa. Navegava a Corveta docemente nas aguas do Mediterraneo, quando no dia 10 de Novembro ao amanhecer, a voz do gageiro annunciava terra de um e outro lado da prôa. Distinguia-se perfeitamente as terras N. e S. do Estreito de Gibraltar, e uma doce brisa de N. E. nos impellia para fóra. Em frente a *Tariffá* cahiu o vento pelo W S W com regular intensidade! Metteram-se dentro os cutelos, ferraram-se os sobres, e com todo o panno mais começamos a bordejar para sahir do Estreito, tendo em vista alguns 12 navios que, como nós, pretendiam sulcar o Oceano.

Ao anoitecer demos a ultima bordada, pouco depois montamos o Cabo Trafalgar, e seguimos no bordo do Norte, sendo a Corveta o unico navio que venceu a correnteza do Estreito. Ferram-se os joanetes, metteram-se as gaveas nos primeiros por ter refrescado bastante o vento, e ás 11 horas foram ellas aos segundos rizes, perdendo-se antes o traquete e vela d'estaes, que foram logo substituidos, fazendo o Commandante toda a força de vela possivel para barlavento, afim de fugir da costa de Hespanha. A meia noite já luctavamos com uma tempestuosa travessia de W S W, e era tal a força com que puxavamos que constantemente se reparavam avarias no apparelho.

A's 3 horas da madrugada perdemos as gaveas, e só ao amanhecer se pôde envergar outras que se rizaram nos terceiros; continuamos a puxar ousadamente. O tempo continuava ameaçador, o mar agitando-se cada vez mais; e o navio recebendo repetidos aguaceiros impetuosos, tudo isso tornava perigosa a nossa posição; as 5 horas reuniu o Commandante em conselho os officiaes, e ouvindo a opinião de todos, resolveu-se continuar a fazer toda força de vela, e se o vento não abonançasse,

mesmo bordo, e se o vento não abonaçasse, poder fazer uma arribada a Cadix, que em tal posição era o ultimo recurso. Em taes circumstancias continuamos a navegação, tomando-se as 10 horas da manhã com grande dificuldade e incerteza algumas alturas, para o chronometro. As 10 e 30, chamando-se o vento para W 2.^o quartas, resolveu o Commandante virar no bordo sul, por ser menos perigosa esta amura, como tambem o tempo não clareasse, e deste modo não se poderia reconhecer terra.

Ao meio dia as alturas meridianas dos melhores observadores combinaram entre si, e collocados na carta os ponto observados e estimados, entrando em calculo com as correntes para o Estreito, ficamo-nos na posição do navio.

Reunii novamente o Commandante o conselho de officiaes, e deliberou-se em opinião geral, entrar o Estreito de Gibraltar, e procurar na bahia deste nome um abrigo seguro. Foi esta a ultima decisão, e nem podia haver outra, pois fugir da costa era impossivel com tal temporal, que ameaçava derrubar a mastreação, contudo ainda puxamos com as gavesas nos terceiros, papafigos em baixo e mezena, não levando panno algum a prôa para ter sempre o navio a orça. Estavamos entre Cadix e o C. de Trafalgar.

As 6 horas prumou-se em 100 braças e não se achou fundo, ás 6 e 1/2 achou-se 75, ás 7 horas 110 braças, e examinando a qualidade do fundo combinava a sonda com o ponto em que nos suppunhamos achar, isto é algumas milhas ao norte do paralelo 36^o, porém tal era a força com que corriam as aguas que já sondavamos o sul do Estreito. Continuamos a orça. O Commandante tomando energeticamente o catavento manobrou do modo seguinte:

«Carrega a vela ré, e vela grande..... contro, alla, braços ao redondo... carrega o traquete... E. S. E. e o canunho, era então o vento W, para W S W e seguimos — achavam-se os officiaes em seus postos, e de vez em quando ouvia-se a voz do official de quarto que chamava a atenção do homem do leme para as continuas serras do mar que se erguiam pela pôpa como querendo de um só golpe tragar o navio. Era uma corrida medonha!

Cheios de esperanças, assim seguimos, corridos por terrivel temporal, quando ás 9 horas uma forte pancada annunciou estar o navio em um escolho — A **bombordo o leme**, grita o commandante, orça... orça... caça a vela ré ala braços á bolina... amarra papafigos..... orça... orça!

Era já impossivel sahir do perigo, estavam perdidos, e, ao clarão dos relampagos, distinguira-se o vulto energico do Commandante sempre no seu posto, e via-se uma nuvem negra que parecia terra.

O navio atravessou-se immediatamente e as vagas, que o cobriam até o cesto da gavea, apoderam-se d'elle fazendo-o em pedaços, em 30 ou 40 minutos.

Subi ao meio da enxarcia do mastro da *gata* para livrar-me do mar, e pouco depois colloquei-me no cesto da gavea, por ver que mesmo ahi corria risco de vida. Já todo o costado de barlavento estava em pedaços, achando-se já em

baixo o mastro grande, que, ao cahir, causou a morte de grande numero de marinheiros e officiaes que se tinham agarrado ás enxarcias; pouco depois cahiu o do traquete, que se não partiu, mas sim arrancou o fundo do navio, morrendo tambem nesta ocasião muitos marinheiros que estavam á prôa e não puderam passar á ré.

No meio dos gritos e da confusão, ouviu-se a voz de um imperial marinheiro que, havendo enlouquecido, desafiava e ameaçava com uma faca em punho seus camaradas; esse infeliz precipitou-se no abysmo.

Era um quadro horrivel!... Uns bradavam soccorro, outros chamavam por seus filhos, por sua mulher, por sua mãe, alli um Guarda-Marinha beijava um retrato que trazia ao pescoço; e outros despediam-se dos objectos mais caros que possuíam, outros, enfim, soltando gritos agonisantes, pareciam lutar com a morte e ceder á sua ferocidade!

Quando o mastro começava a perder os cabos que o seguravam, descí ao tombadilho e pouco depois cahiu elle, arrastando consigo os infelizes que estavam seguros á enxarcia, e supponho não terem descido receiando serem arrebatados pelas ondas, restando ainda os que se achavam em baixo.

Colloquei-me então nas mezas de enxarcia e amarrei-me com um cabo á forqueta de ferro, alli supportei por algum tempo os repetidos golpes do mar, que, cobrindo todo o tombadilho, me impediam de respirar.

Desfez-se todo o navio, restando sómente a pôpa até á altura do mastro da gata.

Gritei então para todos que se achavam dispersos, que procurassem o tombadilho, o que fizeram alguns, tentando outros fazerem o mesmo, o que não conseguiram, por ser a força do mar superior ás suas, ou a isso obstatarem os pedaços do navio que, com grande força, jogavam de um para o outro lado.

Agarrado a este pedaço de navio, com 4 Guarda-Marinhas e 40 praças luctamos com as ondas toda a noite; esperando a morte a cada momento. Cansados de esperar pelo dia e expostos ainda ás ondas, notamos que o tombadilho ia ficando rapidamente em secco, pelo que mandei saltar um homem em terra examinar a passagem, e este gritando que estavamos numa praia bordada de mattas, saltamos com agua pelo joelho dando graças a Divina Providencia, por nos ter conservado a vida.

Começaram a apparecer os primeiros raios de luz do dia 12, e reunindo-se os salvos vivos que eramos 3 officiaes, 4 Guarda-Marinhas, o mestre, 1 enfermeiro, e 90 pessoas da guarnição. Dos mortos só appareceram 4 cadaveres, não os podendo enterrar por falta de ter com que cavar a terra cobrindo-os de areia, com o coração cheio de tristeza e saudade».

Com frio, fome e sede, muitos feridos, seguiam os naufragos atravez daquellas inhospitas terras africanas, sempre receiosos dos selvagens que naquella época, ainda havia muitos.

Antes de partir — Antonio Joaquim, o mestre da Corveta, que durante as horas que precederam o naufragio portara-se como heroe, procurou recolher o que tinha pertencido

ao seu Commandante, e assim de uma commoda que tinha dado á praia e que elle reconheceu como do seu chefe, retirou todos os objectos que poude, e mais 75 libras, um trancelim de ouro com medalha, uma caixa de ouro cravejada de brilhantes (presente de Conde d'Aquilla ao Commandante) De posse destes objectos, e mais da espada do Commandante, veio elle caminhando, trazendo com o maior desvelo aquellas lembranças preciosas; apezar de extenuado e morto á fome, mostrando assim que em todos os tempos sob a rude jappa do marinheiro palpitam corações leaes e dedicados.

Durante a caminhada, deram-se verdadeiros actos de heroismo, aqui um Guarda-Marinha que carregava um Imperial marinheiro que tinha quebrado a perna, e alli marinheiros que transportavam um official ferido, todos se auxiliavam.

Chegaram enfim os naufragos a uma esplanada, onde encontraram um acampamento de Mouros, e com palavras hespanholas e inglezas se fizeram entender do chefe dos Mouros, pedindo-lhe abrigo, e um proprio para mandarem a Tanger. Tendo conseguido, enviaram um Mouro com um bilhete ao Consul inglez, pedindo auxilio, e collocando-se sob a protecção do governo inglez. No dia seguinte chegou o Consul, com cavallos e ordem do ministro inglez para conduzir os naufragos a Tanger e auxilia-os em tudo o que fosse preciso.

Chegaram a Tanger, onde foram bem alojados, e os doentes tratados, tendo o ministro inglez sido incansavel.

Alguns dias depois, chegou a Tanger a Corveta ingleza «Argus» que trazia ao seu bordo, o nosso Consul em Gibraltar, com ordem de conduzir os naufragos para Lisboa, onde ficaram durante alguns dias á espera do navio francez «Extremadura» que os trouxe ao porto do Rio.

No Rio de Janeiro vivia-se debaixo da maior dôr e luto geral. Em todos os lugares só se fallava do naufragio, os theatros fecharam, e o Imperador decretou luto nacional.

No dia 27 de Dezembro celebraram-se na Capella Imperial solennes exequias por alma dos naufragos. O Imperador assistiu fardado de Almirante trazendo fumo no braço, a Imperatriz trajava luto rigoroso; as familias dos naufragos occupavam a direita do Catafalco. Toda a Côrte, officiaes de terra e mar, ministros e representantes estrangeiros traziam luto.

As forças de mar formavam defronte da Igreja, e os navios salvavam em funeraes.

Ao finalizarem-se as exequias o Guarda-Marinha Villares, um dos naufragos, subiu a uma tribuna armada no centro da Capella, e emocionado descreveu o naufragio.

Do discurso do Guarda Marinha, extrahimos o que se segue:

«—E quando alegres nos deixavamos embalar pela doce lembrança da patria, sou a hora do regresso, a alegria expandia-se em todas as almas, em cada estrangeiro pareciamos ver um patricio e as proprias aguas do Mediterraneo osculavam com maior amor o costado da Corveta..

Passamos o estreito de Gibraltar, com o vento regular, e, seguindo ao norte a costa da Espanha, estabeleciamos um paralelo entre

nossa soberba costa cheia de montanhas viçosas de arvoredos, e estas penedias escabrosas que formam uma bigorna aonde vão quebrar com furia as ondas do mar espanhol.

A's 11 horas da manhã de 11 de Novembro o tempo declarou-se inteiramente contra nós e forçoso nos foi afrontar a morte, arribando em busca de um abrigo.

Reunem-se de novo os officiaes em conselho e como nos achavamos na latitude de Cadiz, passou-nos de leve pela imaginação este abrigo; mas o porto é inacessivel sem pratico, tornava-se forçoso abandonar esta ideia e lutar com as vagas, ventos e correntezas, transpor ainda uma vez o estreito, e procurarmos em Gibraltar uma segura guarida. As rajadas cada vez mais fortes desarvoraram nossas velas, e era embalde substituil-as que o mesmo destino as aguardava. A maior ordem reinava na Corveta. O 1.º Tenente Caio de Vasconcellos fazia com os demais officiaes, as observações necessarias, e o commandante, por si, e pelos officiaes, com os dados das observações, determinava a posição do navio.

Todas as verificações feitas, concluiu-se que estavamos ainda ao norte do Estreito, mais algum tempo de navegação na direcção que levavamos, e estariamos no paralelo do canal que, transposto, nos poria a salvo do perigo.

O denso e negro manto da noite nos havia envolvido, as vagas se extorciam com furia e partiam para nós como se nos quizessem tragar! A Corveta, porém, semelhante á gaivota que se esconde por um momento nas aguas, para d'ellas sahir victoriosa, fugia apressada, mas sempre orgulhosa.

O destino nos tinha condemnado, e inutil se tornavam todos os esforços «Terra!» grita o official que guardava a prôa. «Orça!» bradou incontinenti o commandante. Estavamos ao sul do Estreito, em cima de um banco, quasi na praia! A Corveta fez obediente o ultimo esforço e ainda conseguiu safar-se do banco; mas as azas lhe faltavam alquebradas e seu momento era chegado. O vento redobrou de furia, o mar arrojou-se de encontro ao misero navio e tres horriveis pancadas o atiravam inanimado sobre um monte de areia. O vento continuava a soprar. Os mastros da Corveta cahiam inermes sobre o convez, precipitando no meio do oceano, ou esmagando com seu peso, aquellas mesmas creaturas que ella carregava.

«Era uma agitação completa. Canhões, carretas, escaleres, remos, mastros, tudo se movia, como se todos procurassem a salvação!

O espaço se enchia de vozes. Aqui era uma prece, alli uma blasphemia, acolá uma lamentação, além a queda de um corpo que se lançava no abysmo!

E o mar da Barbaria não estava satisfeito! Chegava sua atrocidade ao ponto de tirar de nosso bordo os corpos dos nossos irmãos! Mas inda bem que as costas africanas, devem estar cheias de assombro pela nação brasileira, e que todo o furor das suas vagas vieram escutar a voz do commandante da naufragada Corveta, que, até o momento de desaparecer, portou-se com a maior coragem e energia possivel, animando a guarnição, e indicando os meios de salvação áquelles que desanimados entregavam-se

á sorte. E as ondas quebravam-se aos seus pés sem ousarem arrancal-o do cumprimento do último dos seus deveres — Tinha sido um heróe ao sibilar das balas, e heróe se mostrava diante dos elementos em furor!

Ao terminar o Guarda-Marinha Villares, a sua emocionante narração, todos os assistentes estavam verdadeiramente commovidos; ouviam-se soluços, e a Imperatriz não escondia as lagrimas que corriam pelo seu bondoso rosto.

No dia seguinte, o Imperador recebeu em audiência especial os naufragos, conversando com elles demoradamente; e sabendo que Antonio Joaquim mal chegara ao Rio, correu á casa da familia do seu Commandante para entregar fielmente tudo o que trazia, quiz o Imperador recompensar tanta lealdade, e dias depois recebeu Antonio Joaquim das mãos do ministro da marinha, um bello relógio e corrente, no qual tinha gravado: «Pedro 2.^o á Antonio Joaquim — 11-11-1860».

A princeza Isabel, patrona da Corveta, tomou verdadeiro interesse pelos naufragos, e durante todo o tempo da Monarchia dispensou-lhes especial protecção.

Um dos Guardas-Marinhas sobrevivente, tinha sina de morrer de naufragio, era o Guarda-

Marinha Fernando Xavier de Castro, que veio morrer 30 annos depois como Mar e Guerra, commandante do *E. Solimões* que naufragou no Cabo Polonio. O Ministro da Marinha, mandou pagar aos naufragos, tanto officiaes como marinheiros 3 mezes de soldo.

Sendo a «Galera» um jornal de Aspirantes, achamos justo recordar aqui este triste acontecimento da marinha a vela, da marinha antiga; passado com uma turma de Guarda-Marinhas, e com um punhado de officiaes, bravos valentes e corajosos; acontecimento que tanto impressionou os nossos avós, e encheu de tristeza, não só a marinha, como a todo o Brasil. E lembrando-nos dos factos heroicos dos nossos antepassados na Marinha — diremos como Rouget de l'Isle:

«Nous entrerons dans la carrière
Quand nos aînés n'y seront plus,
Nous y trouverons leur poussière
Et la trace de leurs vertus».

Aspirante.

SIRGUEIRO

Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida

Artigos em deposito : Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance e casemiras inglezas e francezas. Erins brancos — diversos fabricantes — estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

Vendas por Atacado e a Varejo

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encommendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, keps, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

O MAR

(INEDITO)

Eil-o inquieto... o dorso alevantado,
Espanejando a cauda desmedida,
Por ser tamanha a ira que contida
Traz no peito de bronze não forjado.

Ha dias já que a ansia repetida
De sahir desse berço eternizado
O fez assim: de olhar convulsionado,
Cheio de ira e maldição sentida.

Ha longos seculos, elle, magestoso,
Sem ter siquer um dia de repouso,
Procura um leito para as suas vagas.

Mas, sendo embalde, o velho mar se irrita,
Impréca, e ruge em maldições... e grita,
Lança, espumeja vomitos e pragas!

JOAQUIM THOMAZ DE PAIVA.

Do "Jerusalem"

SONETO

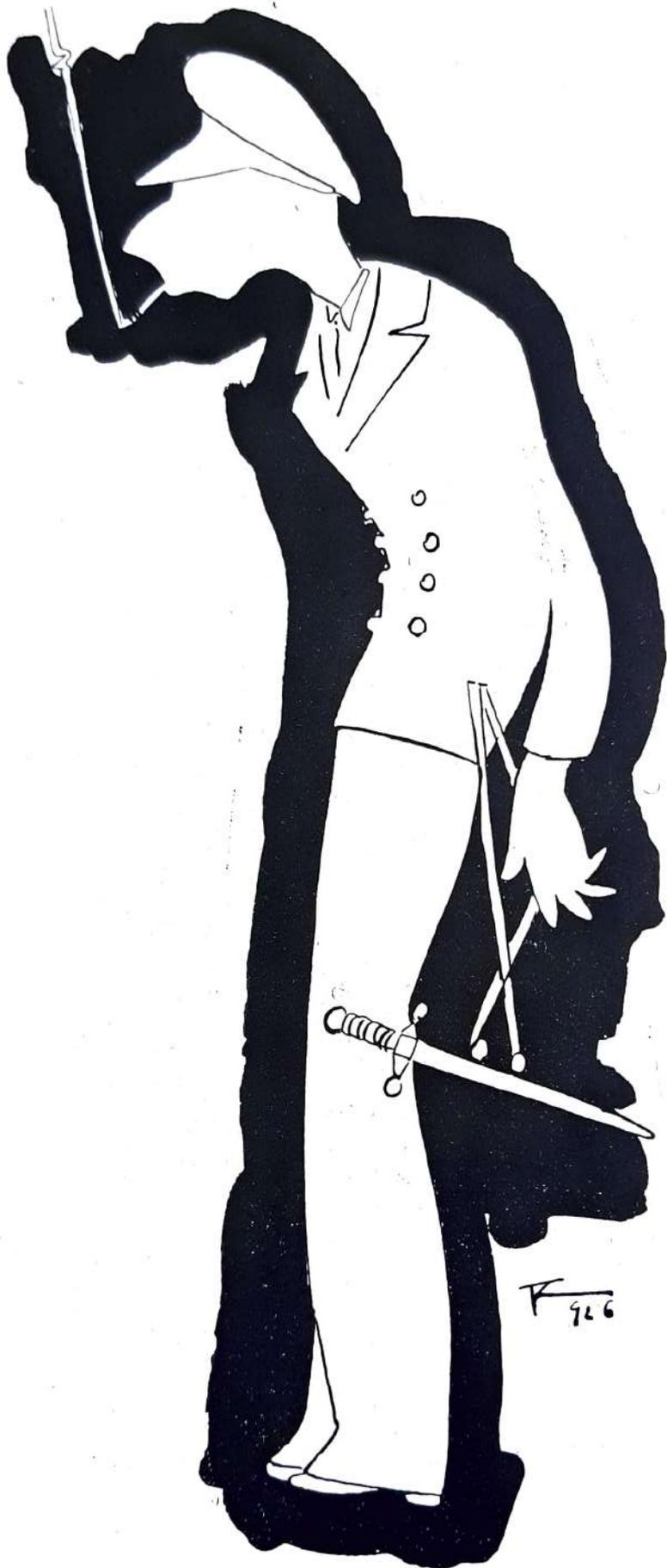
Jesus expira, o humilde e grande obreiro.
Sobem já pela cruz acima escadas,
E, nos cravos varados no madeiro,
Os malhos batem, cruzam-se as pancadas.

Soluça o choro em torno; as mãos primeiro
Inertes, caem no ar dependuradas.
O rosto oscilla, verga o torso inteiro
Nos braços das mulheres desgrenhadas;

Soltam-se os pés, augmenta o pranto e a queixa;
Só Magdalena com o ouro das madeixas
Limpa-lhe a face que de manso inclina;

E no meio da lagrima mais linda,
Com o dedo abrindo a palpebra divina,
Busca ver se elle a vê beijando-o ainda.

LUIZ DELFINO.



F 926

R. G.

EM PROL DOS PESCADORES

A. M. Buarque de Lima

Deante do sinistro de Cabo Frio não pôde permanecer indiferente o coração brasileiro. Mais de duas dezenas de pescadores acabam de perecer no mar alto, para onde largaram a despeito das ameaças do temporal inevitável, que parecia preveni-los pelas nuvens que algodoavam o horizonte, numa imagem do luto em que hoje choram creancinhas sem pae e sem pão. Não é estranha a esse desastre, antes eu a associo a esse crime, a indignancia immerecida dessa gente, á origem da qual tenho alludido varias vezes destas columnas. Estão na miseria, talvez na mendicancia, as familias desses heroes anonymos, desses obreiros infatigaveis e esquecidos. Daquelles que lhes exploraram os chefes, que lhes desgraçaram a vida, que lhes amarguraram os dias, numa expectativa ansiosa e louca, numa recompensa avara e criminosa, numa rapina impudente e impune, desses não lhes virá de certo o lenitivo de um obulo. A caridade não floresce nas corações azinhavrados; o mesmo Jesus, na sua indulgencia infinita, só os julgou dignos de chibatadas, inacessiveis á bondade, impermeaveis á pregação, insensiveis á dor. Não havia de ser essa, soluçada bem longe dos seus ouvidos, que os moveria á piedade. Mas os pobresinhos não ficarão ao desamparo. A Confederação Geral dos Pescadores appello para a caridade publica. Bemditos os que deixarem um obulo, por modesto que seja, na sacola dos mendigos.

Não se trata de realizar festivaes, desses em que a esmola é o pretexto e o cabotinismo é o fim; não se vão conformar desgraçados ao som de um «jazz-band»; não se conta com o prestigio de uma lisonja ao estrangeiro; não se irão abiscoitar francos, nem dollars, nem libras. Visa-se uma classe de luctadores homericos, em torno de cujos lares deve ondear a sympathia publica, como em volta ás suas naus ondearam até ha pouco as vagas que hoje os sepultam.

Uma vez referi, falando dos jangadeiros, o meu orgulho de patriota deante da audacia inacreditavel desses caboclos de fibra. Eu já lhes conhecia de creança o animo intemorato e aventureiro. Pois esse entusiasmo sinto-o reproduzido todos os dias, pelos seus irmãos da Guanabara, no enxame de pirogas que mosqueiam a bahia, rumo ás angras em que se curva gracioso o littoral fluminense. Mas o anno passado é que os vi mais de perto, surprehendendo-os, como aos pescadores nortistas, num flagrante da existencia attribulada. Eu tinha emprehendido com alguns collegas um bordejo a Paquetá, e, como a viração escasseasse, arribamos, já noite, a uma das praias do Governador, de onde, apenas o terral começou a frisar a agua espelhada, reencetamos a.

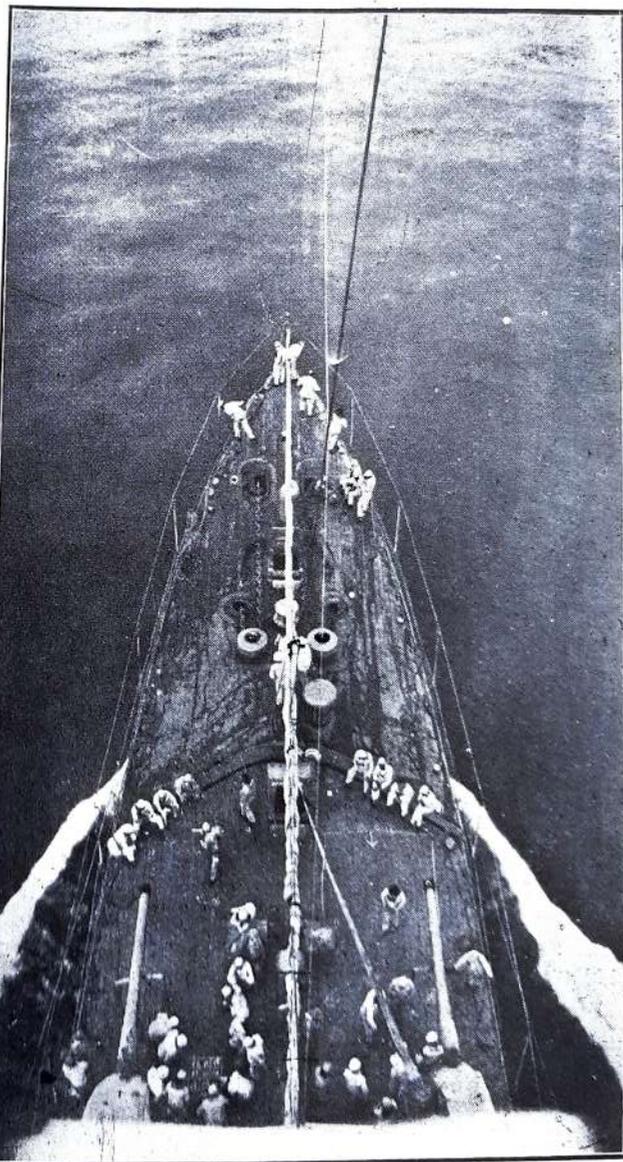
Uma neblina densa mal deixava perceber de perto o contorno indeciso das innumerables lages, espalhadas ao sueste daquella ilha.

Palpitava continuamente no ar o vôo nervoso dos mergulhões, e os gritos dos cardumes de bôtos ecoavam lugubrememente no silencio, apenas interrompido pelo resvalar suave do escaler. De repente, ouvimos uma toada longinqua, cantilena triste dos homens do mar, e, olhando na direcção em que se approximava, distinguimos na escuridão a pincelada branca

da véla enfunada. Era uma «piróga», mas dentro em pouco o canto extinguiu-se na distancia, a vela apagou-se na garóa. Aquelle barco esguio e fragilimo ia cumprir mais uma vez o seu fardario de lutas. Os outros tambem singravam áquella hora, caminho da barra. Singravam cantando, como os que agora desapareceram hão de ter singrado pela ultima vez as aguas desta bahia maravilhosa. Mas elles não tornaram aos fundeadouros improvisados em frente ás casinhas, de onde as familias e os companheiros debalde interrogavam o horizonte, esperando-os á hora costumeira do regresso festivo.

Fulminou-os o temporal que desafiaram. Nem um unico resquicio de saudade, nem um só fragmento de vida, ficou daquelles barcos, restou daquelles homens. Delles apenas a saudade no coração dos orphãos.

Para estes é que eu appello. Aos collegas, a todos os que me lerem, peço uma esportula para os desgraçados; receba-la-ei e dar-lhe-ei o destino conveniente. Deus saberá recompensar os bons que confortam os afflictos.



Fotografia da prôa do C. "Bahia", tirada do mastro, numa das suas experiencias.

DOCTRINA

(conclusão)

These apresentada pelo Capitão de Corveta Antonio Bardy á Escola Naval de Guerra em 1922.

CAPITULO VI

Doutrina e suas relações com a tactica

POSIÇÃO MAIS VANTAJOSA

No mar, bem como em terra, a conquista da posição mais vantajosa é o caminho da victoria.

Mas, se em terra, existem os accidentes terreno, os rios, os lagos e outros obstaculos naturais que concorrem para tornar bastante varia a condição dos combatentes, no mar, (onde não pode haver taes obstaculos e accidentes) quem os improvisa é o ingenho humano, creando — median'te a sabia utilização da velocidade na promptidão dos movimentos e, consequentemente, na astucia e na surpresa — situações especiaes que eu peço permissão para chamar elevações no mesmo plano — que a outra coisa não equivalem, no mar, as posições mais vantajosas.

«Mesmo no mar, diz Von Hase (1), ha luta de posições», «Mesmo no grande deserto d'agua, que é o mar, diz elle ainda, ha posições tacticas vantajosas que cada um dos adversarios quer occupar e conservar, no momento em que ambos se acham em contacto de combate, ou começa o duelo de artilharia».

Em que consiste, pois, a posição mais vantajosa? Em essencia, ella consiste em um avanço tal sobre o inimigo, que, desse avanço, resulte melhor utilização da artilharia (2) ou dos torpedos.

Exceptuado o caso dos submarinos, (caso em que tal avanço provem do aproveitamento de uma posição relativa accidental, ou previamente calculada) a posição mais vantajosa é uma questão de rapidez, quero dizer, velocidade.

Se é certo que algumas das posições mais vantajosas (as relativas ao sól, ao vento, etc.) não decorrem, essencialmente, da velocidade, todavia a manutenção dessa vantagem só della é que depende.

Von Bernhardt (3), falando a respeito da guerra naval, disse que «a velocidade é um factor que permite manifestar-se o talento superior do Chefe, no combate».

Ha uma caso especial de posição a que eu desejaria chamar de **posição absolutamente vantajosa**. É aquella em que um dos combatentes, valendo-se, ao mesmo tempo, da velocidade e do alcance dos canhões, destróe, impunemente, o inimigo, augmentando, a cada passo, a distancia de combate, emquanto que o outro em vão procura reduzi-la.

É o paradoxo do que vence, fugindo ao inimigo.

Exemplo: o Combate das Falkland.
De feito, o alcance dos canhões, como, de resto, o das armas de fogo de todos os tempos, obedece a um proposito immutavel: combater muito longe do inimigo.

«Combater de longe, diz Ardant du Picq (1) é natural ao homem.

Desde o principio, toda a sua industria tende invariavelmente para este resultado. E elle (o homem) continua».

Como, em um combate naval, occorre, mais geralmente, não possuirem as duas Forças antagonicas igual velocidade collectiva, a luta pela posição mais vantajosa obriga a que é menos veloz a guinadas repetidas, que ella então executa, já para se subtrair a situações perigosas, já para tentar algum artificio capaz de lhe conferir, mesmo que de passagem, situações menos graves.

Umavez, pelo facto de não ser muito grande a differença de velocidades, a Força menos veloz guina, continuamente, de um angulo constante, para fóra do inimigo; e, como este não pode inclinar-se de mais para o primeiro sob pena de perder, em pouco tempo, o avanço já ganho, que é que faz?

Guina, constantemente, para o adversario apenas o indispensavel para que a sua derrota corra, tanto quanto possivel, parallelamente á daquelle, resultando d'ahi o que se costuma chamar «combate circular» — combate que, segundo me parece, não se pode realizar entre duas esquadras numerosas, sinão simplesmente entre duas «massas» mais ou menos equivalentes em poder combatente e uma dellas, como já ficou dicto, mais veloz do que a outra.

o caso geral) a Força menos veloz effectua, de vez em quando, umas fortes guinadas, ou inverte, inteiramente, a direcção da derrota. sendo nisso imitada pela Força inimiga, a qual, seguindo uma direcção praticamente parallelá á daquelle, diligencia recuperar o avanço que perdeu com a guinada, afim de opportunamente conquistar a posição vantajosa ou impedir que o inimigo se escape.

Assim foi na batalha da Jutlandia; assim na batalha de Tsoushima, quando os Russos tentaram escapar-se, primeiramente para o Norte, e depois para o Leste.

Existe uma outra forma de combate — a de combate paralleló — em que, pelo facto de terem exactamente a mesma velocidade, as duas Forças combatem, seguindo, até o fim, o mesmo rumo, e em direcções parallelas. Eis uma fórma de combate que, por todos os motivos, me parece theorica.

(1) A Batalha da Jutlandia.

(2) Concentração do fogo.

(3) A Guerra de Hoje (primeiro volume).

(1) Estudos ácerca do Combate.

PRIMEIRO: (para só citar alguns delles) seria impossível manter, em duas forças contrárias, velocidades eguaes, porquanto os esforços extraordinarios desenvolvidos pelos dois combatentes, faria com que cada um delles tivesse, periodicamente, em relação ao rival, avanços e atrasos que, embora pequenos, fariam com que as duas Forças se portassem na lucta como se fossem «reguas parallelas» em que uma articulação especial permittisse os avanços reciprocos, sem diminuição da distancia.

SEGUNDO: essa forma de combate tão rigida exigiria uma equivalencia tal em poder combatente, que seria impossível encontra-la em duas Forças rivaes.

TERCEIRO: com excepção, talvez, do que se passou na Jutlandia, a Historia não registra nenhum encontro naval em que os dois inimigos apresentassem exactamente o mesmo estado moral. E assim, não me parece factível esta forma de combate.

A proposito de moral, convem lembrar aqui o que diz Ardant du Picq: «Nenhum inimigo vos espera, se sois resolutos; e nunca, nunca, nunca se encontram duas resoluções eguaes face a face».

O CO'RTE DO T.

A respeito do T. suscitou-se, nesta Escola, no correr deste anno lectivo, a seguinte questão:

Ha vantagem no córte do T?

Tomada muito á letra a expressão «Cortar o T sobre o inimigo», penso que não. E penso pelo seguinte: se, em meio de um combate, uma força passar, perpendicularmente, pela frente da outra, a vantagem que lhe advirá de semelhante posição, será demasiado passageira, porquanto ella em breve terá que inverter o seu rumo, ou passar a contra-bordo do inimigo, o que não se concebe.

Demais, nenhuma Força, por menos endoutrinada que fosse, permittiria em passividade tamanha; e até me parece que, quanto menos disposta ao combate, tanto mais cedo guinaria, para evitar o inimigo.

A idéa, que tenho, do Cóрте do T, veio-me da comparação temeraria que fiz entre elle e a noção mathematica de «limite»: Limite é a tendencia a um valor a que não se pode chegar; «Cortar o T sobre o inimigo» é a tendencia a uma situação que não se deve attingir.

Para bons entendedores, penso que basta.

DISTRIBUIÇÃO DE FOGO

Póde-se, com razão, asseverar que a «Distribuição de Fogo» é o succo da Doutrina na

Tactica: toda a collaboração, toda a harmonia de vistas, toda a unidade de pensamento prepara, laboriosamente, os caminhos que hão de, a final, conduzir ao melhor aproveitamento do fogo.

Assim é que, por Força na realidade endoutrinada, só se deve entender seja aquella em que, além do mais, está perfectamente estabelecida, e prompta para ser automaticamente executada, uma «doutrina de fogo» de que faça parte a previsão de todas as possibilidades de divisão e de concentração de fogo, de mudança e de substituição de alvo.

Exemplo: as batalhas de Tsoushima e da Jutlandia.

Em Tsoushima, quando os Russos, cercados pelos Japonezes, pretenderam evadir-se pelo Norte, estes tiveram que inverter, completamente, a direcção da derrota; mas, para que não deixassem, um só instante, de hostilizar o inimigo, procederam como se sabe: emquanto a primeira esquadra guinava, simultaneamente, 180° para bombordo, a segunda continuou em columna, para só guinar, successivamente, 180° para o mesmo bordo, quando aquella se achou novamente em situação de romper fogo contra os Russos.

No que respecta á batalha da Jutlandia, resalta, como traducção de uma «doutrina de fogo», a conhecida concentração feita por nove navios da esquadra de Von Scheer contra a cauda da Força de Beatty, (encouraçados rapidos do Commando do Contra Almirante Evans Thomas) na primeira phase da batalha.

A existencia dessa «doutrina de fogo» transparece, igualmente, da leitura do trabalho, já citado, do Capitão de Fragata Von Gase — A Batalha da Jutlandia — no qual se encontram, a trechos, referencias significativas a mudanças de alvo, concentração de fogo, etc.

Não me é possível pôr termo ao corrente Capitulo, sem que antes lhe engaste, como um exemplo sem par de doutrina em materia de Tactica a passagem seguinte, occorrida na chamada terceira phase da batalha da Jutlandia: — A's 8h. 50 p. m., como principiasse a adernar, por sériamente avariado, o Cruzador de Batalha «Lutzow», Capitanea da esquadra de Von Hipper, passou esse Almirante para bordo de um Contra-Torpedeiro, onde esteve, em constante movimento, até ás 11 h. p. m., sem que pudesse atacar a qualquer dos navios de sua Força, sempre alvejada pelo inimigo e sempre em velocidade de combate.

Nesse interim, sem que o Commando dos Cruzadores de Batalha de Von Hipper experimentasse a menor solução de continuidade, o «Derfflinger» exerceu as funcções de guia dessa Força... —

CAPITULO VII

Doutrina e Jogo de Guerra

Fonte de informações para o estudante de Tactica, o taboleiro offerece um meio proprio para a experiencia de idéas tacticas.

Comte. D. W. Blamer (U. S. A.)

O Jogo de Guerra é um instrumento de experimentação: elle está para a guerra verdadeira, assim como certos instrumentos da sciencia

experimental estão para as realidades physicas que experimentam.

Do mesmo modo que estes, reproduzindo,

de fatalmente surgir a constituição organica da nossa Força Naval e as «directivas» para a guerra.

Infelizmente, o esquecimento dessa finalidade tem feito com que, ainda hoje, o cerebro da nossa Marinha de Guerra — o Estado Maior da nossa Armada, assoberbado por uma regulamentação eclectica e arbitraria, se entregue a divagações e a minucias de todo em todo estranhas á missão que lhe incumbe, o que, complicando-lhe, sobremaneira, o mecanismo administrativo, lhe conserva a omnimoda feição do antigo Quartel General de Marinha, de existencia tão justa no seu tempo.

Alem disto, regido pela mentalidade economica que, mercê de visceral honestidade, a Armada brasileira adquiriu e cultiva com carinho, o Estado Maior, em vez de indicar, serenamente, irreductivelmente, aos poderes publicos, as necessidades reais da nossa defesa naval, antes as subordina á parca situação do erario publico — situação que as palavras proclamam de continuo e os actos desmentem quasi sempre.

Assim é o nosso Estado Maior, em materia de doutrina: se lhe sóbra innegavel competencia para tratar os assumptos de ordem technica, falta-lhe ainda a idéa fixa necessaria — «proto-plasma espiritual» dessa doutrina.

CONCLUSÃO

A doutrina começa pela luta e acaba pela harmonia.

E. Pelletan (Diccio. Larousse).

Disse Descartes, nos seus Discursos sobre o Methodo, que o que ha de mais bem dividido, neste mundo, é o bom senso: ninguem se quer julgar prejudicado na partilha; todos o têm na dose necessaria.

E, certamente, por isto que alguns, confundindo disposições e tendencias arbitrarías, voluveis e dispersivas com a verdadeira DOCTRINA — esta bussola que orienta para o seu Norte as collectividades — é por isto, repito, que alguns já têm proclamado a fallencia da doutrina.

No emtanto, o que a lição de todos os tempos — nomeadamente o de 1914 a 1918 —

o parecer unanime dos philosophos da guerra e a influencia irresistivel deste meio escolar affirmam, categoricamente, é que, sem Doutrina, não é possivel haver organização e estabilidade nacional, unidade militar, especificidade estrategica, rendimento logistico, coordenação tactica, plano de operações.

E não ha duvida que a Doutrina apparece e assiste a toda a collectividade que, olhando, fixamente, para o fim a que se destina, nem sabe, muitas vezes, que a está invocando....

Escola Naval de Guerra, 16 de Dezembro de 1922.

CASAMENTO

*Casaste ? Olé ! Meus parabens
Sê mui feliz com teu farrancho.
Agora mesmo é que tu tens
De ser rancheiro do teu rancho.*

*Agora és dois, tambem concordo ;
E assim casados todos são :
Teu corpo está de páu a bordo
E tua alma em casa de plantão !*

*Cuidado ao prumo : não te excedas !
Evita sempre a forte magua
De a veres hoje envolta em sêdas
E a ti depois com a borda n'agua.*

*Ha promptidão de bolsa e mesa
E desta é que ninguem te salva !
A vida tua é só despesa
Até parece um quarto d'alva.*

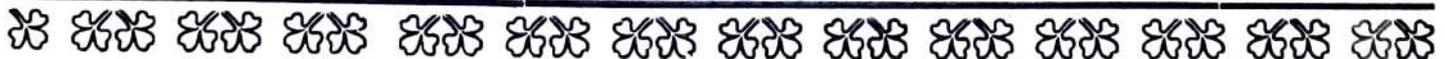
*Se és Commandante, emfim tens aza
E vale a tua opinião.
Mas, se uma sogra tens em casa,
Existe em casa um pavilhão !*

*Se tens um filho, indisciplina !
Não ha ter mão ! Quem é que logra ?
Ou se é menino, ou se é menina,
E' o Assistente da tal sogra !*

* * *

*Collegas, vêde : sou casado.
E mui feliz se me amarrei.
Homem ao mar — diz o ditado
Homem á terra ! eu vos direi.*

TENENTE.



ARTILHARIA

13 — Além desses meios classicos, acima referidos, de propagar o fogo empregados na poliorcetica dos antigos, havia outros secretos que participavam da magia, si bem que baseados em factos reaes.

Eram os pyrophoros e materias phosphorescentes. Chamam-se pyrophoros certos productos inflammaveis ao só contacto do ar ou da agua, taes como aquelles, em cuja composição entram o enxofre e a cal viva. O calor desprendido pela hydratação da cal viva é, bastante para inflammár o enxofre, sobretudo, quando misturado com salitre e materias inflammaveis.

Para obter-se a phosphorescencia que tão vivamente impressionava os espiritos credulos, sempre dominados pelo maravilhoso, esfregavam-se os objectos com a bilis de animaes marinhos, corpos de pyrilampos, cantharidas, etc.

14 — Superior a todos os artefactos incendiarios, postos em pratica pelas necessidades da guerra, surgiu, em 763 da era christã, o fogo grego que, sob diversos nomes¹, infundiu verdadeiro terror, não só por seu valor real, mas, principalmente, pelas superstições de que era alvo essa importante descoberta — precursora immediata da polvora.

Foi por occasião do sitio de Constantinopla pelos arabes que Callinico, architecto de Heliopolis (na Syria, segundo uns, no Egypto, segundo outros) levou aos gregos a composição incendiaria que d'ali, propagando-se pelo Occidente, recebeu o nome de fogo grego, e graças ao qual a frota arabe foi destruida em Cysico.

O fogo grego, que até o seculo X, parece limitado ás guerras navaes, torna-se, depois, um agente de uso universal, sendo empregado pelos persas e turcos que combateram os cruzados, nas guerras de campanha.

Essa universalidade caracteriza o emprego do fogo grego nas guerras do Oriente, onde foi usado incessantemente até o seculo XVI. No sitio de Constantinopla, em 1453, foi empregado concurreentemente com a nova artilharia.

15 — Esse artefacto incendiario era projectado por meio de tubos metallicos, verdadeiros syphões, collocados na prôa do navio por um unico homem — syphonarius — que preenchia, ao mesmo tempo, o papel de remador, o que indica que a projecção do artificio não exigia, a bordo, nem balista, nem machina complicada. O processo de lançamento não é já-mais claramente indicado, si exceptuarmos uma passagem em lingua grega de Annacomneme que se traduzia, talvez erradamente,¹ pela expressão — por meio de molas.

Seus effectos sobre os guerreiros não eram grandemente prejudiciaes, por ser relativamente facil evita-los, mas sobre navios, torres e machinas de madeira eram terriveis pela difficuldade de extinguirem o fogo que elle ateava.

16 — Sob alguns aspectos, o fogo grego não differe das composições incendiarias que o precederam e cuja tradição veio se confundir com a sua. Outros ha, porém, que tornam patente a intervenção, e isto é capital, de um

agente novo, o salitre — sal nitrum — susceptivel de entreter a combustão, mesmo ao abrigo do ar, e de lhe dar intensidade extraordinaria e esse caracter tonitroante, além da facultade de projectar em todos os sentidos a chamma tão intensamente luminosa. Foram, sobretudo, esses effectos que feriram a imaginação dos coevos e fizeram do fogo grego uma arma nova e a mais terrivel de todas.

17 — Quanto á sua composição, nada mais era que uma massa de artificio, formada de salitre, enxofre e de rezina, e ainda outras materias combustiveis, facilmente fusiveis. Taes misturas occultavam, além disso, effectos explosivos particuares que não foram suspeitados, a principio. Sómente depois de uma longa pratica, é que se chegou empiricamente a reconhecê-los e a d'elles tirar partido, e isso, quando se conseguiu separar o salitre de todos os saes com que elle era confundido.

Com effecto, esse novo agente não era especialmente distinguido das diversas efflorescencias salinas conhecidas dos antigos e designadas sob diversos nomes, taes como: flôr de natrum (carbonato de sodio), flôr de nitro, escuma de natrum, etc.. Por outro lado é manifesta a confusão do salitre com os saes seguintes: carbonato de sodio, sulphato de sodio e certos sulphatos de aluminio, o que, aliás, não é para admirar, porquanto os antigos não possuíam os meios de analyse, de que mais tarde se serviram os experimentadores.

Sómente o acaso poderia ter fornecido a algum observador sagaz o conhecimento das propriedades do salitre para destacal-o de todos os outros. Si não o seu descobridor, pelo menos o seu propagador no Occidente foi sem duvida, como já foi referido, o architecto Callinico, no seculo VII, quando levou aos gregos a composição do fogo grego, conservado no mais recondito segredo até a época das cruzadas, na qual os mulsumanos generalizaram o seu emprego na guerra de campanha. Desde então, foi descripto, em todos os detalhes, por escriptores arabes do seculo XIII.

18 — Os autores que, no Occidente, se occuparam com a sua descripção foram Marcus Græcus, autor do «Liber Ignium», a mais antiga obra latina que trata do fogo grego. Alberto o Grande e Rogerio Bacon, provavelmente atravez d'aquelle tratado; e as formulas que dão de sua composição, aperfeçoadas e ampliadas, foram reproduzidas em tratados manuscritos e impressos dos seculos XV e XVI, notadamente nos de Cardan e Porta.

19 — Damos, em seguida duas dessas formulas:

1.^a Formula para preparar o fogo grego: Tomae enxofre vivo, tartaro, sarcocolla e pez, sal cozido (salcoctum), oleo de petroleo e oleo commum; fazei ferver bem todos esses ingredientes misturados, embebei estopa na mistura e accendei-a. Uma vez inflammada, não é possível apaga-la, a não ser com urina, vinagre ou areia.

Formula para o foguete ou fogo volante (tunica volatilis):

Duas são as receitas e em ambas o salitre vem claramente mencionado. Dellas dare-

(1) Fogo liquido, fogo marinho, fogo artificial, remaico e medico — taes eram os differentes nomes por que era tambem conhecido o terrivel engenho.

ARTILHARIA

13 — Além desses meios classicos, acima referidos, de propagar o fogo empregados na poliorcetica dos antigos, havia outros secretos que participavam da magia, si bem que baseados em factos reaes.

Eram os pyrophoros e materias phosphorescentes. Chamam-se pyrophoros certos productos inflammaveis ao só contacto do ar ou da agua, taes como aquelles, em cuja composição entram o enxofre e a cal viva. O calor despreendido pela hydratação da cal viva é, bastante para inflammár o enxofre, sobretudo, quando misturado com salitre e materias inflammaveis.

Para obter-se a phosphorescencia que tão vivamente impressionava os espiritos credulos, sempre dominados pelo maravilhoso, esfregavam-se os objectos com a bilis de animaes marinhos, corpos de pyrilampos, cantharidas, etc.

14 — Superior a todos os artefactos incendiarios, postos em pratica pelas necessidades da guerra, surgiu, em 763 da era christã, o fogo grego que, sob diversos nomes ¹, infundiu verdadeiro terror, não só por seu valor real, mas, principalmente, pelas superstições de que era alvo essa importante descoberta — precu sora immediata da polvora.

Foi por occasião do sitio de Constantinopla pelos arabes que Callinico, architecto de Heliopolis (na Syria, segundo uns, no Egypto, segundo outros) levou aos gregos a composição incendiaria que d'ali, propagando-se pelo Occidente, recebeu o nome de fogo grego, e graças ao qual a frota arabe foi destruida em Cysico.

O fogo grego, que até o seculo X, parece limitado ás guerras navaes, torna-se, depois, um agente de uso universal, sendo empregado pelos persas e turcos que combateram os cruzados, nas guerras de campanha.

Essa universalidade caracteriza o emprego do fogo grego nas guerras do Oriente, onde foi usado incessantemente até o seculo XVI. No sitio de Constantinopla, em 1453, foi empregado concurrentemente com a nova artilharia.

15 — Esse artefacto incendiario era projectado por meio de tubos metallicos, verdadeiros syphões, collocados na prôa do navio por um unico homem — syphonarius — que preenchia, ao mesmo tempo, o papel de remador, o que indica que a projecção do artefacto não exigia, a bordo, nem balista, nem machina complicada. O processo de lançamento não é já mais claramente indicado, si exceptuarmos uma passagem em lingua grega de Annacomneme que se traduzia, talvez erradamente, pela expressão — por meio de molas.

Seus effectos sobre os guerreiros não eram grandemente prejudiciaes, por ser relativamente facil evita-los, mas sobre navios, torres e machinas de madeira eram terriveis pela difficuldade de extinguirem o fogo que elle ateava.

16 — Sob alguns aspectos, o fogo grego não differe das composições incendiarias que o precederam e cuja tradição veio se confundir com a sua. Outros ha, porém, que tornam patente a intervenção, e isto é capital, de um

(1) Fogo liquido, fogo marinho, fogo artificial, remaico e medico — taes eram os diferentes nomes por que era tambem conhecido o terrivel engenho.

agente novo, o salitre — sal nitrum — susceptivel de entreter a combustão, mesmo ao abrigo do ar, e de lhe dar intensidade extraordinaria e esse caracter tonitroante, além da facultade de projectar em todos os sentidos a chamma tão intensamente luminosa. Foram, sobretudo, esses effectos que feriram a imaginação dos coevos e fizeram do fogo grego uma arma nova e a mais terrivel de todas.

17 — Quanto á sua composição, nada mais era que uma massa de artefacto, formada de salitre, enxofre e de resina, e ainda outras materias combustiveis, facilmente fusiveis. Taes misturas occultavam, além disso, effectos explosivos particuares que não foram suspeitados, a principio. Sómente depois de uma longa pratica, é que se chegou empiricamente a reconhecer-os e a d'elles tirar partido, e isso, quando se conseguiu separar o salitre de todos os saes com que elle era confundido.

Com effecto, esse novo agente não era especialmente distinguido das diversas efflorescencias salinas conhecidas dos antigos e designadas sob diversos nomes, taes como: flôr de natrum (carbonato de sodio), flôr de nitro, escuma de natrum, etc.. Por outro lado é manifesta a confusão do salitre com os saes seguintes: carbonato de sodio, sulphato de sodio e certos sulphatos de aluminio, o que, aliás, não é para admirar, porquanto os antigos não possuíam os meios de analyse, de que mais tarde se serviram os experimentadores.

Sómente o acaso poderia ter fornecido a algum observador sagaz o conhecimento das propriedades do salitre para destacalo de todos os outros. Si não o seu descobridor, pelo menos o seu propagador no Occidente foi sem duvida, como já foi referido, o architecto Callinico, no seculo VII, quando levou aos gregos a composição do fogo grego, conservado no mais recondito segredo até a época das cruzadas, na qual os mulsumanos generalizaram o seu emprego na guerra de campanha. Desde então, foi descripto, em todos os detalhes, por escriptores arabes do seculo XIII.

18 — Os autores que, no Occidente, se occuparam com a sua descripção foram Marcus Græcus, autor do «Liber Ignium», a mais antiga obra latina que trata do fogo grego, Alberto o Grande e Rogerio Bacon, provavelmente atravez d'aquelle tratado; e as formulas que dão de sua composição, aperfeiçoadas e ampliadas, foram reproduzidas em tratados manuscritos e impressos dos seculos XV e XVI, notadamente nos de Cardan e Porta.

19 — Damos, em seguida duas dessas formulas:

1.^a Formula para preparar o fogo grego: Tomae enxofre vivo, tartaro, sarcocolla e pez, sal cozido (salcoctum), oleo de petroleo e oleo commun; fazei ferver bem todos esses ingredientes misturados, embebei estopa na mistura e accendei-a. Uma vez inflammada, não é possível apaga-la, a não ser com urina, vinagre ou areia.

Formula para o foguete ou fogo volante (tunica volatilis):

Duas são as receitas e em ambas o salitre vem claramente mencionado. Dellas dare-

mos, apenas, a que representa uma verdadeira variedade da pólvora.

2.^a Tomae enxofre vivo, duas de carvão de tilia ou de salgueiro e seis de salitre, triturae esses ingredientes em um almofariz de marmore, até reduzil-os a pó. Ponde esse pó em um envolvero de foguete ou de petardo.

20 — Com o fogo grego, o ataque pelo fogo attingio sua culminancia; logo, porém, que se descobriu a energia propulsiva dos agentes, chimicos que entravam em sua composição, a qual o uso do foguete tinha permitido entrever, o fogo grego passou pela mais estupenda das transformações, não já lançado pelas antigas machinas, usadas durante tantos seculos, mas por meio de tubos, fechados em uma de suas extremidades, para aproveitar, no mais alto grão, aquella energia para o lançamento de projectis.

E, com effeito, a descoberta da pólvora é uma consequencia das propriedades comburentes do salitre, facto que a prende directa e immediatamente á descoberta do fogo grego. Sua applicação como agente propulsivo é o ponto capital da descoberta, é o que a caracteriza essencialmente.

O fogo grego continuou, todavia, a ser empregado até o seculo XVI, época em que cahiu em profundo esquecimento para resurgir revestido, então, de um cunho legendario, no seculo XVIII, devido ás narrativas maravilhosas de diversos autores. O ruido que se fez em torno do fogo grego, provocando um quasi renascimento do destruidor engenho, motivou mais tarde a publicação do «Liber Ignius», por ordem de Napoleão, que d'elle ouvira fallar, como encerrando a receita d'aquel'e artificio.

Comprehende-se que os experimentadores evitassem cuidadosamente, tal a imperfeição dos seus meios de analyse, estudar o phenomeno da explosão da pólvora, e, ainda assim, quantos del'es não teriam sido victimas de um producto que não podia deixar de ser instavel.

21 — Marcus Græcus e os autores arabes do seculo XIII, nomeadamente Hassan Alrammah, morto em 1295, occupam-se da purificação do salitre pela redissolução e crystallisação combinadas com o emprego de cinzas de madeiras, isto é, carbonato de potassio, que transforma em salitre os azotados de calcio e de magnesio, contidos na primitiva mistura das terras salitradas. Apesar disso, a fabricação da pólvora com o salitre mesmo purificado, dava productos os mais variados, e só no seculo XVII apóz longas experiencias, é que as formulas se estabelecem de uma maneira racional e estavel, não tendo se modificado, sinão de modo insignificante, desde essa época até nossos dias.

22 — Quando os bysantinos organisavam e lançavam por meio de arietes, as flexas ardentes — *malleoli* — cuja parte central ôca era cheia com uma composição nitrada, não deveram tardar a perceber que el'as tinham uma pronunciada tendencia para parar, sinão mesmo para recuar. Desta observação devera ter sahido o foguete, cujo emprego na guerra, constituindo uma grande descoberta, apparece sómente no seculo XIII.

Em geral, o foguete era, como o fogo grego, collocado em um tubo, e reconheceu-se, talvez em breve, que era inutil recorrer, afim de projectal-o, a uma força estranha; que, accendendo o foguete pela parte mais afastada do orificio do tubo, bastariam os gazes desen-

volvidos pela combustão do mixto inflammavel para fazel-o recuar com uma força impulsiva crescente, na direcção determinada pela direcção mesma do tubo, e uma vez fóra do tubo, projectado no espaço, continuaria a avançar até a combustão final do mixto. Descoberta essa força, o foguete seria nucleo de uma flecha incendiaria que elle arrastaria em direcção a um alvo, e, posteriormente, o tubo incendiario seria substituido por uma simples varinha, agindo como directriz, tal qual o conhecemos hoje.

Um conhecimento mais perfeito da composição nitrada levaria naturalmente a realizar o progresso capital da utilização da força de projecção da pólvora para propellir projectis, em um tubo, pela sua extremidade livre.

Assim, seis seculos escoaram-se entre o instante, em que o fogo grego fez sua apparição na historia, e aquelle em que encontramos as primeiras formulas positivas da pólvora, e foi preciso ainda um outro seculo para que a pólvora começasse a ser utilizada de accordo com seu verdadeiro destino na guerra.

23 — Muitos teem sido os pretensos descobridores da pólvora. Alberto o Grande, morto em 1280; Rogerio Bacon, em 1294, ignoravam a força de projecção da pólvora, sendo que este ultimo, em seus escriptos, mostra-se apenas impressionado pelo ruido e brilho luminoso da explosão, mas absolutamente não por seus effeitos mechanicos.

Em referencia ao monge Bertholdo Schwartz, consta que fazia experiencias, em 1313, em um gral com salitre e diversas substancias inflammaveis, quando repentinamente deu-se a explosão e a pedra que cobria a mistura triturada foi projectada a grande altura. Por esse facto, pretende-se erradamente que esse monge foi o descobridor da força de projecção da pólvora, quando já era ella conhecida dos arabes e no Occidente mesmo, conforme já foi referido.

O objecto dessas experiencias é tambem assumpto controvertido, attribuindo uns ao monge franciscano a intenção de solidificar o mercurio e dar-lhe a dureza e propriedades da prata; outros, a de obter uma côr de ouro por meio de uma mistura de salitre, enxofre, chumbo e azeite. O mais extraordinario, porém, é que se ponha em duvida a propria existencia do monge, e que se attribua a outros a autoria da pretensa descoberta.

O que, porém, parece estabelecido da maneira mais digna de confiança é que um monge allemão, Bertholdo, ou qualquer outro, foi o inventor ou aperfeçoador da carabina, o antigo *medfaa* dos arabes.

Pretendem outros que foram os chinezes os descobridores da pólvora, delles recebendo os arabes a descoberta para propagal-a no Oriente.

O que parece positivamente certo, segundo resalta das explicações referidas no livro de Renaud e Favé, traductor e commentador de Marcus Græcus, e nos de outros autores, é que os chinezes conheceram os fogos de artificio e os foguetes no anno 1000 da era christã, mas que ignoravam, ainda no seculo XIII, o emprego do canhão e das armas de fogo.

24 — O salitre era abundantissimo na China e era designado pelos nomes significativos de neve da China, segundo Ibn Albaythar (1240), autor arabe de um dictionario de sciencias medicas, e ainda, segundo outros, sal da China, o que parece indicar uma das origens da descoberta do salitre. Assim sendo,

não é extraordinário, ou, antes, é perfeitamente verosímil que os chinezes tivessem sido os inventores dos fogos artificiaes e foguetes, como aliás, parece prova-lo a circumstancia de terem taes artificios nomes chinezes, como se evidencia das receitas que vêm transcriptas nos citados livros. Tão pouco seria extraordinario que os chinezes, tão pacientes observadores, chegassem, por fim, a descobrir a polvora; parece, contudo, provado que o Occidente os precedeu em tão importante descoberta.

25 — A applicação da polvora, como força de projecção, não determina o abandono immediato da artilharia antiga, que continuou a ser empregada nas guerras de sitio, como antes. Nos seculos XIV e XV, nos sitios de Constantinopla e Rhodes são empregados os onagros, catapultas e balistas concurrentemente com boccas de fogo, e consta mesmo que no sitio de Eclusa, em 1587, fins do seculo XVI, ainda se fez uso, provavelmente então pela ultima vez, desses destruidores engenhos da antiguidade.

26 — Foi de um alcance extraordinario, social e moral, a descoberta da força de projecção da polvora. Deu ao Occidente uma supremacia tal pelas armas, que elle pôde dominar rapidamente os povos indigenas da America, Africa e Oceania, expandindo-se por essas dilatadas e longinquas regiões e conquistando-as para sua adiantada civilização.

E' deploravel que, mal esclarecidos, tivessem os conquistadores europeus indignamente opprimido e quasi exterminado os infelizes autochtones, que os receberam, sempre e por toda

a parte, pacificamente, quando fôra mais digno, antes de pôr em jogo contra elles suas armas superiores, procurar attrahil-os a seu gremio, mostrando-lhes a superioridade de sua civilização e da doutrina que deshonraram e, em nome da qual, com tanta violencia e insidia procederam.

Quiz a fatalidade que se fosse iniciando, a ferro e fogo, a integração do Planeta na civilização occidental, como vae ainda hoje infelizmente continuando.

Antes, porém, de arrojarem-se os povos do Occidente a aventurosas emprezas e conquistas em longes terras, ha muito tempo entrára em uso corrente a arma de fogo como niveladora entre os guerreiros que nos antigos embates, braço a braço, venciam pela destreza no manejo das armas e do cavallo, e pela superioridade da força muscular. Todas estas vantagens, em que excediam caval'eiros e fidalgos, aperfeiçãoando, por um exercicio constante, qualidades guerreiras transmittidas por hereditariedade, ficaram rebaixadas, em face da arma de fogo, e, desde então, um simples peão poderia medir-se com successo com um brilhante e nobre caval'eiro.

Felizmente, a força de projecção da polvora não é só utilizada nas lides da guerra. Em verdade, seus mais importantes aperfeioamentos teem visado e visam ainda seu emprego na guerra; por acaso, porém, aproveitamos, na parte que lhes são applicaveis, os labores da industria pacifica.

A. M. Gomes Ferraz

Alfaiataria do Club Naval

Está aparelhada a confeccionar com esmero e promptidão os enxovaes dos alumnos da Escola Naval, mediante pequenas prestações mensaes.

MATERIAL DE 1.^a QUALIDADE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

Bernado — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriais, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — **Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmias do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickellagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — **Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — **Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8

Acesoro — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do aparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — **Conductor de Machinas.** Descripção dos differentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

Walter & Co.

Rua da Quitanda, 143

Rua do Carmo, 12

RIO DE JANEIRO

S PAULO

Commissões e Consignações — Agentes de Vapores
Seguros Terrestres e Maritimos

REPRESENTANTES DE :

Sir W. G. Armstrong, Whitworth & Co., Ltd.

Construções Navaes, Artilharia, Machinas Hydraulicas, Locomotivas, Machinas
e Ferramentas de todas as classes.

Yarrow & Co., Ltd. — Destroyers e torpedeiras. Especialidade em navios de pequeno calado.

Commercial Union Assurance Co., Ltd. — Seguros Terrestres e Maritimos.

Merryweather & Sons Ltd. — Material para extincção de incendios.

Hadfield's Steel Foundry Co., Ltd., Sheffield. — Fabricantes de aço. Especialidade de Agulhas e Cruzamentos, rodas e eixos, pás, picaretas, Britadores e Ferramentas especiaes para Estradas de Ferro.

J. & E. Hall Ltd. — Machinas frigorificas.

Thermotank Ventilating Co. — Ventilação de Navios.

Vacuum Oil Co. — Oleos lubrificantes.

Bais Brothers & Company, Ltd. — Fabricantes de Drogas.

Lipton, Ltd. — Chá, Conservas, etc., etc.

ELECTRICIDADE : BAIXA E ALTA TENSÃO, MOTORES,
TRANSFORMADORES, CABOS, FIOS, ETC., FERRAGENS,
METAES, FERRO E AÇO, ARTIGOS PARA MARINHA,
TELEGRAPHOS, MACHINAS, ESTRADAS DE FERRO; ES-
CAPHANDROS; BOMBAS PARA AGUA; OLEOS DE
TODOS OS TYPOS; BLASTING, DYNAMITE, GELIGNITE,
ESPOLETAS, DETONADORES; MOTORES A GAZOLINA
"HONOMAG LLOYD"

MAYRINK VEIGA & Co.

Engenheiros, Importadores e Exportadores

Encarregam-se de installações hydraulicas, mechanicas
e electricas. Officinas de reparações de
motores, machinas e qualquer
apparelho eléctrico.

Mangotes, Tubos de borracha, Mangueiras, etc.
ELECTRIC-HOSE & RUBBER Co. NEW YORK.

Tintas, Vernizes e Esmaltes de
THOMAS PARSONS Co. LONDRES

Grupos Kohler geradores de força e luz de
KOHLER Co. NEW YORK

Estaleiros para construção e reparação de
navios de qualquer tonelagem

GEORGE BROWN Co. GREENOCK

Gaxetas metallicas, etc. de

CRANE PACKING Co. CHICAGO

Rua Municipal 15/21 Trav. de Santa Rita 26

Deposito: Rua do Acre n. 64 — Ilha de Saravathá

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones Norte :

Armazem 3849 — Escriptorio 3840

CODIGOS USADOS :

ABC 5.^a Edição — Ribeiro — Lieber's
Bentley — Marconi — Int.
General Telegraph.

RIO DE JANEIRO

Tinta Toxica Polyvalente para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

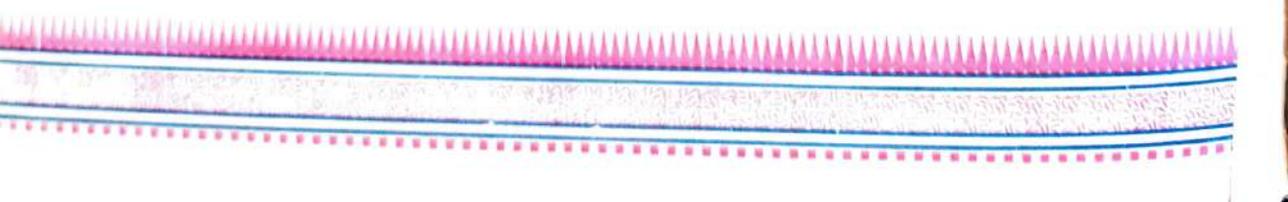
VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

- Telephone Norte 3974 -
End. Teleg "Rupturita" - Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.





REDACTOR CHEFE: ————

A. M. BUARQUE DE LIMA

Orgam dos
Aspirantes de Marinha

MAR E AMOR

Especial para A Galera

Laura Margarida de Queiroz

Ha dois mysterios no mundo
Que se podem comparar,
Um immenso, outro profundo
Mar e Amor. . . Amor e Mar. . .

Quando a vaga é calma e mansa
Na tristeza do sol-pôr
É illusão. . . é esperança,
É a doce calma do amor. . .

Quando o amor floresce e canta
É sabe crer e esperar
É onda que se levanta,
É branca espuma do mar. . .

Quando o mar rebrame e estenhe
Quando ronca ameaçador
É desespero que rugge
É tempestade de amor!..

Si ao coração foge o sonho
Que o fazia palpitar,
Então é odio medonho
É o desespero do mar!..

Mas si volta o sonho d'alma,
Si findam martyrio e dôr,
É o amor que voltou á calma,
É calmaria de amor. . .

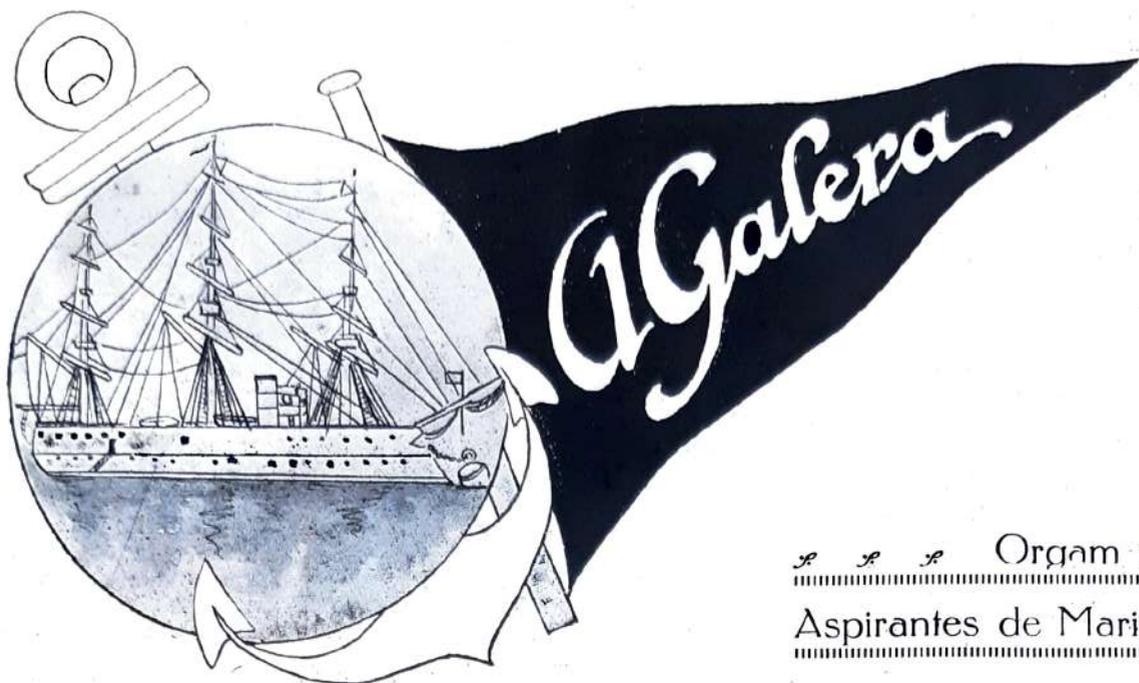
S U M M A R I O

Mar e amor.....	Laura Margarida de Queiroz	Capa
As confidencias de Pierre Loti.....	A. M. Buarque de Lima....	1
A sciencia da vida.....	Malba Tahan.....	3
Carta.....	Raul.....	4
Semeando.....	Anna A. C. de Mendonça...	5
O Guarda-marinha.....	Gastão Penalva.....	6
O mendigo.....	A. M. Buarque de Lima....	7
Naufragio do "Imperial Mari- nheiro".....	Aspirante.....	8
Parodia.....	Eugenio da Silva Possolo ..	9
Pomba desprezada.....	O. C.	12
Bucolica.....	A. M. Buarque de Lima....	15
Soneto.....	Gastão Penalva.....	16
O azar do "Bahia".....	Traducção.....	17
A respiração no esporte.....	Affonso Lopes de Almeida.	18
Um poeta comilão.....	Evandro Santos.....	21
"Tests".....	Bocage.....	22
Soneto.....	Gastão Penalva.....	32
Riachuelo.....		

REDACÇÃO:
 ESCOLA NAVAL  ILHA DAS ENXADAS
 RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL 165000





Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS
Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA
Redactor-thesouheiro — D. GARNIER DE ALBUQUERQUE

Orgam dos
Aspirantes de Marinha

As confidencias de Pierre Loti

A. M. Buarque de Lima

POUCO antes de morrer na velha casa de Rochefort, cercado do ambiente oriental, que se creára, Pierre Loti iniciou com o filho a selecção das notas intimas, através das quaes passa toda a sua vida nomada e aventureira. A morte não lhe permittiu que revivesse, tocando-as, todas as impressões de outróra. Mal poudo acabar o primeiro ramilhete — **Un jeune officier pauvre** — só publicado quando o marinheiro poeta já vivia na nossa saudade. Mas Samuel Viaud continuou a obra carinhosamente encetada. Graças a elle é que temos agora, reunidas sob o titulo de **Journal intime**, essas paginas inextinguíveis de amor, de nostalgia e de belleza, cujo contacto nos deixa nalma uma impressão inapagavel, com a mesma delicadeza com que as petalas deixam o aroma nas mãos de quem as toca.

Raros escriptores estão nas suas obras como o místico de **Pêcheur d'Islande**. Elle não as fantasiou: viveu-as, e o seu trabalho unico foi de espelhar, numa transparencia de crystal e com uma fidelidade de decalque, as peripecias dos seus amores, o «spleen» do seu espirito, a delicada vibração da sua alma. Nessas paginas que tenho deante de mim, e das quaes elle fez o confessorio intimo, onde, dada a feição que as repassava, derramou, sem nenhuma reserva, a magia do seu estylo e a tortura da sua alma, nellas é que vive melhor o Loti melancolico e sentimental, e entre elles o maior de todos: o Loti amoroso, o que orvalhou de nostalgia **Aziyadé** e de desencanto **Flours d'ennui**.

A impressão que nos deixam as varias creaturas, em torno das quaes borboleteiou o

seu amor, é que elle as buscava para inspiração, como a abelha busca a petala para alimento; depois de cada uma das paixões mais intensas, uma obra prima abrigava as labaredas do seu impressionismo doentio: era a coimeia. E as faúlhas, que se perdiam do conjunto admiravel, iam caindo nesse **diario intimo**, uma das heranças mais valiosas do seu genio.

A primeira reminiscencia data da Escola Naval, do «cloître flottant où nos jeunesses venaient d'être soudainement enfermées». No lendario navio-escola, tão interessantemente descrito por Maurice Noir em **Marine Française**, já se lhe emplumavam as tendencias para o misticismo e o amor. Lamenta a sua solidão de forasteiro em Brest, onde, do grupo alegre que invadia o Arsenal, ás horas de exercicio dos aspirantes, (1) ninguem o ia ver — **personne ne venait me voir** — e já um vulto de mulher deixava-lhe no coração uma sombra, que as vigílias reconstituíam em cada canto do navio: «... parmi les visiteuses, une jeune fille attirait beaucoup mon attention et j'emportais ensuite, à bord du grand vaisseau austère, son image chaque fois plus vivante». Era uma iniciação promissora...

Findo o curso escolar, o cruzeiro do **Jean Bart** leva-o pela primeira vez aos ninhos dos seus futuros amores, ás regiões encantadas, que iam prende-lo para sempre no élo de uma fascinação irresistivel.

Peregrina pela Sicilia, por Smyrna, cujas ruas lhe recordam illustrações das **Mil e uma noites** e lhe deixam a alma num deslumbramento, pela Dinamarca, desce á foz do Ama-

zonas, em seguida á Terra do Fogo, onde «la solitude et le grand silence, que règnent partout, serrent le cœur», e passa finalmente ao Pacifico. Ahi, numa das ilhas, entre cujos naturaes era tradição baptizar os estrangeiros, foi que o então tenente Julien Viaud passou a chamar-se **Loti**, nome de uma flor de delicadeza e de graça. As impressões dessa viagem denunciavam-lhe um excesso de subjectivismo e uma sensibilidade profunda, cada vez mais apurada pelo ambiente do mar e das geleiras. Um incidente de somenos mostra-a bem. Estava no **Vaudreuil**, fundeado no Cabo Horn, quando percebeu que «un jeune phoque s'ébattait joyeusement le long du bord et rien cependant ne semblait justifier une telle gaité». A natureza tinha-lhe infiltrado na alma a nostalgia da solidão e do exilio prolongado e longinquo: «tout était triste; mais le jeune phoque faisait force gambades dans l'eau glacée, et sa gaieté était touchante, au milieu d'un tel paysage». Quem já curtiu um cruzeiro, sabe o alvoroço com que os marujos acompanham um cardume mais afoito, um vôo mais gracioso, tudo que de qualquer modo quebre a monotonia e a passividade. Era o que acontecia á guarnição do **Vaudreuil**: toda ella assistia ás piruetas da foca, atirando-lhe migalhas de peixe, amimando-a com o carinho commovido do marinheiro, quando um tiro fulminou le **pauvre petit**. Houve entre os rudes homens um movimento de colera, que a condição do caçador tolheu que se expandisse. Loti esperou estar a sós com o collega e teve com elle «une explication qui fut bien près de se terminer par des coups de poing». Quem sentia assim por uma foca, que não sentiria por uma mulher?

Um dos episodios mais encantadores foi o que lhe occorreu em Dakar, numa vivenda que lhe evocou, ao coração cheio de saudade, a velha casa de campo de Limoise, onde lhe decorrera a infancia. Vou commetter o sacrilegio de traduzir Loti: «Aproxima-se um velhinho; dizem-lhe meu nome, e elle emmudece bruscamente... Explica-me que era amigo de infancia de meu pae, fala-me da mocidade, que ambos viveram juntos, duma comedia que escreveram de collaboração... Depois, quando se refere a minha mãe, correm-lhe algumas lagrimas... Lembro-me então da historia singular desse velho; tinha-me sido contada outrora por uma tia. Remonta á epoca do noivado de meus paes. Por esse tempo, em 1830, o velho que me falava era medico de marinha. Residia em Rochefort, perto da casa de meu pae; muito amigos, visitavam juntos os vizinhos, os paes de minha mãe. Era ella muito bonita, e o joven medico apaixonou-se perdidamente; mas, quando tencionava declarar-se, soube que já estava desde muito comprometida. O pobre homem não se conformou nunca. Abandonou precipitadamente Rochefort e veiu installar-se aqui, em meio a esta solidão, onde, por acaso, a minha presença lhe revive todas as reminiscencias. Compreendo, agora, porque, ao chegar, tive a impressão de entrar num logar conhecido. Antes do grande desespero que determinou o seu exilio, esse velho frequentava muito a Limoise; seduziu-o com certeza o encanto dessa antiga casa, e inspirou-se nella quando construiu o seu retiro no fundo da paisagem senegalêsa... Durante o regresso, ao clarão do luar sobre a agua tranquilla, penso na mocidade do velho medico».

Mas não era só nisso que pensava, quan-

do desapareceu no horizonte «ce coin d'Afrique où j'avais si vivement aimé et si vivement souffert», e cujas recordações lhe abatam dentro em pouco o espirito. «J'ai été malade de chagrin, je ne croyais pas que cela fût possible... J'avais subi bien des angoisses en silence, j'avais dévoré mon désespoir sans verser une larme, et puis la réaction a eu lieu, le chagrin a brisé mon corps et m'a couché sur mon lit, ou j'ai appris à connaître la souffrance physique... Mes souvenirs du pays du soleil avaient pris une vivacité et une netteté frappantes. Era a imagem

Nesse sonhador impenitente, como em todo o impressionista doentio, alternavam, ás vezes sem transição, a melancolia e a jovialidade. Depois dessa viagem, estaciona em Toulon, onde, durante algumas semanas, não ha o minimo resquicio do nevocero anterior. O que ha é movimento, alegria, vontade infinita de viver. E' com tal estado de espirito que narra outro episodio, esse de inesperada comicidade: a sua estrêa de palhaço; nada menos que o **clown** do Cirque E'trusque, onde a agilidade das suas acrobacias emocionava e arrebatava a assistencia.

No dia seguinte, olhando no seu apartamento as flores que lhe atiraram no espectáculo, escreve: «Ce sont ceux qu'on m'a jetés hier au soir, avec des oranges et une foule de petits chats en carton, au cirque où je figurais en clown, exécutant, devant un public enthousiaste, des équilibres et plusieurs genres de sauts périlleux». E Nadine Viaud, a alma carinhosa de mãe, que o acompanha de longe, lamenta com ternura esse triumpho: «Il m'est impossible, mon pauvre chéri, de me rejouir des succès que tu as obtenus au cirque... Ce ne sont pas ceux, je l'avoue, que je rêvais pour toi...»

Alguns meses depois, soffre uma das crises mais agudas da sua vida. O amor impossível de Aziyadé envolve-o num desencantamento de tudo e de todos, menos da boa Nadine e de Marie, a irmã querida, que chorou varias vezes sobre a historia d'Aziyadé, «car j' imagine qu'elle est vraie en tous ses détails». Loti sonha então com o claustro: a tranquillidade da vida monastica é o unico ambiente a que aspira. «Desde muito eu sonhava com esse asylo dos desesperados, com essa calma suprema dos mosteiros; estava fascinado pela paz fria desse logar, onde se extinguem todos os rumores do mundo.» Ingressa entre os habitos brancos dos Trappistas, de uma de cujas cellas o restitue ao mundo o grito de dor da mãe, dilacerada por aquella renuncia á vida, por aquella apostasia ao protestantismo, a tradicional religião da familia. A esse tempo os Russos ameaçavam Constantinopla, e com a cidade dos seus sonhos, a mulher dos seus amores. E' a um amigo turco, a quem uma vez salvára a vida, que supplica a guarda de Aziyadé, disputada soffregamente para o harem de um certo Osman Effendi. Decididamente elle não pôde salva-la, e não a salvou... Mas a imagem della cicatrizára no coração do pobre Viaud como a mais forte de todas as impressões desse coração que tanto amou: «Il y a une chose qui est tout dans la vie: l'amour... J'ai eu de ravissantes maitresses et j'en aurai sans doute encore. Il y a des femmes que j'ai bien adorées; j'éprouvais une terrible douleur, en songeant qu'un jour la mort nous séparé-

rait, que tout finirait dans la sombre poussière... Et puis, celles-là, je les ai oubliés. J'en ai aimé d'autres et j'ai fait les mêmes rêves avec elles... Mas a linda mussulmana, essa não a esqueceu nunca. Foi o nome della o talisman do seu primeiro livro; déralhe a immortalidade, não podendo dar-lhe o amor. Sob a bençam longinqua da sua saudade, abotôa a gloria literaria de Pierre Loti, derrama-se o seu nome pela Paris mundana dos salões e invade a Paris irreverente dos cafés e dos **boulevards**, num ruffo para o remigio supremo. E tudo pelo amor: «Je n'ai jamais vécu que par l'amour; dans la vie, je ne vois plus rien que l'amour...», confessa numa carta a um dos mais intimos amigos. Estes occupam-lhe tambem o coração, como Yves, simples marinheiro a quem elle chama «mon frère Yves», e como Jean, immortalizados ambos em duas obras-primas de carinho: «Mon frère Yves» e «Roman dun Spahi».

Começa agora a vida de Pierre Loti, como elle mesmo alegremente a chama. São as amizades literarias, ás vezes enraizadas num sentimento affectivo, a actividade intellectual, a febre da produçãõ, a embriaguez da gloria — a sympathia de Alphonse Daudet, a pro-

tecção da fina Juliette Adam, a quem dedicára o **Pêcheur d'Islande**, a correspondencia sentimental com E'mile Pouvillon, toda uma iniciação estonteante, finda a qual elle volta para o mar e para o amor.

Aqui cabe uma indiscreção: a paixão por Sarah Bernhardt. Elle a visitava frequentemente, mas occultou-lhe sempre, ou por timidez, ou por delicada discreção, o que lhe ia pela alma. Um dia, porém, ao apertar-lhe a mão, treme ligeiramente. Traira-se...

O Oriente volta a fascina-lo; aquella orgia de luz continuava a deslumbra-lo de longe, e insensivelmente despertar a paixão adormecida. E elle começa a construir um pequeno apartamento turco, cheio de narghilés, de sêdas, dos objectos com que o brindam a admiração e o reconhecimento das mulheres ottomanas.

Foi ahi que se extinguiu o artista que escreveu e sentiu a infelicidade de Jean, o **Matelot**; que se extinguiu evocando, com certeza, num ultimo lampejo de vida, a alma de mãe de Nadine, o coração de amante de Aziyadé — as duas abelhas da sua gloria, os dois imans da sua saudade — cujas mãos lhe enramaram na fronte, inconscientemente, a corôa, entre todas maxima, de marinheiro poeta.



A SCIENCIA DA VIDA

(PARABOLA MUSSULMANA)



Malba Tahan

FM Damasco, na Syria, vivia um joven, formoso e rico, que tendo estudado com os bons mestres de seu tempo, havia adquirido um grande saber.

Esse joven — que se chamava Nureddin — ouviu falar que em Laristan, na Persia, vivia um homem que era mais sabio que todos os doutores famosos do Islam.

Partiu Nureddin para a longinqua cidade em que vivia o grande sabio. Encontrou-o trabalhando humildemente no officio de ferreiro, forjando barras e fabricando peças.

— Que queres, ó joven! — perguntou o sabio.

— Quero conhecer a verdadeira sciencia da vida! — respondeu Nureddin.

O sabio ferreiro, como unica resposta, collocou entre as mãos do moço a corda do folle, e disse-lhe:

— Puxa esta corda! Conserva activo o fogo nesta forja! E, depois, ficarás sabendo qual a verdadeira sciencia da vida!

Nureddin ouviu, e obedeceu cegamente á ordem de seu mestre. E, até o cahir da noite, trabalhou como um escravo na forja do sabio.

No dia seguinte trabalhou novamente o dia inteiro. E assim, trabalhando sempre, fi-

cou durante um anno, sem ouvir de seu mestre uma unica palavra.

Passado um anno o bom Nureddin, timido, humilde, dirigiu-se ao sabio:

— Mestre! Eu queria saber a verdadeira sciencia da vida!

— Espera, ó joven impaciente!

E Nureddin voltou, de novo, a trabalhar na forja, puxando a pesada corda do folle.

Um anno depois voltou a fallar com o sabio, e obteve a mesma resposta:

— Espera, ó joven!

Passaram-se assim dez annos.

Um dia, afinal, quando Nureddin, cheio de fadiga, quasi vencido pelo desanimo, revolvía as brazas no fundo da fornalha, o sabio aproximando-se d'elle, batendo-lhe de leve no hombro, disse-lhe:

— Pódes voltar, meu filho, para a tua cidade natal. Pódes voltar, pois já levas no coração a verdadeira sciencia da vida!

E ajuntou, carinhoso:

— Adquiriste, durante o tempo que aqui estiveste, as duas grandes e sublimes virtudes: o amor ao trabalho e a paciencia! No amor ao trabalho e na paciencia se resume, ó joven! toda a grande sciencia da vida!

Uma carta de Raul Pederneiras

Caro Gastão Penalva.
O ultimo numero da Galéria é um numero! Encheu-me as medidas! Os rapazes brilham! No genero humoristico do traço não podem ser aspirantes! Metta-os, por minha conta, no almirantado! Faze-te porta voz dos meus applausos junto a essa phalange de inteligencias novas, de que nos orgulhamos! Um forte shake hands darás a Angelo pela pagina original, que modestamente denominou parodia. Ventos galernos conduzam a intrepida marujada do futuro! Abraços effusivos do

Raul.

Rio - 2 - VII - 926.



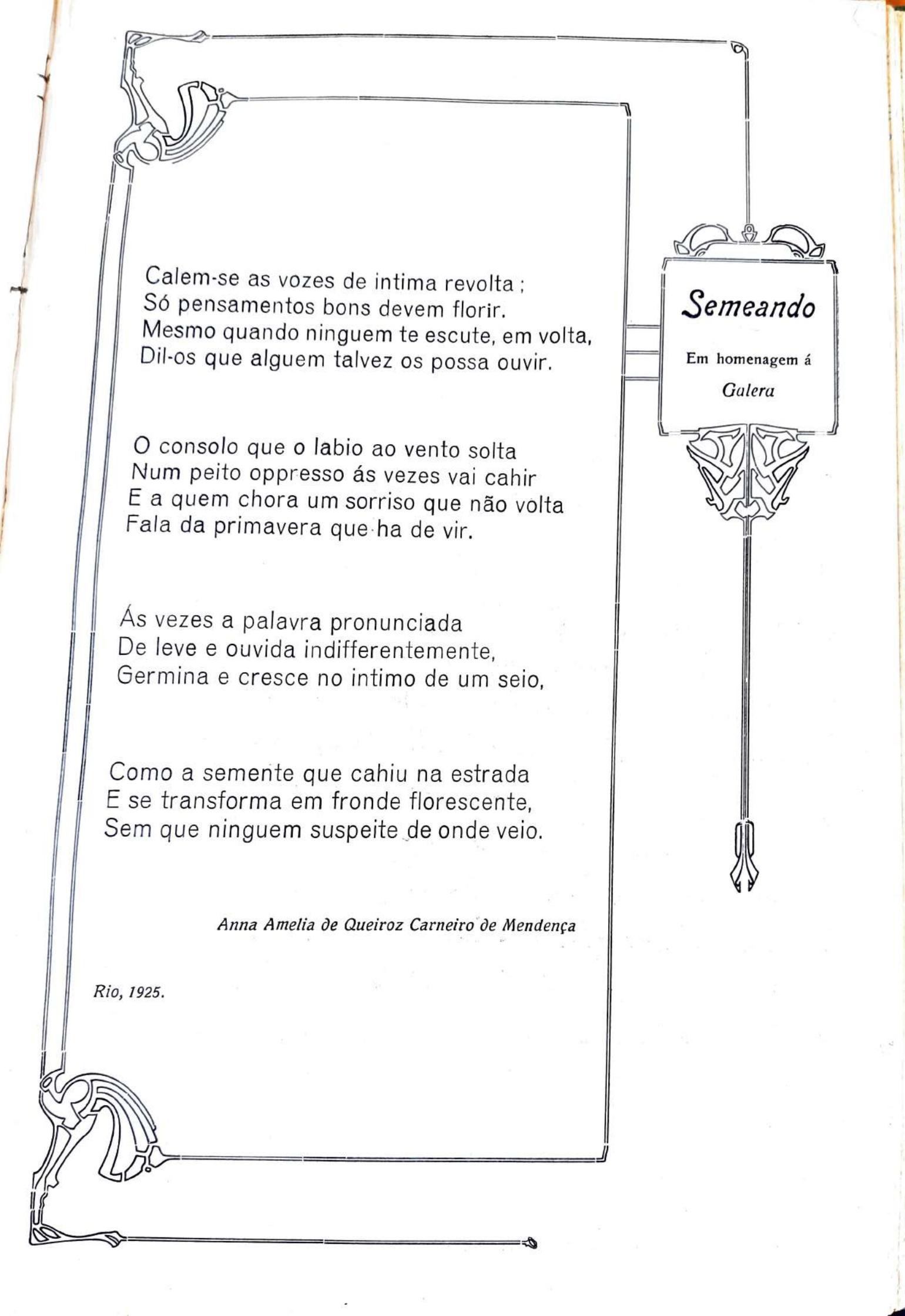
Caro Gastão Penalva.



O ultimo numero da Galéria é um numero! Encheu-me as medidas! Os rapazes brilham! No genero humoristico do traço não podem ser aspirantes! Metta-os, por minha conta, no almirantado! Faze-te porta voz dos meus applausos junto a essa phalange de inteligencias novas, de que nos orgulhamos! Um forte shake hands darás a Angelo pela pagina original, que modestamente denominou parodia. Ventos galernos conduzam a intrepida marujada do futuro! Abraços effusivos do

RAUL

Rio - 2 - VII - 926



Calem-se as vozes de intima revolta ;
Só pensamentos bons devem florir.
Mesmo quando ninguem te escute, em volta,
Dil-os que alguém talvez os possa ouvir.

O consolo que o labio ao vento solta
Num peito oprimido ás vezes vai cair
E a quem chora um sorriso que não volta
Fala da primavera que ha de vir.

Ás vezes a palavra pronunciada
De leve e ouvida indifferentemente,
Germina e cresce no intimo de um seio,

Como a semente que cahiu na estrada
E se transforma em fronde florescente,
Sem que ninguem suspeite de onde veio.

Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendença

Rio, 1925.

Semeando

Em homenagem á
Galera

COM a mudança da Escola Naval da ilha das Enxadas para a enseada da Tapera, começou a definhir um typo de marinha que de ha muito já estava em decadencia: o garboso, o taful, o requestado, o brilhante, o convencido, o marambaia guarda-marinha.

Ah! o delicioso guarda-marinha de outrora!

Muito antes dos modernos e afeminados almofadinhas, já existia o guarda-marinha, que, longe de atingir a feminilidade dos rachíticos e empoados ephesos de hoje, era comtudo uma especie de almofadinha de botões dourados.

Findos os tres primeiros annos do curso nautico, sahia a lagarta-aspirante do seu casulo para transformar-se na crysalida guarda-marinha, com uns ligeiros ameaços de azas para os altos surtos das futuras escaladas.

Quanto valia um guarda-marinha—quanto pensava elle valer!

Pela cotação, que sentia subir inopinadamente; pela esplendor dos enfeites da farda, e o galão, que lhe riscava o pulso com uma grata pincelada de ouro; pela elevação subita e desproporcional do soldo, augmentado de cincoenta vezes, e, sobretudo, pela importancia que lhe davam as moças, que viam nelle a realização de um bom partido—o guarda-marinha constituia a suprema expressão da pose, da elegancia e da ousadia, um pouco de Lovelace, um pouco de Quixote, figura intermediaria do aspiraute e do almirante, com o valor que julgava ter deste, não passando nm pouco mais que aquelle.

Gervése, o official da marinha franceza doublé do espirituoso caricaturista dos flagran-tes da vida de bordo, de cujo lapis não escapou nem o sisudo La Peyrère, de quem fôra ajudante de ordens no começo da grande guerra, em sua preciosa collecção de postaes caricatos, possui dois, que aos demais sobrepujam em graça e psychologia. Um dellas representa o guarda-marinha, quando embarca pela primeira vez; e desde que pisa os primeiros degrãos do portaló, vae achando tudo grande, descommunal, disforme. Só elle é pequeno, miseravel, microscopico. E' o que o guarda-marinha de facto é. No outro, ao contrario, tudo se some á sua imagem: o navio, o almirante, os officiaes, como uma Lilliput de que só elle é

E' o que o guarda-marinha pensa ser. Mas onde realmente o nosso heroe imperava, e com razão podia confiar na sua omni-

potencia — mais que na escola a commandar paradas, mais que no passadiço de um navio, ajudando um quarto, era na amplidão luminosa e mundana de um salão de baile. Ah!, entre as moças, disputado a valer como o melhor dos pares, ao som das valsas languidas de Aurelio, que faziam o furor choreographico de então, elle era sem rival, conscio do seu valor, cioso das suas armas, zeloso dos seus vasos de que fartamente dispunha para satisfação da sua eterna idéa fixa, do seu satisfação objectivo: desbancar o paisano. Por sua vez, o paisano conhecia o immenso prestigio do guarda-marinha num salão de festa, e enco-

lhava-se a um vão de enco-nella, mal presentia a entrada triumphal desse Adonis de farda, e lá se deixava ficar a noite inteira — ralado de paixão, desviado de inveja.

Por isso, o guarda-marinha era muito fazezavelmente detestado pelo paisano, que sempre que podia lhe pregava as mais imperdoaveis partidas. Uma dellas era esconder-lhe o bonet.

Era no tempo em que o Barão de Jaceguay, uma das mais completas organizações de almirante que a marinha tem tido, dirigia a Escola Naval. Um guarda-marinha licenciado para comparecer a um anniversario intimo regressara no dia seguinte com algumas horas de atrazo. O Barão soube do facio, e mandou chamal-o com uma reprehensão eugatilhada. O moço desculpou-se, allegando que fôra a uma

reunião familiar, e á hora da partida as moças esconderam-lhe o bonet.

O almirante exasperou-se, sacudiu no ar a sua inseparavel bengala, e bradou para o joven official, que tremia, aturdido:

— Sim, senhor. As moças esconderam-lhe o bonnet. Pois, agora, sou eu quem o esconde das moças.

E impediu o guarda-marinha por um mez.

Escusado é dizer que o autor da peça fôra o paisano, que com fundadas razões, não podia tolerar o guarda-marinha.



Gastao Pualva

Ⓞ Mendigo

Aos bons amigos Dr. José Milliet e Senhora

QUANDO EU SUBIA PARA A VELHA EGREJA,
SEMPRE O MESMO MENDIGO ME ESMOLAVA.
NA MÃO TREMULA UM OBULO EU DEIXAVA,
E ELLE DIZIA : «DEUS QUE VOS PROTEJA».

NEM O MINIMO INDICIO DE UMA INVEJA
A ALVA FRONTE ENRUGADA LHE ENSOMBRAVA.
COM A TERNURA DE SEMPRE ME FITAVA,
QUANDO EU SUBIA PARA A VELHA EGREJA.

UMA TARDE DE FESTA, EM QUE HAVIA
SOM DE ORGAM PELO TEMPLO DERRAMADO,
INDIFFERENTE AO QUE EU LHE OFFERECIA,

ORAVA; MAL ME OLHOU O POBRE AMIGO...
AQUELLA PRECE, MAIS QUE O OBULO DADO,
ERA A SUPREMA ESMOLA DO MENDIGO !

A. M. Buarque de Lima,

NAUFRAGIO DO CRUZADOR «IMPERIAL MARINHEIRO» (1887)

Ao prezado amigo e collega Fernando Carlos de Mattos, relembrando a coragem, heroismo, energia e intrepidez do então 2º Tenente Francisco de Mattos.

COMO — «recordar é viver» — lembramos factos passados na marinha e por nós da geração actual ignorados, é vivermos com os nossos maiores que nos precederam na marinha, e partilharmos de suas luctas, suas alegrias e soffrimentos. Ao mesmo tempo sempre encontraremos actos de heroismo a admirar, e modelos dignos de imitarmos.

Assim, pois, na peregrinação através do passado que estamos fazendo, vamos recordar o naufragio do Cruzador «Imperial Marinheiro», occorrido a 7 de Setembro de 1887.

Tendo o Almirante Mouchez, naquella época director do Observatorio Astronomico de Paris, escripto ao Director do serviço hydrographico da Marinha Brasileira communicando-lhe que alguns transatlanticos francezes tinham tocado em um banco de coral, no trecho mais navegavel do canal dos Abrolhos, onde elle, Mouchez, encontrou, em 1867, de 16 a 20 metros d'agua, e pela grande quantidade de lãtros esbranquiçada que depois do choque veio á superficie, acreditava aquelle Almirante, tratar-se de **chaperão**, massa coralica de rapido crescimento na região dos Abrolhos, onde se desenvolve exuberantemente o polypo coralligeno.

Naquelle tempo, ha 39 annos passados, isto foi considerado uma denuncia grave que, a ser verdadeira, poria em risco a navegação em paragens frequentadas por navios que, buscando encurtar caminho, demandavam o canal.

A vista disto, o ministro da Marinha Conselheiro Castrioto, resolveu de accordo com o ajudante general, e chefe do serviço hydrographico, mandar o Cruzador «Imperial Marinheiro», com uma commissão hydrographica, ao Archipelago dos Abrolhos, afim de verificar a existencia do referido **chaperão**.

Era o Cruzador «Imperial Marinheiro» um navio novo, construido em 1884, nos estaleiros de Carlos Moreau, na Ponta da Areia. Em poucos dias estava o navio prompto a partir, reinando a bordo entre os officiaes grande entusiasmo pela commissão que iam desempenhar.

No dia 5 de Setembro de 1887, deixou o Cruzador o porto do Rio de Janeiro, tendo como Commandante o Capitão Tenente João Carlos Pereira Pinto, official moço, muito estimado em sua classe, de reconhecido valor e competencia, com muitos annos de embarque, tendo mesmo feito uma viagem de circumnavegação; immediato o 1.º Tenente P. Rollim Pinheiro, e officiaes os 2.ºs Tenentes Francisco de Mattos, Alipio Mursa, Alfredo Azevedo Alves, Trifeno de Oliveira, Guarda Marinhas F. P. de Mello Alves, Manoel Alves Pinto, medico Dr. J. J. Carvalho, official de fazenda Cezar de Sá, cinco machinistas, tres praticantes de machinistas e 100 praças.

La a bordo tambem a commissão hydrographica, composta do Capitão Tenente Calheiros da Graça, e 1.º Tenente Indio do Brasil.

O Commandante devia ir directamente á ilha de Santa Barbara, onde se acha o pharol, e dahi partiria iniciando suas pesquisas.

No dia 6, o «Imperial Marinheiro» navegava ao rumo de N. N. E., deitando 11 milhas a vela e a vapor, em direitura aos Abrolhos.

Ao meio dia de 6, a observação deu 39º 26' W de longitude e 21º 36' S de latitude, observação que, reduzida ás 3 horas, deu uma differença de segundos.

A' bordo havia 6 chronometros que tinham sido regulados no Observatorio, naquele tempo no morro do Castello, e não apresentavam differença na sua marcha.

A's 12 h. 30, da madrugada do dia 7, estando de quarto o 2º Tenente A. Azevedo Alves, o vigia observou-lhe que estava ouvindo do barulho «das vagas a bater na praia». O official de quarto, sabendo, pelo rumo seguido, estar o navio bem longe da praia, e não ouvindo ruido nenhum especial, não ligou importancia á observação do vigia.

A 1 hora sentiu-se um grande abalo: estava o navio encalhado!

A agua entrava com tanta rapidez que, cinco minutos depois, as machinas, alagadas, não podiam mais funcionar, e os fogos estavam apagados.

Para melhor descrever os momentos angustiosos do naufragio, transcrevemos aqui trechos da carta de um official de bordo:

«A 1 hora da madrugada do dia 7, fomos despertados todos, a bordo do «Imperial Marinheiro», por um grande abalo; apenas soffrendo aquelle choque, começaram as vagas a entrar por boreste, e a sair por bombordo, tendo o navio ficado atravessado no mar. Mal tinha o Commandante dado ordem para pôr o leme a boreste, quando declarou o timoneiro que estavam partidos os gualdropes. Sem demora ordenou o Commandante que fosse posta a canna de leme. Nesta occasião participou o machinista ter a agua apagado os fogos e arreventado o tubo conductor de vapor.

Nesta terrivel conjunctura, vendo a morte imminente e não podendo mais lutar para salvar o navio, mandou o Commandante que fossem arriados os escaleres de sotavento, visto estarem inutilizados os de barlavento. A sotavento existiam 2 escaleres e 1 chalana. Em um dos escaleres seguiram para a terra 10 marinheiros, afim de pedir soccorro; apenas tocou o escaler na praia partiu-se com o choque, salvando-se os seus tripulantes.

Quando se tratava de arriar o outro escaler, desgatou-se a talha e cahiu elle ao mar, com o pessoal que estava dentro; por meio de cabos e boias lançados de bordo, foram esses tripulantes salvos.

Apenas restava a chalana, fragil meio de salvação!

Embora fragil, era o unico que tinhamos, e assim ordenou o Commandante que fosse ella utilizada, porém, ao amanhecer.

A bordo reinava a maior ordem possivel em taes circumstancias, e durante todo o resto da noite a guarnição passou nas enxarcias grande e da gatta, e os officiaes ao lado do Commandante no tombadilho.

Os vagalhões rebentavam enormes no pobre navio, e varriam o tombadilho de borda a borda!

Nestas horas de cruel expectativa, o 2.º Tenente Francisco de Mattos, indifferente ao perigo que estava correndo, animava a guarnição acenando-lhe com a esperança de proximo salvamento.

O Commandante quando viu que tudo estava definitivamente perdido, quiz ver se salvava a carta que trazia a derrota; para este fim dirigiu-se á camara, já invadida pelas aguas e completamente ás escuras, mas apesar de todos os esforços não conseguiu encontrar a carta, e ficou bastante ferido nas mãos. Do mesmo modo, não foi possível salvar o livro de quarto, pois a Praça d'Armas foi logo invadida pelas aguas.

Apenas amanheceu arriou-se a chalana, tornando-se logo presa do mar que a arrastou para a praia.

Não restava mais nenhum meio de salvação!

Tentou-se lançar um cabo de vai-vem, para a terra, o que só se conseguiu ás 11 horas devido a intrepidez e coragem do marinheiro Faustino Antonio, que, atirando-se resolutamente ao mar, foi a nado com uma adriça para a terra.

Amarrou-se então o chicote da adriça á espia, que foi alada de terra, sendo ahi fixa em um páu enterrado na areia, e no navio em um dos ovens da enxarcia grande.

Assim estabelecida a difficil, arriscada e perigosa passagem do navio para a terra, começaram os naufragos a transpor o espaço que os separava da almejada praia. Muitos porém eram arrastados pelas vagas e desapareciam aos nossos olhos.

Todos que o mar arrancava dos cabos eram arrojados para a pôpa do navio onde havia como que um redemoinho, que instantaneamente os devorava. Quando já estava proximo da praia, foi o Tenente Trifeno arrebatado do cabo pela corrente e desapareceu immediatamente tragado pelas ondas. Mesma sorte teve o Guarda Marinha Mello Alves.

Vendo isto, todos desanimaram de servir-se do cabo, e em companhia do Commandante, que estava ferido, ficaram a bordo mais de 100 pessoas, aguardando a morte sem esperança de salvação. Porém os 2.º Tenentes Francisco de Mattos e Alipio Mursa, servindo-se do cabo de vai-vem conseguiram chegar á praia, e apenas chegaram em terra, lançaram mão da chalana que fôra pelo mar atirada á praia, e amarrando-lhe um cabo á pôpa, ia um delles largando-o á medida que se afastava a chalana em direcção do navio, enquanto o outro segurava no cabo de vai-vem. Tripulada por dois marinheiros aproximou-se a chalana do navio; e então tiveram, apenas, os que estavam a bordo de vencer pequena distancia pelo cabo, e logo embarcados na chalana, eram pelos Tenentes alados para a praia.

Sem descansar um instante, pondo sempre á prova a sua coragem e indomavel energia, o 2.º Tenente Francisco de Mattos, teve a ideia de construir uma jangada; pois só com a chalana, o transporte de tão grande numero de pessoas seria muito demorado, e a bordo havia, além do Commandante 20 pessoas feridas.

Assim sem sentir o cansaço das 12 horas horriveis que tinha passado no meio das ondas que se quebravam aos seus pés, o Tenente Francisco de Mattos, auxiliado pelos distinctos Tenentes Mursa e Azevedo Alves, com os destroços do navio atirados pelas vagas

construíram rapidamente uma jangada, que teve a mesma applicação da chalana.

Desde esse momento não pereceu mais nmguem, e o serviço de salvação sempre dirigido pelo bravo e incansavel Tenente Francisco de Mattos, tornou-se effizaz, methodico e rapido.)

O «Imperial Marinheiro» estava totalmente perdido, e nada se poudo salvar.

Tinha naufragado na barra do Rio Doce, a 1 1/2 milha da ponta sul do rio.

A barra do Rio Doce é famosa pela grande arrebentação que ali sempre reina, levantando muito mar, a ponto de fazer desgovernar os navios que navegam a 5 e 6 milhas da costa.

Quando o Cruzador encalhou estava a 200 braças de terra, porém depois atirado pelas vagas ficou a 30 braças da praia, e tinha a prôa em direcção a terra; o mar porem torceu o navio, pondo-o em posição obliqua.

Falleceram no naufragio 14 pessoas, sendo 2 officiaes e 4 machinistas; salvaram-se 129. A correnteza para o mar era tão forte, que só um cadaver deu á praia; os outros foram arrastados para o Oceano.

O governo do Estado do Espirito Santo providenciou para que seguisse com urgencia o vapor Araruama, para trazer os naufragos, e dessa maneira, no dia 8, chegou este vapor a Regencia, lugar onde elles se achavam. Teve porem o Araruama de ficar ao largo, pois muito mar e grande arrebentação, impediam de aproximar-se da costa.

Seguiram, pois os naufragos até «Concha do Riacho», 8 leguas distante, onde com a maior difficuldade conseguiram emfim embarcar no Araruama, no dia 13, chegando neste mesmo dia á Victoria. O Presidente do Estado, e altas autoridades, foram a bordo do «Maria Pia» ao encontro dos naufragos. No meio da população triste e commovida desembarcaram elles, descalços, com as roupas esfarrapadas.

Foram cercados de carinhos, tendo lhes sido fornecido roupas e calçados. Neste mesmo dia, partiram á noite no vapor «Maria Pia», com destino ao Rio de Janeiro, onde chegaram no dia 15 ao amanhecer.

No Rio todos esperavam anciosos a chegada dos naufragos. E foi verdadeiramente commovente a recepção que elles tiveram dos seus collegas; os que recebiam e os que eram recebidos só tinham a trocar entre si tristezas e desconsolos.

A nação teria com a perda do seu navio de guerra um grande prejuizo, porem seria remediavel, se sómente o dinheiro tivesse valor para os povos.

Quando com o navio despedaçado na costa, ou afundado no oceano, perdem-se vidas preciosas, não é mais o prejuizo que se lamenta, mas o desastre que enluta o coração de algumas familias e a alma da Patria.

Na suas expressiva tecnologia naval os inglezes chamam seus navios de guerra — homens de guerra — (men of war). A linguagem symbolica exprime, entretanto, um sentimento real. A cada navio de guerra como que adhere uma parte da essencia moral da nação. A ficção do direito considera o navio de guerra um prolongamento do territorio patrio; mas elle é mais do que isto — é a representação da honra da soberania nacional na expressão concreta do seu formidavel poder mecanico — como força de ataque e garantia de defesa.

E é por isto que todos quantos tem a

honra de vestir o uniforme da marinha de guerra, e tomam parte no serviço a bordo de qualquer navio como que identificaram o seu proprio ser, o seu espirito, a sua actividade, o seu brio, a sua honra, a sua propria vida com o navio que commandam ou no qual servem. Entre o organismo consciencioso do homem e o organismo inconsciente do navio como que se estabelece uma permuta mysteriosa, o navio como que passa a ter alma; o homem acredita vencer a resistencia das ondas e as rajadas do vendaval, unicamente pelo esforço de sua vontade, como se fosse elle quem sentisse palpitar nos seus flancos os estos do vapor, ou como se com o seu alento fosse elle quem propulsasse o navio.

O official de marinha identifica-se com o seu navio, quer-lhe bem como a um ente querido.

Comprehende-se, mas não se pode definir, a magua profunda, a lacerante dor que se apossa do coração do homem do mar quando vê o seu navio, ha pouco objecto dos seus cuidados, em pedaços, desmantelado, a mercê das ondas ou de encontro aos recifes!

Assim, tristes e acabrunhados estavam o Commandante e officiaes salvos do naufragio, e os companheiros que os recebiam sentiam e partilhavam a sua magua.

O Commandante e o official de quarto foram submettidos a conselho de investigação, e de guerra; sendo absolvidos, o Commandante pediu reforma e dedicou-se á carreira consular; o Tenente Azevedo Alves, pediu demissão da Marinha.

Naquelle tempo muito se fallou sobre a causa do naufragio num lugar tão conhecido, e tendo um Commandante tão competente, attribuindo-se a desvio da agulha devido aos imans

dos apparelhos levados a bordo para estudos de declinação na costa.

Uma nota curiosa: — Os officiaes perderam toda a roupa, e todos seus uniformes, e o prejuizo de cada um, foi avaliado em media em 900\$000!...

Ditoso tempo aquelle!...

Hoje com esta quantia mal se pôde comprar um uniforme!

O governo francez sabendo do naufragio do Cruzador «Imperial Marinheiro», mandou a Fragata «Arethusa» da Divisão Atlantico Sul, para ficar ás ordens do governo brasileiro, e continuar a commissão do malogrado Cruzador.

O governo, porém, já tinha mandado a Canhoneira Marajó, levando a commissão hydrographica, e mais o Almirante Tefé, chefe deste Departamento.

Foi muito feliz a commissão da Canhoneira Marajó, e poucos dias depois recebeu o ministro da marinha o seguinte telegramma do almirante Tefé:

«Commissão concluida com felicidade. Depois de muito sondar encontrei banco de coral em posição muito diferente das informações recebidas. Demora rumo verdadeiro 10 graus noroeste do pharol dos Abrolhos, na distancia de 13 milhas, tem uma milha de extensão, prumei 4 metros — muito perigoso».

Ao iniciar nosso artigo, falando do banco de coral, causa da viagem do Cruzador «Imperial Marinheiro», imaginamos que seria bom transcrever aqui o resultado das investigações.

Dos sobreviventes do naufragio do Cruzador, temos na marinha o illustre almirante Francisco de Mattos, cuja vida dedicada ao serviço da Nação e da Marinha, nem um instante desmereceu do que promettia o jovem Tenente do «Imperial Marinheiro».

Aspirante.

SIRGUEIRO

Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida

Artigos em deposito: Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance e casemiras inglezas e francezas. Brins brancos — diversos fabricantes — estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

Vendas por Atacado e a Varejo

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceta-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade.

Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

Parodia

*Vai-se o primeiro "nautico" enjoado :
Vai-se outro, e outro mais, enfim, dezenas
De enjoados descem do convéz, apenas
Entra o navio em mar mais agitado.*

*À noite, se algum vento desalmado
Agita as aguas calmas e serenas,
Enfurnam nos beliches ás centenas
Aquelles que o enjão tem prostrado.*

*Assim as ilusões : partem deixando
O coração em lagrimas desfeito
As crenças fugitivas lastimando:*

*E, assim como isso nos abate o viço
Da mocidade, e gela o nosso peito,
Os enjoados nos gelam no serviço.*

EUGENIO POSSOLO.



Pomba desprezada

*Ó morena gentil que ao céu subiste
Por eu dizer não ser teu pretendente :
Podes ficar zangada eternamente
Que eu nem por isto hei de viver mais triste*

*Se agora que das nuvens tu cahiste,
Ficaste um pouco mais intelligente,
Vê que um homem não cae tão facilmente,
E de marido perseguir desiste.*

*E se vingança acaso desejares
Pela raiva feroz que te ficou
De teus loucos castellos desmanchares,*

*Pede a Deus, que estas cousas inventou,
Que te arranje um coió para barrares
Como este teu creado te barrou*

EUGENIO POSSOLO.

BUCOLICA

PRA agora a extensa lamina prateada da arcia, que se desenhava no contorno da enseada calma. Um reflexo inquieto, como um escarvo de luz, rasteava a agua queda sob a janella aberta de uma choça. Grillos cantavam e além, pelos reoncavos do morro, soava de longe em longe o piar de agouro dos corujões noctivagos.

Por vezes, um grande silencio cavava syncopes no rumor da floresta, como um arpejo de medo a adivinhar os fantasmas brancos das laranjeiras em flôr.

Para o largo, a silhueta de um navio de guerra abriu, como timoratos olhos, cubicosos, a invejar o segredo da matta, as fieiras de moedas de ouro das vigias illuminadas.

Um ou outro rumor da vida de bordo punha ás vezes a nota dissonante na grande voz da natureza, e uma ou outra vez, o bater do sino ou o apito do contra-mestre rasgava o bucolismo doce da enseada numa paraphrase extranha de algum motivo de Debussy.

Mais para além, notas soltas na harmonia luminosa da noite enluarda, piscavam boias vermelhas, como humildes estrellas captivas em prisões de ferro, que choram com lagrimas de luz, a tremular, nas aguas, a saudade da via lactea.

E a choça queda e branca, perdida entre a folhagem como um ninho, parecia esperar como num encanto a bruxa malfazeja da historia de João e Maria.

Por vezes, como uma subita illuminura na folha em branco, da parede humilde, um vulto de mulher se enquadrava na moldura luminosa da janella aberta olhando para o mar. Leve soprava a brisa perfumada, que atravessava a matta em flôr. Laranjeiras desnudavam-se ao seu beijo, num sussuro nupcial de petalas cahindo, e o tapete da relva, macio como um talamo, parecia esperar, no mysterio da noite, a ressurreição pagã das nymphas e dos satyros para o bucolismo sensual da idade de ouro...

Debruçada da janella tosca, fremia a cabocla sob a impressão aguda da harmonia selvagem.

O luar, um luar de phantasmagoria, cahindo do alto como um jorro de leite, recor-tava no chão o mosaico caprichoso da folhagem. O halito quente da noite beijava-lhe os labios grossos, onde fremia encarcerada uma

nebulosa de beijos. Sentia avolumar-se em seu cerebro a deliciosa nevoa da embriaguez dos perfumes activos da selva. A languorosa musica do mar rolando busios na praia dava-lhe ao corpo todo a doce moleza lubrica que lhe percorria os membros lassos. O irreal de um luar luxuriante de opala e prata avolumava a impressão fantasiosa de seus sentidos excitados e punha mais uma nota aguda a vibrar na corda tesa de sua sensibilidade esquesita...

Um mocho piou na espessura da matta, injuriando as estrellas. E uma nuvemzinha muito alta e muito leve riscou a face da lua com uma pincelada de nankim...

Um leve rumor de remos cortando a agua e o chocalhar da madeira a bater num bojo de madeira acompanhou a esteira branca de uma canoa em direcção á praia.

Veio vindo num brilhar de espumas ao luar, como uma gondola silenciosa que evoca uma barcarola do sonho.

Brutal como uma pateada à musica do mar, um cão ladrou furioso, ao passo que a canôa imbicava na praia lisa rasgando um talho fundo na areia branca.

— Passa, Tupy!...

E a cabocla, da janella illuminada, viu o cão, um grande cão felpudo, rosar contrariado, farejar com diffi-culdade atravez aquellos perfumes todos da selva, que deviam dar esquesitas interrogações á sua alma de bruto, e subito partiu em carreira para a

praia, a abanar a cauda...

Um homem saltára da canôa:

— Obrigado, «seu» Amancio. Não esqueça de passar aqui amanhã de manhã, na condução das verduras. Olhe que o navio suspende cedo...

— Não hay duvida, «seu» moço. Amenhãsinha eu bato por aqui. Bas noites!...

— Bôa noite...

Uma remada vigorosa poz a canôa a nado. O outro, em terra, ficou um instante a olhal-a, que se afastava, acariciando com a larga mão a felpuda cabeça do Tupy, que ia e vinha em redor, dando signaes de satisfação.

Era um forte marujo, de tez abronzeada, peito largo e olhar penetrante, ultimo rebento talvez de algum dos fortes ramos da gente primitiva do sertão.

O amor de uma cabocla e a cocha de um tenente deram-lhe aquella permissão especial para pernoitar em terra. Conducção era



Del Gomez y Ferrabraz

o menos: safou-se na canôa do fornecedor de verduras, um velhote pacato que morava lá para as bandas da Praia Grande. Agora encurtava a largos passos a distancia que o separava da casinha. Anciosa, esperava-o á porteira tosca onde se entrelaçavam os galhos floridos dos copos de leite silvestres, com os labios descerrados num sorriso promissor de beijos, a cabocla arisca, flôr exotica das selvas, em que as rudezas da matta não conseguiam quebrar o encanto da vista nem suffocar a ebriedade do perfume.

— Pensei que não viesses...

O outro estalou-lhe um beijo nos labios, a modo de resposta. Ella procurou protestar, desvencilhar-se a principio, como costumam fazer todas as filhas de Eva, que sempre parecem ceder e não entregar-se á violencia do sexo forte; depois, fraquejou, cerrou os olhos e as estrellas no céu piscaram mais depressa, como assustadas...

O irrequieto Tupy ladrou vendo passar um morego tonto deante da janella aberta. Um uivo doloroso de algum cão perdido na distancia chegou até á praia como um gemido da noite.

— Quietos, Tupy!...

Quebrado o encanto, foram-se os dois enlaçados, por baixo das laranjeiras em flôr, que a brisa fresca despetalava perfumando-se. Entraram em casa. Uma chaleira chiava no fogão, prompta para o tradicional café.

Por uma porta aberta, via-se um interior de quarto, com uma cama muito alva, muito limpa, banhada de luar que entrava a jorros pela janella. O marujo lançou-lhe um olhar cubiçoso, cheio de desconhecidas venturas. Talvez comparasse mentalmente aquelle quarto com a sua macca rude, que hoje felizmente jazia enrodilhada como um salcichão grotesco no fundo da trincheira, e que elle armava diariamente num vão de coberta, no meio de muitas outras semelhantes, onde repousavam as dores e os sorrisos dos «miquimbys» de todo o Brasil. E teve um sorriso largo e bom para a cabocla que lhe apresentava o café cheiroso e forte, tão differente daquella agua suja que o Domingos, o **cuca** da guarnição apresentava nas jarras de aluminio.

E subito, como tendo necessidade de fazer valer aos olhos da cabocla **paisana** os episodios de sua vida, que elle sabia humilde e cheia de sacrificios, poz-se a contar-lhe as viagens feitas, emprestando a cada episodio em que elle figurava as proporções de uma epopéa vivida. E a mulher, credula e admirada, ouvia-o reflectindo nos grandes olhos amorosos as doces paixões que lhe despertavam nalma á palavra commovida do marujo.

Foram manobras arriscadissimas a passo em que, de uma feita, elle salvara um grumete que cahira do joanete, pescando-o a meio caminho pela gola, no cesto da gavea; depois eram as correrias da policia de Pernambuco, a temivel, deante do punhado destemido com que elle fora libertar um companheiro preso injustamente, já se vê. E as mil e uma peripicias da vida de bordo, cheia de perigos, isto tudo entremeado de termos technicos e de giria, que faziam o effeito de sonetos de Marinetti aos ouvidos da cabocla, dando á narração do marujo um tom incompreensivel que a tornava mais verdadeira...

Terminado o café, arrastou-a num beijo para a janella, e fez um gesto vago de abranger o mar:

— E' alli que a gente vê para quanto o homem serve. Olha que lutar com aquelle bicho não é brinquedo...

«Aquelle bicho» era o oceano, que vinha rastejando pela areia curvar-se aos pés do marujo numa homenagem inconsciente.

E ficaram assim longo tempo na janella, olhando a selva, olhando o mar, elle respirando com satisfação aquelle ar impregnado de perfumes suaves e sentindo junto a si a cabocla moça fremir de amor e de susto ao ouvir os perigos formidaveis que elle arrostara por amor da marinha; ella, timida, credula, amorosa, de olhos fitos no navio illuminado, que surgia do do mar escuro como uma esphyngue soberana para arrancar-o dos seus braços...

A selva retomara a symphonia grandiosa dos seus rumores nocturnos, ebria de aromas aspirados em volutas á caricia doce da brisa...

Subito um toque longo, triste, doloroso como um soluço, rasgou a calma serena da noite.

A alma do corneteiro, cheio de nostalgia, como uma evocação inconsciente de Rolando a agonizar em Roncesvalles, vasava-se em tristes notas dolorosamente longas, que iam morrendo, morrendo a perder-se na matta, com os outros rumores da noite...

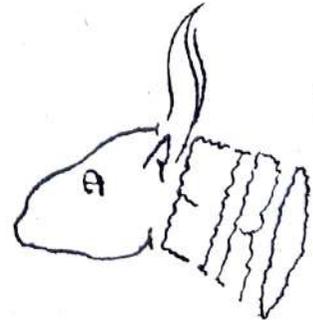
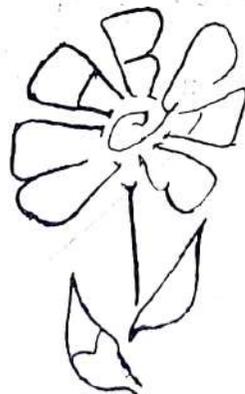
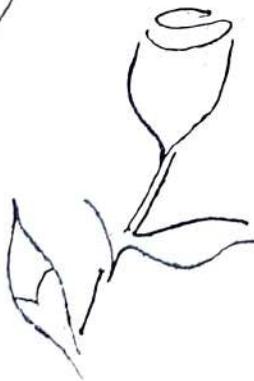
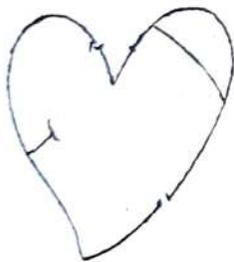
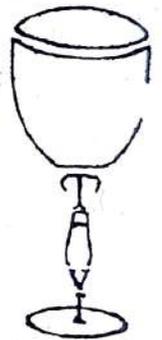
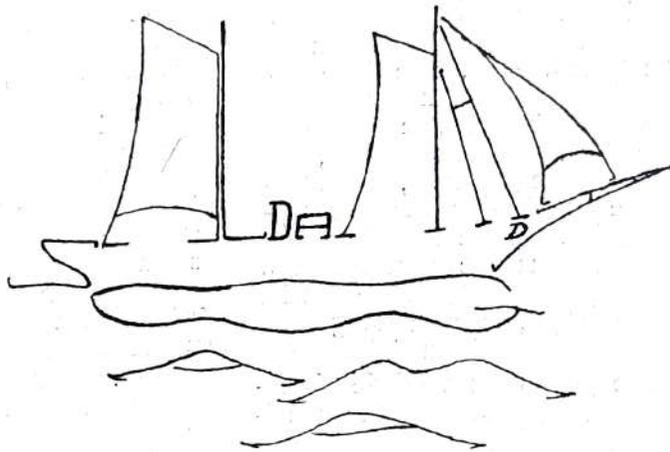
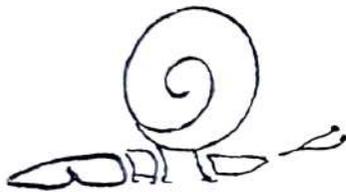
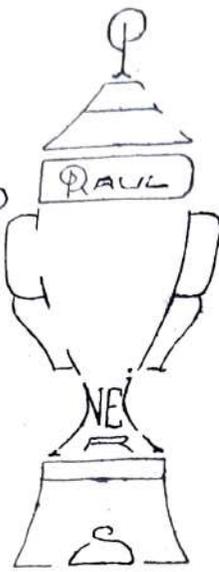
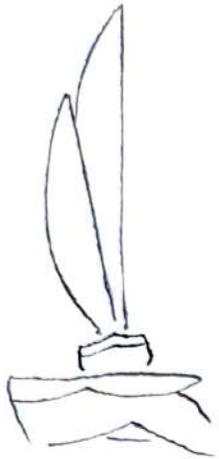
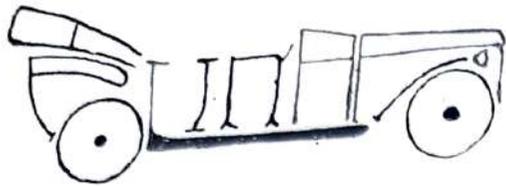
O marujo parou em meio a uma aventura mais, e, educado no automatismo da disciplina, sussurrou num beijo para a cabocla:

— Tocou silencio...

Uma janella illuminada fechou-se lentamente na choça branca, e um fio de luar coou-se um momento tremulo e indeciso por uma fresta. Depois apagou-se...

E as laranjeiras em flôr continuaram despetalando-se, á marcha nupcial da noite para receber no thalamo da relva as nymphas e os satyros que bailam ao luar...

O. C.



Hayes
1974

Soneto

Jesus, dizem que, com tocá-la, um dia,
A retina dum cego illuminaste.
Foi ao sol - pôr, na linda Samaria,
Que o divino milagre praticaste.

Em torno a ti, toda uma lenda havia.
Mendigos da ventura que espalhaste,
Todos os corações de Samaria
Rastreavam as pegadas que deixaste.

O cego viu; ressuscitou o morto.
Só dos teus olhos lagrimas rolaram
Entre as serenas oliveiras do horto.

Pouco depois na turba nada havia
Dos milagres de luz que illuminaram
A retina do cego em Samaria.

A. M. Buarque de Lima.

COMO as pessoas, os navios tem o seu destino traçado e irrevogavel. Ainda ha pouco se viu, com fun-da magua nacional, o triste fim de uma reliquia — o «Alagôas» do Lloyd Brasileiro. O malfadado barco teve a sua epoca de esplendor historico. Levou ao norte Gastão de Orleans, conde d'Eu, em viagem de exhibição monarchica, nos derradeiros dias do passado regimen.

Ao mesmo tempo, em audacioso contraste, na a seu bordo Silva Jardim, em propaganda republicana. Mais tarde, como fructificasse a vementeira do desditoso «naufraço» do Vesúvio, por uma bella manhã de Novembro, embarcava, nesse mesmo Alagoas a caminho do exilio, um homem alto, de perfil olympico, e longas barbas brancas, sobraçando um jornal do dia e um volume da «Evangelina» de Longfellow. Era Pedro II, desthronado sem saber por que.

O navio foi e voltou, dirigido pela mão adextrada de Pessoa.

Um anno depois, o nobre ancião desapparecia, e trinta annos depois, infamado e innocente morria de desgosto o commandante.

E a antiga nau, já imprestavel para os caprichos da republica florescente, não tendo mais a quem carregar para o exilio, teve que desterrar a propria carcassa, transformada em alvo para os tiros destruidores das formidaveis bellonaves de hoje.

Mas, ao contrario do que se suppunha — os tiros não acertaram. Antes, preferiram, como lição á ingratidão dos homens prestar á velha nau uma homenagem de guerra: enquadram-na, construindo-lhe em redor uma moldura de balas.

E o «Alagôas», entregue ao seu destino, após dias e dias á matroca como si andasse á cata de melhor fundo para afundar, resolveu suicidar-se, sepultando-se no oceano, grandioso e sereno, como um heróe deshonrado. A nau decrepita, maculada nos seus cabellos brancos, tradição esquecida, cumpria o seu fadario.

O «Bahia» é outro navio, desde o berço, com fundadas razões tido como azarado. Nunca disse ao que veiu. A's vezes chegava a recordar, encadernado de novo, o velho «Tamarandé».

Rebocado a principio pelo «Zero», um rebocador inglez de mau renome, parece que lhe absorveu parte da *guigné*, por contacto da boça de reboque. Tem desempenhado varias commissões, algumas de importancia, como essa complicada viagem da divisão Belfort ás festas centenarias do Chile. Mas, sempre sem destaque, atraz dos outros, com as caldeiras seriamente compromettidas, numa tuberculose irremediavel, sacrificando as energias que o guarnecem com uma revoltante e ferrea resistencia.

Nasceu dentro delle a sublevação de 1910, em seguida a uma carta anonyma ardilosamente collocada por debaixo de uma porta. Quando prestes a levantar ferro para acompanhar outros navios, em divisão de exercicio, já era de esperar que se avariasse, num momento ficasse envolvido numa espessa cortina de fumo, com as caldeiras em pandarecos.

E até hoje elle anda por ahi, do dique para a amarração da ilha das Cobras, sempre com um pé no estrangeiro, premio irrisorio de consolação.

Um dia levaram-no á guerra. Elle foi. Não se portou mal, num ultimo requinte de brio nautico. Mas, era sempre o «Bahia», a assustar toda a gente, nunca inspirando a confiança de uma solida nau de combate. Falta-vam-lhe para correr as bôas pernas que deveriam-lhe para um cruzador-vedeta. No melhor da festa, davam-lhe caimbras nos condensadores. Era então um andar para traz de metter inveja ás tartarugas.

Certa manhã correu pelo espinhaço da D. N. O. G. um calefrio de mau presagio. Mouros na costa. A esquadra ingleza de Freetown annunciava a presença do inimigo. Competia á divisão brasileira dar-lhe caça. Por que? Ninguem cuidou de saber. Era a guerra.

Logo os nossos *destroyers* se puzeram em campo, cada qual mais vigilante e aguerrido. Um houve até descobriu um submarino do Kaiser e pô-lo a pique a tiros de canhão. Não é *blague*. O inglez mais tarde verificou e relatou.

Comtudo, em plena acção, todas as vistas haviam-se voltado para o «Bahia». Não fosse aquelle azar pregar uma das suas. Entretanto, o «Bahia» navegava impavido, altaneiro, com meneios graciosos de espadarte. Todos rejubilavam, ufanos da nau irmã, que parecia haver tomado juizo.

A vigilancia recrudescia, quasi ao pôr do sol. Era um exercicio violento e estafante de *leva-arriba*. Que fazer?

Subito, alçam-se bandeiras nas vergas do altivo *scout*, num arrastado grazinar de adriças. Formam-se signaes, uns após outros, coloridos e vivos como gritos.

— O «Bahia» assignala! Bradaram todos a *una voce*. Que será, isanto Deus? Já tardava uma peça daquelle maldito...

Assestam-se binoculos, folheiam-se os codigos, e afinal decifra-se o enigma:

— «Não tenho agua...»

— «Para o inferno! estrugiram os outros navios. O «Bahia» não tem agua. Lá está elle a gemer como um barbaro. Tudo perdido. Olha o azar!

Já as campainhas dos telegraphos avisavam manobras contrarias, e preparava-se ás pressas, dentro dos recursos de que cada um dispunha, um serviço rapido de soccorro — quando de lá o signal continuou:

«...para dar banho á guarnição.»

Uma gargalhada franca, sonóra, trovejante, estrepitou de todos os navios. Parecia que os canhões metralhavam risadas. O «Bahia», humorista, conseguira quebrar a monotonia do cruzeiro com uma das suas ineffaveis surpresas.

E a divisão pôz-se de novo a panno, empennachada de fumo, como uma horda de D'Artagnans indomitos — emquanto o «Rio Grande do Norte», pequenino e atrevido, fisgava submarinos como quem fisga baiacús num cercado.

De «Botões Dourados»

Gastão Penalba

A respiração no esporte

QUANDO se trata do exercício sportivo, isto é, do exercício praticado com o fim de se obter do organismo o maximo de seu rendimento, a educação respiratoria torna-se de uma necessidade absoluta. Ha vantagem, então, de se obter o maximo de precisão nessa educação, para que o esforço possa adquirir toda sua efficacia. Distinguem-se, porém, os diversos esforços exportivos, dando-se a cada um sua technica respiratoria especial.

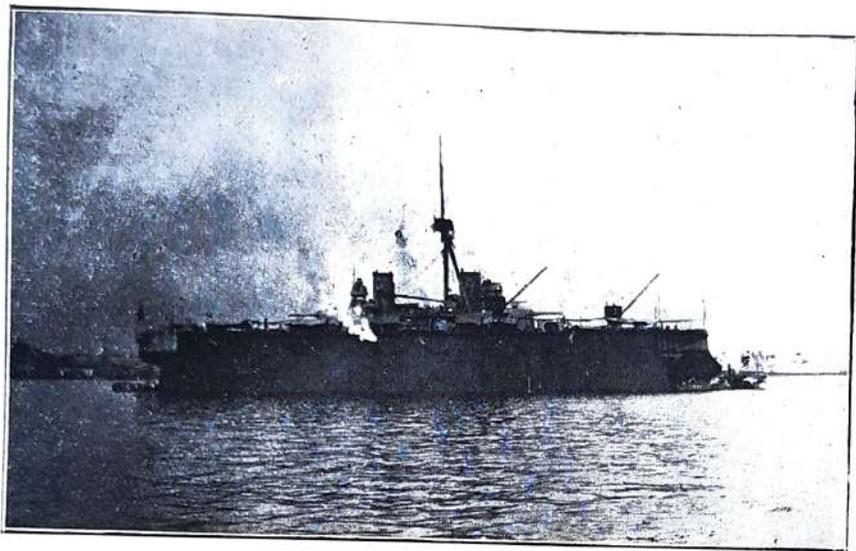
Consideremos primeiramente o esforço na occasião da estacada.

Esse esforço é essencialmente constituído por um conjunto de contrações musculares instantaneas e póde ser preparado por uma série de outros esforços de curta duração. Estão comprehendidos nesse genero de esforços os lançamentos de peso e de disco. Nelles existe uma preparação para o esforço que consiste no primeiro passo para o peso e na rotação para o disco. Nesse caso, a respiração só tem

um tempo que varia de 11 a 12 segundos, a maior rapidez de movimento que seja possível obter. O ideal, aqui tambem, para o melhor rendimento mecanico, seria suspender a respiração durante todo esse tempo; mas isso não é possível, porque o organismo não póde, durante tanto tempo, ficar sem respirar em um exercício de tal intensidade.

Muitos corredores usam, no momento de partida, tomar uma respiração profunda e percorrer a maior parte do curso nessa posição, sem perder ar ou perdendo o menos possível, até mais ou menos os 70 metros, onde fazem uma respiração rapida, seguida de uma inspiração tão completa quanto possível, ou então sómente uma inspiração, de modo a reparar as fugas inevitaveis de ar durante a corrida.

Esta technica, porém, tem a desvantagem de obrigar a ser feita a inspiração justamente no momento em que se torna mais necessaria a sua suspenção, isto é, no instante do esforço terminal, do qual vae depender a victoria



“O Minas Geraes no dique.

um valor relativo, devido á pouca duração do exercício praticado e o ideal respiratorio consiste talvez em não respirar. Em um gesto tão curto, é preciso que o organismo consiga um maximo de potencia mecanica, concentrando tudo no gesto propriamente dito. Vem dahi a parada da respiração em posição de inspiração, durante todo o tempo do esforço.

Nos exercicios que comportam uma preparação, e si essa preparação é curta, a respiração póde ser suspensa durante toda sua duração, como por exemplo nos lançamentos. Si, porém, essa preparação exige uma certa duração, convem só suspender a respiração no momento do ultimo esforço, procurando mantel-a o mais normal possível durante todo o tempo da preparação.

Tratemos agora da respiração no esforço intenso.

Esse esforço tem por typo a corrida rasa de 100 metros. Trata-se ahí de produzir, em

e onde sua andadura está mais ou menos descuidada.

Existe outra technica que é a que, aconselhando a partida da mesma maneira anterior, deixa, ao contrario, escapar o ar progressivamente até os 30 ou 40 metros, e então, antes do fim da primeira metade da corrida, possuindo o corredor ainda quasi que completamente o control de seus movimentos, toma uma ou duas inspirações tão profundas quanto possíveis e póde terminar a corrida com a respiração parada, com o maximo de control sobre si mesmo.

Si considerarmos agora o esforço intenso e prolongado, cujo typo é a corrida de 400 metros, a technica respiratoria não póde continuar a mesma que no caso do esforço rapido dos 100 metros. Durante um certo tempo, cerca de 200 metros, convem que a respiração seja a menor possível, para salvaguardar na medida do possível as necessidades mecanicas da corrida; mas depois dessa distancia o necessi-

dade do augmento de respiração torna-se im-
periosa.

E' bastante salutar o poder rythmar sua
respiração o mais possível para a obtenção de
melhor rendimento; isto torna-se, porém, mais
difficil á proporção que o athleta se approxima
do fim e, para terminar o esforço particular-
mente intenso dessa corrida tão fatigante, elle
não pôde continuar até á chegada a regular
sua respiração. Elle acaba os 400 metros res-
pirando como pôde, funcção então da respi-
ração mais ou menos correcta que elle soube
fazer durante o periodo intermediario de sua
cornida.

Consideremos agora um esforço mais pro-
longado ainda, isto é, aquelle em que o athleta,
para poder assegurar a duração desse esforço,
é obrigado a regular-o, para não perder pre-
maturamente as forças de que dispõe.

O exemplo typico é o da corrida de
1.500 metros, distincta das de 3.000 a 10.000
metros, do Cross-Country e, emfim, da Ma-
rathona.

E' aqui, por consequencia, que a respiração
rythmada pela corrida attinge todo seu valor
e que o athleta recolhe os fructos de sua pre-
paração methodica.

E' necessario insistir sobre um ponto par-
ticular: é o da vantagem de fazer a inspiração
e a expiração coincidindo com o mesmo núme-
ro de gestos ou de passos, obrigando o athle-
ta a procurar seu rythmo próprio. E' assim
que alguns inspiram durante 5 passos e ex-
piram durante 3, sendo isso trabalho comple-
tamente particular de cada um, não compe-
tindo nem ao medico nem ao treinador o es-

tabelecimento do melhor rythmo, porém a si
mesmo, observando-se durante os trenos.

Vê-se assim que a respiração preparatoria
contribue bastante a dar a cada um o conhe-
cimento de si mesmo e é tambem particu-
larmente efficaz para elevar ao maximo seu ren-
dimento motor.

Temos tomado, como typo de descripção,
a respiração nos diversos esforços de corrida
a pé, porque é o esporte mais natural e mais
ao alcance de todos e tambem porque comporta
a escala mais variada de todos os esforços
possiveis. Mas o que temos dito a esse res-
peito pôde-se applicar tambem aos outros sports,
como podemos vêr rapidamente.

Nos exercicios de gymnastica, trata-se,
quasi sempre, de esforços de estacada sepa-
rados por espaços de preparação; a respira-
ção deverá, pois, ser suspensa no momento
do esforço propriamente dito, e recomeçada tão
completamente quanto possível nos tempos in-
termediarios.

O remo constitue um exercicio e um es-
porte particularmente favoravel ao estudo me-
thodico do rythmo respiratorio. E' mesmo o
exercicio respiratorio-typo, pois que, de uma
parte, fazendo trabalhar toda a musculatura do
corpo, leva ao maximo a necessidade respira-
toria e de outra, comporta gestos taes que
impõe, si se pôde dizer assim, uma respiração
correcta. Ella ha de se rythmar, naturalmente,
pela remada.

(Do «Très Sport»).

UM POETA COMILÃO

Os seguintes versos são de um festejado poeta — guloso como se vêe ver — e traduzem sua impressão depois de saborear um doce e bem assim o agradecimento á perita doceira que preparou o magnifico manjar. Como se percebe o poeta o que queria era pedir BS mas, como a estes não se seguiram outros versos, parece que não foi attendido.

*Veiu-me ás mãos o seu dôce. . .
Que dôce! Foi-se num dia!
Se não gostoso não fosse
Tão pouco não duraria. . .*

*Mas acabou-se. . . Que pena!
São voltas, que a lingua dá!
A Terra não é pequena
E um dia se acabará. . .*

*Mas não! A morte é illusoria!
Não morre a Verdade, e o Amor!
Dôce! ficas na memória
Como uma luz interior!*

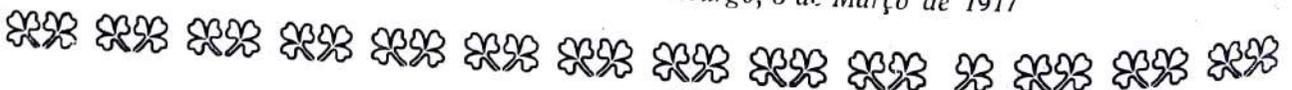
*Só vel-o, já era um gôso:
Fôfo, tenro. . . parecia
Mais lindo do que gostoso
A quem o via. . .*

*Porém assim que o provámos,
Na bôca cheia o sentindo,
Ao primeiro naco o achámos
Mais gostoso do que ludo!*

*Emfim, la foi; acabou-se.
(Se o dôce nunca acabasse!)
Mas, por gosto ou por enguiço,
Um dôce, lembra outro dôce!
— Seria bom, se assim fosse,
E a Senhora se lembrasse
D'isso!. . .*

AFONSO LOPES DE ALMEIDA

Friburgo, 3 de Março de 1917





OLEGARIO MARIANNO



A. M. Buarque de Lima

PARA o preenchimento das cadeiras ultimamente vagas, a Academia, cujos actos se recebiam até ha pouco com merecido indifferentismo, sacudiu-se, movimentou-se, e, dentre aquelles que lhe requestavam o toque de immortalidade, coroou dois eleitos das musas, dois poetas verdadeiros: Luiz Carlos, o metrificador cintillante, e Adelmar Tavares, o tróveiro harmonioso, cujas quadrinhas, faceis e commovidas, cantam para sempre na memoria de quem as ouviu uma vez. Essas duas eleições teriam assignalado a renuncia ao burocratico e pachequissimo «critério dos expoentes, se na successão de Alberto Faria, os immortaes, talvez pela visinhança do mar, não ensaissem alguns passos de carangueijo e ameaçassem de novo as indefesas cadeiras com o theodolito dum engenheiro illustre ou o bisturi dum operador habil. Foi o que se passou na ultima eleição, a despeito da catechese ardorosa do grande espirito que a dirige. Dos tres actuaes candidatos, entretanto, dois ha, sobre cujo merecimento literario, facil teria sido pronunciar-se o vencedor glorioso, que Camões viu pelo olho esquerdo: Olegario Marianno e Clementino Fraga. A este bastaria ensinar as regras da *contra-mão* para chegar sem desastre á Academia de Medicina. A Olegario fazê-lo entrar com todas as suas cigarras cantadeiras e civilizadas. Eu imagino

com que carinho commovido veria Joaquim Nabuco entrar o tecto augusto, a que elle communicou toda a graça do seu espirito hellenico, ao filho do seu maior amigo, do tribuno empolgante, cujas mãos arrebataram em Recife muitas algemas de escravos foragidos, cuja palavra arrebatou o Norte como a de Silveira Martins o Sul, o companheiro das tardes luminosas do Theatro Santa Isabel, das quaes os ultimos reflexos dormem, inexplicavelmente esquecidos, num opusculo de 1885. Que coisas admiraveis não diria esse espirito, em quem Fa-

guet viu cintillações de Chateaubriand? Ha até, no contorno do seu estylo, uma afinidade de forma com o poeta de *Agua Corrente*: a simplicidade. Um escreveu, como o outro verseja, dando a impressão do *cu.rente calamo* e fugindo sem extravagancia, ao artificialismo de uma fórma que não é nossa, que nada tem de brasileira. Olegario, por exemplo, emprega *gente* no sentido em que a empregamos falando, e, por feticchismo ao modelo luso, repugnamos escrevendo. Acovarda-nos a colera com que Candido de Figueiredo a amaldiçoou.

Lembram-me essas allusões a um filologo, que um dos concurrentes é Mario Barreto. Na filologia não ha nenhum nome que se lhe avantage; raros, rarissimos mesmo, hobreiam com esse vulto inconfundivel, com esse pesquisador infatigavel e genial dos segredos da lingua-gem. Ha nelle ainda o merito, invulgar num filologo, de escrever com elegancia e sobriedade: o senso do bom tom não se lhe embotou na convivencia quasi sempre soporifera dos classicos. Mas entre elle e Olegario, numa eleição literaria, o nosso voto suffragaria o poeta, cuja piedade harmoniosa elevou tão alto a desventuras da cigarra. Os seus versos, limpidos e sonoros, dedilhados numa lyra facil e pessoal, tem a magia irresistivel das estrophes de Musset: é

o poeta de maior publico, principalmente das mulheres e dos moços, os dois elementos com que elle podia responder, como Lamartine, a quem lhe arguisse ausencia de fundo filosofico. Se a eleição academica fosse um plebiscito, a quasi unanimidade dos suffragios leva-lo-ia á immortalidade official, unica que lhe falta. Porque immortal já é esse bardo em quem reincarnou, com a tristeza de menos e o feitiço de mais, a alma dos nossos românticos, numa refflorescencia alegre, sonora e sadia da saudade, da graça e da ternura brasileiras.



CORUMBA

A. M. Buarque de Lima

Ha alguns mêses, saturado da poeira, da algararra e do calor cariocas, aventurei-me pelos sertões pernambucanos, lá no amago dos velhos engenhos hospitaleiros, cheios ainda de reminiscencias coloniaes, que lhe imprimem, em contraste com as visinhas usinas modernas, o pittoresco das coisas antigas. Eu tinha lido, havia pouco, aquellas paginas encantadoras de Mario Sette, nas quaes palpitam, tumultuam, fervilham, com uma intensidade incessante e fecunda, as pulsações desconhecidas do coração sertanejo. Parecia-me assim reconhecer aquella lamina de enxada, que rebrilhava ao sol, aquelle torso athlético de ébano, crestado das soalheiras do verão inclemente, nessas paragens mais flagello que estação, e ao longe, nas elevações que confinam com as divisas dos engenhos, a *casa grande*, severa no estylo colonial e a *senzala*, onde agora braços livres repousam do trabalho remunerado.

Passei muitas vezes pelos cannaviaes, arpepiados pela aragem, que lhes levava até longe o aroma inconfundivel, como se já estivesse habituado ao roçar das suas laminas ou ao borriço inesperado das gotas de orvalho. Eu tinha a vaga ideia de já haver aspirado aquelle perfume agreste, palmilhado aquellas ladeiras orladas de hortas, visto aquelle mesmo riacho sinuoso, que punha na mancha verde um fremito de prata. Mas o que eu desconhecia era o *homem*, o caboclo. Foi assim entre curioso e surprezo que me avistei com elle. Ora athletico, os musculos resaltando da pelle tsnada, ora esqueletico, os ossos arregaçando a pelle enghlhada, mas sempre com um lampejo nos olhos negros e profundos, a compensar a ignorancia crassa em que o enclausuram, surgiu deante de mim o sertanejo. Desconfiado a principio, só falando para responder laconicamente ás perguntas, em breve, desfeita a timidez da primeira impressão, elle tagarella, gesticula, canta, sempre preocupado e vaidoso de evidenciar as suas habilidades no domar um cavallo, no atirar á paca, no imitar de um gorgeio com que ás vezes encaminha a ave para a *arapuca*, e, principalmente, na dextreza e infallibilidade de uma facada. Ha, ainda hoje, em torno do pernambucano, toda uma legenda vermelha de pu-

nhaladas. Não é exagerada nem injusta. Mas a faca representa para os caboclos nortistas um instrumento dessa justiça, que os tribunaes não lhe dão. O punhal é ali, como na Roma dos Cesares, a vingança que fulmina e por isso, ás vezes, evita — o arbitrio e a insolencia dos potentados. Porque onde começa um engenho, cessa o Estado. Dentro daquellas terras só tem fôro o *senhor*, reminiscencia bem embalsamada dos escravocratas, os barões do feudalismo americano. Uma falta qualquer mais grave, e a chibata retalha o infeliz, amarrado ao tronco com todos os requintes de uma selvageria revoltante. Dahi o sentimento de vingança, que o apresenta quase feroz e execravel a uma analyse superficial, ainda mais augmentada na sua antipathia pela repugnancia dos farrapos que lhe attenuam a nudez, unicos accessiveis aos miseros tostões que lhe atiram. Ha nelles o odio accumulado e hereditario, a indigencia immerecida e franciscana dos mendigos de Hugo. Mas se o beneficiam, quanta bondade na sua gratidão quase infantil! Acorrenta-o uma fidelidade de cão, pela qual chega ao crime, com a consciencia tranquilla de quem cumpre um dever. Eu vi um desses. Chamavam-lhe *Corumba*, do chapelão de couro que usava desabado para a nuca. Recebera de um *senhor de engenho* a caridade de internar num hospital a mulher e uma filha. Nunca mais o esquecerá, nas suas invocações ao *padrinho Cicero*. Um dia soube que um *cabra*, revoltado contra uma *surra*, ameaçara de morte o *senhor de engenho*, que lha inflingira. Elle não conhecia o caboclo, mas sobre a cabeça do seu protector pairava a ponta de um punhal implacavel. Era o bastante. No domingo seguinte foi á feira. Mostraram-no. A sua faca foi direita ao coração do inimigo gratuito. Mas tinha tambem recebido uma punhalada na mão, que ficára defeituosa. E era a cicatriz della que accriçava agora, justificando e confessando-se, com uma filosofia inconsciente, mas verdadeira, se applicada aos que, na sua dedicação reconhecida, elle julgava victimas:

— Ha muita gente *marvada* neste sertão, meu moço.

Curso Auxiliar de Preparatorios

Rua do Passeio, N. 82,

Os exames deste Curso, cujo regulamento acaba de ser assignado pelo Exmo. Sr. Ministro da Marinha, são validos para a Escola Naval.

Os alumnos serão reservistas da Armada

« T E S T S »

Factos reconhecidos em pedagogia que os processos actualmente empregados para medir o aproveitamento dos alumnos só são aceites por não haver outros melhores.

Não é uma falta peculiar ao nosso meio; grandes estudos têm sido feitos pelos psychologos afim de estabelecer uma maneira de avaliar o aproveitamento de alumnos, com critério e precisão. Delles resultou o processo muito empregado em nossos dias nos Estados Unidos e que já o vae tambem sendo nas escolas primarias do Rio de Janeiro — os tests pedagogicos.

Tests pedagogicos são provas que permitem avaliar, com relativa precisão e grande critério, os conhecimentos de um ou mais individuos sobre determinado assumpto. Os tests pedagogicos pertencem a um ramo de um systema de provas, applicadas para fazer resaltar aptidões pessoas.

Segundo o grande psychologo Dr. Ed. Claparède «tests são provas tendo por fim a determinação de um caracter psychico ou physico de um individuo».

Os tests são originarios da França onde os estudaram psychologos do valor de Binet, porem tiveram seu pleno desenvolvimento nos Estados Unidos, paiz no qual estudos interessantes foram feitos de modo a permittirem seu estado presente de adiantamento. Grande impulso tiveram depois da entrada da America do Norte na grande guerra; nessa occasião o governo americano, ao organizar suas forças, precisava escolher os individuos que tivessem mais aptidões para o mando, inferiores e officiaes, pois que a grande mobilisação esgotará as reservas. Um grupo de psychologos se propoz a fazer passar todos os soldados por determinadas provas, resultantes de seus estudos, e indicaram aquelles que demonstravam aptidão para as referidas posições. Na falta de melhor processo, suas indicações foram acceitas e verificou-se posteriormente, com as informações dos chefes, que os factos confirmaram as previsões.

Os tests podem ser applicados para medir a intelligencia — tornando assim mensuravel o que até então a arithmetica nos dava como exemplo de immensuravel — para avaliar a memoria, para mostrar a aptidão para determinado officio. Assim, devendo escolher entre muitos candidatos a determinado lugar em uma fabrica, por exemplo, pôde-se recorrer aos tests, evitando a influencia da primeira impressão, quasi sempre erronea, de quem escolhe.

Varios candidatos a uma academia se apresentam e somente por um exame de admissão, sobre determinada matéria, são admittidos: ás vezes consiste a prova em mostrar conhecer mathematica; é isto indicação de ter queda para dada profissão? Evidentemente a resposta será negativa, mas seguir-se-ha uma outra pergunta: como fazer a selecção? Os tests adequados nos indicam o melhor meio.

Actualmente na Escola Naval de Annapolis os alumnos são sujeitos não só na entrada, como annualmente, a determinadas provas, segundo as quaes se affere a maior ou menor probabilidade que têm elles de terminar o curso; estas provas revestem-se ainda de caracter

experimental, mas é resultado das observações que os considerados incapazes raramente chegam a se formar.

Longe iriamos, discorrendo sobre as applicações que hoje têm os tests, porém devemos entrar no assumpto que nos interessa de momento: os tests pedagogicos.

Apresentam elles sobre os demais processos de exame as seguintes vantagens:

1) igualdade de questões para todos os alumnos (o que de outro modo é impossivel na arguição oral);

2) organização que evita duplicidade na resposta, e não permite discursos aleatorios;

3) possibilidade de ser empregado tempo curto para exame de grande numero de alumnos;

4) julgamento (e isto é importante) por qualquer pessoa que tenha conhecimento da solução, não podendo haver variação de critério.

Como, porém, organizar um test? Para mostrar mais facilmente daremos o exemplo do que temos feito na aula de Navegação Estimada, materia muito familiar a todos os que passam pela Escola Naval.

Tomemos um assumpto corrente: correcção de rumos.

Em lugar de organizar uma serie de questões para perguntar a cada alumno utiliza-se o seguinte

TEST

Assignalar o complemento da parte numerada, dentre os tres que logo abaixo se encontram:

1 — Para obter o rumo da agulha corrigirse o rumo magnetico

- do desvio
- da variação local
- do abatimento

2 — Corrigindo o rumo da agulha do desvio e da declinação magnetica obtem-se

- rumo verdadeiro
- rumo verdadeiro correcto
- rumo magnetico

3 — Para obter o rumo magnetico corrigirse o rumo verdadeiro

- do abatimento
- do desvio
- da variação local

4 — Corrigindo o rumo magnetico da declinação magnetica obtem-se o:

- rumo da agulha
- rumo verdadeiro
- rumo verdadeiro correcto.

5 — Para obter o rumo verdadeiro correcto corrigirse o rumo verdadeiro

- da variação local
- da declinação magnetica
- do abatimento.

O alumno só tem que marcar com uma cruz a palavra, dentre as tres fornecidas, que completa o sentido da phrase numerada. Como se vê não ha dubiedade da resposta; tambem o tempo preciso para resolver é muito limitado. Na pratica distribue-se o papel com os tests e os alumnos o collocam sobre a meza, com a parte impressa para baixo, annotando seus nomes em cima; a um signal do professor todos viram a parte impressa e começam a solução; a um segundo signal tornam a virar a parte impressa para baixo.

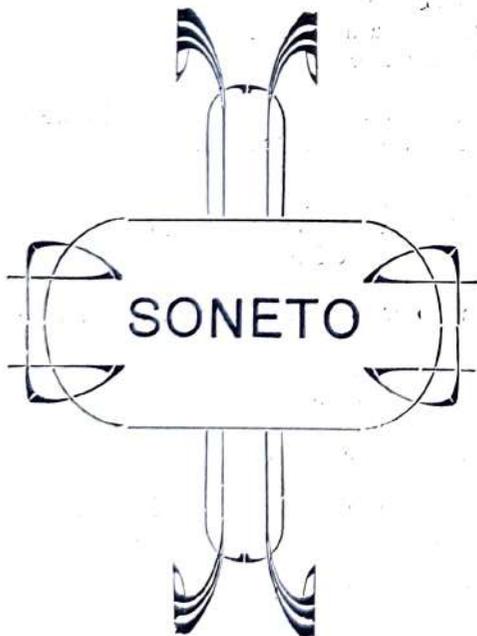
O problema de determinar o tempo a conceder é muito importante; denomina-se estalunar; o processo empregado é o da experimentação; vê-se o tempo que gasta grande numero de alumnos e considera-se padrão o necessario para 75 % delles resolver certo. Nas nossas experiencias deixava que mais de metade dos alumnos tivesse resolvido, e tomava tal tempo como o preciso; no test acima citado o tempo julgado necessario foi 2m30s. Conforme

o assumpto, na mesma materia, varia a forma do test; como exemplo citaremos o test abaixo: Numerar a segunda columna de accordo com a primeira:

- | | |
|---------------|----------|
| 1. a sec. Lm. | () lc |
| 2. d cos R | () lg |
| a | |
| 3.— | () a |
| l | |
| 4. d sen R | () l |
| lg | |
| 5.— | () tg R |
| tg R | |

Eis em rapidos traços o que são os tests, palavra ingleza, hoje consagrada para indicar tal genero de provas; parece-nos que são de possivel adaptação na nossa Escola, dados os resultados que tiramos nas experiencias que estamos fazendo, auxiliados efficientemente pelos alumnos da turma de 1926.

Evandro Santos



Famosa geração de faladores

Sôa que foi, Risêo, a origem tua;

Que nem todos os cães ladrando á lua

Tiveram que fazer com teus maiores.

Um a lingua ensinou dos palradores,

Outro o «motu-continuo» achou na sua;

Outro, além de encovar toda uma rua,

Açaimou numa junta a cem doutores.

Teu avô, santuario venerando,

Soube mais orações que mil beatas,

Com reza impertinente os céus zangando;

Teu pae foi um trovão de pataratas;

Teu tio, o bacharel, morreu falando;

Tu, falando, Risêo, não morres, matas.

RIACHUELO

Dreleção feita a 11 de Junho no studio do Radio Club do Brasil

NAO me seja dado entrar no assumpto que a distincta directoria do Radio Club, em honroso convite, escolheu para que eu masse um pouco os ouvidos dessa selecta e immensa platéa que ora tenho deante da minha voz, sem que primeiro enalteça os já muito reconhecidos serviços que á cultura brasileira veem prestando essas excellentes e benemeritas associações de radiotelephonia, que hoje se encontram disseminadas por toda a parte da nossa terra. Ha muito eu quizera tornar publico este applauso, que me nasce de enlevada e sincera admiração; e não podia deparar mais asado o momento.

Salientar o impulso que esse curioso ramo da sciencia tem dado ás mais interessantes cousas nacionaes, notadamente a musica, onde se destacam revelações que assombram — seria repetir conceitos já bastante divulgados por todo o canto do paiz onde exista um simples receptor a galena, ao serviço de amor estudioso e attento. Historiar toda essa somma enorme de beneficios seria o mesmo que enunciar todos os passos do progresso no Brasil, desde que nelle se installaram as primeiras antenas para a transmissão e reconhecimento de tudo aquillo que já se operava em larga escala, mas que ainda era segredo para nós por falta de um arauto que bradasse aos quatro ventos a marcha grandiosa da nossa evolução.

A radio é, pois, esse arauto, alviçareiro e proficuo.

Bem hajam a sua existencia de acendrado labor, e os fructos bemditos da sua farta colheita.

Quanta cousa se fazia, e pouca gente tinha noticia disse! Quanto esforço encoberto, quanta promessa realizada, quanto desvendamento de aptidões, acabam de arrojear ao mundo extasiado os fios das antenas, num arremesso edificante de sciencia e de luz!

Contam os nossos estafados compendios que o Brasil foi descoberto em 1500 por Pedro Alvares Cabral. E' muito pouco. As novas edições de historia patria hão de por força acrescentar que a radiotelephonia acabou de descobrir o Brasil.

Será porque me cabe a honra de vestir a mesma gloriosa farda de ancora que vestiu Pierre Loti, e cobriu entre nós a envergadura épica do barão de Amazonas, que ora aqui estou para dizer duas palavras sobre a batalha de Riachuelo, que hoje a marinha commemora como o seu mais fulgurante feito darmas? Si assim é, que venham em meu auxilio os manes daquelles meus dois illustres camaradas, heróes de penna e espada, temperadas no mesmo aço da inspiração patriótica, e accendam com a sua grande luz a luzerna morticã do meu engenho.

11 de Junho de 1865...

Já lá se vão 61 annos; e actores e scenarios da desmedida tragedia passam da historia ao dominio da lenda.

Que se fez nesse dia, cuja alvorada se festeja a metralha, por ser um radioso domingo de Trindade? Tudo. Tarefa de gigantes em mãos de pigmeus. «Uma pequena esquadra de nove navios de madeira, lançada a centenas de leguas da patria, para operar em um rio crivado de escolhos perigosos e dominado pelo inimigo — bateu-se de sol a sol, e derrotou por completo a esquadra adversaria, composta de quatorze unidades. Ao escurecer, o Brasil perdera totalmente um navio e trezentos homens; mas o Paraguay ficara sem a sua esquadra, e tivera um prejuizo de dois mil soldados».

Apenas isso.

Foi, pois, naquelle luminoso dia santo.

Vozes de alarme annunciam do alto das gáveas o inimigo pela proa. Manda logo que suspendam ancoras o chefe da frota patricia; adriças levam aos topes signal ousado que tremula em festa: — **Bater o inimigo o mais perto possivel.** Por seu turno a esquadilha paraguaya extende-se em linha pela barranca alterosa das orilhas corrientinas; baterias espiam de olho alerta, mascaradas no arvoredor ribeirinho; dezenas de estativas a Congrève, milhares de fuzis de infantaria, aguardam o instante da chacina horrivel.

Horas arrastam-se no desespero das sangrentas apoteoses. Ha uma cruel expectativa de parte a parte dos belligerantes. Ninguem baquea, porque no mais angustioso minuto das batalhas não ha remedio sinão ser-se heróe. Tanto mais que só havia ali heróes de raça.

De um lado e de outro, o tiroteio recrudescce. Combate-se ás cégas, sem saber que estará para acontecer. Joga-se ás tontas; e na balburdia da partida ninguem pôde dizer quem vae ganhar.

Por volta de meio dia, já havendo por azar enalhado a **Jequitinhonha**, e a **Beimonte** a arrastar-se, arrombada de bala, para o refugio de um banco de areia — quando as restantes naus de guerra combatiam com redobrado furor, em linha fronteiriça ás linhas inimigas de mar e terra — Vê toda a gente de olhos pasmos deslocar-se do grupo a capitanea, e em curva graciosa, como a desafiar a fechada carranca adversaria com meneios gentis de fragata atrevida, desce com arrogancia o rio da peleja, e vem postar-se muito ufana entre as duas alas de combatentes.

Passa um instante de calada estupefacção; para de novo irromper a fuzilaria com mais fragor e actividade, na raiva de vingança que responde aos grandes rasgos de ousadia. Estuma-se o céu a cada golpe das baterias troantes. Em pouco, o ambiente é todo densa

nuvem negra como um painel de maldição, e cheia horrivelmente a sangue e a pólvora.

Subito, essa espessa cortina de fumo dissipou-se como um velario que se abre sobre um lance estupendo de tragedia. E por effeito de attracção irresistivel, todos os olhares se concentram na fragata **Amazonas**. Pulsam todos os corações num frenesi fantastico. Ha na esquadra um silencio de amargura. E' que sobre uma caixa de rodas da nau-chefe tenta um vulto erecto, alongado e impávido como o fantasma da guerra. E' o almirante Barroso. Allucinado, pezar da calma que lhe reveste a attitude, dirige a acção no desvario dos fataes momentos. Em contraste, qual lábaro de paz no mais tremendo crepitar da guerra, esvoaça-lhe a longa barba branca, sobre o fundo trevosos do scenario.

Ainda estrondam mais feros os canhões; o vozerio dos guerreiros mal disfarça os gemidos dos mutilados. Passa a **Amazonas** rente á **Araguary**, que é commandada pela ultima gloria viva do Brasil, o primeiro-tenente von Hoenholtz, hoje almirante barão de Teffé; e Barroso em pessoa ordena-lhe em tom claro e firme: — **Siga nas minhas aguas, que a victoria é nossa.** De novo alçam-se signaes heróicos no colorido das manobras extremas; e são as mesmas de que outrora usou Nelson para vencer Trafalgar.

Cumpre-se a determinação do semi-deus. Vae decidir-se a lucta. Ha ainda lances rudes de epopéa. Greenhalgh abraça-se ao seu pavilhão, e nelle todo se amortalha, retalhado dos golpes inimigos. Marcilio Dias bate-se como um leão, na defesa do seu baluarte. Pedro Affonso, Lima Barros, Abreu, Torresão, Gommensoro, Garcindo, Andrade Maia, são igualmente heróicos na lide heroica.

Num momento, o combate se resolve. Adornam-se de louros rebrilhanes os gloriosos escudos brasileiros. Cae sobre a scena o mysterio da noite. Correm mansas, na sublime indiferença da natureza, as aguas desse rio que horas antes fora arena de um prélio louco de gladiadores possessos. Buscam as naus os resguardados fundeadouros. Em terra, no canção e na victoria, adormecem os acampamentos. Vozes quebradas das sentinellas bradam aos écos do descampado em sombras.

Então, Barroso, o heróico do dia, finalmente dá por si. Todo elle havia sido até

o fim da lucta unicamente o espirito do mando a quem a patria confiára o destino das suas armas; e agora encontra o corpo alquebrado da porfia, que reclama alimento e repouso. Sorri o grande chefe a essa imperiosa futilidade da vida. Mas vae descer; passa á coberta da sua nau, que arqueja afflicta no rebento das aguas. Caminha a cambaleiar, ébrio manso das bebedeiras de fogo. Abrem-se-lhe perdido das bebedeiras de fogo. Na escuridão, alas de respeito e assombro. Na escuridão, todos os corpos que elle vae tacteando são estatuas de heróicos em continencia.

Ao longe, escuta prantos e queixumes. São os sacrificados das batalhas que choram lugrubemente no desconforto das enfermarias. Entre elles ha dezenas de mulheres, as companheiras dos soldados que puderam assistir ao combate; e todas velam, todas se azafamam, cuidando de uns e outros, num socorro improvisado que tudo salva pelo coração.

Bem dita sejas tu, mulher divina, no desespero dos cruéis momentos, como no enlevo das grandes alegrias. Bem dita sejas tu, cheia de graça. Que os favores de Deus e a gratidão dos homens sejam perennemente contigo.

Dahi por deante, o Brasil espera que cada um cumpra o seu dever. E não será penoso o cumprimento desse dever — tem-no provado cabalmente a historia de uma raça que é toda feita de abnegação e de heroísmo, e gosta de guardar as suas energias, como um gigante que dorme, para o instante do seu util aproveitamento.

Nesse combate encarniçado e mortifero que ha mais de meio seculo enlutou e engrandeceu as armas brasileiras, chefes e subalternos legaram á marinha o exemplo estoico do seu denodado valor. Aquelles sempre servirão de espelho aos que se outorgam relevantes posições de mando; estes nunca mais sairão da alma singela e generosa do marujo.

E á gloriosa armada brasileira, que eu daqui saúdo ufano, como o mais apagado dos seus membros — deem-lhe recursos, voltem-lhe os olhos os illustres timoneiros da nau patria, e hão de ver que no momento critico despondará em cada chefe um segundo Barroso, e em cada marinheiro um novo Marcilio Dias.

Gastão Denalva

CASA VIEIRA NUNES

.. ARTIGOS PARA HOMENS ..

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Bello Horizonte

Bernado — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios,apparehos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — **Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. apresentação das fórmias do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanis'au de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — **Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — **Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto \$

Acesoro — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Lemé; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do aparelho motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — **Conductor de Machinas.** Descripção dos differentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia, Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

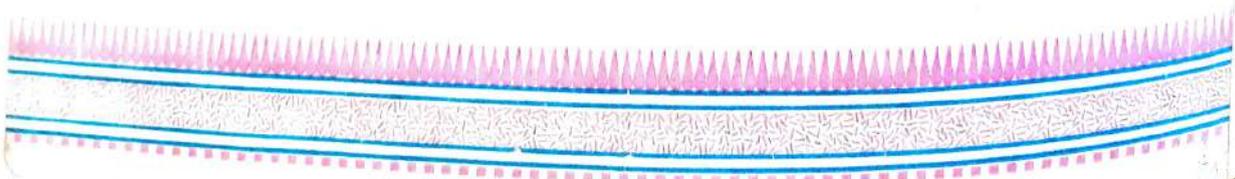
VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

- Telephone Norte 3974 -
End. Teleg. "Rupturita" - Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.





REDACTOR CHEFE: 
A. M. BUARQUE DE LIMA

..... *.....* *.....* Organ dos
..... Aspirantes de Marinha
.....

Amor de Lazaro

Deu-te a sorte implacavel, por desraça
Suprema, pobre Lazaro, um amor.
Mais um cilício, mais uma outra dor
A alma torturada te espedaça.

Amor, que é para todos uma graça,
Gloria, Esperança, summo resplendor,
Inspira, sendo teu, o mesmo horror,
De que a lepra o teu corpo em pús repassa.

Deixa o mundo; enclausura-te na fé.
Perdôa á que fugiu ao teu carinho
E vive desse perdão e dessa fé.

Reconhece a tristeza do teu mal:
O amor era impossivel e mesquinho,
Fia um amor de Lazaro afinal.

A. M. Buarque de Lima

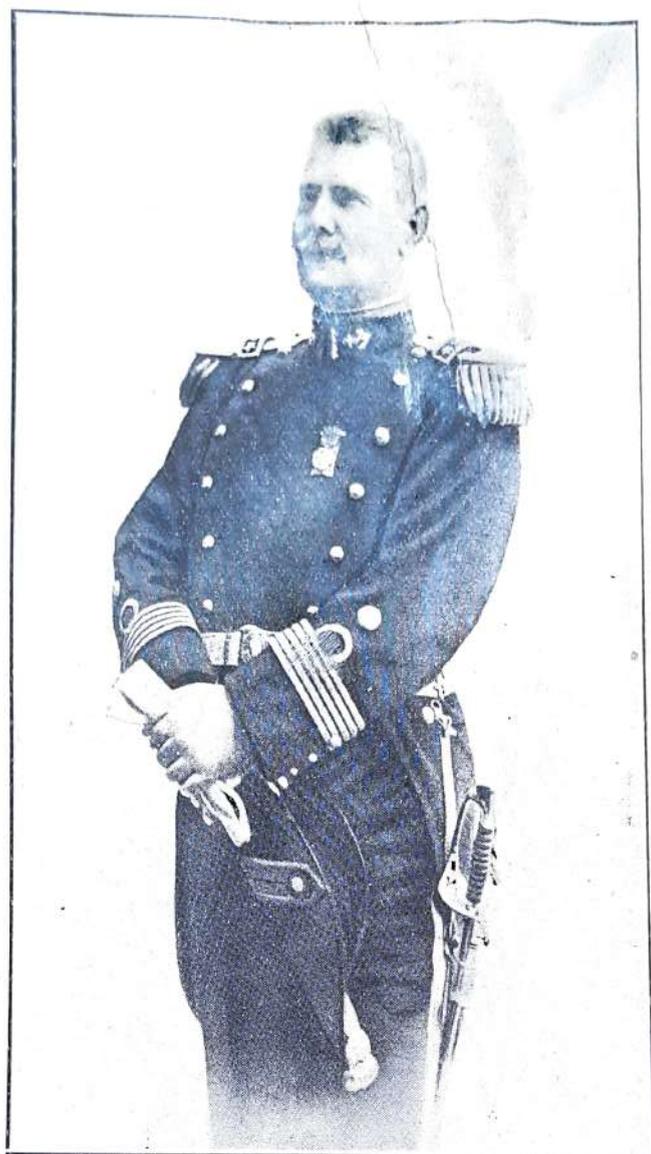
S U M M A R I O

<i>Amor de Lazaro</i>	A. M. Buarque de Lima....	Capa
<i>Desarmamento</i>	A. M. Buarque de Lima....	1
<i>Certeza</i>	O. C.	3
<i>Pão</i>	Tenente	7
<i>Baptismo das náos</i>	Gastão Penalva.....	8
<i>Pesca milagrosa</i>	} O. C.	11
<i>Vecação evangelica</i>		
<i>Revista de revistas</i>	L. R.	12
<i>Breviario da ventura</i>	A. M. Buarque de Lima....	14
<i>Secção desportiva :</i>		
<i>Ultimas regatas da L. S. M.</i>	J. S. Saldanha da Gama....	15
<i>Notas sobre o nado "a la brasse"</i>	R. Fowler	15
<i>Nossos marujos</i>	O. C.	18
<i>Supplica</i>	} Eugenio Possolo	20
<i>Volta da galera</i>		
<i>Cesare Battisti</i>	M. G. S.	21
<i>Mescla</i>	} Tenente	23
<i>Curto circuito</i>		
<i>Os amores de Tourville</i>	A. M. Buarque de Lima	24
<i>Vida de bordo</i>	Pierre Loti.....	27
<i>Purús, navio de cruz</i>	N. P.....	27
<i>Reminiscencias historicas</i>	Chatterbox.....	28

REDACÇÃO:
 ESCOLA NAVAL ✍ ILHA DAS ENXADAS
 RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL . . . , 165000

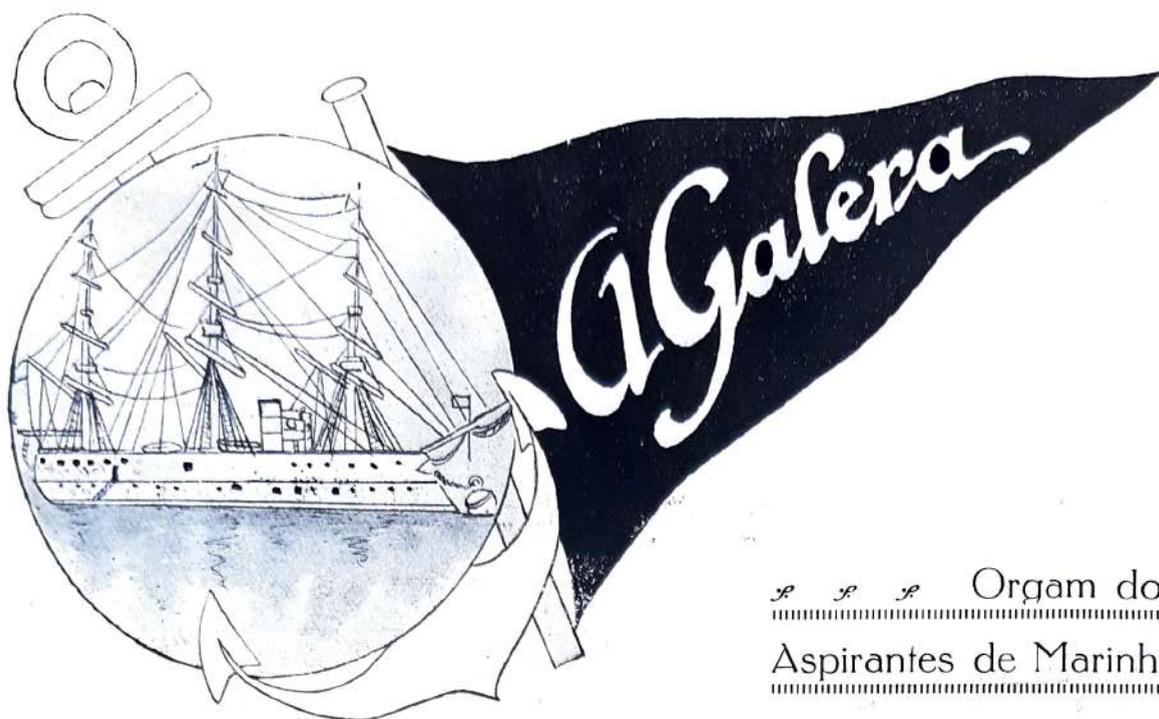




Almirante

A. M. Gomes Ferraz

23/2/1862 — 27/8/1915



Redactor-secretario — L. P. AARÃO REIS
Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA
Redactor-thesoureiro — D. GARNIER DE ALBUQUERQUE

DESARMAMENTO

A. M. Buarque de Lima

Transcrevo de um dos maiores da critica naval francesa: «Tous nos malheurs militaires, politiques et diplomatiques, de 1789 à 1925, n'ont guère eu d'autre cause profonde que notre ignorance et notre dédain de la marine.»

Contaram-me certa vez (é remota a data da historia) que um siso do cathedatico, quando mais animado discorria sobre assumpto transcendente, descobriu um discipulo dormindo; com uma furia pedagogica, avançou um passo e tropejou para o pobre coitado: «Repita o que eu disse, o senhor lá que está dormindo!!!» Nada menos que seis se levantaram precipitadamente, e entre elles um, defendido por oculos pretos, defesa que lhe esquecerá na hora da alvorada intempestiva.

Com as palavras que citei acima, pôde occorrer o mesmo que com a neurasthenia do illustre pedagogico. Lendo-as, muita gente ha de sentir-se mal; a carapuça é larga bastante para um pulo transatlantico. Não sei como a recebeu o publico francês; mas isso não importa. O importante para elle é que, em breve, só um sceptico chronico repetirá aquella phrase, que vale por uma apostrophe e uma advertencia. A França, trabalhada por uma experiencia de fel, arma-se no mar. Nós ainda esperamos a lição dessa experiencia, com a bem-aventurança mussulmana de quem possui a belleza da Guanabara, a caudal do Amazonas, o ronco da Paulo Affonso, e, tremelicando por essa natureza privilegiada, moços rachiticos, com as pernas desaparecidas em calças balão e jaquetões de comprimento equivoco — mane-

quins comicos, tão frouxamente vestidos, que nos dão a impressão de se terem esvasiado repentinamente. Temos muita cousa para perder sem sentir a falta: esses bipedes finiformes, por exemplo. Logo, descansemos.

Ha, entretanto, uma profunda differença entre a attitudo francesa e a nossa. Aquella tem uma causa profunda e, até certo ponto, justa. A' França, pelo depauperamento a que a levára a guerra com a Prussia, impunha-se, como condição vital, a reconstituição financeira; em seguida, como primeira necessidade defensiva, a reparação das suas praças fortes, a reconstituição do seu exercito. Tão intelligente era essa politica que o genio de Bismarck, apprehendendo-lhe a ameaça, buscou distrair de terra para o mar esse espirito reconstructor. Induziu astuciosamente a rival á creação de importante imperio colonial, o que, a um tempo, lhe consumia as energias na aquisição de uma esquadra e lhe attraia a rivalidade maritima da Inglaterra. Desse precepto salvou-a em 1904 a entente cordiale com a vizinha da Mancha. Foi uma estocada no pan-germanismo, já bastante sacrificado pela alliança franco-russa de 1895, a qual lhe compromettia seriamente o plano da invasão do léste francês. Entre parenthesis: muita gente, leiga nas artimanhas da politica internacional e do seu instrumento, a diplomacia, crê piamente que os allemães surprehenderam a França e a Inglaterra, em Agosto de 1914. A verdade, que essas almas simples ignoram, é que, desde 1906, se concertara entre os estados maiores

dos dois exercitos uma doutrina de defesa mutua. Posteriormente, como se tornasse respeitavel a frota germanica, a cooperação foi completada pela participação das duas esquadras nesse plano unico. Quem quiser certificar-se, leia, entre outras que exigem conhecimento do assumpto, as obras de E. Fournier e A. Thomazi, respectivamente: «La Politique Navale de la France» e «La guerre navale dans la zone des armées du Nord». Aliás, não precisa muita acuidade para perceber que nem a França nem ninguém assobiará fox-trots e sapatearia charlestons, enquanto os outros se armavam, a espianavam e incandesciam nella uma lucta fratricida, como fazem os vagabundos aos cachorros de rua. Isso é privilegio de poucos, para quem não seria de todo má uma receita de Freud. Fechado o parenthesis, explicada a indigencia naval francesa de 1914, (a qual indigencia tentei explicar para que, sendo de França, não me respondessem que estava bem imitada) feito tudo isso, voltemos a nós.

Levados por erronea interpretação da Conferencia de Washington (1) — e quejandas, publicistas nossos, pensando escrever cousas graves, fazem um humorismo delicioso e sadio, com a vantagem sobre os demais de livre ingresso nas familias. Do ponto de vista moral, nenhuma calamidade resulta; por elles ninguém se vaccine. O que ha, porém, perigoso é, não o seu ridiculo valor intrinseco, mas a mentalidade da maioria que o digere, mentalidade em que o impressionismo esmaga o discernimento. Ninguém ignora a influencia de uma hyperbole, mais dominadora que a de uma logica. Gustavo Le Bon, num livro sem pretensões, exgotou completamente o assumpto, analysando a **logica racional** e a **logica affectiva e mystica**. Ora, entre os publicistas a que aludo, é cacoete hostilizar qualquer ideia de resurgimento naval. Acodem logo com as mesmas chapas, cretinamente realejadas, de **paz universal, desarmamento**, etc. Ignoram que o celebre e incomprehendido 5-5-3 de Washington nada mais representa que uma formula acomodaticia de mascarar o espirito de luta, que infelizmente não terminou em Lepanto, como se garante na rua Benjamim Constant. Basta a trama de astucias e interesses, que a precedeu, para confirmar o que digo; mais: só attingar a limitação dos armamentos o **capital ship** e consentir as demais unidades, submarinas, aerias e de superficie, continuarem a ser construidas a vontade, em numero e características. Por ahi se vê o espirito **humanitario** da Conferencia. Não sejamos tão impermeaveis á evidencia, ou melhor, não sejamos tão estupidos para, con-

(1) Se eu tivesse autoridade para aconselhar, recomendaria uma leitura meditada dos trabalhos de Annibal Gama e Leon Rimebaud sobre a Conferencia de Washington. E' esse assumpto sobre que muitas heresias se escreveram entre nós. Má fé ou ignorancia? Não diagnostico.

fiantes em fallacias e champagnes, esquecermos a grande verdade: ou se é forte e respeitado, ou se é fraco e tratado a ponta-pés.

O que se passa entre nações é a generalização do que se passa entre individuos. Raros respeitam a fraqueza, e, o que é peor, muitos confundem tolerancia e educação com poltronicidade e timidez. Por isso, entre individuos, como entre nações, convém pôr, de quando em quando, com intelligencia e oportunidade, as man-guinhas de fóra.

Quem estuda um pouco a politica mundial, já percebeu que, cedo ou tarde, uma conflagração, talvez tão seria como a de 1914, sacudirá o mundo. A questão é de tempo. Percebeu tambem que, pelo emmaranhamento subtil de uma politica, por enquanto latente no seu trabalho de infiltração, seremos, pelo menos, solicitados a envolver-nos nessa lucta inevitavel. Ora, sejam quaes forem as ligações que nos algemarem, é preferivel combater com as nossas armas do que com recursos gratuitamente fornecidos. Mesmo porque essas cousas são como as missangas do turco: dadas de mãos beijadas, cobradas de mão armada. Só isso não vê quem tem olhos vendados.

Por ultima resposta ao desarmamentistas, bastaria argumentar com a febre da construção naval em todo o mundo; a **Revista Maritima** computou no ultimo numero, numa resenha feliz, todas as unidades em projecto e em construção.

De tudo isto só uma coisa se induz: a nossa vexatoria indigencia naval; só uma coisa se impõe: a urgencia do nosso reerguimento marítimo, problema complexissimo mas não insolavel. Gente para guarnecer navios, pilotar aviões, mergulhar em submarinos, mourejar em estaleiros, graças a Deus, nós a temos. Eu a vi, num dos ultimos Domingos, pompeando, á luz meridiana, o aço dos musculos e da vontade, o cavalheirismo de uma raça que busca extinguir no sangue o residuo de uma pobreza atavica. Vibrei cada vez que se abria em leque, deante de mim, um punhado de remos. Quem os brandia era gente de fibra, de intelligencia e de fé: eram marinheiros. Eu pensava com orgulho no lemma de Farragut, mas sentia ao mesmo tempo que a bravura sem a força nada produz. E' isso que timbra em não sentir muitos dos que têm a responsabilidade de falar á opinião publica: são os leiloeiros da penna, os Tartufos de todas as ribaltas, os Aretinos de todas as bandeiras. Elles, os pandegos que **opinam** pelo nosso desarmamento, isto é, pelo nosso **statu-quo**. Como pilheria — distincção e louvor; como orelhada, inhabilitação e palmadas. Infelizes dos que se fizeram pupillos espirituaes desses cabotinos despudorados, que mudam de opinião com a temperatura e variam de idolo com o nivel do mealhheiro.



A C E R T E Z A



O Jesuino foi sempre um respeitador da lei. Lá porque não raras vezes figurasse no deshumano «livro de castigos», não cessava de ter como inatingíveis exemplos de conducta firme os capitulos inteiros de ordenança, que lêra quando fôra facheiro da Tymbira. Excusado dizer que tal leitura foi a derrocada do cargo de facheiro, de que o teve de destituir o official do destacamento, para não ficar doido com as estranhas interpretações do Jesuino.

Ficaram-lhe no emtanto de memoria muitos paragraphos do volumoso evangelho marítimo, onde sempre se encontra com que enrascar um regimento inteiro, quanto mais um *innocente* miqumby como o nosso heroe.

Fora das horas de serviço o Jesuino vivia com uma mulatinha brejeira, amor começado num baile de uma sociedade recreativa de Sapopemba, de onde o marujo sahira desaccordado para o Hospital, com duas ou tres navalhadas no corpo. Tudo por causa da Leontina, que, em materia de infidelidade, era um «numero» e um numero incommensuravel.

Que a cabrocha tinha o seu «dengo» pelo marujo, não ha que ver, prova-o sobejamente o largo numero de vezes que o trahiu, pois, embora pareça paradoxo, si ella não gostasse delle, trahia-o na primeira e nunca mais, porque dava o fôra. Donde se conclue que o Jesuino devia andar satisfeito de amor tão sincero.

Pois não estava, o egoista!

De cada vez que a Leontina «derrapava», era uma scena dos peccados, que acabava em beijos e juras, como todas as scenas respeitaveis.

Juramentos de amor são facéis porque os amantes contentam-se em ouvir-os e esquecer-os, como si a poesia das paixões precisasse dessas innocentes figuras de rhetorica.

Depois o Jesuino voltava para bordo, como todo o apaixonado, reprovando o proprio proceder, culpando-se de fraco, cheio de remorsos de não ter coroadado aquelle amor com a apotheose final do rompimento, cheia de lagrimas, de juras, de beijos, com a Leontina agarrando-lhe os joelhos e elle, num gesto tragico de cinema, libertando-se bruscamente e lançando dramatica e terrivel a ultima apostrophe, largamente estudada nas suas horas de serviço:

— Desafasta, infié! Sae para sempre do meu rumo, que eu não 'tou p'ra encalhá na tua vida!...

Nada disso fazia ou dizia o heroico facheiro da Tymbira. Voltava casmurro para bordo, ruminando o amargor daquella incerteza porque outro defeito dos namorados é tratar de «incerteza» aquillo que elles têm por certo, fechando olhos, ouvidos e as outras entradas da evidencia.

Por fim, já se tornava em martyrio o seu viver, entre o desejo de não saber e a raiva de constatar o altruismo da Leontina.

Um dia, em que o Barnabé dos Santos, corneteiro e director musical do Gremio Dan-

sante dos Namorados, onde o Jesuino encontrara a navalha do rival e os olhares da Leontina, lhe disse:

— Oia, Jesuino! Você 'tá se enfezando por causa daquella muié.

Si eu fosse você largava de veis aquelle diabo. Muié não farta por ahí, graças a Deus. E você, home, não 'tá nos caso do Adão que tinha de aturar Eva, ou morré sem herdeiro...

O facheiro da Tymbira respondeu:

— Tu não comprehende, Barnabé. Quando a gente 'tá marcado com uma navalhada por causa duma saia, não ha nada que arranque o «rabicho». Depois... eu nunca tive uma prova...

O corneteiro riu. São sempre assim os namorados!

— Quá, Jesuino! você não qué é vê as coisa!...

— Que não qué vê o quê, seu intrigante?

O outro encheu-se de brios:

— Sim sinhô! e aquelle sordado de policia? e o vendeiro de Bomsuccesso? e o...

O Jesuino não o deixou continuar uma enumeração demasiado longa para não moer-lhe em cacos a paciencia. Embolaram.

Quando um sargento os apartou, rotos, caras entumecidas pelos soccos, bufando como touros, no meio da curiosidade da maruja que accorrera, o Barnabé lançou-lhe ao rosto toda a sua miseria:

— Esse maricas... Anda cosido nas saia duma muié, que nem carrapato, e não vê as immundicias da individual!...

Largo tempo teve elle para meditar nas palavras do Barnabé, emquanto amargava as agruras de dez dias de solitaria rigorosa, ainda e sempre por causa daquella mulata de má cara...

Pensou muito. Viu-se coberto de ridiculo deante de toda a guarnição: Sentiu-se apontado no Arsenal aos dos outros navios. Parecia que lhe chegavam aos ouvidos os commentarios de toda a marinha:

— Ora! o Jesuino! que «trouxa»! estar se babando ahí por uma curiboca que não presta!...

E vinham-lhe ganas de fugir, de desertar, esconder-se de tudo e de todos... No dia em em que terminou o castigo, haviam-lhe amadurecido os pensamentos.

Resolvera tirar a limpo o seu caso. Lá que o chamassem de tudo, menos «daquillo».

Mas a Leontina era fina como um azougue e elle precisava concertar um plano para não falhar. Uma idéa lhe veio: era isso mesmo, tinha de ir lá num dia em que estivesse de serviço!

Elle bem sabia quanto lhe custaria o brinquedo, e que mesmo talvez fosse apanhado antes de por em pratica todo o plano. Era uma bonita «solitaria» que elle arriscava! Mas a paixão tem muita força, e um dia o Jesuino cahiu de cabo de quarto de onze á uma. Appareceu a ré, antes da hora, embuçado numa manta de lã e recebeu o serviço do Manoel de Assumpção.

Era uma noite escura como breu e a illuminação do navio era a archote, para não quem ser vistos...

Um bote balouçava-se docemente amarrado ao pau. O Jesuino deu uma volta pelo navio para assuntar. Na cobertura havia ainda um sussurro de vozes, que presagiava continuar. Mas dahi não havia perigo: era um grupo de fogueiras que jogava algum jogo prohibido em hora de silencio. O Jesuino passou. Mais adiante o Manoel de Assumpção armava a maça, e tirava os sapatos atamancados, para se estirar com satisfação.

— Tás com somno, hein, camarada! — Lancou-lhe o facheiro na passagem.

O outro grunhiu que sim debaixo da manta e descejou-lhe boa noite.

Ao bruxolear dos lanternas raras reconheceu um ou outro companheiro que resonava no concavo de uma maça; viu tudo quedo e entregou ao descanso da noite e decidiu-se. Desamarrou o bote, empunhou os remos e abalou do navio. Por baixo da manta levava o uniforme azul enrodilhado com um saêre e um par de perneiras para fingir que ia a serviço e não ser incommodado pela sentinella do Arsenal.

Atrazou numa sombra do caes para vestir-se, amarrrou o bote e cahiu no mundo.

Quando chegou em frente á casa da Leontina, havia luz no quarto da mulata. Aproximou-se cauteloso.

Um cão ladrou na noite ao intruso. Fez-lhe festas e elle reconheceu-o lambendo-lhe as mãos rudes. Um sussurro de vozes vinha de lá de dentro. Em volta, as arvores perfilavam-se na sombra como sentinellas, abanando os ramos ao leve sopro da brisa.

O coração do marujo batia-lhe no peito a romper. Seria então verdade? E a alma enamecrada não se queria ainda render á evidencia. Que bem podia ser que fosse alguma amiga ou um parente da cabocla!... E logo lhe voltavam as suspeitas: mas a tal hora? e no quarto?

Como resposta tiniu no interior o crystalino riso da mulher...

O Jesuino achou insuportavel aquelle supplicio de espiação. Ia tirar o caso a limpo. Foi até á porta carunchosa decidido a entrar violentamente e surpreender a culpada. Depois teve receio de estar enganado. E se ella fosse innocente? que diria ao vel-o entrar assim, sem mais aquella, pela casa a dentro?

Não, melhor era que não precipitasse as coisas.

E bateu mansinho, como se quizesse não ser ouvido do interior.

Um ligeiro sussurro de vozes e apagou-se a luz do quarto. Depois um leva arrastar de chinellos e uma voz conhecida perguntou do outro lado da porta.

— Quem é?...

A voz do marujo, tremula de emoção, balbuciou numa agonia:

— Abre, Leontina, sou eu, o Jesuino...

A porta descerrrou-se e um vulto envoltó num «peignoir» branco desenhou-se na fresta:

— Que é que tu quês a essa hora?...

Um baque no coração do marujo foi a resposta.

— Oia, Jesuino. O mió que tu faz é vertá p'ra bordo, porque eu tenho visita...

Elle revoltou-se:
— Visita, hein, sua porqueira! Pois eu quero vê essa visita.

Empurrou-a brutalmente. A porta ranguu. A mulata abafou um grito de dor e cahiu nos braços do marujo, soluçando como uma criança.

Elle olhou-a aparvalhado, culpando-se interiormente: «Prompto! eis o que arranjára! tambem elle sabia ser bruto, arre! que diabo!...

E a colera lhe cahiu deante da mulher que o beijava agora com as faces humidas onde elle sorvia uma a uma as grossas lagrimas quentes...

— Perdôa, Leontina. São aquelles pestes do bordo que me fazem perdê a cabeça...

A mulher encarou-o com dor:

— Ah! Jesuino! tu disconfia de mim!

Pois entra, vae vê que eu não menti!...

E escancarava deante delle a porta. O marujo desfez-se em desculpas: que não; que fôra uma loucura, que elle já se ia embora; que acreditava nella e não ia ver quem estava lá...

A mulata enlaçou-lhe o pescoço. Um beijo «repinicado» sellou a paz e a despedida.

A porta fechou-se discretamente e o marujo ia voltar cabisbaixo para bordo. Mas já na rua voltaram-lhe as suspeitas: porque diabo tinham apagado a luz quando elle batera? essa visita era muito exquesita então! E si o Barnabé estivesse com a verdade?... Poz-se a culpar-se de fraqueza, de se deixar vencer pelas lagrimas da mulata e subito tomou uma resolução. Ficara alli até ver a «visita» sahir.

Sentou-se no meio fio e poz-se a ruminar a sua sorte.

A luz do quarto voltou a accender-se por uma meia hora, depois apagou de vez.

Passaram-se horas. Uma leve claridade começou a tingir as nuvens altas annunciando o dia, e um gallo cantou estrepitosamente na vizinhança o orgulho desmedido de Chantecler. Longinquos ecos responderam em outros galinheiros. Uma carroça passou tilintando pela rua. Depois foi um bebedo que se recolhia a casa. Foi-se cantando com voz rouca uma modinha obscena. O marujo teve vontade de esganalo e invejou-o intimamente.

Tinha agora a alma envenenada pelo odio, que acumulara na espera. Impacientava-se medindo o passeio a largas passadas, bamboleando o corpo nesse andar gingado peculiar aos maritimos. De repente parou. Um rumor vinha da casa em frente. Despertavam afinal os seus habitantes!

Mais um quarto de hora a porta entreabriu-se.

Jesuino escondeu-se atraz de uma pilastra de gradil visinho. Chegou-lhe aos ouvidos o ruido de um beijo, de um beijo «repinicado» como aquelle com que a Leontina o despedira e agarrou-se estuporado para não cahir; da casinha baixa e tosca sahia um marujo, com o

seu uniforme azul, a sua golla onde brilhavam os gádarços e as ancoras, e o fiel de navalha riscando o peito numa lista branca: era o Barnabé!...

Uma onda de sangue affluu ao coração do facheiro. Viu rubro. Apertou com força o cabo do sabre e esteve a saltar á garganta do companheiro para mata-lo. Mas deixou-o passar e a mão que empunhava o sabre cahiu inerte ao longo do corpo num desanimo. Pois bem. Não valia a pena desgraçar-se por uma mulher como a Leontina. Que se fosse para o inferno com o amante! E quanto ao Barnabé, tinha agora a sua vingança nas mãos: ia dizer a todos que «passava o serviço» ao corneiteiro, ia fazer recahir sobre o rival todo o ridiculo em que o atolára aquella phrase do outro dia...

E a mulata?

Essa sim; era preciso dar-lhe um bello castigo!

Pensou em entrar na casa e cravar-lhe o -sabre no peito até o cabo. Não; era um crime inutil. Mas ao menos dar-lhe-ia um par de tabefes em troca do beijo de judas daquella noite. E encaminhou-se resolutu para a porta.

A mulata abriu-a alvoroçada:

— Tu aqui?

— Eu sim. Que tem isso?

— Pensei que estivesse a bordo...

E enlaçou-o nos braços. Elle sentiu novamente o poder que ella possuia sobre a sua vontade. Quiz bater-lhe, faltaram-lhe as forças e para dar-se a si mesmo uma justificativa da fraqueza, só encontrou como recurso no fundo do seu cerebro rude uma alluvião de capitulos e paragraphos da ordenança que accudiam em tropel ao chamado da anarchia mental daquella noite de insomnia e agruras.

Affastou-a brandamente e sentiu necessidade de dizer-lhe tudo:

— Vae-te, muié! Segue teu rumo!...

E como lhe baralhasse as idéas, concluiu:

— Eu vim p'ra te dá dois tapas, mas a ordenança prohibe as familiaridade...

E querendo aparentar uma serenidade, que estava longe de sentir, sahiu cambaleando como um bebedo a caminho da prisão que o esperava a bordo...

Quando a porta da solitaria se fechou sobre o Jesuíno, uma lagrima rolou sobre a face rude do marujo, muito grande e muito tremula, condensando a magua daquella illusão morta... E' que aquella grade não o separara somente da liberdade por alguns dias. Punha tambem entre elle e a Leontina uma barreira eterna, insuperavel, com a lembrança daquella noite em que elle afinal tivera a evidencia!

Como preferiria elle a mentira feliz dos outros tempos!...

O. C.

Curso Auxiliar de Preparatorios

RUA DO PASSEIO N. 82

Os exames deste Curso, cujo regulamento acaba de ser assignado pelo Exmo. Sr. Ministro da Marinha, são validos para a Escola Naval.

Os alumnos serão reservistas da Armada



P Á O



Quarto dentro, quarto fóra,
Com meu chanfalho na mão,
Apenas raiou a aurora
Da primeira promoção,

* * *

Fiquei de páo no "Andrada":
Homem, pondo; Deus, dispondo,
E, ao que me conste, mais nada
Sinão páo pelo redondo.

* * *

Por estes mares de alem,
De penedias e encostas,
Emquanto o páo vae e vem
Não folgo eu... nem as costas!

* * *

Triste horror! oh vida presa!
Sorte escura como breu!
Eu penso que a natureza
Não faz mais páos do que eu!

* * *

Por fim, corveta graduado,
Meu ultimo páo farei,
Gritando de lado a lado:
— Oh! páo, madeira de lei!

Navios ha em que a gente,
Nem tempo tem p'ra comer;
Páo feroz, pão inclemente,
De antes quebrar que torcer!

* * *

E quando a gente, já farta,
Em casa ficou de molho,
Vindo um chamado por carta,
E' mesmo um páo por um olho.

* * *

Mas quando, sem mais aquella,
Na prôa surge uma briga
Ou vira escaler a vela,
O páo se diz "com formiga".

* * *

Antes de ser dispensado,
Por lei, do maldito páo,
Serei bem paulificado!
Triste vida, fado máo!

TENENTE

O BAPTISMO DAS NAUS

DEPENDIA, nas marinhas de outras eras, muito das circumstancias de momento o nome á dar-se ás náos quer de commercio, quer de guerra. Acreditavam mesmo os antigos perlustradores dos mares que a sorte do seu barco se influenciava notavelmente da denominação que elle trazia; e nesse modo de pensar entrava farta dôse de superstição, dôte que forra sempre a attribulada alma do marujo, e o torna quasi um fanatico na determinação dos acontecimentos.

Por esse motivo, em pról do bom augurio das emprezas, raro era o navio das esquadras de antanho que não ostentasse nome do santo entre os vistosos florões de prôa; e o padroeiro passava a ser venerado desde a camara do commando até o bico do castello; e andava dia e noite á bocca da maruja, de mistura com preces e ladainhas, não só nas horas de oração como nas horas em que se avizinhava o perigo, sempre mais temivel e funesto no oceano que na terra.

Nas navegações que deram a Portugal a gloria maxima do seculo XVI, encontra-se um alluvião de náos que fossem buscar á agiologia e aos motivos hieraticos um appellido que as acobertasse das iras do destino. Mesmo assim, é tão ingrata a vida de alto mar, que os mais celebres e horrendos naufragios que narra a historia tragico-maritima assaltaram pequeninas e indefesas cascas de noz que, no entanto, se haviam posto ao abrigo da tormenta sob a egide da onomastica christã. Tal succedeu por exemplo, ao galeão *S. João*, do sempre lastimado Manoel de Souza Sepulveda, e ás náos *S. Bento*, *Conceição*, *Santa Maria da Barca*, *S. Paulo*, e outras muitas de malsinada memoria.

A frota de Vasco da Gama, na descoberta do caminho das Indias, era composta de tres navios, dois dos quaes se apadrinhavam com santos — *S. Gabriel* e *S. Raphael*. A de Cabral levava floze, e a maior parte teve igual

baptismo. Fernão de Magalhães, para a sua viagem de circumnavegação, equipou a *Trindade*, a *S. Antonio*, a *Conceição* e a *S. Thiago*. Nem por isso muito se afortunou nessa empreitada, que, mal de inicio, por intrigas e graves embaixas, não logrou terminar, succumbindo em peleja com os naturaes da ilha de Matan.

Destarte, nem sempre podem os padrinhos amparar a sorte dos afilhados, principalmente quando estes são de raça intemerata dos lustiados, desvendadores das trévas oceanicas.

Justificando a devoção da gente do mar, afirma o erudito padre Fournier, em seu *estyllo* amavel e pittoresco: «*Nous ne lisons point que Jésus-Christ aye pris de repos sur terre, quoy que ferme et immobile, mais bien dans une barque, et le plaisir qu'il prenoit dans l'entretien des pauvres matelots, luy faisoit trouver du repos mesme au plus fort des tempestes.*»

E podia ter ido mais além buscar na arca de Noé, pairando por milagre sobre as aguas, o berço maritimo da humanidade.

Entre os apostolos vemos que os primeiros, Simão Pedro, e seu irmão André, não foram mais que simples pescadores retirados do mar da Galiléa pela mão avisada do Mestre. E foi da barca de Simão Pedro que elle fez as suas primeiras prédicas á multidão agglomerada nas praias, e logo após se revelava illuminado pelo prodigio da pesca milagrosa.

Bem fadado, nunca mais deixou o mar da Galiléa de celebrar-se pela limpida mansidão das suas aguas, de salso gosto exotico, e abundancia de peixe. Atravessa-o para seguir

além em sinuosas que colleam entre massios verdejantes, o Jordão, rio santo, que um dia sagrou baptista o desgraçado Iokanaan.

Amava ainda Jesus encaminhar-se para as costas de Tyro e de Sidon, quando prégava os santos evangelhos. E talvez por santificadas ao mar, fossem essas terras da Phenicia origem das primitivas conquistas nauticas.

Quanta vez, é sabido, galgava o Salva-



Gastão Penalva, aspirante do 1.º anno da Escola Naval — 1904 — (16 annos de idade).

dor o cume do Carmello; e de lá, inspirado e sereno, circumvagava o olhar pela extensão revolta das águas do Grande Mar, onde mais tarde os seus discipulos, em caravanas alviçareiras, partiram a levar a Boa Nova aos povos credulos do mundo.

Cuidando ainda da vocação dos apóstolos, quasi todos de profissão marítima, assegura o reverendo autor da *Hydrographie* que por isso o Redemptor lhes votava profunda sympathia: «*Jésus-Christ a de très fortes et particulières inclinations pour les gens de mer*»

Cabe aqui incluir uma passagem pouco vulgar da vida de S. Paulo, sobre os mares.

Contam os seus mais fieis agtographos que elle era visto frequentemente passar das costas da Europa ás costas da Asia, e estacionar no Archipelago; que, navegando sem cessar, conseguiu evangelizar toda a Phrygia, a Troade, a Macedonia e a Attica; que de Athenas, onde converteu Denys o Areopagita, leva a palavra santa a Corintho; e porfim, torna a embarcar para voltar á Syria, e ao Epheso, onde des-cansa para em seguida maravilhar as turbas de Cesaréa, e recolher a Jerusalem.

Mais adeante, aventura-se ao mar, a bordo de um navio de Andrumetum, colonia phenicia do norte da Africa; vaé a Sidon abastecer-se de viveres; e de novo nas ondas, soprando ventos contrarios, dá-lhe a náó sobre Chypre onde demora até que o bom tempo resurja e se lhe repare o desarvoramento. E assim, outra vez singra o Mediterraneo, até que um dia aporta a Lystra, que já conhece e acata com respeito a sabia voz do apóstolo.

Eil-o uma vez mais em demanda das auras do mar largo, em náó de Alexandria; então, vencendo a calma dos primeiros dias, passa junto de Cnido, e mais de Creta, e de Salmone.

S. Lucas, que mais de oito annos acompanhou S. Paulo na missão de prégar o christianismo através dos pelagos encapellados, relata que uma vez, largando fóra dos perigos da costa, vão alcançar o sitio de Bons Portos, perto da villa de Thalassa.

Não lhes parece a região mui propicia á invernada; e o piloto, sem dar ouvidos ao Primeiro Apóstolo, fez-se de vela para a Phenicia aprocitando a bonança.

Por essa época, S. Paulo, aureolado do espirito divino, já mostrava a experiencia de um perfeito marinheiro. Previne então que essa tentativa lhes será funesta; e o barco continúa no seu rumo.

Subito, um furacão se levanta, formidavel, impetuoso; ha como braços de enfuriado gigante marinho que tudo fazem por despedaçar a nau fragilima de encontro ás penedias litoreneas. Passa-se Creta, e a tormenta recrusdece; dobra-se Clauda, e o vendaval augmenta. Baila o naviozinho sobre a crista das ondas como um juguete do arreliado deus do mar. Já desmoronam mastros num fragor sinistro de maldição; roja-se fóra a carga, que é, de resto, preciosa e farta. Por muitos dias não se avista o sol, e muitas noites se anda ao léo da sorte, na fugidia orientação das estrellas. Reina a bordo a tristeza e o desalento: homens affeitos ás agruras do oceano entregam-se ás lagrimas e á dura imprecação aos elementos em colera. Um unico varão contempla impávido o

desastre, de olhos fitos no immenso céu de chumbo, que até para elle parecia amarrar forribunda carranca. E' S. Paulo. E' o instigante mentor que certa tarde, ao escurecer, consegue reunir os tripulantes, lança-lhes a benção num gesto largo de patriarcha, e assim lhes fala:

— Amigos, é mister nesta hora, mais que nunca, crer em Deus, e jamais desanimar. Não quizestes ouvir o meu conselho, pois escutae agora a minha prece. Tende coragem, porque certo estou de nenhum de nós perecerá. Essa noite, enquanto repousaveis, e poucos velavam nas poucas velas que nos restam, surgiu-me um anjo do Senhor, e me annunciou: Paulo, não temas. Ainda has de comparecer perante Cesar; e não se perderá nenhum desses irmãos que navegam contigo.»

Após o que orou, e com elle oraram, num silencio constricto, todos os rudes marujos da alquebrada náó.

A tempestade serenou. Pairava agora no ar, por entre nuvens que se rasgavam como velarios para além do horizonte em sombras, sorte de canticos bemditos, na litania dos bem-aventurados. A esse tempo, o piloto bradou: terra! — sondas sondaram na profundidade ignota das aguas. Em bom fundo, quatro ancoras se atiraram pela pôpa. Aguarda-se com impaciencia o ratar da manhã. Ainda ha marujos desleaes que nesse instante buscam fugir, abandonando a nave. S. Paulo surprehende-os: fal-os retroceder: censura-os brandamente; e sempre no afan de alentar sua gente, é só a sua voz que se ouve a bordo na manobra e na cração.

Amanhece. Ao longe, manso revoar de garças deixa entrever terras desconhecidas. Vaé o navio em rumo de aterragem, quando encalha num banco de areia, e a prôa se mergulha, e elle todo se aderna, em risco de sossobro. Percorre o peito da tripulação o horror dos ultimos momentos; ha soldados que, conduzindo prisioneiros, dispõem-se a massacrar-os, como carga inutil que é melhor alijar. S. Paulo, uma das victimas, é protegido pelo piloto; e toda a gente se salvando, ambos se salvam num fraterno amplexo de concordia. Assim, o santo, no baptisterio da morte, convertia o piloto num christão.

Vão todos ter enfim a uma ilha de barbaros. Salvo das aguas, o apóstolo quasi encontra o termo da sua vida no novo porto, envenenado de peçonha de uma víbora. Illeso uma vez mais, tido por sobrehumano entre os selvagens, que o rodeam temerosos, apercebe-se o santo do logar onde está: é Malta, a predestinada, que a tradição revela como sagrado baluarte da christandade.

Razão de sobra, pois, assiste aos navegantes que temem o lidar dos oceanos em náó que os santos deixem sem baptismo.

Os marinheiros da Bretanha, talvez os mais supersticiosos do mundo, têm para seu governo que

*Tout bateau qui n'est pas baptisé
est conduit par Satan, et va sur les rochers.*

E é dos mais pittorescos e expressivos, nessas paragens essencialmente marinhas, o velho rito do baptismo das náós.

Consiste o acto num mixto de paganismo e de christianismo, resultante da preocupação secular de não ser omitido nenhum detalhe que recorde a legenda e a tradição.

Orna-se, pois, o barco recemmato de um pavilhão tricolor que preside á cerimonia do tope do mastro grande; por seu turno, este mastro está engrimaldado de alto a baixo das mais viçosas flores silvestres, que vêm da mão dos padrinhos da não. Todo o maçame é alcatroado de novo, de feição que as enxarcias e os brandaes risem festivamente á soalheira do meio-dia. Parecem ouros que rebrilham os amarellos das amuradas, dos corrimões, das malaguetas, dos cabeços, dos ancis, das toleteiras. Desde antes da alva que despertara o barco numa enxuriada de mangueiras plethoricas para o seu farto banho matinal. Esfrega-se de rijo o convés de pópa a prôa, o tombadilho, as pontes, o castello; pranchas, xadrezes, taboados, anteparas, mostram-se refrescados e retocados de pintura recente; quasi á ultima hora, ainda anda o mestre no seu bote a circumdar o costado, numa inspecção meticulosa, seguido de um grumete que tem sempre á mão a estopa a brocha, o balde dagua das corrigendas definitivas. Há lá por dentro um exaggero de limpeza, e cá por fóra um requinte de primitiva esthetica.

Começa a chegar gente.

Veem de longe, de outras terras e outras praias, pescadores hirsutos, barbadões, pesados e grotescos como comparsas das comedias do mar; trazem á ilharga arrebitadas matronas, em vastos pannos de padrões berrantes, e á cabelleira a touca regional, da mais fria e legitima bretanha. Trajam todos vistosamente, e enfeitam-se dessa casta de luxo campestino que consiste em adornos rudimentares de boa pedra e bom metal, e nesse vasculhamento de fundo de arca que tira o mofo, e põe á luz velhos guardados de festança.

E cada vez chega mais gente.

Até que negra sotaina mette um ponto final na romaria. E' o cura da região.

Mas antes que elle galgue a tolda do navio para o baptismo religioso, apressa-se o carpinteiro de bordo em ministrar-lhe o baptismo pagão. Colhe então uma quartola de agua salgada, réga com ella o mór parte da não, sempre nos labios o recitativo classico:

*Bateau, n'aie pas peur de cette eau;
plonge dedans comme un oiseau,
et te relève aussitôt;
mais crains et fu's les rochers,
car si tu vas les trouver,
sois sûr d'être brisé.*

Secunda-o no mistér toda a gentalha, respeitosa e convicta.

Dada a Neptuno e aos fritões essa gentil satisfação mythologica, entra solemnemente o sacerdote, que em prédicas, e benções, e conselhos, asperge toda a não das santas aguas, e a torna em estado de poder affrontar sem temor os grandes dias das atrevidas cruzadas.

Costumam dar os marujos bretões tanta importancia a esse baptismo, e tanta fé de-tãos, que são sem conta as lendas de naufragios que assaltam todas as náus postas ao mar desprevenidas do patrocinio catholico; dessas nunca se salva um pedaço de mastro, nem vem á costa um cadaver de tripulante que no mysterio da morte traga um tanto do dysterio do oceano.

Durante a cerimonia religiosa, cada assistente recebe o seu quinhão de agua benta; e os padrinhos e madrinhas tratam-se entre si de *Compadres* e *comadres de pau*, porque o pimpolho a que elles deram nome não é de carne e osso: é de madeira.

Finalmente, todos entoam o *Te Deum* e o *Ave Maris Stella*, cujos écos se vão, na quebrada nostalgicas das ondas, para a amplidão infinita dos mares.

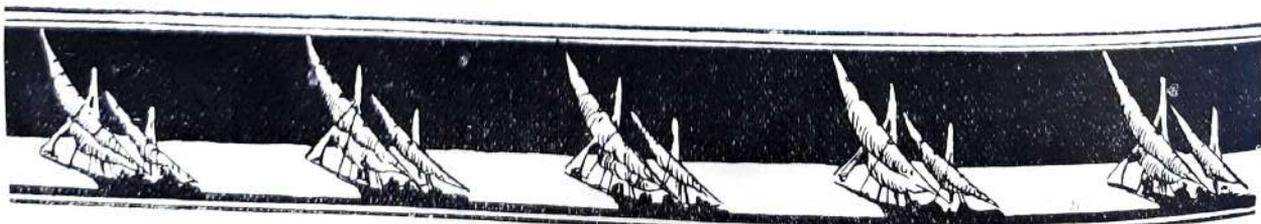
Outrora, o mestre de uma dessas náos em hora de baptismo executava um crime barbaro: lançava mão de um gallo negro, cortava-lhe o pescoço, e manchava do seu sangue a prôa do seu barco. Era signal de porvindouras bonanças.

Mas, por mercê da boa paz dos gallinaecos, mais tarde a cruel usança foi substituida por um gesto alegre: trocou-se o pobre gallo do sacrificio por uma simples garrafa de vinho, que se quebrava á prôa entre algazarras de desmedido regosijo. Vinho era o sangue; faltava a corporização da carne de Jesus: uma hostia, um biscoito, uma migalha do pão bemdito. E o ritual se condensou numa estrophe:

*Biscuit et bouteille de vin,
ç'is que sur mon bateau ne manque jamais le pain.*

Esse costume veiu até nós. Ainda hoje se immolam garrafas de *champagne* nos gurupés das galeras e nos florões dos couraçados; e entre as madrinhas, são das mais bellas e de voz mais doce essas que almejam para o néo-christão os ventos mais galernos e as mais fagueiras esperanças.

Gastao Peralva



Vocação evangelica

Ha pela visinhança uma menina
De saia curta e de cabelo escasso,
Que toca piano desde pequenina,
Por |vocação e| com |desembaraço.

E' futurista: e esquece do compasso,
Ora as notas engole, ou desafina;
E é tão cruel emfim que a cada passo
Com fria mão os mestres assassina.

Tem para os céos no emtanto a alma suspensa,
E em ouvil-a ao piano a gente pensa
Que em cumprir o evangelho se compraz:

— Pois, desanque Mozart, com Grieg acabe,
Ou Mendelsohn trucidé, *nunca sabe*
A mão esquerda o que a direita faz...

O. C.

Pesca milagrosa

Foi em Genazareth. Sobre a agua-mansa,
Vae a barca de Pedro. E os céos azues
Pela tunica branca de Jesus
Põem reflexos divinos de esperança...

A pesca fôra má. Pedro descansa
Um triste olhar no peixe que conduz...
Christo, que o vê, abre um sorriso em luz:
— Pedro, — lhe diz — as tuas rêdes lança!...

Enchem-se as redes! Peixes variados
Saltam nas malhas duras e fataes,
Aos olhos dos discipulos pasmados!

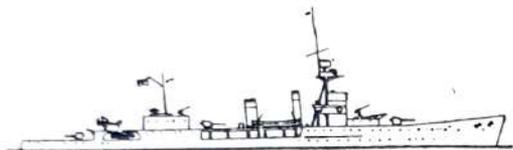
Somente Judas vil e pequenino
Resmunga: — Ora, pipocas! muito mais
Vantagem fez o pescador Josino!...

O. C.

REVISTA DE REVISTAS

A protecção aos comboios marítimos.

— A propósito da construção de alguns cruzadores, projectada pelo Almirantado Britânico, encontramos na pequena revista «The Navy», edição de Junho, um interessante artigo, com que seu autor, Maurice Prendergast, chama a atenção do publico inglês para o problema da protecção ao commercio transoceanico. A situação critica, criada pela acção dos submarinos allemães, em que se encontrou a sua frota mercante durante a guerra ultima, não obstante lhe terem seus navios de linha assegurado o dominio do mar, situação que impoz a pratica da navegação em comboio, — mostrou á evidencia que a protecção do commercio é um dos mais importantes problemas a encarar-se na guerra maritima, mórmente no caso particular da Grã-Bretanha. E ainda perdura, bem viva, no espirito de seus habitantes, a lembrança terrivel das pesadas perdas que lhe foram infligidas para que não constitua ponto de dis-



O projecto Stothert

cussão assáz interessante a idéa da adopção de um typo especial destinado á escolta dos referidos comboios.

O articulista cita a opinião de um seu collega que, em numero passado do mesmo periodico, assignala a falta de cruzadores em numero sufficiente para esta missão e suggere a criação de um typo que lhe seja exclusivamente affecto, reservando-se os actuaes cruzadores de 10.000 e 8.000 toneladas, em construcção, a operar em perseguição dos corsarios ou adstrictos á frota de combate (*). Deveria tal typo, entre outras características, es-

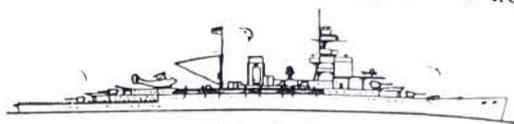
(*) Em um dos seus numeros do anno passado, em trabalho encimado pelo titulo «Os modernos cruzadores rapidos», da penna de Augusto Vinhaes, encontram-se magistralmente tratadas as tendencias modernas a respeito da escolha do typo de cruzador. Tomamos a liberdade de destacar-lhe dois trechos: «O Contra-Almirante d'Oyley, no **Anuario** de 1923, sustenta a opinião de que são necessarios dois typos diferentes de cruzadores: um para actuar com a frota e outro para protecção do commercio. Inclino-me para o lado dos que opinam ser mais vantajoso e economico restringir a construcção a um só typo, capacitado para actuar em união da frota e, quando seja necessario, destacar-se para proteger o commercio». Este typo unico será naturalmente, acrescenta o Sr. Augusto Vinhaes, o de maior poder combatente que se possa construir, o qual, na vigencia do Tratado de Washington, será o do cruzador de 10.000 toneladas, armado de canhões de 8", o «cruzador do Tratado», como lhe chamam commumente. E ainda: «A idéa primordial do projecto dos novos cruzadores foi inspirada pelo intuito de proteger o commercio. Não ha evidentemente razão para que esses cruzadores deixem tambem de ser empregados como unidades da frota. O

senciaes a um cruzador, dispor de armamento sufficientemente forte para bater, com inteira segurança para o comboio, qualquer corsario atacante.

Passando em revista os projectos já publicados anteriormente, cita o articulista dois particularmente interessantes.

Em 1921, nas columnas do «Naval and Military Record», o Sr. Stothert propoz o primeiro, do qual reproduzimos o esboço. Deslocando cerca de 3.000 toneladas, seria armado com 3 canhões de 6 pollegadas, 3 anti-aereos de 4 pollegadas, 4 tubos de torpedos, e seria dotado de um pequeno avião de esclarecimento. Sua velocidade seria 32 nós. Não seria deixada margem nenhuma á protecção, nem de couraça, nem de bulges.

Como se deprehe de do exposto, não seria um navio capaz de bater o «cruzador do Tratado»: seu typo responde apenas á necessi-



O Free Trade

dade da protecção contra os ataques dos actuaes cruzadores submarinos, com canhões de 6 pollegadas. O pequeno cruzador japonês **Yubari**, de 3.100 toneladas, approxima-se muito do typo de Stothert.

Em 1923, os escriptores Bywater e Prendergast, no «Practical Engineer», propuzeram um navio de 7.000 toneladas, mais ou menos, provido de amplos bulges e minuciosa subdivisão interior, armado com 4 canhões de 7,5 pollegadas, e abundante supprimento de bombas de profundidade para o ataque de submarinos.

A protecção contra a artilharia consta de uma cinta couraçada de 6 pollegadas, a meio, e um forte convéz couraçado. Motores de oleo lhe dariam um raio de acção de 12.000 milhas, e velocidade de 23 nós. Carregaria um avião e um helicoptero, offerecendo este ultimo sobre o antigo balão captivo, a vantagem de não ser inflammavel e não obstruir o campo de tiro dos anti-aereos do proprio navio que o reboca. Finalmente seria equipado com um aparelhamento completo de hydrophones, detectores electromagneticos, etc., para accusar a presença do submarino e determinar sua posição.

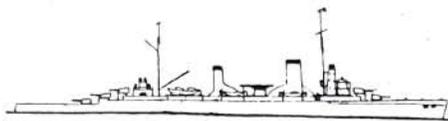
Procurando então sondar a opinião publica a respeito, Prendergast executou uma especie de concurso, solicitando de alguns leitores da sua revista o projecto de um navio

navio de guerra não pôde ser menos apto para desempenhar um dado emprehendimento porque possua potencia e qualidades excessivas aos requeridos pelo serviço que se lhes designe. Em todo o caso, a unica objecção que se poderá allegar, será o malbarato de energia». E' esta a objecção que os adeptos do typo especial fazem em sua defesa: com effeito, si, militarmente, este excesso de energia nunca será demasiado, economicamente elle se traduz numa despeza pesada e muitas vezes inutil. Prendergast joga ainda com o factor da rapidez de construcção em tempo de guerra, quando avultarem as necessidades da protecção.

de escolta, apontando-lhes a necessidade de fazer o apto a defender o comboio de uma triplice fôrma de ataque: dos modernos «cruzadores do Tratado» (10.000 toneladas, canhões de 8 pollegadas, e 34 nós) dos submarinos e dos aviões.

Contra o ataque aereo, sua grande mobilidade torna-o á praticamente invulneravel, mas o mesmo não acontecerá com o comboio, sempre numeroso, composto na sua quasi totalidade de cargueiros muito morosos, sendo portanto indispensavel uma respeitavel bateria anti-aerea. Contra os submarinos, o equipamento moderno para sua localização, as bombas de profundidade, e canhões maiores que os dos cruzadores submarinos, além da mobilidade propria do cruzador, constituem defesa efficiente.

Por ahi se pode avaliar que o problema mais serio é o da defesa contra o corsario de superficie, não sendo possível, em razão das restricções impostas pelo Tratado, dar ao **convoy guard ship** elementos que o colloquem em condições de superioridade esmagadora sobre os modernos typos de cruzadores, uma vez que todas as potencias navaes incluem em



O Thermogene



O projecto Bywater

seus programmas a construcção de navios dotados do maximo de poder combatente, permitindo pelo mesmo Tratado.

E' assim que a superioridade tactica, neste papel de protecção de comboios, sobre o corsario, que se suppõe um cruzador do alludido typo, só poderá ser conseguida modificando-se o equilibrio entre as caracteristicas essenciaes ao cruzador, isto é, augmentando o valor de alguns delles em detrimento de outros julgados menos importantes para o cumprimento de sua missão. Mas não basta: é preciso que a isto reuna o **convoy chaperon** a qualidade preciosa de simplicidade tal que permita sua rapida construcção em tempo de guerra, de accordo com as necessidades supervenientes. De facto, cerceada pelo pacto de limitação dos armamentos, a cada paiz, a faculdade de augmentar o poder combatente de sua frota de linha, é de crer que procurem as nações interessadas conseguil-o, na eventualidade da guerra, ajuntando-lhe os navios mais fortes que até então tiverem podido construir a larga: e serão então levados á mesma situação em que se encontraram durante a ultima guerra, obrigados a improvisar rapidamente os protectores de seu commercio, os celebres **Q-Ships**, que tantos e tão relevantes serviços prestaram na occasião. Satisfazendo a primeira condição, vemos o projecto **Thermogene** em que a velocidade (embora não indo abaixo de 21 nós), julgada menos importante no caso, é sacrificada em proveito da protecção (couraça de 6 pollegadas ou mesmo 8 e compartimentagem).

O armamento (5 canhões de 8 pollegadas, na linha axial) permittir-lhe-á sustentar combate com o «cruzador do Tratado», menos protegido. E', entretanto, discutivel que esta maior protecção leve vantagem á maior mobilidade e mais forte artilharia do atacante.

Completem o armamento tubos lança-torpedos, submersos, sempre com o intuito de protegel-os da artilharia inimiga, e 4 anti-aereos de 4". Ha ainda um pequeno avião e um

balão captivo. O autor refere que, da adopção dos motores a combustão interna na propulsão, resultaria desatrarancar-se o convéz, reduzindo a uma as chaminés, podendo-se então augmentar a bateria anti-aerea e o numero de projectores, além do espaço ganho cobertas abaixo.

Como se vê, o **Thermogene** não parece de facil e rapida construcção em periodo de guerra. Respondendo melhor a este requisito, tem-se outro projecto, o **Free Trade**, cujo typo se approxima dos famosos **Q-ships**. De deslocamento relativamente fraco, cerca de 3.000 toneladas, dispõe de 6 canhões de 5.5 pollegadas, em dois grupos triplices, 4 anti-aereos de 3 pollegadas, e 6 tubos lança-torpedos intallados, como nos mais novos cruzadores japonezes, em trilhos que permittem deslocal-os de um para outro bordo. Nenhuma protecção contra a artilharia e reduzida compartimentagem. Na velocidade o autor foi muito modesto: deu-lhe apenas 12 nós para cruzeiro e 20, maxima, o que o torna muito vulneravel ao torpede. Sua principal vantagem consiste, como já dissemos, na facilidade de rapida construcção, e na silhueta que é por si só um magni-

fico disfarce, conforme provam os factos da ultima guerra.

Quanto ao terceiro e ultimo projecto, serve apenas para mostrar que na propria Inglaterra ha ainda muito idéa absurda a respeito de cousas de marinha. Segundo seu autor, o navio, de cerca de 9.000 toneladas, não sendo «nem um monitor, nem um cruzador, nem um navio moderno», participa comtudo das qualidades destes tres typos diferentes, — o que seria muito bom, mas que é muito duvidoso de conseguir. O armamento constaria de 2 canhões de 12 pollegadas, em torre, substituidos por outros menores na vigencia do Tratado, (o que mostra muito pouca vontade de **desarmar-se**) e ainda 8 canhões de 4,7 pollegadas, ou 16 de 3, ou 42 de 2" (!) alternativa esta que, aliada á «reunião das vantagens dos tres typos num só», infirma todo o projecto porque evidencia a pouca justeza de idéas do autor sobre o assumpto.

Conclue-se do pequeno estudo feito que o typo mais capaz de desempenhar a missão de escoltar os comboios é, segundo uns, similar ao destinado á perseguição do commercio inimigo e a cooperar com a frota, e, segundo outros, um navio do typo dos **Q**.

A' politica de construcção do primeiro cbdecerá a conveniencias de homogeneidade, nem sempre vantajosa: como diz Daveluy, «a utilização dos navios ligeiros é de natureza tão variada que exige algumas vezes typos diferentes» mas acarretará grandes despesas, que a adopção do segundo typo permittirá reduzir. Por outro lado, será difficil pretender-se limitar a um só o typo de taes navios, uma vez que as conveniencias militares são restringidas (em maior ou menor escala mas sempre o são), pelas possibilidades financeiras no tempo de paz, e, declarada a guerra, a urgencia da construcção impõe o typo de grande simplicidade, que possa facilmente ser improvisado.

L. R.

I
 Antigamente
 as sabbatinas
 eram de 2 em
 2 mezes; o
 aspirante
 durante o
 ano tinha
 tempo para
 se divertir
 a vontade....

II
 Ao passo que, quando
 chegava o fim
 do ano,
 tinha que
 dar a
 celebre
 "brada" para
 o exame



TEMPO

Directo
 Bon Fils
 TARTALEA
 BALSICA

ME DIAS
 Balsica 3
 Antifarna 2
 Hydrographia 1
 Directo

MUORA 1000

Hoje, meu que e a estudar para fazer as minhas sabatinas...



O fim do ano ta me e diferente !...



$\frac{2m+p}{3}$ esta garantido !...

Secção desportiva

As ultimas regatas

Realizaram-se domingo, 22 de Agosto, na enseada de Botafogo, as regatas annuaes promovidas pela Liga de Sports da Marinha. Entre os diversos pareos, capazes de despertarem interesse, pela impossibilidade de previsão de um resultado, devido ao estado de treno dos concorrentes e ao entusiasmo e animação das guarnições, contava-se o effectuado em disputa do Campeonato da Escola, por escaleres das diversas turmas.

Foi um dos poucos pareos corridos na distancia de 2.000 metros, sendo o unico disputado em escaleres de serviço, pouco usados pela L. S. M., em provas dessa natureza. Apesar disso, entretanto, o tempo de percurso do

escaler vencedor foi relativamente breve, excedendo mesmo algumas expectativas.

Chegou em primeiro lugar, bem collocada, a guarnição do 4.º anno, seguida immediatamente dos escaleres dos 2.º e 1.º annos que obtiveram, respectivamente, os segundo e terceiro logares.

A disputa entre o 4.º anno e o 2.º foi animada, correndo os mesmos juntos durante todo o percurso. Os proprios «calouros», apesar da difficuldade que encontraram na formação de sua guarnição em uma turma pequena e da sua inexperiencia em provas de remo, portaram-se esplendidamente, alimentando esperanças sobre sua actuação em prelios futuros.

Aos vencedores felicitações.

Notas sobre o nado «a la brasse»

pelo instructor da L. S. M. ROBERT FOWLER

As vantagens do nado «à la brasse» são: em mar agitado pode-se com elle nadar mais tempo e com menos esforço do que com qualquer outra braçada; é o melhor modo de se salvar um individuo exaustivo ou atacado por caimbras. As autoridades do exercito sustentam que é esta a unica braçada com a qual um soldado com todo seu equipamento consegue nadar; e os japonezes consideram tão importante o «a la brasse» que todos os soldados são obrigados a aprendel-o. E' ainda um optimo modo de descanço para um nadador cansado de nadar noutró estilo.

Como se deve nadar «a la brasse»

A posição do nadador no inicio de cada braçada deve ser com os braços extendidos na frente da cabeça com as palmas das mãos juntas e dedos juntos, o corpo recurvado e as pontas dos pés ligeiramente viradas para fóra.

MOVIMENTOS:

1º voltar as palmas das mãos para fóra e depois trazer os braços simultaneamente para traz até formarem angulo reto com o corpo e linha reta com a linha dos hombros.

2º Dobrar rapidamente os antebraços trazendo as mãos para dentro até que se toquem as pontas dos dedos; ao mesmo tempo que se executa este movimento encolher as pernas simultaneamente separando os joelhos, conservando os calcanhares juntos e as pontas dos pés para fóra.

3º O ultimo movimento faz-se lançando os braços para frente com impulso, com as palmas das mãos juntas, simultaneamente distendendo vigorosamente as pernas, para o lado e para traz, até voltar á posição inicial.

Respiração: Inspiração pela bóca quando os braços estiverem para traz e expiração ao executar o 3º movimento.

Regulamento da «International Amateur Athletic Federation», para o «a la brasse»:

a) Cada competidor terá uma pista de pelo menos 2,15 de largura para fazer sua prova.

b) Ambas as mãos serão lançadas para frente simultaneamente e as braçadas serão também simultaneas, o corpo deve descansar dentro da agua sobre o peito com os hombros num plano paralelo, á superficie da agua; não se pode voltar a cabeça nem para um lado nem para outro, a linha dos hombros deve ficar em angulo recto com a linha que o nadador percorre ao mover-se para diante.

c) Deve-se encolher as 2 pernas simultaneamente separando os joelhos; este movimento é seguido de uma vigorosa distensão das pernas simultaneamente, para o lado e com ligeiro movimento de rotação para traz até voltar á posição inicial com as pernas juntas.

d) Ao tocar o travesseiro, durante ou no fim da prova deve-se tocar simultaneamente com as 2 mãos.

e) Qualquer competidor que executar um movimento de «side stroke» será immediatamente desclassificado.

No nado «a la brasse» os movimentos de um lado do corpo devem ser identicos e simultaneos aos movimentos do outro lado; por exemplo, todos os movimentos que um dos pés executa o outro deve fazer igual e simultaneamente.

Não conservar á linha de movimento do nadador, extender um só dos braços para tocar no travesseiro com mais facilidade durante ou no fim da prova, etc., são indicios de estylo defeituoso, e o competidor que incorrer nestas faltas deve ser desclassificado.

Não maldigas o pouco que tiveste,
Não descreias do muito com que sonhas:
Conformação e esperança — é só este
O segredo das almas mais risoñas.

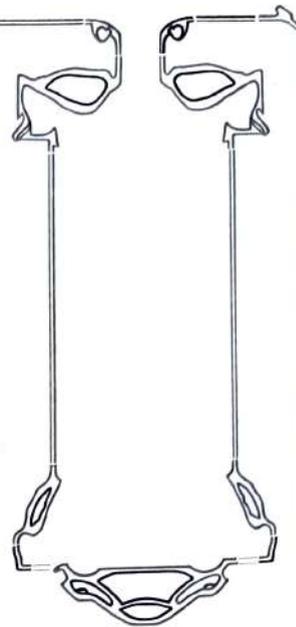
Ha em toda a vida um fadario inclemente
Ao lado de um fadario rebrilhante.
Olha o sol como róla eternamente
Da purpura gloriosa do levante
Para a purpura triste do poente.

^{1 2 3 4 5 6 7 8 9 10}
Aproveita os momentos de Ventura
Que elles, por serem bellos, são fugazes ;
Não desperdices tanto na fartura :
Ha no remorso pontas de tenazes
Para esses perdularios da Ventura.

Esmera-te nas coisas pequeninas:
Um sorriso, uma palavra, um carinho
Abrem oasis de amor pelo caminho
Dos que cumprem, chorando, tristes sinas.

.....
.....
Busca na Vida os oasis de Ventura.
Não desesperes nunca da Ventura ...

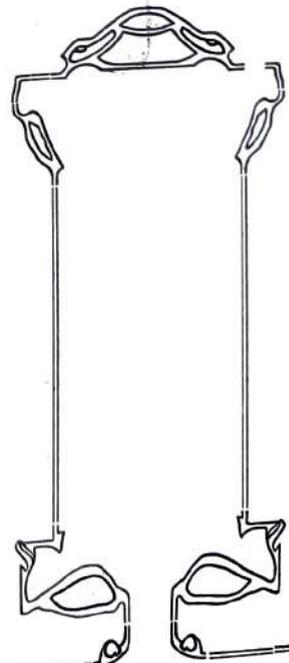
^{1 2 3 4 5 6 7 8 9 10}



Breviario da Ventura



A. M. Buarque
de Lima



NOSSOS MARUJOS

— Homem ao mar a boreste!...

Um subito tinar do telegrapho, uma brusca mudança de rumo e o escachoar da espuma pela popa, no redomoinho da guinada...

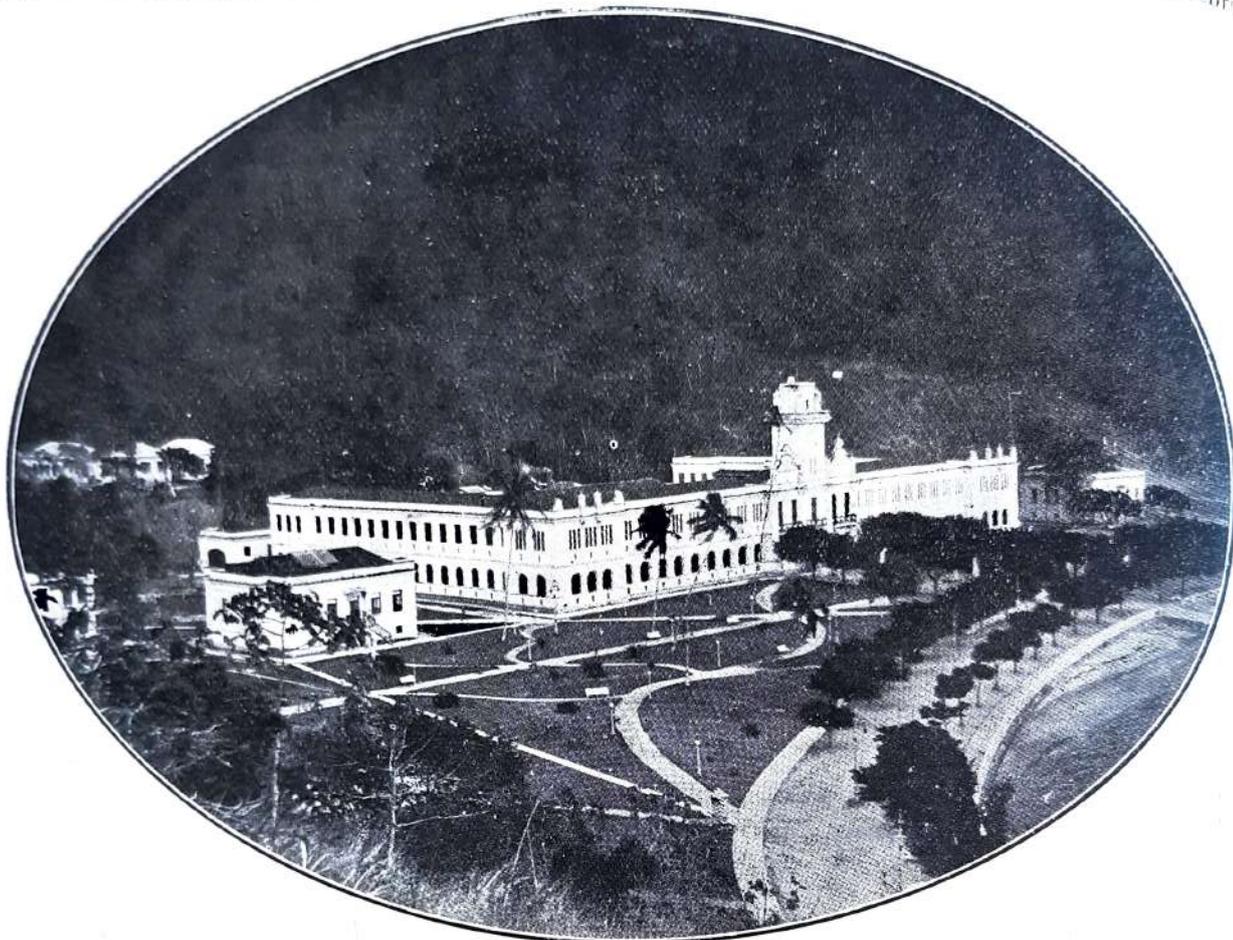
Breves vozes de comando, sêcas e imperiosas cahiram do passadiço no meio da ansiedade da guarnição que se amontoava de um bordo inquirindo o mar:

— Guarnece o escaler!...

A execução fôra mais prompta que a ordem: lá se alinhavam nas bancadas da embar-

que assistia emmoionado as peripecias de salvamento.

Por vezes um desespero impotente, uma ansiedade tanto mais funda, quanto mais se sentiam inertes aquelles homens, tomava-os: era o escaler que parecia perder o naufrago de vista naquelle valsar desencontrado de ondas. Mas logo o signaleiro do tejupá lhe corrigia o rumo acenando com as bandeirolas. A manobra da embarcação parecia morosa e tardia. Uma pergunta ansiosa dansava em todos os cerebros



A Escola de Grumetes

cação os homens impacientes de correr em socorro do companheiro. Um signaleiro inquieto, pesquisava as ondas do alto do tejupá:

— Lá está elle!...

Um suspiro de alivio desopprimiu por instantes os peitos rudes da maruja. Cravaram-se olhares na direcção indicada.

Novo tinar dos telegraphos e o navio parou, jogando ao embate das ondas.

— Arria!...

Rápido o escaler deesceu até a vaga. Saffaram-se talhas, cruzaram-se remos e a embarcação abriu do navio ao impulso nervoso dos homens.

O ponto negro que marcava o naufrago agitava-se ao sabor das ondas e ora surgia, ora sumia nos cavados, deixando com a alma suspensa dos olhos aquelle punhado de homens

o multiforme minueto da angustia: chegaria a tempo?

A cada desaparecimento do homem, que um jogo mais forte do navio occultava no cavado das ondas, uma dolorosa expectativa opprimia os corações: voltará a ser visto? será agora que desaparecerá para sempre? ou ainda terá forças para esperar?

E enquanto isto os commentarios cruzavam-se.

Fôra o Manoel da Paixão, o patrão da lancha, que estava no castello arriando a balastrada para o exercicio de tiro.

Coitado do Paixão! sempre alegre, sempre bom companheiro, e marinheiro safo como poucos! Quem pode advinhar essas cousas! Nintutos antes estivera no castello contando historias para fazer rir, despreocupado e feliz,

e agora estava lá no meio do oceano, á mercê de qualquer tubarão faminto!

Ah! o tubarão!

Um arrepio percorreu a maruja... Em todos os rostos transparecia agora o terror da fera do mar. Os olhos ansiosos voltaram a acompanhar o desenrolar do drama, esperando ver surgir o monstro, receiando assistir áquella scena horrivel de dois braços se agitando antes de desaparecer num turbilhão de espuma, de advinhar uma bocca que se abre para um grito sobrehumano de terror, que se perde para sempre suffocado debaixo d'agua, de entrever ao longe uma mancha vermelha a subir do fundo do abysmo no meio de bolhas e de espuma...

Oh! e este escaler que não chega!

Será possível que os que estão remando não se lembrem disso? Accaso não os anima o desejo angustioso de chegar a tempo?

Eil-o que vae, onda acima, onda abaixo, recebendo no bojo o insulto do mar, que lhe cospe a espuma branca no retalhar da vaga.

Minutos longos esses! contam-se como dias de vida...

Emfim! parece que chegaram! o prôa levou remos e inclina-se para o mar. Um braço se estende, uma cabeça emerge das ondas, um corpo se iça penosamente pela borda do escaler!...

— Hurrah!!!

Um grande grito de satisfação atrôa os ares. Todos se olham satisfeitos, riem, jogam chapéus no ar, alguns se abraçam, outros trocam ininterruptos apertos de mão, como si tivessem alcançado uma victoria!

E de facto, haviam vencido! Sim, tinham conseguido arrebatat ao oceano a preza que elle já considerava sua! Tinham sido mais ligeiros do que o tubarão!

E isso que havia no coração de todos, um grumete resumia apostrophando entre risos o invisivel devastador dos mares:

— 'Cê besta, tubarão! Tu hoje não toma indigestão á nossa custa. Só que fô comendo as tua tripa! Toma, seu porqueira!...

E cuspinhava para o mar indifferente, que continuava a construir e a derrubar os seus fantasticos castellos de espumas e de cristaes verdes...

O escaler voltava.

A guarnição ansiosa por ver o naufrago apinhava-se á borda. Um apito do contra-mestre ordenou a faina. Rapidos guarneceram as talhas e num apice o escaler achou-se novamente nos turcos.

O Manoel da Paixão, molhado como um pinto, escorregou para o convez entre os braços dos companheiros. Depois, enquanto todos ficavam cá de baixo a olhar curiosos procurando saber o que se ia passar, o patrão da lancha subiu ao passadiço:

— Prompto, seu commandante!...

O commandante olhou-o com um sorriso bom:

— Então, como foi isso, Paixão?

— Foi o pé que farseou, seu commandante. Mas não pega nada, não sinhô...

— E você não teve medo de morrer?...

O marujo sorriu com altivez:

— Não sinhô, seu commandante. Eu sabia que o escalé ia me buscá... A modo que eu tive um prejuizo grande, com o chapéu que foi embora e era o urtímo do semestre... E era isso que eu 'tavo pensando lá dentro d'agua: — Quá! Mané Paixão! agora, tu tá enrascado! no dia da mostra gerá tu vae pro livro por não tê chapéu!...

O. C.

Leitão, Irmãos & Cia.

FORNECEDORES DO GOVERNO

CASA LEITÃO

Importação e Exportação de Fazendas, Modas, Armarinho, Perfumarias,
Roupas Feitas, Tapeçaria, Alfaiataria, etc.

Largo de Santa Rita n. 2

Rua Visc. de Inhauma

Rua Municipal

Travessa Santa Rita

Telephone Norte 767

RIO DE JANEIRO



Supplica

^{1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12}
Tu que sabes moldar a voz com sentimento,
Em estrophes de amor, de alegria ou de dor,
Canta! Que por te ouvir terei um novo alento
Para ainda augmentar meu infinito amor

Canta-me a cançoneta, a moda triste e suave,
Que toca bem no fundo o coração da gente:
—Rumor d'agua a correr, doce gorgueio d'ave,
Delicada harmonia a murmurar plangente.—

Podes tambem cantar, alegre, descuidada,—
Canções de Béranger na lingua de Musset;
E mesmo a cançoneta leve e delicada
Que Fragon cantou, antes, em algum café.

Eu quero ouvir tambem a tua voz divina
Interpretando bem a musa italiana.
Mostrar quanta harmonia guarda, crystalina,
Toda a sentimental canção napolitana.

E não esquecerás a canção andaluza,
Que exalte de um toureiro a fama immorredoura,
E o fado portuguez,—appello da alma lusa,—
Que se ouve nos trigaes que o sol da tarde doura.

Extactico ouvirei teu canto inconfundível
Destacar-se das notas surdas do piano;
E não te amarei mais só por não ser possível
Amor maior que o meu conter um peito humano.

...Canta! Faz-me vibrar bem n'alma o sentimento
Que eleva os corações ás regiões ideaes;
Canta! que irei buscar—ouvindo—um novo alento
Para, pelo teu canto, adorar-te inda mais

Eugenio Possolo.

A volta da galera

Quando, prompta a partir, a audaz galéra,
Ao vento a véla solta,
Ha muita gente que, já, triste, espera,
Ansiosa, a sua volta:

^{1 2 3 4 5 6 7 8 9 10}
Essas almas tão meigas e tão puras,
Tão cheias de bondade,
Que tão cedo se pungem das torturas
De precoce saudade,

São, a mãe cujo filho estremeceido
Sem consolo a deixou
E a noiva, cujo esposo promettido
A galéra levou.

A mãe calcula que, da dura lida,
Pode o filho chegar
Tarde demais para enconral-a em vida
E pode não voltar.

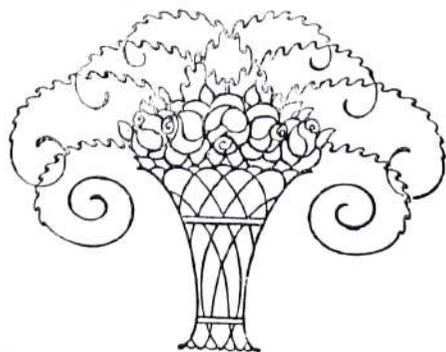
E' que, no meio dos sertões marinhos,
Sem pharol e sem norte,
Longe da mãe, da noiva, dos carinhos,
Tambem se encontra a morte.

... E a noiva pensa que, tão longe della
No remoto Oriente,
O noivo pode amar alguma bella
E voltar diferente.

Ella pensa nos rostos seductores
Que elle vae conhecer.
Porque, levado por fataes amores,
Bem a pode esquecer.

Por isto, quando a impavida galéra
Ao vento a vela solta,
Ha muita gente que, já triste, espera,
Anciosa, a sua volta.

Eugenio Possolo.



CESARE BATTISTI

O jornal «Le «Forze-Armate» publica o seguinte sobre a vida do heroe Cesare Battisti. Pagina tão brilhante, que pensei logo em traduzir e enviar á «Galera». Que a bravura des-

se patriota sirva de exemplo aos aspirantes de Marinha.

Roma, 926.

M. G. S.

11 de Junho de 1906 — 11 de Junho de 1926

Do martyrio do Trento ao monumento de Bolzano

J' são passados dez annos, desde o dia em que na sinistra fôssa do castello do «Buon Consiglio», o miseravel laço estrangulou, na garganta de Cesare Battisti, o ultimo grito de: «Viva a Italia!»

Ainda perdurava, no ar grave daquella tarde estival, o echo da sua possante voz, quando Fabio Filzi foi tambem conduzido ás mesmas fossas, para seguir o seu Commandante e companheiros d'armas na morte gloriosa.

O drama de Cesare Battisti desenvolveu-se e teve fim em pouco mais de um anno: a febril vigilia da guerra e a lucta leonina para a intervenção da Italia; a sua partida para a linha de frente e a vida nas trincheiras, a captura no impeto de uma acção e o supplicio.

Da ribalta dos theatros, das janellas das casas, das escadas dos monumentos a sua voz commovida e vibrante havia resoado incessantemente, durante os mezes da neutralidade italiana, pregando a guerra contra o inimigo tradicional, fazendo sentir os perigos e a vergonha da ausencia da Italia do theatro do deshumano conflicto europeu, fazendo vibrar o coração dos italianos e encaminhando os seus pensamentos para as Cidades gêmeas, que esperavam o cumprimento de uma promessa sagrada.

Sem tregua, sem repouso, de Milão,—onde fraternalmente haviam-no acolhido Benito Mussolini e Filippo Corridoni, os quaes, socialistas como elle, haviam como elle abandonado o seu partido logo que se convenceram de que se tinha inclinado contra os interesses supremos da Patria, — á Roma, onde os subterfugios de uma politica mesquinha tentavam cortar as azas para o grande vôo da Italia; de Roma, a quasi todas as cidades da Italia, até as menores e as mais longinquas, para pregar a nova guerra santa.

Tempera de luctador, semblante de apostolo, gesto largo de orador, ninguem melhor do que elle podia inflamar as multidões e atiral-as á guerra; a sua febre intensa só se aplacou naquella memoravel tarde de 24 de Maio, em que na Praça do Campidoglio, repleta de gente e de bandeiras destraldadas, elle poude finalmente bradar, com voz forte e imperiosa, como o som claro e agudo do clarim: — «E agora á fronteira, com a espada e com o coração!»

E para a fronteira, naturalmente, foi o primeiro a partir, como simples soldado. Em frente ao proprio inimigo que já o conhecia como padroeiro altivo e impavido dos direitos incontrastaveis dos seus patricios, achava-se agora a combater ferozmente, com carabina e sabre.

Quiz ser soldado alpino, porque desde muito jovem, a montanha foi sempre a sua primeira e a sua maior paixão e, em meio dos montes do seu Trentino, como em uma escola gigantesca, temperou o seu corpo e o seu espirito, com o proprio amor da sua montanha e da sua terra que lhe infiltrou os primeiros germens da tendencia para os estudos geographicos e geologicos. Vestio a farda de soldado alpino e, soldado humilde e silencioso, curvou-se na lama das trincheiras; trabalhou de machado e pá, transportou saccos as costas;



Lendo Peter Pan !!

feridos nos braços, fez sortidas e patrulhas e muitas vezes foi o primeiro no assalto e na pugna.

No combate de «Punta Albiolo» — á 25 de Agosto de 1915, — foi condecorado por actos de bravura: nomeado official em Outubro do mesmo anno, foi, pouco depois, promovido a Tenente por serviços de guerra.

Oh infausta madrugada de 10 de Julho de 1916!

Oh tragico destino do batalhão Vicenza!... O Monte Commo, sombrio pico da Vallarsa, que se ergue, como uma sentinella e uma ameaça, no fundo da estrada de Fugazze, havia cahido nas mãos do inimigo, na offensiva. Impunha-se recuperal-o.

No dia 8, Cesare Battisti quiz pessoalmente reconhecer o terreno, e, sozinho, meteu-se por aridos caminhos que conduzem á estreita garganta entre as duas côtas do Commo. Voltou, trazendo preciosas informações sobre a eficiencia da defeza adversaria, e, na manhã de 10, atirou-se, sereno, e confiante, o seu destino. Com habeis e rapidos movimentos os alpinos de Vicenza atingiram á garganta e capturaram os primeiros postos inimigos; sem esperar depois, a cooperação dos destacamentos de infantaria, que deveriam participar da acção, lançou-se ao ataque da côta 1801.

Inesperadamente, fortes nucleos de austriacos deram um ataque sobre o flanco dos al-

pinos, cercaram-n'os, cortaram-lhes inteiramente a retirada. Desgraçadamente, Cesare Battisti e Fabio Filzi, Segundo Tenente do mesmo batalhão, achavam-se entre os prisioneiros. Battisti foi imediatamente reconhecido, porque nunca quiz mudar de nome nem de figura, considerando toda a sua vida de combatente como um perenne e aventuroso desafio á morte; para identificar Filzi, foi, porém, necessária a traição, de um renegado, o sub-official Franceschini.

Começou, assim, o breve, tragico calvario: de Noriglio a Aldeno, de Aldeno ao Trento, onde, para recebê-los, Von Muck havia reunido soldados e pessoas austriacas. Trento não era italiana. Só o era nas trincheiras italianas, nos campos de concentração e nas prisões austriacas...

Não com attitudo de prisioneiros e accosados de alta traição, compareceram perante a Corte marcial, mas sim com a de accusadores e de juizes guardando ambos a sua inquebrantavel fé italiana e demonstrando o mais profundo desprezo pela Austria. O processo, de resto, era uma ironia; antes que a sentença tivesse sido pronunciada, a immolação já havia sido determinada em Vienna. A's 18 horas do dia 12, Cesare Battisti foi conduzido ás lugubres fóssas onde parecia ainda echoar a fuzilaria que, seis mezes antes, varava o peito de Damiano Chiesa.

Até o ultimo momento, Elle dominou, com a cabeça erguida e com o olhar altivo, o pelotão que ia assassinal-o, e, sobre essa gente, soltou o seu grito immorredoiro: — «Viva a Italia!»

Por accaso ou por premeditação, a corda, que lhe laçava o pescoço, partiu-se. Depois de ter sido erguido do chão, moribundo, o Heroe teve ainda forças para bradar novamente: «Viva a Italia».

No mesmo dia do decimo anniversario do supplicio de Cesare Battisti e de Fabio Filzi, a Italia colloca em Bolzano a primeira pedra do Monumento da Victoria, que, no santo nome dos martyres italianos, deverá ser por todos os seculos e seculos, recordação, consagração, admiração.

Nesse memoravel dia, achavam-se reunidos em Bolzano, os combatentes e os mutilados da guerra, gloriosas testemunhas do sacrificio da Italia e de todo o sangue derramado para a conquista das fronteiras sagradas. O monumento de Bolzano não é uma ameaça; é uma sentinella avançada.

M. G. S.

Roma, 1926.

SIRGUEIRO

Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida

Artigos em deposito : Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance e casemiras inglezas e francezas. Brins brancos — diversos fabricantes — estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

Vendas por Atacado e a Varejo

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceta-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapéus armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO

Mescla

Triste, hesitante, humildemente,
E sem direito ou regalia,
Só, quando o sol se recolhia
E' que era usada antigamente.

¹Hoje, ²porém, ³que a ⁴toda ⁵gente
E' causa para economia,
Ou ⁶seja ⁷noite ou ⁸seja ⁹dia
Ella se usa eternamente,

A bordo, em casa, em terra e mesmo
Em batalhões, em arsenaes,
Ella se usa e vive a esmo,

Em mui notavel incremento,
E até meu *buque* — isto é demais —
De mescla está, pois é cinzento.

TENENTE.



Curto circuito

Desde que o lábaro se iça
Em um navio,
A vigilancia o fogo atiza
Ao sol, ao frio.

¹No ²corpo, ³vêla ⁴o ⁵coração,
Sempre accordado;
E os corações de bordo vão ...
De lado a lado.

De lado a lado, vae andando,
O official;
Assim o ronda : caminhando
Igual, igual.

A' luz do sol, á luz da aurora
Ha sempre gente :
Um vem ; vae outro logo embora,
Incontinente.

No corpo, vêla o coração,
Sempre accordado ;
E os corações de bordo vão :
De lado a lado.

.....
Nisto, Morpheu queima o fusivel
Da installação.
Tudo cochila no invisivel.
Da escuridão.

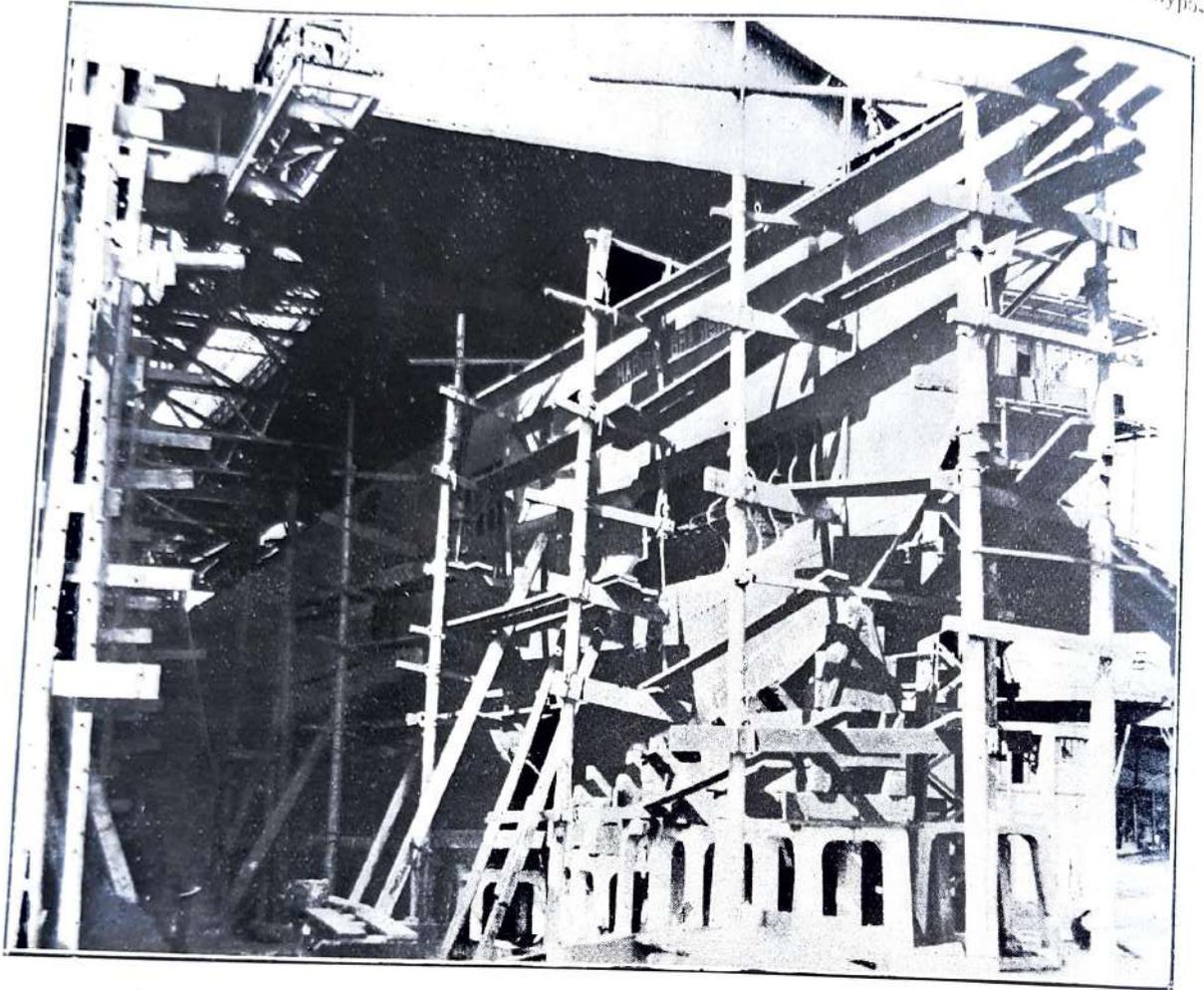
TENENTE.

OS AMORES DE TOURVILLE

A. M. Buarque de Lima

DEM despertando, ultimamente, a vida amorosa dos grandes homens um interesse só comparavel, em tenacidade e paciencia, ao dos escavadores dos tumulos pharaonicos. Devassa-se, em todos os sentidos, a biographia de um poeta, de um heroe, de um vulto eminente qualquer com a mesma febre de curiosidade com que se martella e explora a morada millenar das mumias. Parece haver em tudo isso uma especie de des-

cedidas, que com todo o escrupulo reveladas. Alguns deixam-nas até propositadamente, *et sans en avoir l'air*, nos diartos intimos; outros ali as esquecem, tão pouca significação assumiram ellas na sua vida. Bem é que então se publiquem, satisfazendo a curiosidade honesta, que não deixa de ser uma homenagem ao espirito que as viveu. Assim se fez com Loti; com Augusto Comte, por exemplo, não ha tambem mal nenhum, exceptuada a hypo-



O grande submersivel brasileiro nos estaleiros da "Ansaldo San Giorgio-Moggiano", La Spezia.
Vê-se bem a sua alterosa prôa.

peito posthumo, que nos leva a provar, pelo flagrante da mais humana e convincente das suas manifestações, a fallibilidade terrena dos grandes espiritos.

Discutiu-se e pormenorizou-se ha pouco, como se pleiteasse um divorcio, a infidelidade perdoadada, e, aliás, retribuida de Adelia Hugo. Que nos faz, hoje, saber ou relembrar a deslealdade de Sainte Beuve e a desventura do illuminado da *Légende des Siècles*?

Qualquer espirito bem intencionado vê simplesmente nessas chronicas apimentadas de escandalo, e, pois, sabendo bem ao publico, uma irreverencia ao poeta magico, de cuja memoria se não devia afastar nunca o halo luminoso do seu genio.

A aventuras galantes, ha bem ou mal suc-

these de um sectarismo doentio, em inclui-lo, ao mesmo tempo, entre os genios mais completos e os amantes mais infelizes, revestindo aqui essa palavra a significação casta e platonica do seculo XVII..

Nada, porém, de profanar os passos mais intimos dos mortos, quaesquer que elles sejam, violando, para vende-la aos prelos, uma infelicidade, as mais das vezes encontrada em confissões, em que se desabafava uma angustia e se pedia um lenitivo.

Foi com esse escrupulo que Claude Farrère transigiu em descrever os torneios de galanteria de um dos maiores marinheiros franceses: Anne Hilarion de Costentin de Tourville, mas buscando-os na juventude, quando a predestinação do seu genio maravilhava ape-

nas a alma leonina dos seus marujos, e deixava, quando muito, advinhar aos mais sagazes a gloria futura de *Vice-Amiral des flottes du Levant, maréchal de France et chevalier des Ordres de Sa Majesté Très Chrétienne*.

Com Duquesne, que elle excedeu, e Saffren, que quasi igualou, forma Tourville a trindade magnifica dos marinheiros de França, aquella cujos braços parece terem-se levantado de sob as ondas para deter, embora já no occaso, a tradição das glorias francesas. Em condições de manifesta inferioridade, quando seria humano desesperar de tudo, depenaram elles muitas vélas rivaes — airozas na arrogancia com que se emplumavam nos arvozedos até então invictos. E, no entretanto, quem olhasse Tourville na adolescencia — franzino, delicado, gracioso — não suspeitava que alli tinha, em projecto, o futuro Almirante. Pelo menos assim o julgou de uma feita o Marquez de Gourville: esse galante e requestado cavalheiro, indo ao velho castello para eleger esposa entre as Tourville, enfeitado pelos olhos mais azues da familia, pediu em casamento... o futuro vencedor de Bévezières. O desapontamento e o ridiculo que lhe deixou o equívoco, não foram maiores que os de Cruvillier, corsario e espadachim, o qual, enganado pelo loiro daquella tez e pelo azul daquelles olhos, se permittiu alguns galanteios, retribuidos logo por uma bofetada. Porque aqui já contava o nosso heroe dezenove annos, e, sob a graça feminina do physico, abrigava a energia mascula do marinheiro — attributos paradoxaes, que lhe valeram este conceito de M. de la Rochefoucauld, intercedendo junto ao cavalheiro d'Hocquincourt: «Car vous le prendrez pour fille au premier abord, et pour un diable dès qu'il aura l'épée au poing». Com d'Hocquincourt iniciar-se-á Tourville na nautica e na arte da guerra, e terá, entre outras, a principal aventura amorosa da mocidade. Não digo a primeira porque, na Academia Renocourt, a preferencia da filha do director já armára contra elle o braço do conde de Mallet. Nesse duello transparecia bem o desassombro, a intrepidez e a agilidade felina com que, pouco depois, repellia da amurada da fragata uma abordagem dos piratas mussulmanos. Tourville era bem um mancebo dessa época cavalheiresca: audacioso, leal, aventureiro, faltava-lhe sómente o lado mundano para personificar um heroe a Dumas: não sacudia nunca a pluma graciosa numa reverencia galante. Era um d'Artagnan sem nenhum parentesco espiritual com Don Juan. Não busca as aventuras que o envolvem: chegam-lhe ellas com a mesma espontaneidade inesperada da sympathia pouco agradável de Cruvillier, o Corsario. Foi assim em Roma, uma tarde em que, vindo de um cruzeiro atribulado e glorioso, passeava por entre as ruinas a saudade da grega Andronica, que iremos ver depois como floriu sob o céu luminoso de Syphante. Em casa, um bilhete mysterioso aprazava-lhe um encontro para hora e lugar suspeitos. Como uma tentação, lá vinha no fim a promessa duma «felicidade tal que os mais illustres e poderosos entre os poderosos e illustres, paga'la-iam alegremente com o proprio sangue». Tourville, ainda tímido nas cousas de amor, embora já experimentadissimo nos segredos de uma abordagem, hesita; mas a mysteriosa missivista ameaça assassiná-lo, em caso de recusa. E elle sabia bem como uma

dama romana cumpria a palavra. Com as precauções, intimadas no bilhete, Tourville é conduzido, noite alta, para uma das casas de campo da Cidade Eterna, onde uma creatura, mixto de vampiro e de anjo, com uma belleza perturbadora e uma mocidade fresca, se abandona ao seu amor. Ora, o marujo francez tinha, como dissemos, regressado de um cruzeiro prolongado... Foi, pois, um idyllio romanesc, a que o mysterio, o perigo e o lugar davam um prestigio de lenda. Mas Tourville, que tinha jurado fidelidade e segredo inviolavel, não se sente seguro sob a teia da mulher tentadora e caprichosa.

Foge-lhe. Mas pouco depois, indo a Yenezza para offerecer ao estandarte do *Leão de São Marcos* a adriça de seus penões, encontra inesperadamente, pompeando na Serenissima Republica a harmonia esculptural do seu corpo e o titulo principesco de *prima do papa*. E' o deslumbramento da cidade em plena orgia carnavalesca. Uma manhã, o accaso põe num desagradavel *tête-à-tête* os dois amantes. A unica consequencia, além de explicavel calafrio em Tourville, foi a incisiva e peremptoria recordação do juramento, na parte relativa ao segredo: ameaça que o reflexo das laminas dos espadachins sublinhava sinistramente. Como essa, outras lhe succederam, menos arriscadas e sem o vexame do dilemma terrivel: *amor ou vida*; mas sempre *malgré lui*. Na Grecia é que o seu coração escolhe livremente, si se pode attribuir livre arbitrio ao coração: a linda Andronica, filha unica de Yani, medico famoso, que assistia em Syphante, e a quem se confiou Tourville, mortalmente ferido em combate com vélas de Infleis. O habil Physico, com o balsamo milagroso que o nomeára, cicatrizou-lhe as feridas; mas o encanto da filha abriu outra maior no coração do joven heroe, de cujos braços tinham acabado de descer sobre a cabeça dos inimigos cutiladas tremendas, dignas bem do mancebo que estreava na guerra naval, occupando o posto arriscadissimo de *la belle*, só confiado a marujos e guerrilheiros experimentados. Andronica, contrariando instrucções capciosas do pae, que intimamente as fazia a contragosto, avista-se com o convalescente, e inicia-se assim um idyllio delicioso e platónico. Opinam alguns que essa desobediencia foi originada pela indiscreção da escrava, incumbida de velar pelo doente, a qual confiou á senhora que velava por *um*: doente. Mais uma razão para perdoar o equívoco de Cruvillier e de Gourville... A belleza da filha de Yani, entretanto, não era monopolio dos olhos de Tourville. Andava exaltada de bocca em bocca, e assim chegou ao conhecimento de D'Hocquincourt, cuja curiosidade excitou. Tourville, que lhe sabia, embora sem os os imitar, os habitos de galanteria e de conquista, esquivou-se de apresentá-lo. Mas o galante senhor era caprichoso, ousado e tinha ardis. Pretextou uma sahida inesperada, que fulminou os dois namorados. Andronica supplicou de Tourville que a admitisse na fragata de que elle já era immediato, a qual fragata navegaria de conserva com a do commando de d'Hocquincourt. Não obstante a paixão que o absorvia, repugnou-lhe o rapto, que se lhe afigurava uma deslealdade ao velho cirurgião. Abandonou-a por isso, precipitadamente, sem mesmo perceber que ella lhe aprazava hora e local, em que o esperaria para embarcar. Quem isso ouviu foi um escravo, peitado por d'Hocquincourt, a quem para logo poz ao corrente de tudo. Dahi

dispensavel e sem a qual muita gente boa não teria sido promovida.

Ha de feito phases na vida que o descanso se impõe; trabalha-se, sua-se a bom suar, anda-se numa dohadoura terrivel, durante mezes e mezes, e até annos, e dahi a necessidade do repouso. O repouso, porém, praticamente seria uma licença que, no melhor dos casos, prejudicaria os vencimentos e o embarque. O «Purús» era a unica solução para o caso; navio de rodas, velho, mas firme na sua amarração por detraz do S. Bento, onde uma simples prancha o ligava á terra. Para se embarcar, entretanto no «Purús» era preciso muita côcha, porque os candidatos cresciam de dia para dia. Era uma delicia, um verdadeiro sanatorio, onde se engordava, se adquiriam boas côres, até que o capitão de mar e guerra Velho Junior dava o desespero e zás: — passagem

em ordem do dia para o «Barroso», para o «Riachuelo», em summa para um dos navios antithese daquelle. Havia outros embarques para descanso, mas nenhum se comparava, ao sobresano do «Purús».

Hoje poucos se lembram desse velho caixa de rodas, que apesar de muito criticado, prestava entretanto inestimaveis serviços, certo recordados com saudade pelos que puderam gozal-o.

O «Purús» prolongado fazia muito mal, fossilisava, mas em doses fracas de tres a seis mezes de cinco em cinco annos, era uma delicia que nunca devia ter desaparecido.

Todos na intensidade febril da vida precisam de tempos a tempos de um «Purús»; do contrario fica-se apathico e doente.

N. P.

Alfaiataria do Club Naval

Está aparelhada a confeccionar com esmero e promptidão os enxovaes dos alumnos da Escola Naval, mediante pequenas prestações mensaes.

MATERIAL DE 1.^a QUALIDADE

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BHIA, 1052 - Bello Horizonte

Bernado — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho e A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — **Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — **Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — **Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto 8

Acesoro — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do apparelho motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — **Conductor de Machinas.** Descripção dos differentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — **Manual do Navegante.** Sinaes marítimos, pharóes, boias e balizas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Socorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

ELECTRICIDADE: BAIXA E ALTA TENSÃO, MOTORES,
TRANSFORMADORES, CABOS, FIOS, ETC., FERRAGENS,
METAES, FERRO E AÇO, ARTIGOS PARA MARINHA,
TELEGRAPHOS, MACHINAS, ESTRADAS DE FERRO; ES-
CAPHANDROS; BOMBAS PARA AGUA; OLEOS DE
TODOS OS TYPOS; BLASTING, DYNAMITE, GELIGNITE,
ESPOLETAS, DETONADORES; MOTORES A GAZOLINA
"HONOMAG LLOYD"

MAYRINK VEIGA & Co.

Engenheiros, Importadores e Exportadores

Encarregam-se de installações hydraulicas, mechanicas
e electricas. Officinas de reparações de
motores, machinas e qualquer
apparelho electrico.

Mangotes, Tubos de borracha, Mangueiras, etc.
ELECTRIC-HOSE & RUBBER Co. NEW YORK.

Tintas, Vernizes e Esmaltes de
THOMAS PARSONS Co. LONDRES

Grupos Kohler geradores de força e luz de
KOHLER Co. NEW YORK

Estaleiros para construcção e reparaçào de
navios de qualquer tonelagem

GEORGE BROWN Co. GREENOCK

Gaxetas metallicas, etc. de

CRANE PACKING Co. CHICAGO

Rua Municipal 15/21 Trav. de Santa Rita 26

Deposito: Rua do Acre n. 64 — Ilha de Saravathá

Endereço telegraphico: MAYRINK

Telephones Norte:

Armazem 3849 — Escritorio 3840

CODIGOS USADOS:

ABC 5.^a Edição — Ribeiro — Lieber's
Bentley — Marconi — Int.
General Telegraph.

RIO DE JANEIRO

CONFEITARIA PALACIO

JUNTO A ESTRADA DE FERRO CENTRAL

Borges d'Almeida & C.

Serviço de 1.^a ordem para banquetes,
casamentos, banquetes e pic-nics.

BAIXELLA E SERVIÇO A LUIZ XV

229, PRAÇA DA REPUBLICA, 229

TELEPHONE NORTE 790

RIO DE JANEIRO

Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TIPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

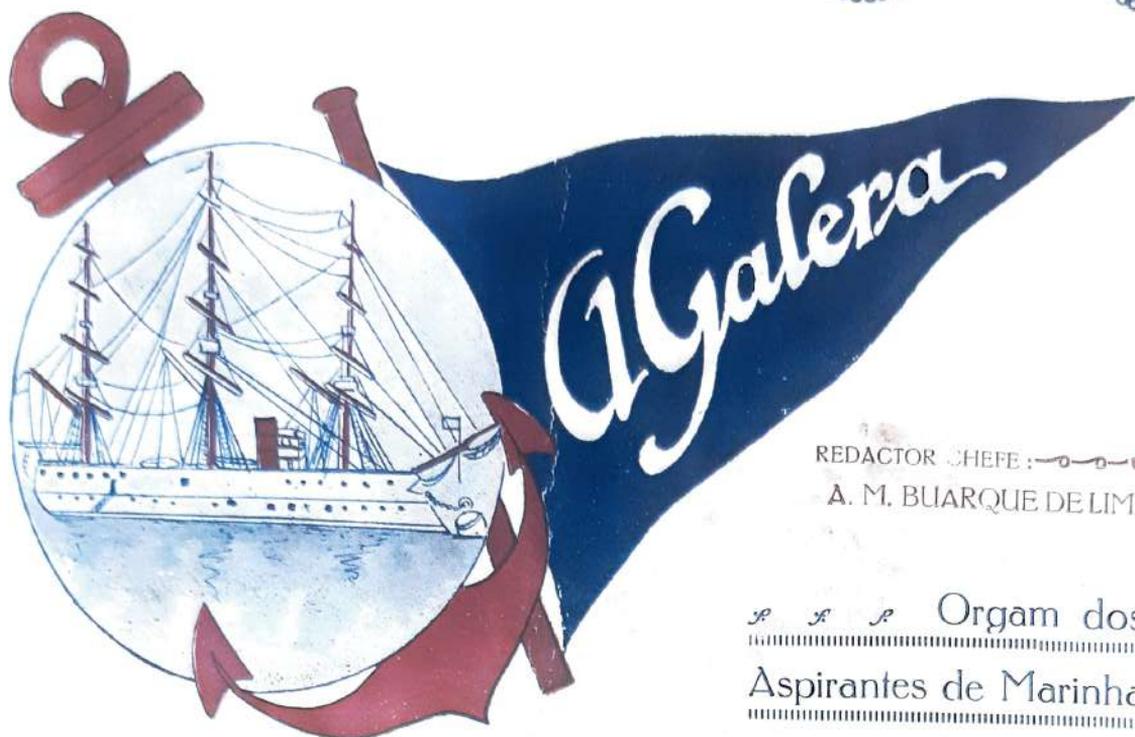
VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

— Telephone Norte 3974 —
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.



REDACTOR CHEFE: — — — —
A. M. BUARQUE DE LIMA

Orgam dos
Aspirantes de Marinha

RIMAS MARUJAS

ALTO mar; alta noite; todo azul
Se arqueia o céu; o mar, todo verde, canta.
Brisa do largo, aura fresca do sul,
Flócos de espuma tremula levanta.

COMO um chuveiro d'ouro, lentamente,
A aspersão luminosa das estrelas
Baixa, e polvilha com a poeira algente
A solidão das aguas e das vélas.

PELA plumagem branca da galera,
Para a alma sonhadora dos gageiros,
Baila a saudade longinqua de outra éra,
Canta a ballada errante dos cruzeiros.

BA uma harmonia mystica de prece,
Rumor confuso de vozes presagas,
Marulhando no mastro, que estremece,
E na toada nostalgica das vagas.

OUVINDO-A, cada marujo é um troveiro,
Cada troveiro, um pobre apaixonado.
Arpejos lyricos de violeiro,
Imagens lyricas de enamorado,

TUDO a paixão ardente lhe revela,
Ouvindo, sob o céu, em pleno mar,
Aquella musica divina, aquella
Serenata das ondas ao luar.

“**M**AR! diz, é o mesmo o nosso canto; estultas
Maguas nelle ha, a mesma tristeza pondo
No clamor dos rumores que occultas,
No tumulto das lagrimas que escondo”.

E prolonga-se pela noite, ao léo,
Esse canto das gaveas e da quilha,
Emquanto a lua, corrente no céu,
Na esteira illuminada tremebrilha.

A. M. BUARQUE DE LIMA

S U M M A R I O



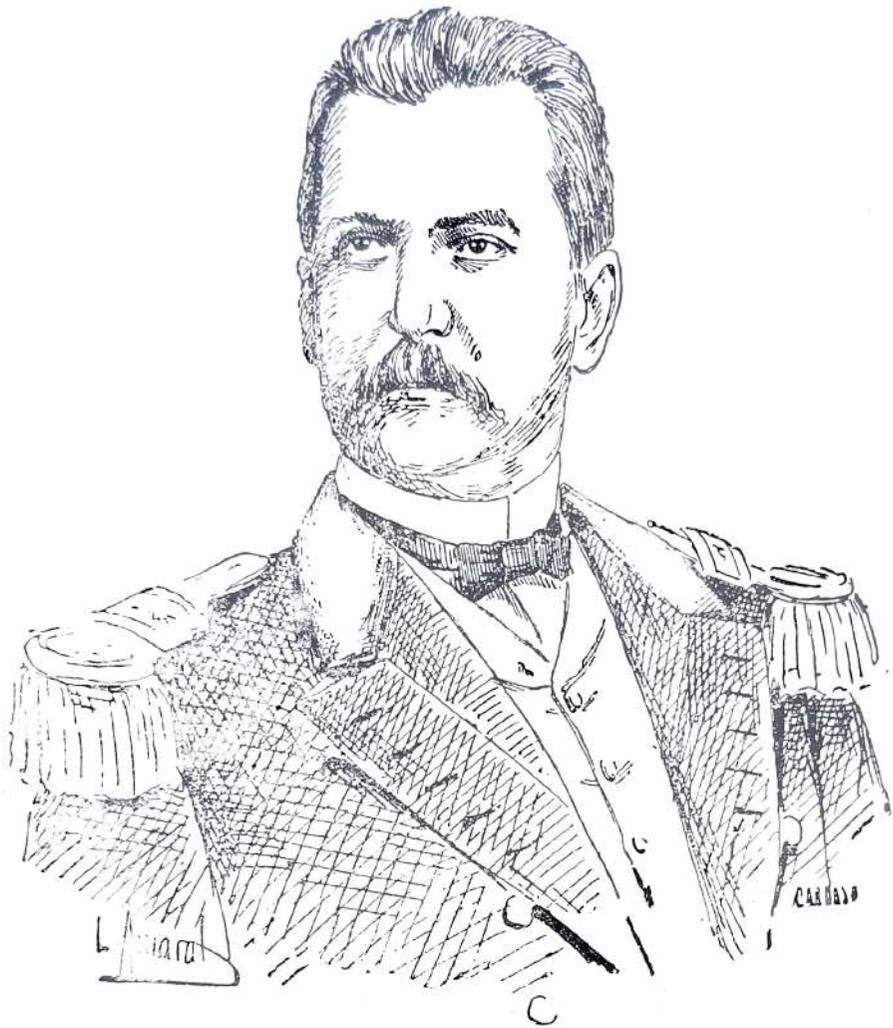
<i>Rimas marujas</i>	A. M. Buarque de Lima	Capa
<i>Saldanha da Gama</i>	A. M. Buarque de Lima....	3
<i>Interior — Tamandaré</i>	Tenente	6
<i>Gente do mar</i>	***	7
<i>A poesia do mar</i>	Ruy de Bivar.....	8
<i>O signaleiro</i>		
<i>O novo explosivo de Alvaro Alberto</i>	***	9
<i>As ultimas do Jacob</i>	***	10
<i>Reminiscencias historicas — Phrases celebres</i>	Chatterbox	12
<i>O Conceição</i>	Marisco	13
<i>Saudade</i>	A. M. Gomes Ferraz.....	14
<i>Profissão de fê</i>	A. M. Buarque de Lima....	15
<i>Doze dias no Rio da Prata — Impressões de viagem</i>	16
<i>Palavras cruzadas no ensino</i>	Evandro Santos	18
<i>Com: ares de parodia</i>	Mar-Ijuh.....	19
<i>Mar a vela — Em Ponta Delgada</i>	Lucas A. Boiteux	20
<i>Artilharia ou artilheria?...</i>	J. Dias Costa	21
<i>Flora e Pomona</i>	O. C.	22
<i>Mal comparando</i>	A. M. Buarque de Lima....	24
<i>Mauricéa</i>	25
<i>Physica racional</i>		

REDAÇÃO:

ESCOLA NAVAL  ILHA DAS ENXADAS
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL . . . , 165000





Saldanha da Gama

ponto: o da dignidade. Naquelle scenario haemos para todos os grandes, cada qual no apostolado da causa que o arrebatava. A gloria de um prescinde, por completo, do aviltamento do outro, porque elles não se enfrentaram numa gangorra.

Floriano, vencendo com a Republica, Saldanha, morrendo com o Imperio, confirmaram o que o odio estreito até hoje não apprehendeu: que o character não se afere pela excellencia das idéas, mas pela honestidade com que defende até mesmo o erro; que a excellencia pôde, no maximo, reputar-se como indice da intelligencia. E quem pregava a Republica? Ruy, Silva Jardim, Benjamin. Quem preferia a corôa? Nabuco, o vulto mais completo que já tivemos. Rio Branco, a sentinella mais atilada das fronteiras, Saldanha, a espada mais cavalheiresca dos mares. Ha um equilibrio tão perfeito no sentido da mentalidade, do patriotismo, da intenção, que só os magarefes da imprensa de expedientes podiam, como o fizeram, estender até a catacumba dos adversarios o limo dos seus editoriaes abjectos, transplantando, para a paixão politica entre nós, a intolerancia exclusivista do odio religioso na Armenia.

A minha admiração não reveste o character partidario. Ella foi, primitivamente, piedade. Tocou-me na vida desse homem, na phrase de Ruy o herôe dos herôes, o organizador possível da nossa esphacelada marinha de guerra, o homem mais completo e o character mais extraordinario do Brasil», tocou-me de principio, na sua vida, o unico lado que lhe faltaria para confinar com a dos eleitos: a infelicidade. O cesarato de Campo Osorio não foi assim, ao meu ver, a desventura do guerreiro: foi a última etapa do fadario que elle trouxera do berço, onde a orphandade já o assignalara com a predestinação dos martyres. A provação, em que o assistiu o cavalheiresco e sacrificado Augusto de Castilhos, essa provação nada mais era tambem que uma das modalidades da desgraça que o ferira aos vinte e poucos annos, a desgraça maxima da vida intima de um homem, e da qual elle sahio ilibado, porque não desceu até o lódo. Mas nesses espinhos ia-se-lhe despedaçando o coração, de que elle, por um milagre de tempera, reuniu mais tarde, ao grande ar do largo, os fragmentos dispersos. Só mesmo por milagre lhe foi possível intensidade affectiva — o pólo opposto ao em que outro, trabalhado como elle, fatalmente cairia: o scepticismo egoistico — só mesmo por milagre lhe foi possível o enthusiasmo eternamente moço pela carreira, o interesse pela patria, a curiosidade sadia e o culto requintado da vida, no que ha nella maravilhoso: a arte, a natureza, a sciencia. E porque Saldanha fosse um forte, á prova de todos os infortunios, é que não

abredito na versão do seu suicidio. O suicidio é antes de tudo uma renuncia, um deses- pero de fraco, e elle não era homem para renunciar.

Foi essa inelemencia da sorte que me fez amá-lo; foi essa rebeldia contra a sorte que me fez admirá-lo.

E' já admirando-o que lhe reconstituo o noviciado de fogo em Paysandú, que lhe figurava a bravura da arremetida leonina com que finca numa trincheira inimiga o estandarte imperial. A sua espada desembainhava-se quasi no mesmo lugar em que havia de espatifar-se para sempre. Mas em ambos os momentos relampejava em tranzes decisivos. Cabia-lhe, como baptismo, o restabelecimento do equilibrio internacional da America Latina, comprometido pela loucura expansionista da «Confederacion del Plata»; e a unica condição desse equilibrio era, como o sentiu Rio Branco, a inviolabilidade «dos dois Estados, ameaçados pela ambição argentina: o Uruguay e o Paraguay.» Foi para isso que elle pulou victoriosamente para a trincheira adversa.

Admiro-o ainda em frente a Humaytá, na gloria selvagem que a immortalizou, e que arranca aos jovem marinheiro, numa carta ao pae, essa confissão de arrebatamento: «Fiquei absorto na contemplação, e repetia commigo mesmo, á imitação do Duque de Wellington em Waterloo: esplendido! esplendido!» Continuo a admirá-lo, quando elle passa do ambiente vermelho do guerreiro para o ambiente mundano do diplomata.

Toda a intelligencia, toda a cultura, todo o cavalheirismo, vão requintar na fidalguia, na verve, no trato das coisas amaveis da vida — irreprehensivel de elegancia, irresistivel de sympathia, inexcedivel de eloquencia — em Washington, em Buenos-Ayres, na Europa, o embaixador legitimo da mentalidade brasileira. Mas em todos os traços da sua vida, o que reponta sempre é a reminiscencia do espirito marinheiro, o amor do mar alto, que era nelle um sentimento atavico, herdado de Vasco da Gama, em cujo ramo entronca a sua ascendencia. Emquanto o diplomata arranca essa phrase a um dos embaixadores á Exposição de Buenos-Ayres: «Caramba! Neste don Luiz Felipe está o homem mais completo que o céu cobre: elle é polyglotta; elle toca; elle dança; elle canta; elle é bravo; elle é bello; elle é um soldado ás direitas; um gentleman; um sabio, um com-nheirão, um demonio. Bastaria ao Brasil mandar um producto social como Saldanha para dar a maior prova do seu desenvolvimento e ganhar a palma em qualquer exposição...» emquanto isso, o marinheiro explicava modestamente: «Os homens do mar amam, de quando

em quando, surprehender o surto ás aguias, nessas regiões altíssimas, onde se esvaece a imaginação dos fracos e se opulenta a grandeza dos genios».

A Republica já o encontrou Saldanha da Gama; convinha-lhe annexá-lo ás suas fileiras; acena-lhe com a pasta da Marinha, que recusa. Elle — justiça lhe seja — não a galanteou nunca. Era então um idolo, mas um idolo cuja adoração não obrigasse á estreiteza de sectarismos. No formigueiro de monarchistas e republicanos, ficava apenas brasileiro. Já em plena republica bastarda da caudilhagem, era a força irresistível que hypnotizava: hypnotizava desde os que o tratavam, e a quem a sua distincção energica interpunha a linha divisoria, sem a qual não ha prestigio, até a multidão anonyma, cujas alas ladeavam de uma moldura movediça o desfile das suas tropas, quando elle, á frente dellas, como que presentia, na turba que ondeia e ovaciona, a inconstancia caprichosa e inexplicavel das vagas, a mesma inconstancia que o victima sem surprehendê-lo, quando ousa o desassombro das attitudes definidas. Pedro Lessa sentenciou sobre esse seu pronunciameento: «Saldanha da Gama revoltou-se quando a revolução era um dever».

Eu estendo até as revoluções a lei de La-

voisier; ellas têm pelo menos uma utilidade: a utilidade de desmacarar os caracteres, revelando-lhes a verdadeira physionomia. No *dia do juizo* dizem os evangelistas que o Senhor resuscitará a todos e então nomeará os justos e os máus. A revolução é uma *antecipação* desse dia — é uma *hora de juizo*. Saldanha assistiu a uma dessas revelações apocalypticas; mas a attenuar-lhe a desillusão, alli estava a mocidade civica desse tempo, em que não era passadismo defender com a vida um ideal. Do outro lado tambem ella estava, tambem formava com a mesma sinceridade ao lado de Floriano. Saldanha e Floriano—os dois gigantes que se mediam — cada qual magnetizára a alma ardente dos moços. Porque, em cada um deiles, o que havia, acima de tudo, era o *Homem*.

Foi nesse ponto, quando já tinha amado e admirado o heróe e o intellectual, que entrei a venerar o puro, no crystal de cujo character rebrillhou de novo a tradição maruja dos Gama. Marinheiro, não morreu no mar. Mas sobre o mar, que elle palmilhou, pela derradeira vez, caminho do exilio, paira-lhe e pairará sempre a legenda gloriosa. Ella é que me fascinou, e me fez ter uma veneração religiosa pela memoria de Saldanha da Gama — o orgulho do Brasil, a saudade da Marinha

Casa Azevedo Alves

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Azevedo Rodrigues & Cia. Limitada

Confecção de uniformes e equipamentos militares em grande escala.
Fornecedores dos Governos Federal e Estadoes,
corporações militares e civis.

End. Telegraphico: "ONIMRIE"

Telephone N. 111

:: NORTE ::

Rua do Carmo, 53

Rio de Janeiro

INTERIOR

TAMANDARÉ

Emquanto os bons estudantes
Procuram tudo saber,
Os vagos, recalitrantes,
Vão procurar que fazer.

Uns discutem sobre sport :
Outros discutem politica,
A' sala, um alumno forte
Arrasta o sol pela ecliptica

Um pessimista estudante
Definha ao peso da magua ;
Outro, feliz, com o sextante
Pucha o sol p'ra dentro d'agua.

Na pedra, um visionario
Faz de um lente o necrologio ;
Outro faz o angulo horario
Dar horas como relógio.

Um alumno assás minguado,
Já se vê: só na estatura,
Corrige de taboa ao lado
Os erros de sua altura.

Nostalgicos, dois noivinhos,
Dos dois cada qual mais louco,
Andam lá pelos cantinhos
Chorando que "ganham pouco."

Nisso, uma voz, d'outra banda
Vae, num contraste resolutto,
Fazendo uma propaganda
Feroz contra o casamento.

De quando em quanto se avista
Cruzando pelo salão,
Anda em branco uma lista
P'ra qualquer subscrição.

Esmolas p'ra uma viuva
Que viveu na quebradeira
Subscrição para um chuva
Que cahiu de uma pedreira

E de um canto, a ré do buque,
A musica estoira e estruge :
Cantam lá, com todo o muque
As coplas do Moulin-Rouge.

Um collega assás infenso
Aos outros e a tudo mais
Por um atroz contrasenso
Pinta o triangulo da paz.

Cansados já do trabalho
Desse trabalho robusto
Cada macaco em seu galho
Dormita o somno do justo.

T E N E N T E

Gente do mar

RAUL Pederneiras, o fino artista que toda a gente conhece, escreveu a Gastão Penalva, a proposito de «Gente do Mar», ultimo livro deste escriptor, a seguinte carta, tão cheia de delicadeza e de amizade, como repleta de conceitos que se filiam ao bello espirito que é o queridissimo autor das Scenas da Vida Carioca:

Caro Gastão Penalva: — Que eras homem de letras eu já sabia. Que eras de boas letras, ainda mais classico ficou. Teu recente livro Gente do Mar, é a confirmação, é a prova provada. Ainda mais, teu novo livro tem o encanto de traduzir tua alma de poeta e de marinheiro. Tudo o que se refira á nobre classe a que pertences é por ti acarinhadamente acolhido. As grandes paginas navaes, os modestos servidores das náus, os rasgos de heroismo, os lances dramaticos, que empolgam, os episodios sentimentaes que as longas travessias apresentam, os fastos gloriosos da nossa vida naval, os episodios e as humoradas attenuantes das agruras do mar, as idiosincrasias de vultos notaveis, a philosophia prosaica dos simples marujos, a vida das proprias naus, desde as primeiras armadas até os ultimos ventos, tudo te attrahe e te empolga, attrahindo e empolgando tambem o leitor, através dessas paginas inspiradas, onde a vida do mar se revela em multiformes aspectos.

Em todos os capitulos da obra ha o teu cunho pessoal de apreciação; esta, sinceramen-

te revelada, mostra que és sentimental, na santidade da expressão. Creio que «Gente do Mar» é, por enquanto, o teu melhor livro. Fizeste um grande bem reunindo em volume as tuas chronicas esplendidas, que são lidas com avareza, apreciando-se com prazer intenso os fortes periodos, em que, nas entrelinhas, se revela uma philosophia sã, alliada a uma observação invulgar.

Longe de mim, está claro, o proposito de fazer critica. Quero dizer-te sómente que o teu livro me encantou devéras, porque faz pensar. E' dessas obras em que o leitor estudioso, collabora com o autor; depois de ler um bello punhado de periodos tersos, o leitor suspende, interrompe, para divagar sobre o assumpto abordado, saboreando com delicia efeitos, consequencias, lances, episodios, commentos, para depois proseguir com a mesma attenção carinhosa, na leitura interrompida.

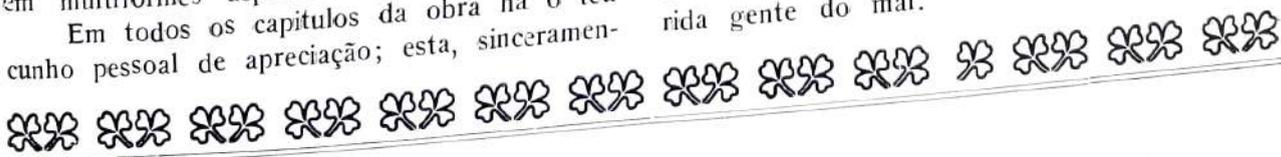
Li tres vezes o capitulo referente á vida e aos feitos do velho couraçado «Deodoro», hoje «Anahuac», em aguas mexicanas. Vivi com elle todas as vicissitudes, e, confesso, tive os olhos rasos d'agua, sentindo com o velho marinheiro que o deixou, a mesma saudade integrada como se fosse uma parcela do coração de cada um de nós..:

Mando-te nestas linhas um fatacaz de abraços effusivos pelo bem que me fizeste, dando-me a ler a vida e os feitos da tua querida gente do mar.

Teu Raul».



Gastão Penalva



A poesia do mar

Pergunta a moça ao seu tenente amado :
É verdade que o mar tem tal encanto
Que o espirito nos deixa allucinado
E o poeta estimula e inspira o canto ?

Franco, responde o joven namorado :
Quando está calmo, eu te direi, nem tanto
Mas quando se levanta, encapellado
É que deslumbra, assombra, causa espanto.

Então, dir-te-ei, teu coração não mente.
Nas emoções que o mar produz na gente
De acreditar, querida, nunca deixes

Pois vibrações tão intimas acorda
Que eu fico ás vezes encostado á borda
Horas a fio discursando aos peixes



O signaleiro

Ser signaleiro a bordo era o sonho dourado
Do grumete Conrado, um tolo de primeira ;
Chega o dia do exame e é logo tanta asneira
Que eu vejo que elle não dá conta do recado.

Dos signaes mal conhece uma ou outra bandeira
E quando chega a vez de ser examinado
Por mim fico com pena ao vel-o reprovado
E começo a fazer perguntas de algibeira.

— Se do Estado Maior o chefe vem a bordo
Qual é o pavilhão que a lancha traz içado ?
E' o vermelho ? E' o azul ? Não sabes de que côr ?

— “Seu” tenente, eu bem sei, porém não me recordo.
— E como has de saber que o chefe vem, Conrado ?
— Conheço pela barba d'elle, sim, senhor.

RUY DE BIVARD

O novo explosivo de Alvaro Alberto

HA umas poucas semanas, realizava-se no salão do Club Naval uma das sessões do Instituto Technico mais significativas para a Marinha: Alvaro Alberto expunha, em conferencia — tão modesta nas apparencias, quanto valiosa em sua essencia — as conclusões a que chegara, após experiencias exhaustivas, a commissão officialmente encarregada de exprimir o parecer a respeito do explosivo militar por elle inventado, a Super Rupturita.

Enchiam a sala, além dos representantes officiaes e de altas patentes militares estrangeiras, amigos, collegas e discipulos. Tomando a palavra, como presidente do Instituto, o Commandante Ignacio do Amaral apresenta o conferencista, declarando uma simples formalidade essa apresentação, uma vez que o nome de Alvaro Alberto já ha muito é dos mais illustres dentre os estudiosos da technica dos explosivos.

Inicia então o distincto official a conferencia. Levado pela sua simplicidade notoria, annuncia que procurará abster-se de quaesquer commentarios na exposição, nua e crúa, que vai fazer dos resultados colhidos pela commissão durante cerca de dois annos de experiencias incessantes: á eloquencia da palavra prefere elle a flagrancia irretorquível dos numeros. O que não o impede, entretanto, de, ás vezes, fugir á norma preestabelecida para esclarecer a comprehensão de certos factos, tornando a conferencia interessantissima mesmo para os leigos completos no assumpto, ou para uma apreciação suggerida pela sua vasta illustração; e até mesmo, aqui e allí, para uma observação pittoresca, fructo daquella sadia veia humoristica, já proverbial nas nossas praças d'armas, e que á penná de Gastão Penalva valeu uma pagina das mais divertidas.

Concluida a conferencia, ouvida com interesse crescente, á medida que Alvaro Alberto enumerava as superiores qualidades da Super-Rupturita sobre o trotil, escolhido dentre os mais puros nas provas comparativas, — desenrolou-se a fita cinematographica dos aspectos principaes da experiencia. Não falaremos de detalhes: são sobejamente conhecidos de todos os que tiveram a ventura de presenciá-las. E folgamos de registrar que, nós, os Aspirantes, tivemos nesse ponto a sorte de assistir ás provas realizadas em Dezembro ultimo na Ilha Enxadas e que foram talvez as mais brilhantes, — desde a evidencia esmagadora do «Kast» até á belleza magestosa do «splash» levantado pela explosão da bomba carregada de Super-Rupturita atirada por um dos aviões da Marinha.

E em meio de aplausos entusiasticos leuse o parecer em que a commissão resume as vantagens inegaladas apresentadas pelo novo explosivo.

Fei essa uma tarde de regosijo para todos os que, na Marinha e fóra della, de ha muito se habituaram a admirar a genial capacidade realizadora de Alvaro Alberto: para os seus mestres que, como disse Ignacio do Amaral, de quem foi alumno dos mais queridos, se orgulhavam da consagração do discipulo; para seus amigos e collegas, a victoria do amigo dedicado e do collega exemplar, e para seus proprios discipulos mais uma lição do professor, temporariamente afastado, mas sempre bem-quisto. Era de facto mais um capitulo da lição admiravel de dedicação ao trabalho, de amor ao serviço — daquelle official que, sempre á altura das circumstancias, já um dia tombára ferido no convéz de um navio, em defesa de seu commandante contra a guarnição amotinada; daquelle scientista que, com a mesma impassibilidade e a mesma intrepidez, arrisca constantemente a vida em pesquisas audaciosas; mais um capitulo da lição perene de confiança na victoria, de salutar optimismo que é o seu traço intimo.

Não nos podemos furtar aqui a contar um episodio de que o acaso nos permittiu ser espectadores. Era na tarde cheia de luz de Dezembro em que se realizavam as experiencias na Ilha das Enxadas. Preparavam os aviadores navaes as bombas que deveriam lançar de seu hydroavião. Em torno ao inventor, a pequena multidão habitual de militares, technicos, simples curiosos. Em dado momento, um dos militares estrangeiros mais graduados dentre os presentes, examinando o engenho, pede a Alvaro Alberto um esclarecimento qualquer a respeito do apparelho de inflammção, apparelho este, como se sabe, inventado por um official da nossa Marinha, o engenheiro naval Luiz Neves.—Pois não, general. É tambem invenção de um brasileiro, responde-lhe com um largo sorriso de satisfação e orgulho, ao mesmo tempo que procurava o seu collega para apresental-o ao general estrangeiro.

Nesse pequenino facto se póde ver o mais bello titulo de gloria do bom patriota que, homem de sciencia, é um dos indices mais vigorosos da cultura nacional, e, homem de ação, é um dos mais galhardos lidadores da grandeza de seu paiz. É portanto não se deve dizer que sua conferencia marcou apenas uma data significativa para a classe que elle honra, mas sim um dia caro ao coração de todo o bom brasileiro.

AS ULTIMAS DO JACOB...

A ultima do Jacob foi uma «primeira»... A «primeira», da Companhia Lyrica no Municipal.

Tal acontecimento só revestir sempre o caracter da reunião mundana mais notavel em cada «season»... Desta vez, não houve solução de continuidade na praxe. Jacob é «chic»; Jacob não podia, pois, deixar de comparecer hontem á «sala» do Municipal. Pontualmente ás 8 e 45 horas, desabrochava elle no local. Jacob estava furiosamente elegante e delirantemente alegre. Furiosamente elegante por que sua casaca fazia a inveja de Brumell; delirantemente alegre por que jámais vira reunidos tantos primos e primas de uma só vez...

Jacob entrou, posou e sentou-se. Deu-se inicio ao espectáculo. A certa altura, um vizinho, senhor de cerca de 70 annos, um tanto surdo, perguntou salvadoramente a Jacob:

— Cavalheiro, por favor, diga-me quem está cantando agora, é o tenor ou o baixo?

Como sempre felicissimo por prestar um serviço, Jacob apressou-se em responder: meu-se na cadeira e capitulou por fim:

— Cavalheiro, queira perdoar-me, não lhe posso informar com segurança, pois daqui não vejo bem o palco!...

Ha dias Jacob foi a bordo de um transatlantico receber certo amigo que regressava da Europa. O amigo era o pretexto, o que na verdade, o levou lá, foi a compra de balas e «bon-bons». Jacob é um guloso; morrerá pela boca como os peixes. Mas, estando-se a bordo, formou-se grupo, cuja palestra se orientou para o assumpto que naturalmente se indicava: viagens.

Falou-se em tempestades, em abalroamentos, em «ice-bergs», em bancos de areias — e naufragios. Cada um contou historias sensacionais. Jacob ouviu-as todas. De repente, com meu 14 «bon-bons», mastigou, tossiu e narrou também o seu grande caso.

— Uma vez, quando iamós da California para a Australia, mesmo bem no meio da viagem, lá pelas alturas da ilha dos Cocos, um temporal furioso assaltou o nosso navio, um só por milagre não levou o Diabo! Não foi a pique. Mas aconteceu coisa peor. Passada a tormenta, no dia seguinte, o leme estava partido, as machinas não funcionavam, não tinhamos installação de T. S. F. para pedir socorro. Ficamos á matroca e á mercê da sorte para mais de duas semanas. Todas as provisões de bocca esgotaram-se. Já não havia a bordo mais nem uma sola de sapato para a gente roer. Deante da situação tragica, o commandante reuniu todos os passageiros e a tripulação, no tombadilho. O momento era solenne! Ouviase uma mosca voar! O velho lobo do mar tomou a palavra e, lento, tetrico, fatal, disse:

— Meus amigos: não é possível mais occultar a gravidade suprema de nossa situação. Chegamos a essa condição monstruosa de que tratam os codigos modernos: o estado de necessidade! Assim, dentro de pouco tempo, ha que tirar a sorte para ver quem deve morrer para servir de alimento aos outros. Antes, porém, de se proceder a esse doloroso sorteio, como commandante, devo cumprir meu ultimo dever, isto é, espontaneamente, mato-me para vocês me comerem!

E, heroico, homérico, magnifico, o commandante pegou de um revolver e encostou o cano á testa para realizar seu projecto. Nisso, um inglez começou a gritar:

— Commandante, commandante! Espere, espere um momento!

— Que ha? Que ha? interrogou o proximo suicida.

— Pelo amor de Deus, não faça saltar os miolos: é o meu prato predilecto!...

O commandante do navio, a cujo bordo Jacob estava contando essa historia, mandou pô-lo a ferros. E' por isso que ha varios dias a gente não tem visto Jacob por ahí.

REMINISCENCIAS HISTORICAS

PHRASES CELEBRES

A HISTORIA é certamente difficil de escrever.

Ha alguns annos atraz, o erro de um jornalista attrahia a attenção publica para uma grande figura desaparecida.

Esse jornalista annunciava que o General Ducrot, o grande vencido de Champigny, estava agonisante em Versailles, onde, desde 1871, vivia numa obscuridade completa.

A informação era inexacta.

Tratava-se de um general Ducrot, mas, não do que commandára, como chefe, as tropas de Paris em 1870. Esse morrerá em 1882. Contudo, durante alguns dias, a memoria do valente soldado foi recordada, e com ella re-

viveu a lembrança da phrase famosa da sua proclamação: «Só entrarei em Paris morto ou victorioso».

Ao General Ducrot muito foi censurado esse compromisso, formulado na febre da lucta.

Elle empregou, seguramente, todos os esforços para o cumprir. Não podendo ser vencedor, affrontou denodadamente a morte. Desde então, permaneceu num isolamento absoluto.

As suas palavras pesavam-lhe na consciencia como um remorço. Mas, agora lhe é mesmo negada a paternidade da discutida phrase.

Affirmam uns que a proclamação foi inteiramente redigida por Jules Favre; e outros, que não negam ter sido Ducrot o autor dessa

proclamação, asseguram, por seu turno, que aquelle trecho foi accrescentado por Ferdinand de Lesseps: Parece, entretanto, pouco provavel que o general haja deixado a outros o cuidado de assumir tão grave responsabilidade perante a nação.

Mas essas duvidas, que surgem tantos annos depois, sobre a origem de uma phrase, mostram que não podem ser acolhidas com absoluta confiança as tradições que nos transmitem as palavras historicas.

E' certo que, as expressões registradas pela historia são mais frequentemente devidas ao historiador do que aos homens a quem se as attribuem.

Quando se submete á critica e ao exame essas sentenças lapidarias, proferidas em circumstancias solemnes, quasi sempre se verifica que foram fabricadas, mais tarde no silencio do gabinete.

Mas as lendas são tenazes; e mesmo quando a prova se estabelece da sua falsidade, numerosas palavras historicas subsistem. Atravessam os seculos e chegam até nós, atravez a tradição e a historia.

Relembrando a historia antiga, vindo dos tempos biblicos até nós; temos a phrase cheia de sabedoria, dita pelo grande Salomão, o sabio rei dos Israelitas:

«Nihil novi sub sole».

«Não ha nada de novo sobre a terra».

Atravessando os seculos pronunciada 240 annos antes da era christã, chegou até nós, sempre com o mesmo sentido, a mesma significação, a phrase que o sabio Archimedes pronunciou em Syracusa, quando encontrou a solução para o problema que o preocupava:

«Eurêka! Eurêka!»

(Eu achei! Eu achei!)

A lenda e a historia trouxeram até nós muitas phrases proferidas pelo grande e celebre general romano Cezar.

Na batalha de Pharsale, Cezar vendo os jovens, bellos e elegantes patricios, que compunham a cavallaria pompeiana, deu a seguinte ordem aos seus velhos legionarios:

«Soldado fére no rosto».

Os jovens patricios não querendo ficar desfigurados fugiram deixando Cezar vencedor. Até hoje, em nossos dias, applica-se esta phrase quando se quer ferir o adversario no ponto sensível.

Temos ainda de Cezar a celebre phrase

«Da mulher de Cezar nem suspeita».

Cezar pronunciou esta phrase, quando o patricio Clodius introduziu-se no seu palacio, com vestes femininas. Elle repudiou a mulher, se bem que acreditasse que ella fosse innocente.

Outra phrase de Cezar que a lenda traz até nós, para mostrar a confiança que o grande general tinha na sua estrella, foi a que pronunciou Cezar, quando embarcado numa fragil embarcação, viu desencadear-se tremenda tempestade e o piloto apavorado, não sabia o que fazer, e queria entrar no porto. Cezar para animar-o, disse-lhe:

«Tu levas Cezar e sua fortuna».

Temos ainda de Cezar o *Veni, vidi, vici*, (vim, vi, venci), e a phrase cheia de tristeza pela ingratidão do amigo dirigida a Brutus «Tu quoque, fili mi» (Tu tambem, meu filho!).

No seculo XVII, quando a sciencia principiou a evoluir, Descartes em seu celebre «Discurso sobre o Methodo», expoz o principio fundamental de um nova philosophia baseada na celebre phrase:

«Cogito, ergo sum»

(Penso, logo existo).

Da mesma época, a historia nos traz a celebre phrase de Galileu, que soffrendo o supplicio da inquisição, firme na sua idéa, exclamava:

«E pur si muove».

Uma das mais bellas lendas da historia militar da França, é a de Fontenoy. Caracterisa maravilhosamente uma época em que os combatentes se saudavam com extrema cortezia, antes que fossem trocados os tiros de espingarda e os golpes de espada.

Evoquemos o scenario:

De um lado, a guarda real ingleza; do outro, a infantaria franceza da Casa do Rei. As duas tropas detêm-se ao alcance do mosquito, e essa distancia, cumpre notar, não era grande.

O chefe inglez dá alguns passos e, tirando o chapéo, muito delicadamente diz: —

Mas o chefe francez, não menos polidamente, responde:

«Depois de vós, senhores inglezes» (Après vous, messieurs les anglais).

Os inglezes não se fizeram repetir, atiraram, e levaram de uma só vez toda a primeira linha.

A historia é graciosa, tem, porém, o inconveniente de não ser veridica.

Ha alguns annos atraz, um historiador britannico publicou um trabalho muito consciencioso sobre a campanha de Fontenoy; e entre os documentos curiosos que exhumou, foi achada uma carta de Lord Charles Hay, que justamente, commandava nesse dia a guarda ingleza. Nessa carta endereçada ao Marquez de Tweedale, alguns dias depois da batalha, Lord Hay referia de modo muito diverso a scena em que representara o principal papel.

Eis o trecho essencial:

«Quando a brigada do rei da Inglaterra se achou em presença da infantaria do rei de França, afastei-me um pouco das tropas e cumprimentei os francezes. Em seguida, tomando um frasco de vinho eu lhes disse: «Bebo a vossa saude, senhores francezes». Depois ajuntei: «Nós somos a guarda ingleza; e esperamos que, desta vez, vós nos esperareis a pé firme e não vos lançareis ao Escalda, como fizestes no Mein, em Dettingen».

Eis como fallou Charles Hay. O historiador inglez accrescenta que essas palavras indignaram os chefes francezes e que Auteroche e o Duque de Biron excitaram os soldados a protestarem contra a injuria. Sabe-se que elles mostraram sufficientemente que não tinham intenção de fugir a nado pelas aguas do Escalda.

Assim, longe de ter havido a troca de phrases amenas, que a lenda refere, houve um desafio pouco cortez.

Do rei cavalheiro Francisco I.º de França, a historia nos traz a celebre phrase escripta pelo rei a sua mãe a rainha Luiza de Saboia, na qual dando-lhe parte do desastre da batalha de Pavia, diz:

«Tout est perdu, fors l'honneur».

Do bom rei de França Henrique IV, que todos conhecemos, não só através da historia, como mais particularmente, através dos romances de Alexandre Dumas, a historia nos diz que não podendo elle entrar em Paris, para ser sagrado rei de França por ser protestante, elle resolveu renunciar o protestantismo e tornar-se catholico romano, dizendo a seguinte phrase, que, bem mostra o caso que o bom rei fazia da religião: «Paris vale bem uma missa».

Do grande Luiz XIV (le roi soleil) o rei de França que deu seu nome ao seculo em que viveu, temos a celebre phrase, que bem define, o grande rei, energico e voluntarioso, e sua epocha:

«L'Etat c'est moi!»

Esta phrase só resume o principio dirigente de sua politica.

De Danton, o maior vulto da Revolução franceza, legou-nos a historia phrases, que mostram perfeitamente quem foi este grande tribuno popular.

Em seguida a jornada de 10 de Agosto, toda a Europa se tinha levantado contra a França revolucionaria.

Brunswick acaba de lançar seu manifesto, as armas francezas acabam de soffrer derrotas em Lorraine; Logny tinha sido tomada, Verdun sitiado, o alarma reinava em Paris.

Para reanimar as coragens Danton resolveu dar um grande golpe. Estava-se no 1.º de Setembro. No dia seguinte emquanto tocava o rebate, e que o barulho do canhão se fazia ouvir, Danton correu á Assembléa Legislativa, e num discurso rapido, fez ouvir estas palavras terriveis aos deputados tremendo de medo em suas cadeiras:

«E' neste momento, senhores que vós podeis decretar que a capital bem mereceu da França inteira. O canhão que estaes ouvindo, não é o canhão de alarma, é o passo de carga sobre os inimigos da Patria. Para os vencer precisamos de audacia, muita audacia e sempre audacia».

Lembremos ainda outra phrase celebre do grande republicano.

Quando amigos o aconselhavam que fugisse para o estrangeiro, afim de evitar a sorte que lhe reservava Robespierre, Danton respondeu:

«Por ventura leva-se a Patria nas solas dos sapatos?».

Momentos antes de ser decapitado, dirigiu-se ao carrasco, dizendo:

«Tu mostrarás minha cabeça ao povo, ella vale bem a pena de ser vista».

Dos nossos tempos, na nossa historia, temos phrases que ficarão sempre guardadas na nossa memoria.

As celebres phrases «Diga ao povo que fico» e a «Independencia ou morte» marcam o periodo da nossa liberdade e independencia.

Quando creança, ouvi com o maior enthusiasmo, de pessoas de minha familia que tomaram parte no Combate Naval do Riachuelo, palavras que o Almirante Barroso dirigiu aos officiaes, soldados e marinheiros pouco antes de entrar em combate.

Nunca vi em livro algum referencias a essas palavras, que, entretanto, creio verdadeiras, pois quem m'as contou, era official de bordo do Amazonas, e estava ao lado do Almirante na occasião.

Tendo lembrado aqui phrases estranhas me é grato lembrar estas palavras do nosso Almirante.

Acabava a Amazonas de desfraldar aos ventos, o ferrivel signal «Preparar para o combate». Ouvia-se ainda rufar o tambor e os apitos de todos os navios. Os officiaes, marinheiros e soldados, corriam cheios de enthusiasmo para os seus postos, anciosos a espera do momento de entrar em combate.

Barroso de pé, com a sua alva e comprida barba a ondear-lhe o vento apresentava uma figura marcial e imponente.

Segurando a bandeira brasileira, vibrando de enthusiasmo, dirigio-se a todos que o podiam ouvir, e disse-lhes, com aquelle forte sotaque portuguez que tinha:

«Aqui está o Pendão que o brasileiro jurou defender; se o paraguay o quizer tomar, elle ha de ver, elle ha de ver!»

Bem comprehendem o sentido destas tão simples palavras, os heróes que poucas horas depois cahiam mortos defendendo o «pendão».

Se olharmos quasi para os nossos dias vemos o illustre e saudoso Presidente Rodrigues Alves, aconselhado por amigos a abandonar o Catete, visto a cidade estar revoltada, e que o palacio seria atacado; respondeu calma e serenamente:

«Não, aqui é o meu logar».

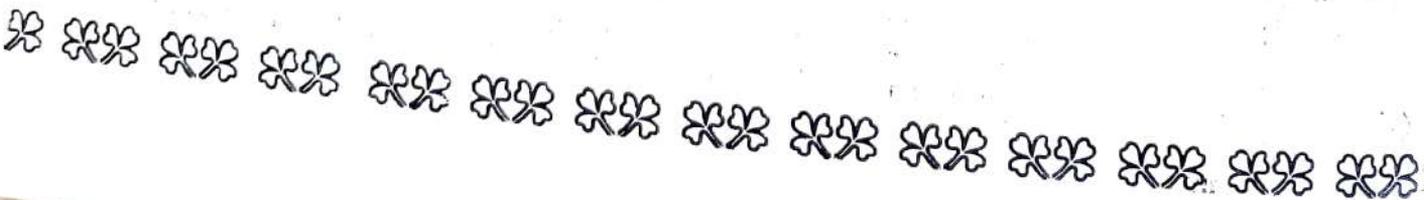
E' agradavel recordarmos estas phrases, para que não fiquem no esquecimento, e suscitem duvidas mais tarde na historia.

E, a lista destas bellas phrases ligadas pela tradição, é longa, e ás vezes, um dia um pesquisador paciente compulsando velhos e empoeirados documentos, prova implacavelmente a falsidade.

Cumpra reconhecer que esses investigadores, se advogam a causa da verdade, commettam o grave erro de destruir graciosas e commovedoras lendas, e a lenda é o encanto e a poesia da vida. E é tão agradavel recordarmos o passado, pois como bem disse o Padre Lacordaire:

«Recordar é viver».

Chatterbox.



O Conceição



I
Papel e lapis na mão,
Chamando p'ra sabbatina,
Natação ou officina,
Desabrocha o Conceição.

II

É mais antigo que a Sé
De Braga; não ha equalá-lo.
Poz falta em Tamandaré,
Barroso quis embroma-lo.

III

Da portaria elle salta,
Como a féra duma jaula:
Marisco, levaste falta,
Marisco, toca p'ra aula!

IV

Na piscina, todo o dia,
Joga pão para os peixinhos,
É de ver com que alegria,
O cardume dos bichinhos,

V

Belisca o miolo dado:
Mas — juro por vida minha,
Segundo fui informado,
Poz falta numa tainha.

VI

Não distingue os animaes,
Tenham farda ou barbatana,
A todos o homem traz
Na mesma horrivel inana.

VII

É essa a sua missão:
Chamando p'ra sabbatina,
Natação ou officina,
Desabrocha o Conceição.

Marisco.

S A U D A D E

A MINHA MÃE

NÃO TE POSSO EXPLICAR, OH MÃE QUERIDA!
O QUE SE PASSA DENTRO EM MIM AGORA...
SINTO UMA DOR TÃO GRANDE QUE PARECE
QUE A VIDA AOS POUCOS SE VAI INDO EMBORA

SE EU PODESSE CHORAR EM PEITO AMIGO!...
SE ME TIVESSES, MÃE, AO PÉ DE TI,
MEU PRANTO SECARIA AOS TEUS AFFAGOS
MINHA DOR TROCARIA EM RISO AHI!

NÃO TE POSSO BEIJAR.... ESTOU TÃO LONGE!....
MAS MINHA ALMA, POR CERTO, BUSCA A TUA,
E, ATRAVÉS DOS ESPAÇOS, NESTE INSTANTE,
SAUDOSO BEIJO PELOS CÉOS FLUCTUA

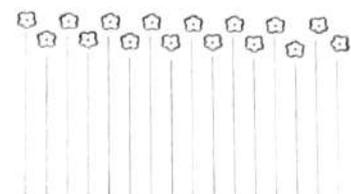
CORREI LAGRIMAS TRISTES!.... E SECCAE
AO CONTACTO DO AR QUE ME REGELA....
MINHA MÃE NÃO ESTÁ AQUI PARA ENXUGAR-VOS
COM MÃO PIEDOSA, NOS CABELLOS DELLA.

COMO É TRISTE VIVER ERRANTE SEMPRE,
SEM CARINHO, SEM LAR E SEM AMOR!....
QUANDO UM BEIJO É BASTANTE Á NOSSA VIDA
QUANDO BASTA UM SORRISO Á NOSSA DOR!....

ADEUS, ANJO BONDOSO! QUANDO LERES
OS VERSOS QUE ARRANQUEI AO CORAÇÃO,
DEIXA CORRER AS LAGRIMAS, E PENSA
QUE AO TEU PRANTO RESPONDE UM PRANTO IRMÃO.

BORDO DA C. NICTHEROY EM BUENOS AIRES,
ABRIL - 29 - 1887.

A. M. GOMES FERRAZ



PROFISSÃO DE FÉ

Ao Dr. F. D. Carneiro
. . . . da Cunha e Senhora

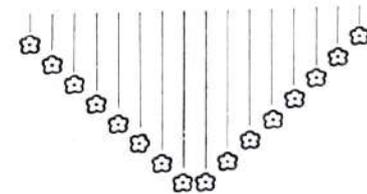
Chamaste-me volúvel; não sei bem
Se com razão; parece-me que sim.
Mas baixinho, somente para mim :
Quando eu te ví, já tinha amado alguém,
E sabias, e não falaste assim.

Der onde vejo que o teu coração
Do egoísmo do amor participou,
E no entretanto, foste a inspiração
Que por mais tempo o meu peito abrigou,
E em meus versos viveu com mais paixão.

Dassou, como também outras passaram.
Não sou Tenório, nem lhe sonho a estrella.
Mas em meu credo estas rimas ficaram :
Não me malqueiras, e ouve-as, minha bella:

“O que se dá com a tua flor querida,
Dá-se também com o nosso coração.
E’ a mesma roseira toda a vida,
São várias rosas em cada estação.”

A. M. BUARQUE
◻ DE LIMA ◻



DOZE DIAS NO RIO DA PRATA

IMPRESSÕES DE VIAGEM

APÓS lenta e monótona travessia de quatro longos dias entre verde mar e lívido céu de inverno, transpunha finalmente o «Barroso» o estuário do Rio da Prata.

Fazia uma manhã fria e brumosa de Julho.

O quadro que a Natureza offercia ali, naquella largo trecho do grandioso rio, era de uma perspectiva desoladora e triste. A vista, alongando-se com desafogo sobre a immensa planura líquida, não descortinava as margens que, muito baixas, quasi á flór dagua, sumiam-se para além do horizonte brumoso. A agua adquirira de subito uma intensa coloração de barro líquido, e as helices do nosso navio, revolvendo-as com fragor, deixavam após si uma longa e sinuosa esteira de espuma lodosa e revoltosa. A' nossa proa, com as mesmas aguas sujas e barrentas, estendia-se indefinidamente, a perder de vista, o longo canal que conduz a Buenos Ayres, marginado por duas interminaveis fileiras de boias-pharões, que cabeceavam docemente ao embate das vagas. A brisa, fria e humida, regelava o ambiente.

Toda a paysagem tomava ali um aspecto doloroso de solidão e esquecimento.

Para além, atraz de uma densa cortina de nevoa, advinhava-se Buenos-Ayres. E com effeito, pouco a pouco, a proporção que se approximava o navio, foi se esboçando, ante a nossa vista encantada, com os contornos ainda confusamente esbatidos pela bruma a silhueta imponente de uma maravilhosa metropole de sonho, com as alterosas chaminés das suas usinas soberbamente erguidas para o infinito; com o grandioso dedalo de torres, cornijas, minaretes, e cupolas dos seus edificios altissimos cortando serenamente o azul palido da aboboda celeste...

De todo o navio, com o convez repleto de marujos e officiaes, ouviam-se gritos de admiração e encanto:

- Linda cidade!
- Admiravel!
- Soberba!

Mais dez minutos de vagarosa marcha atravez do estreito canal, e a formosa capital argentina destacava-se, então, nitida, aos olhos curiosos da maruja entusiasmada: immensos armazens, cupolas altissimas, elegantes palacios, soberbos rascacielos de muitos andares — todo o complicado e soberano conjuncto de uma formidavel cidade industrial, construida de afogadilho na febre tumultuosa de menos de meio seculo de actividade creadora e fecunda.

O «Barroso», tirado por dois possantes rebocadores, transpóz lentamente a entrada do porto: outra obra maravilhosa do engenho creador do homem, com o seu grandioso labyrintho de enormes darsenas rectangulares profusamente rodeadas de molhes e docas, cons-

tantemente povoadas de um consideravel numero de cargueiros e transatlanticos que de continuo estacionam e circulam neste colossal emporio de commercio e riqueza.

O quadro, porém, em que a Natureza encaxou esta formosa New-York sul-americana, é de uma monotonia dolorosa e triste.

Em torno, nem o doce contorno azul de uma montanha, nem a suave ondulação de uma simples colina: por toda parte a mesma planicie indefinida e raza, implacavelmente recta...

E naquella planicie raza e immensa, tinha o homem construido, em menos de dez lustros de actividade creadora e tenaz, uma das mais formosas cidades do mundo!...

Ha trez seculos atraz o viajante que subisse as aguas do rio Dias de Solis, deparava com uma pequena aldeiola primitiva e rustica, um agglomerado confuso de casinholas de barro cobertas de palha, que os seus moradores, os primeiros colonos, não raro deixavam em pleno abandono, fugindo á perseguição e á ferocidade sanhuda dos indios das pampas.

Dois seculos depois, era já Buenos Ayres uma pequena cidade colonial, com edificios construidos ao gosto daquella época, casinhas de um só andar terreo e janellas de balcão florido que os seus habitantes, na phase agitada do caudilhismo, não raro transformavam em temiveis baluartes contra o odio e a sanha guerreira dos conflictos partidarios.

Vieram depois os annos felizes da resurreição do paiz, já liberto da autonomia hespanhola, com o advento da época tumultuosa das grandes emigrações: raro era o dia em que não aportava áquellas plagas um navio proveniente do Velho mundo, repleto de emigrantes, abarrotado de rusticos camponezes e aventureiros de sombrio renome, que aturdidos pelas lendas maravilhosas sobre escalada facil da fortuna naquelle longinquo paiz da America — já então, em plena phase do seu reerguimento progressista — abandonavam as suas terras e os seus lares, e lançavam-se com louco desespero á conquista do deserto e do ouro. Adensou-se a população, derramou-se a cidade com galhardia pela planicie afóra, abrangendo hoje uma vasta area de cento e oitenta kilometros quadrados; abriram-se as suas primeiras arterias, construíram-se os seus primeiros edificios grandiosos de quatro, cinco e mais andares; elevaram-se as chaminés alterosas das suas primeiras usinas; povoaram-se os campos com os seus numerosos ranchos e haciendas; lançaram-se as primeiras vias ferreas atravez da pampa solitaria e bravia: — e o fructo desse vertiginoso sopro de civilização e progresso que abalou o paiz se reflecte agora nessa monumental cidade platina, meio Londres, meio Paris, formidavel emporio de industria e riqueza, tumultuoso centro de estertor e de vida, feira luminosa e doirada do Prazer e do Luxo...

(Continúa)

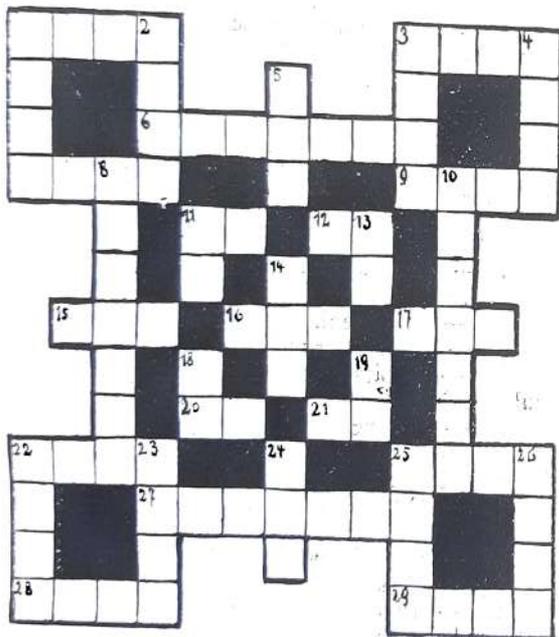
PALAVRAS CRUZADAS NO ENSINO

O moderno professor deve procurar tornar o ensino attraente ao alumno, para que este tenha satisfação em estudar e não o faça tão somente como obrigação. Assim é, que se preconisa o uso das fitas cinematographicas no ensino de materias em que haja representações a fazer, como no de geographia, de historia universal, de historia natural, etc.

Outro auxiliar surgiu agora: o emprego de palavras cruzadas; as lições de linguas e de geographia e historia são os primeiros assumptos em que o divertimento, que durante algum tempo foi distracção predilecta, amenisa a obrigação dos estudantes.

O primeiro trabalho apparecido é de applicação as linguas; uma publicação sob o titulo — *The Up-to-date Master* — feita por Delgoffe & Gross, de Strasbourg, promette ensinar as linguas vivas por tal meio; em folhetos com varias regras e phrases sobre a lingua, organizados de accôrdo com maneira propicia de explicar, apparece uma serie de problemas de palavras cruzadas que o alumno deve resolver, collocando nos logares vãos a palavra da lingua a aprender, correspondente na numeração respectiva, á da lingua patria.

O problema inicial que em seguida apresentamos, tomado para o ensino da lingua ingleza claraia o que haja de obscuro na explicação anterior.



PROBLEMA N. 1

(Exercício de orthographia ingleza)

- Horizontalmente: 1. hora — 3. passaro — 6. bagagem — 7. facil — 9. colheita — 11. como — 12. elle — 15. dia — 16. sua — 17. um — 20. mim — 21. é — 22. alimentar — 25. — feio — 27. ostras — 28. faz — 29. caro.
- Verticalmente: 1. ter — 2. confiar — 3. cerveja — 4. profundo — 5. ovo — 8. estra-

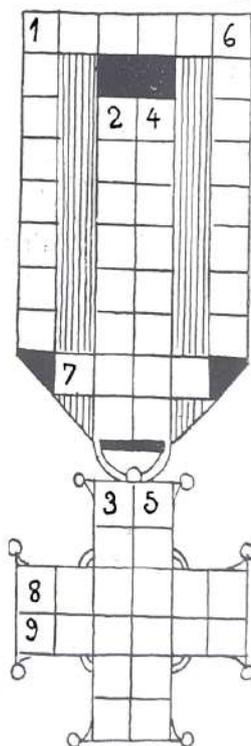
- nho — 10. tarde — 11. em — 13. á — 14. vejo — 18. sou — 19. a nós — 22. achar — 23. cães — 24. seus — 25. usado — 26. anno.

E como pôde ter algum termo de significado duplo na lingua á aprender, uma relação das palavras empregadas, com seus significados, acompanha cada problema; assim temos: colheita-reap, confiar-rely (to), etc.

O segundo trabalho se refere ao ensino de geographia e historia; vem tambem da França e é devido á Alzonne e Moreau. Afim de tornarem mais attraente seu livro elles fizeram o quadro para a collocação de palavras com o desenho adequado á epocha: assim, na revolução franceza é um barrete phrygio a forma empregada, no consulado e o imperio é o celebre chapéu de Bonaparte; na geographia, a Africa é uma cabeça de leão, etc. Ao lado da figura são citados factos, cuja designação ou nome do principal personagem que nelle toma parte deve ser inscripto no quadro correspondente de accôrdo com a numeração.

Na parte de geographia os accidentes geographicos ou a producção de um lugar são citados para que seu nome seja escripto.

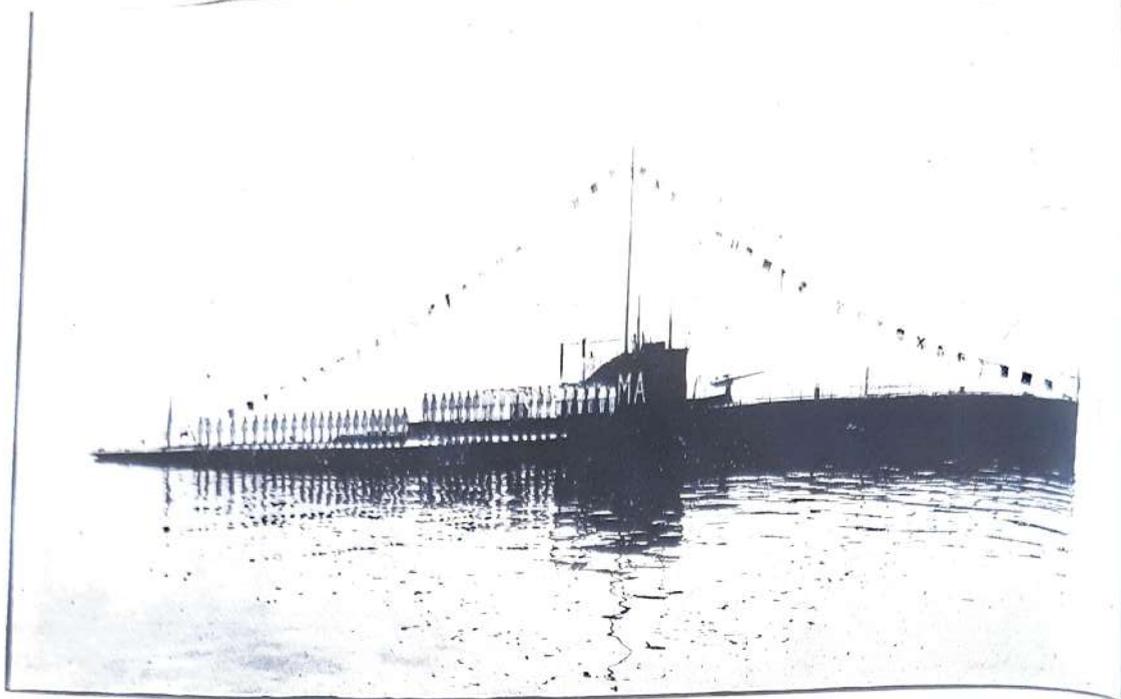
Os dois modelos que se seguem melhor illustrarão as notas; conservamos em francez as phrases, pois que a traducção importaria em variação do numero de espaços para as palavras e consequentemente das figuras.



Historia contemporanea

Verticalment

- 1 — Une des nations ennemies pendant la Grande Guerre.
2 — Président de la République de 1873 à 1879.



O submarino italiano "Marcello". Fotografia oferecida pelo seu commandante, Capitão de Corveta Antonio Legnani, ao Commandante e Sra. Mario Sampaio.

America do Sul

3 — Une des principales nations qui prirent part à la Grande Guerre du côté des Alliés.

4 — Général allemand battu sur la Marne.
5 — Général français qui s'illustra pendant la Grande Guerre.
6 — Ville de Bosnie ou fut assassiné l'archiduc d'Autriche em 1914.

Horizontalement

1 — Ville du Nord de la France que l'ennemi essaya vainement d'atteindre en mars 1918.
7 — Le vainqueur de la Grande Guerre.
8 — Général qui commandait les armées de la Loire pendant la guerre de 1870-1871.
9 — Ville du Nord de la France auprès de laquelle se livra une des premières batailles de la Grande Guerre.

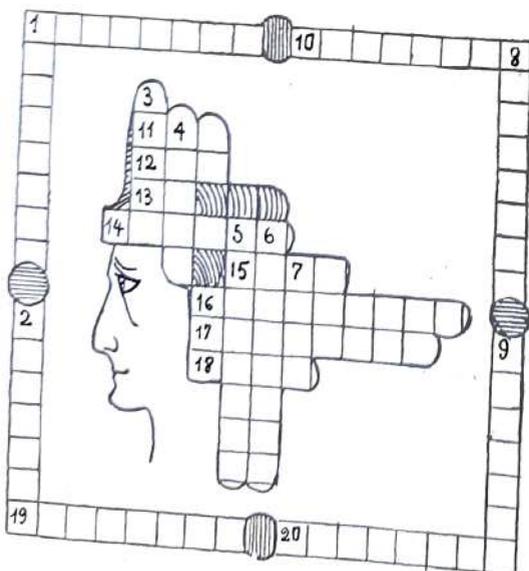
Verticalement

1 — Grand fleuve de l'Amérique du Sud (le dernier mot jeulement).
2 — Capitale de la Guyane française.
3 — Etat riverain du Pacifique.
4 — Capitale de la République Argentine (le dernier mot seulement).
5 — Fleuve qui arrose le Venezuela.
6 — Capitale du Chili.
7 — Monnaie du Brésil.
8 — Langue parlée dans la plupart des Etats de l'Amérique du Sud.
9 — Etat de l'Amérique du Sud, qui n'a pas d'accès à la mer.

Horizontalement

1 — Iles situées au nord de l'Amérique du Sud.
10 — Continent.
11 — Dans la mer.
12 — Capitale du Brésil (le premier mot seulement).
13 — Production des Guyanes.
14 — Capitale de la République Argentine (le premier mot seulement).
15 — Qualité de la vegetation dans le desert.
16 — Etat du nord de l'Amérique du Sud.
17 — Iles situés au nord de Venezuela.
18 — Production du pays traversé par le fleuve des Amazones.
19 — République, capitale Quito.
20 — République, capitale Bogotá.

E' mais um processo de ensino que se apresenta; si não servir para um curso, tem a vantagem de tornar suave a recordação e a verificação, pelo proprio alumno, da extensão de seus conhecimentos.



Com ares de parodia

Aspirantes e espadins assignalados,
Dos quaes a Patria com razão se ufana,
Que em barcos nunca bem equilibrados,
Vieram ter até Copacabana;
Que em quadrilhas, e danças esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Junto de D. Fausta organisaram
Blóco Motor que tanto sublimaram.

E tambem os triumphos gloriosos
Dos artistas, que foram ensaiando
A comédia, e sahiram victoriosos
A fama do bloquinho conquistando;
E, os caricaturistas valorosos,
(E' de Angelo e Guilhon que estou falando).
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

Cessem, pois, dos Procopios comediantes,
Os applausos que sempre receberam;
Cale-se, já, dos Nelsons triumphantes,
A fama das victorias que tiveram;
Que eu canto, agora, alegres aspirantes,
A quem a Troça, e o Riso obedeceram;
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

A's armas, cara Musa! Vaes cantar
As façanhas, e os feitos já famosos
De bravos rapagões, lobos do mar!
Futuros almirantes valorosos!
Haveis de, com o espadim só, encantar
Vencendo os corações mais tenebrosos.
E, audazes, sem temer mesmo os canhões,
Sereis da Patria o orgulho, bravos leões!

Mas agora, entre nós, muito em segredo:
Se acaso um meigo olhar vos seduzir,
Já o vosso valor não causa medo.
Não podendo a Cupido resistir,
Sereis, bravos leões, talvez bem cedo,
Cordeiros incapazes de ferir...
E mesmo, sem receio ousou affirmar,
Sereis fieis escravos de um olhar!



MAR A VELA



EM PONTA DELGADA

Lucas A. Boiteur

NUNCA pensei que tão presto se realizasse o desejo ardente, que de ha muito nutria, de conhecer as ilhas dos Açores, restos dispersados da dilatada e lendaria Atlantida do divino Platão, submersa em passados e arredados seculos por um cataclysmo subito e apavorante.

Bello archipelago, risonho, feraz e cubiçado, em uma de cujas ilhas abrolhou vicejante a semente prolifera de minha velha stirpe; e já tronco annoso, secular, distendeu por sobre os mares um dos seus bracejantes ramos, que, arraigando de novo neste solo humoso e de uma uberidade quasi suffocante, desdobrou-se em franças innumeras, cujas vergontees somos nós.

De lá, das verdejantes ilhas, vieram os Jacques, de lá a stirpe vigorosa e sã de muitas familias que povoam a nossa gleba.

Ao contemplar a terra dos nobres e façanhudos avoengos, a alma revolteteou nas azas estonteantes do devaneio. E, envolvido nas suas volutas luminosas, vi passar as sombras distinctas, precisas, dos nossos avós barbudos e batalhadores nas penosas e rudes contendas e lidadas do mar bravo e enigmatico e das terras de mouros e infieis.

Sou neto de navegadores,
Heroes, Lobos d'agoa, Senhores
Da India d'Aquem e d'Além-mar!...

Divisei o vulto homerico de Christovam Jacques, audacioso lobo do mar, que, em 1526, num rapido, feliz e glorioso cruzeiro, varreu dos nossos mares temerarias carracas e urcas dos traficantes francezes, plantou padrões e feitorias na costa e se propoz a colonizar o Brazil.

Descobridor, tambem, dos novos mundos.
Foi Jacques na Marinha experto e velho...

Em seguida, apresentou-se-me a figura marcial e intemerata de Manuel Jacques, o destemido commandante do galeão *Santo Antonio*, tombando mal ferido com um pelouro no peito, em 1551, na defesa da Bahia; admirei o porte energico e o tino administrativo de Fernão Jacques, provedor-mór das Armadas de Castella, no apresto dos galeões d'alto bordo e dos aligeros bergantins e barineis, durante a dominação antipathica dos Felipes; contemplei, ainda, o marujo calmo, perspicaz e bravo, que foi o almirante Pedro Jacques de Magalhães, apresentando-se, em 1653, com 60 velas debaixo dos fortes do Recife para bater e expulsar os

hollandezes dominadores; vi, em meio ás florestas densas do nosso sertão, outros Jacques a palpar a terra á cata de ouro ou em crespas pelejas contra os selvicolas levantados; lobriguei tambem, uma figura indecisa, quasi apagada, em 1737, Jacinto Jacques Nicós, sargento-mór da ilha de Santa Catharina, e os Jacques de Alemquer e os Jacques de Oeyras, *homens bons* da governo da terra, e... cahí na dura realidade.

Notei, então, que hoje, pobres de nós, a acção corrosiva dos tempos enfraqueceu a seiva, carcomeu a côrcha sã e solida, que resguardava o cérne imperecível da raça heroica; e a arvore enfraquecida não mais dará, talvez, os esplendentes fructos d'antanho, e se os der, serão deploravelmente prematuros e enfezados.

Afastou-me desse sonho, quasi pesadello, um collega, amigo que, batendo-me no hombro disse: — «Que achas da terra?... Vamos perlustral-a?...

— «Sim, sim, irei!...

A casaria branca, de uma brancura de linho, batida de sol, destacava-se das verdejantes collinas, em que moinhos de vento bracejavam no ar, azul e limpido, as aspas longas e recurvas, cobertas de velas pandas.

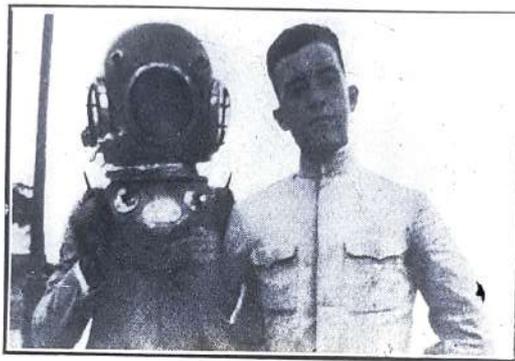
Ponta Delgada se levanta na costa desabrigada e, para minorar tão grave inconveniente, a metropole dotou-se com um porto artificial, pequeno, é verdade, mas solido e bem organizado.

Um quebra-mar largo, granítico, macisso, acalma e protege o porto, da cidade. Esta, povoada por 35 mil almas, e que no seu desdobramento galga as encostas dos outeiros e insinua-se pelos vales, vista do mar, é limitada á esquerda por um antigo e carunchoso forte de cujas ameias e canhoneiras espiam vetustas peças de antecarga; e, á direita, pelo *Focinho de cão* — fraguado hispido e negro que se destaca da costa e, qual branca prôa de caravella, afronta os tremendos vagalhões do largo.

Ao longe, brancos e risonhos, como lenções distendidos sobre relva fresca, salientam-se outros povoados, como Ribeira-grande, Villafranca, etc.

Quem conhece a Bahia e Florianopolis as revê em certos grupos de edificações de Ponta Delgada, tantas são as semelhanças flagrantes, tantos os aspectos identicos. Um bahiano meu amigo, o poeta Antonio Bardy, revia embevecido a rua em que nascera, na architectura e disposição de um amontoado de casas, emquanto eu, ao seu lado, reunia varios edificios para recompôr um trecho da minha terrinha do sul...

(Continua)



Qual a maior das duas ?

ARTILHARIA OU ARTIL

NÃO faz muito tempo que se compraziam alguns philologos em discutir sobre graphia de palavras de nossa lingua. Com muitas outras veio á baila a questão sobre qual seria mais acertado dizer e escrever: «artilheria» ou «artilharia», com escala pela fôrma antiquada «artelharia». Depois da opinião de Heraclito Graça, ficou perfeitamente esclarecido que ambas as fôrmas são correctas, pois tanto se pôde concluir das obras por elle citadas das quaes temos á mão: **Herculano — Historia da Inquisição; Camillo — Historia da Margarida; Vieira — Obras varias; Camões — Lusíadas; e Ruy Barbosa — Queda do Imperio.**

Parece, contudo, ser de conveniencia uniformisar a prosodia e a graphia dessa palavra. Não determinando os principios etymologicos á adopção desta ou daquella fôrma, qual dellas preferir criteriosamente? Cremos ser facil a resposta: «Artilharia» devemos preferir. Justifiquemos nossa modesta opinião. Ainda não foi referido, ao que nos conste, a favor dessa palavra, o importante principio onomatopico, tanto encarecido por Castilhos (Antonio). Assim — «artilharia» — parece estar muito mais de accordo com o que essa palavra significa do que «artilheria». Castilhos —

Tractado de Metr
75, conclúe: o «A»
«E» tenue e incerto,
o «E» parece incapaz
topico, a não ser pa
libezza, quietação e
nos... etc.

Isto nos basta para c
tilharia».

Consultámos tambem as
nove officiaes de Marinha e cinco do Exerci
todos preferem «artilharia» com excepção
um... que não é artilheiro...

Quão valiosa é a onomatopéa podiamos concluir pela citação de muitos exempos. Das palavras onomatopicas a mais interessante é, sem duvida: «espingarda». O «e», cauteloso e sereno, junto ao «s», sensível e meticuloso, dá bem a idéa da pontaria; o «pin» é a perfeita acção do percutor, ou do cão, sobre a espoleta; no «gar», temos a explosão, o estampido, («a» brilhante e arrojado!) com o seu rude effeito bem expresso no «r»; e finalmente no «da» o echo do disparo e quicá o ruido do baque da victima... si o tiro «pegar»...

Parece que «artilharia» é mais artilharia do que «artilheria».

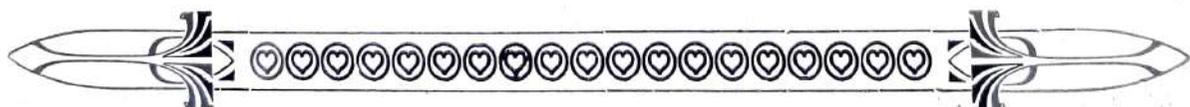
1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10.
Abres a linda bocca num sorriso,
E della é tanta a graça derramada,
Como se dos jardins do Paraizo
Fôsse a flôr mais vermelha e perfumada.

Moves o busto... e logo de improviso
Palpita cada peito e brilha em cada
Olhar que aos seios vê, quente, preciso,
Brilho profundo de alma enamorada.

Labios em flor... e pomos sazizando
Ao sol do meu desejo de peccado,
Que mais se accende quanto mais se entona...

Vejo-os... e gózo os olhos apurando,
Como se nelles visse deslumbrado
Todo o encanto de Flora e de Pomona.

Flora e Pomona



AL COMPARANDO ...

ao umbral da porta, Anto-
e vira a mulher se afastar
ada poeirenta e longa, banza
a, deixando que lhe seccasse as
soalheira medonha.

...s. quando o vulto tropego e indeciso
Rosalia sumira por traz do arvoredo com-
acto, que fechava o horizonte naquella curva
de caminho, deu de ombros com indiferença e
cuspiu para o lado a ponta mastigada de um
cigarro.

Era assim que terminava aquella quadra
estranha da sua vida, por uma ciumada tola,

e agora o melhor era mudar de vida, ir
alli afora rodar como um corpo sem alma,
para esquecer aquelles tempos.

Entrou para a cabana num impeto, resol-
vido a partir. Poz-se a arrumar daqui, dali,
como podia, o que levaria comsigo, e dava
de face com objectos que lhe recordavam a
cabocla partida para sempre.

A casa agora lhe parecia sombria e vã,
deste vasio subito que a saudade enche com
a melancholia dos seus fantasmas roxos.

Foi ao quintal encilhar o potro nervoso.
Galinhas ciscavam o solo cacarejando ag



um negocio de «diz que» do pessoal da villa.
Inveja talvez, mas não era elle homem para
viver com a duvida e ouvindo o murmurar da-
quella gente toda, que se reunia á tardinha
para falar dos outros.

Não se pôde viver feliz em terra pequena,
porque a ventura chama attenção, lá isto bem
o sabia elle, mas fossem lhe dizer que não li-
gasse ao falar do mundo! si o chamariam de
covarde e pulha si não desse ouvidos!

Que lá no fundo elle se sentisse mal de
tratar assim Rosalia, só porque ouvira o Mala-
cara do Celestino dizer «umas cousas» numa
roda, bem o mostrava o encolher de ombros
que tivera para se dar a si mesmo uma prova
de indiferença, que estava longe de ser sin-
cera; mas, tambem... o que estava feito, estava,

mormaço, e uns pares de leitões grunhiam no
cercado, resvalando pela lama negra os foci-
nhos luzidios.

E a criação? quem havia de cuidar della,
agora que a Rosalia se fôra?

O homem poz-se a olhar pensativo aquella
vida despreocupada de casal, e os seus olhos
ardiam como si lhes fizesse mal o reverbero do
sol no chão arenoso. Passou as costas da mão
pelo rosto e rosnou por entre dentes:

— Eta, soalheira bruta!

Veio-lhe então á mente a pobre da Rosalia,
caminhando pela estrada desabrigada, sob os
rigores do verão impiadoso.

Arre! que já era maldade deixar uma crea-
tura assim!

Mas logo a resolução tomada na vespera

de acabar com «aquillo» voltou a suffocar a amizade antiga, e novamente encolheu os ombros com receio de não ser indifferente.

Voltou para dentro, esquecido do matungo, e andava pela sala, de um lado para outro, remexendo tudo, numa ancia de tirar ao interior aquella arrumação conhecida, que lhe punha nos olhos as recordações tão vivas como si de novo as vivesse e tão dolorosas como si fossem antigas e agora as revolvesse, nessa necessidade de soffrimento, que é a embriaguez da saudade.

Uma idéa porem lhe andava na mente, num esvoejar agoureiro de borboleta negra: era a duvida, outra porem, diversa daquella de ontem.

A duvida é multiforme. Uma vez que entra na alma, toma vulto, prolifera, transforma-se, toma novos aspectos para crear novas angustias, e se reconhece a mesma no fundo dos avatares multiplos por que passa. É o enigma do ser e do não ser, esta expressão vazia de sentido e que por isso mesmo se tem medo de encarar. Duvidar é ter um abysmo aos pés e vacillar entre a vertigem que elle nos communica e a necessidade de viver.

Antonio Grande duvidava agora de tudo: si elle tivesse sido injusto! si tivesse ouvido mal! que crime fizera então a Rosalia?...

E ao fim de alguns minutos voltava aquella dolorosa incerteza: mas... si apezar de tudo fosse verdade?

E era como um labyrintho, no qual se debatia o seu espirito, uma encruzilhada que elle não se resolvia a tomar entre o amor e o amor-proprio.

E sempre a duvida a se esconder e a resurgir impiedosamente grande, infernalmente nova.

Foi para fugir á lucta que elle encilhou o potro e partiu.

Deixou as redeas soltas para que o animal o levasse sem destino, por aquelles atalhos sinuosos, a cuja margem cantavam as cigarras numa harmonia barbara á victoria do sol.

Derreado sobre a sella, molle e indifferente, fôra por alli afora, sem um olhar que não tivesse o luzir melancolico da saudade, torturado pela duvida, cheio de remorso e cheio de desanimo.

E o potro, como a conhecer que o cavalheiro não se importava com o caminho, lá ia moroso pela estrada, roçando o focinho pelas hervas rasteiras, parando aqui e alli para arrancar um pouco de capim novo, que brotava á margem do caminho, ou trotando folgado pela lomba das encostas.

Derepente o animal estacou relinchando. Subtrahido subitamente á sua scisma dolorosa, o Antonio Grande abriu os olhos espantados de estremunhação.

A Rosalia estava ali, em passos, sob uma arvore, exausta, dormir este somno agitado dos deuses, em que se adivinham as lagrimas que saltar de sob as palpebras cerradas.

Era o destino!

O caboclo apeou da montaria, que ficou á solta pastando, e chegou-se para a mulher.

— Rosalia... — chamou baixinho, entre o ceioso, e tímido.

Ella estremeceu, ficou alguns segundos sem comprehender, depois, com um sorriso doloroso:

— Que é que você qué, seu Antonio? — perguntou.

O outro, num subito estrugir de ternura contida, poz-se a lhe pedir perdão de tudo; que não valia a pena lembrar o passado; que tudo fôra por causa do Celestino, aquella alma damnada, que Deus havia da castigar; que elle estava como um corpo sem alma, depois que a vira afastar-se pelo caminho; que podiam voltar a ser felizes, muito felizes, longe daquella terra e longe daquella gente...

E como a cabocla lhe fitasse o olhar, onde grossas lagrimas de perdão bailavam, pigarreou para esconder a commoção, tomou-a contra si sob aquella rara sombra de amendoeira selvagem, onde chiavam cigarras, e apontou para o matungo causador de toda aquella felicidade de ser perdoado e de esquecer; o potro que continuava a comer pela raiz o capim novo da margem do caminho, e que o fizera transpor inconscientemente o lodaçal da duvida:

— Raio de garrano amoroso, nhá Rosalia! Pois não havéra de me trazê até aqui! Bicho como este parece que sente como si fosse da familia...

E ajuntou, olhando para o animal, que levantava para elle os grandes olhos, ruminando um bocado de capim:

— E é mêmo que nem nosso fio, hein, nhá Rosalia!...

A cabocla se poz muito confusa, olhou para o collo ligeiramente avolumado, sem geito, e como o Antonio Grande custasse o comprehender, conseguiu balbuciar vexada, a alisar o vestido sobre a pedra a que estava sentada:

— Mal comparando, seu Antonio, mal comparando...

O. C.

CASA VIEIRA NUNES

.. **ARTIGOS PARA HOMENS** ..

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142

Fabrica de Papel Jaboatão

RECIFE - PERNAMBUCO

Propriedade da "Companhia Industrias Brasileiras
PORTELLA S/A"

Avenida Rio Branco, 133 - 3.º andar
RIO DE JANEIRO



*Fabricação esmerada de todos os typos de papel, em especial
dos de ESTIVA e MANILHAS*

Alfaiataria do Club Naval

Está aparelhada a confeccionar com esmero e promptidão os enxovaes dos alumnos da Escola Naval, mediante pequenas prestações mensaes.

MATERIAL DE 1.ª QUALIDADE

Walter & Co.

Rua da Quitanda, 143

RIO DE JANEIRO

Rua do Carmo, 12

S PAULO

Commissões e Consignações — Agentes de Vapores
Seguros Terrestres e Maritimos

REPRESENTANTES DE :

Sir W. G. Armstrong, Whitworth & Co., Ltd.

Construções Navaes, Artilharia, Machinas Hydraulicas, Locomotivas, Machinas
e Ferramentas de todas as classes.

Yarrow & Co., Ltd. — Destroyers e torpedeiras. Especialidade em navios de pequeno calado.

Commercial Union Assurance Co., Ltd. — Seguros Terrestres e Maritimos.

Merryweather & Sons Ltd. — Material para extinção de incendios.

Hadfield's Steel Foundry Co., Ltd., Sheffield. — Fabricantes de aço. Especialidade de Agulhas e Cruzamentos, rodas e eixos, pás, picaretas, Britadores e Ferramentas especiaes para Estradas de Ferro.

J. & E Hall Ltd. — Machinas frigorificas.

Thermotank Ventilating Co. — Ventilação de Navios.

Vacuum Oil Co. — Oleos lubrificantes.

Bais Brothers & Company, Ltd. — Fabricantes de Drogas.

Lipton, Ltd. — Chá, Conservas, etc., etc.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo — R. DA BAHIA, 1052 - Belo Horizonte

Bernado — Desenho de Máquinas. Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 91 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor. Diversos typos de caldeiras e seus accessorios, aparelhos auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho e A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — Problema de Machinas. Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — Construção Naval. Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmulas do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanis'au de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — Construção de Navios de Madeira. Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — Construção de Navios de Ferro. Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto \$

Acesoro — Accessorios dos Navios de Ferro. Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Instalação do aparelho motor; Instalações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — Conductor de Machinas. Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — Manual do Navegante. Signaes maritimos, pharões, boias e balizas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — Manual de Pilotagem. Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — Motores de Explosão. Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

— Telephone Norte 3974 —
End. Teleg. "Rupturita" — Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

RONEO

Os melhores arquivos de aço para correspondência, officios, fichas, cartões
:: de stock e de estatística, etc. ::

OS SYSTEMAS DE ARCHIVAMENTO
RONEO NUMERALPHA

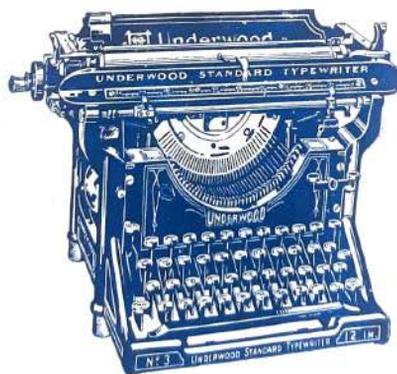
permitted o acesso rapido e seguro aos arquivos bem como a prompta reposição dos papeis retirados nos respectivos logares. Solicitamos das pessoas interessadas que nos escrevam solicitando o folheto descriptivo das vantagens deste maravilhoso sistema de archivamento.



Unicos representantes : **PAUL J. CHRISTOPH COMPANY**
OUVIDOR 98 - Rio * SÃO BENTO 45 - São Paulo

UNDERWOOD

A MELHOR MACHINA DE ESCREVER



As qualidades que a distinguem das suas congeneres são tantas e tão notáveis que a tornam a machina padrão (standard) cuja reputação universal em vão procuram as suas rivais egualar.

OUVIDOR 98
RIO

UNICOS AGENTES:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

SÃO BENTO 45
SÃO PAULO



REDACTOR CHEFE: —————

A. M. BUARQUE DE LIMA

Orgam dos
Aspirantes de Marinha



O Farol

A D. Alice e
Dr. Amaral Peixoto.

No teu sadário eterno de proscrito,
Sobre ilhas, praças e despenhadeiros,
É's, velho farol, mísero precito,
A saudade e a esperança dos cruzeiros.

Quando botas na simbria do horizonte,
Dor toda a immensa solidão marinha
Uma volupta deliciosa erra
Para a alegria do que se avizinha,
Para a tristeza do que se desterra.

O teu lampejo vara a treva espessa
E desde longe a singradura esteira.
Nada ha que o diminua e que o amortega:
Nem mesmo na garôa traçoetra
Essa tua vigília ingrata cessa.

Ora vermelho, ora verde, scintillas.
Mas a luz que me chega colorida
É' falsa; só a branca é verdadeira...
É's, velho farol, como a nossa vida:
Ella é a mesma de sempre repetida
E cada um é que a olha á sua maneira.

A. M. Buarque de Lima

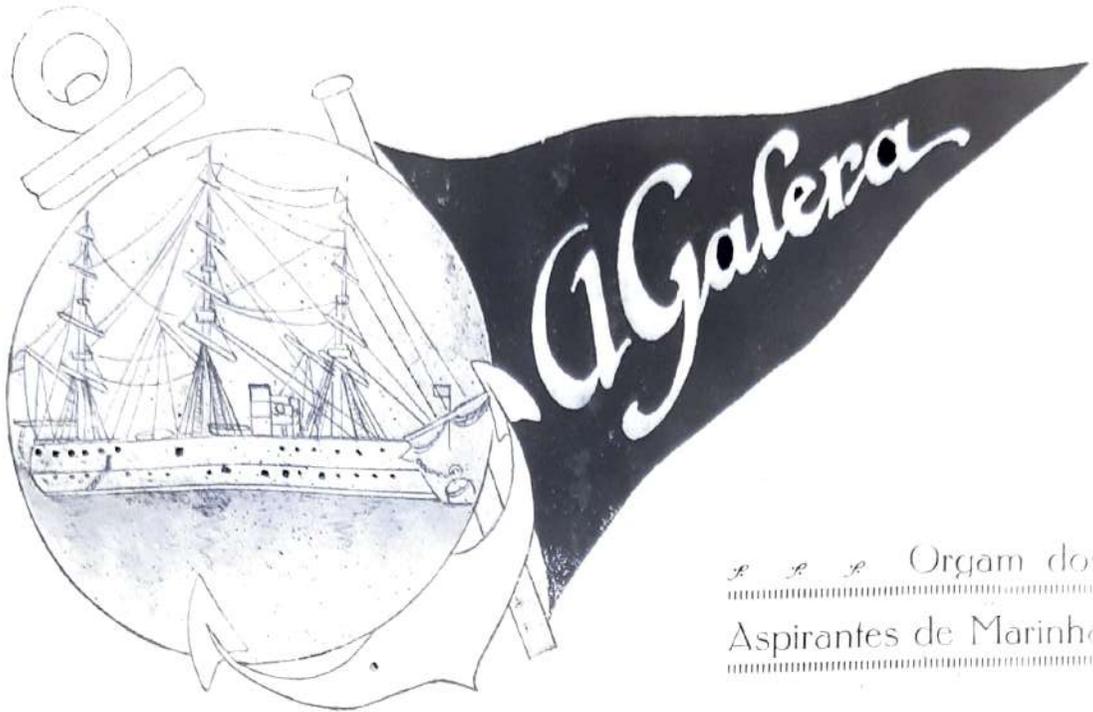
S U M M A R I O

<i>O Farol</i>	A. M. Buarque de Lima	Capa
<i>Ave, Bandeira</i>	A. M. Buarque de Lima	1
<i>Finalidade maritima do Brasil</i>	Azevedo Amaral	2
<i>O Loti portuguez</i>	Gastão Penalva	5
<i>Lenda de Guerra</i>	O. C.	8
<i>José Bonifacio</i>	Ignacio Amaral	9
<i>O cofre das conchas</i>	Maria Sabina	11
<i>Ingratidão exigida</i>	Malba Tahan	12
<i>A Yara</i>	Olegario Marianno	13
<i>Fragmento</i>	A. M. Buarque de Lima	14
***	A. M. Buarque de Lima	15
<i>De pau</i>	Tenente	16
<i>Enjoado</i>	Tenente	16
<i>Adeus á Escola</i>	Peter Pan	18
<i>Scena de Escola</i>	O. C.	22
<i>Neptunia</i>	Leonor Posada	23
<i>Discurso</i>	Antonio Bardy	24
<i>Doze dias no Rio da Prata</i> ..	José Domingos Barbosa	28
<i>D. Pedro II</i>	Regina Helena	29
<i>Physica racional</i>	32
<i>Mar a vela — Em Ponta Del-</i> <i>gada</i>	Lucas A. Boiteux	32

REDACÇÃO:
ESCOLA NAVAL  ILHA DAS ENXADAS
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURA ANNUAL . . . , 165000





Redactor-secretario — L. D. AARÃO REIS
Redactor desportivo — J. S. SALDANHA DA GAMA

Redactor-chefe — A. M. BUARQUE DE LIMA
Redactor-thesoureiro — D. GARNIER DE ALBUQUERQUE

AVE, BANDEIRA

A Bandeira acaba de ser içada. No tope dos mastros, no penol das caranqueijas, esvoaça, ufano das suas côres, aquelle symbolo de panno. Quatro nacionalidades saudaram, pela voz guerreira dos canhões, a sua ascensão triumphal. Ella já está no cimo, donde descerá, ao por do sòl, pela mão callosa dos marujos. Mas até essa hora, com o vento que ronda, terá olhado para todos os rumos do horizonte. Terá apontado, numa mudez eloquente, para a multidão dos cabotinos, dos salafrarios e dos incapazes, muitos dos quaes, por essa area immensa, hão de tê-la louvaminhado com a sua rhetorica de realejo fanhoso. Terá — graças a Deus — apontado tambem para a colmeia dos pequeninos — esses que trabalham, que oram e que esperam. Talvez nelles a deia de bandeira seja confusa, nebulosa, mas insensivelmente a respeitam,

descobrimdo-se á sua passagem e constellando as paredes humilimas com a nesga de céu do pavilhão estrellado. Por esses, e pouquissimos dos que celebram o teu dia, é que tens o orgulho das tuas côres, a majestade dos teus adejos.

Eu te vi, ainda ha pouco, num arranco, buscar despedaçar as adriças que te algemam. Aquelle movimento me pareceu o symbolo de um desespero; mas não caíste. Haverá, por mais que desçamos, um poder invisivel que te assista. Pelas vicissitudes apocalypticas que te têm flagellado e a que tens resistido, podemos dizer que nasceste com a predestinação da gloria. Porque só assim te poderiamos ver, como hoje, do alto dos mastros, palpitando como uma onda dos nossos mares e tremeluzindo como um raio do nosso sol.

A. M. BUARQUE DE LIMA



FINALIDADE MARITIMA DO BRASIL

Azevedo Amaral

Este artigo magistral ditou-nos o grande jornalista na casa de saúde a que se recolheu. Foi elle o seu primeiro trabalho depois do regresso da Europa. Somos reconhecidos á honra com que nos distinguiu, accedendo gentilmente ao nosso convite.

NENHUMA nação, em qualquer período historico, appareceu tendo as suas origens e o processo do seu desenvolvimento tão intimamente vinculado ao mar como o Brasil. Do proprio mar surgiu a nossa nacionalidade como uma expressão vencedora da vontade de dominio dos homens fortes que no principio dos tempos modernos se lançaram nas aventuras dos Descobrimentos. As marinhoeiras vozes de commando dos marinheiros portuguezes synthetizaram-se no Fiat creator que fez surgir do mar os esplendores da Terra Brasileira. Nascido do esforço marítimo, colonizado por um povo de navegadores, o Brasil formou a sua personalidade politica pela expressão constante do Poder Naval. Se a tenacidade dos marinheiros da fase inicial de descobrimento e exploração da nossa costa permittiu a delimitação marítima da area projectada depois para ceste pelo immenso hinterland com o impulso arrojado dos bandeirantes, foi ainda o poder naval ibérico no periodo de união de Portugal e Espanha que impediu a fragmentação do pais nascente. Muito mais decisiva para pôr termo á incursão colonizadora do hollandês no nordeste do que as batalhas travadas em terra e mais popularmente conhecidas foi o grande combate em que nas alturas de Pernambuco a marinha da Hollanda soffreu um irreparavel desastre.

Durante a segunda metade do seculo XVII e no decurso do XVIII, a exploração febril das riquezas mineiras do Brasil de um certo modo desviou a attenção do constante aspecto naval do nosso desenvolvimento? Mas, mesmo nessa fase temos uma prova negativa do caracter essencial e insubstituivel que o dominio do mar e o desenvolvimento das actividades marítimas representam no aproveitamento das grandezas naturaes da terra brasileira. A decadencia naval e marítima de Portugal, que collocou aquelle paiz na subalternidade politica á Inglaterra, como necessidade de protecção, foi a razão fundamental da drenagem do ouro tirado das minas do Brasil para a Grã-Bretanha, onde elle chegava depois de um rapido percurso por Portugal, de onde o sugavam as clausulas brutaes do tratado Methueu. Com a nossa emancipação politica, entretanto, inicia-se um periodo historico em que a relevancia primordial do papel politico e economico duma marinha de guerra e duma marinha mercante se patenteiam com uma meridiana clareza. A formação de uma unidade politica, organica e solidaria, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, foi obra exclusiva da esquadra que o genio de José Bonifacio creou na comprehensão sagaz da primeira e mais urgente necessidade do Imperio que se fundava. Nos tempos agitados da Regencia, que se seguiram, quando o particularismo herdado do antigo espirito das capitánias ameaçava repetir no Brasil o que se passára nos Vice-Reinados Espanhóes, foi ainda a marinha a salvadora da unidade nacional. Dos effectos da nossa actuação naval na politica externa do Brasil muito se poderia dizer, mostrando que

ella redundou em effectos beneficos não só para o pais como para as nações em cuja vida interna fomos obrigados a nos envolver.

Mas afigura-se-me que o alcance do desenvolvimento do nosso poder marítimo, sob todos os seus aspectos, tem de representar função tão vital na evolução futura da nossa nacionalidade que me apresso em deixar esse ligeiro golpe de vista sobre o passado para chamar a attenção, principalmente da mocidade depositaria da gloriosa tradição da nossa raça, para a natureza fundamental da missão que lhe cumpre desempenhar assegurando a existencia da nacionalidade pelo dominio do mar e abrindo horizontes cada vez mais amplos ás nossas possibilidades economicas na expansão da frota mercante.

No momento actual, em que todas as nações civilizadas, ainda sob o peso das consequencias formidaveis da grande guerra, encaram a paz como uma aspiração para a qual devem convergir todos os esforços dos estadistas e homens de pensamento, parece opportuno pôr em destaque o caracter peculiar do Poder Naval, manifestado através de todas as vicissitudes historicas, como um elemento de organização pacifica do mundo e de estabelecimento de uma ordem juridica nas relações entre os povos. Quem lançar os olhos sobre o quadro panoramico da evolução humana não pode fugir ao contraste entre a significação sociologica da guerra travada pelos povos militares e das lutas em que se empenharam no mar os Estados fundados na força naval. As guerras, as grandes invasões que abalaram o mundo, destruindo civilizações e interrompendo o curso do processo de desenvolvimento da cultura tentado em varios pontos da terra, originaram-se invariavelmente na explosão de instinctos predatorios de povos condemnados a um habitat esteril e para os quaes em dado momento, a sua inferioridade economica se torna intoleravel. Dahi o caracter aggressivo dos grandes imperios militares em contraste com a natureza defensiva das organizações navaes dos povos trabalhadores, ricos, prosperos e inclinados ás instituições liberaes.

Dês da penumbra dos primeiros tempos historicos, a navegação, a acção marítima e a preoccupação do dominio do mar que dellas decorria apparecem identificadas com um tipo de organização politica que se modifica em cada fase historica, conservando, entretanto, sempre, um traço de identidade que as irmana como élos da mesma cadeia de evolução sociologica. As cidades fenicias, as polides marítimas da Ionia, as republicas italianas da Idade Média, as cidades mercantis da Hansa Nortica, a Hollanda, a Inglaterra e por fim os Estados Unidos, são os marcos que deixam, através do processo historico, a prova concreta da constante identidade do Poder Naval com a Liberdade e com a riqueza. Nenhum povo conseguiu organizar-se em um regime politico de justiça e de liberdade e acumular um patrimonio de riqueza capaz de proporcionar-lhe na

prosperidade a base física da cultura intellectual sem ter simultaneamente comprehendido a necessidade da sua projecção marítima.

Não é, nem poderia ser, uma coincidência, essa associação do mar com as formas superiores das civilizações liberais e industriais. Sem o acesso ao mar e sem a aquisição da força que, permitindo o policiamento dos oceanos, torne seguros os roteiros, uma nação tem forçosamente de estiolar-se na esterilidade do isolamento a que a condemna a privação da influencia fecundante das idéas estranhas e do ponto de vista dos outros povos. O impulso que tem levado todos os povos dotados de aptidões superiores á conquista do mar, não é portanto o instinto destrutivo que aniquilou as migrações guerreiras das raças desfavorecidas. Foi a expressão instinctiva de uma consciência planetaria ainda embryonaria que fez sentir a todas as raças privilegiadas a premente necessidade do intercambio marítimo que pouco a pouco se tinha de tornar o aparelho de coordenação das actividades especiaes de cada genio nacional e um grande concerto internacional inspirado pelo ideal da ordem jurídica e do aproveitamento racional de todas as riquezas da terra.

Para o Brasil, a questão do desenvolvimento da nossa capacidade marítima e da formação de uma esquadra correspondente ao gráo das responsabilidades que a nossa situação requer está chegando ao ponto em que urge collocá-la no plano dos problemas mais urgentes da actualidade.

Pais de exportação, a que a natureza offereceu uma longa orla marítima, a feliz superficie de contacto com as outras civilizações, temos entre as nossas necessidades economicas mais immediatas a da organização de uma frota mercante que, podendo tomar a si uma cota consideravel, sinão a maioria, do nosso commercio internacional, nos liberte da subalternidade em que nos encontramos, obrigados a pagar em fretes ao estrangeiro um verdadeiro tributo de colonia a metropole. Mas o desenvolvimento da nossa Marinha Mercante seria um acto de arriscada imprudencia, si não fosse parallelamente acompanhado por um preparo dos nossos recursos de acção naval que nos permitta garantir aos nossos navios mercantes o transitto seguro dos oceanos. Essa ligação entre o valor do Poder Naval e o desenvolvimento duma Marinha Mercante impõe-se a todos os observadores e estudiosos de questões historicas. Aos argumentos pueris dos que, citando ignorantemente casos excepcionaes, sem verificar a natureza peculiar das circumstancias desses exemplos, poderei oppor o conceito de um grande estadista a cuja sabedoria deveu a Inglaterra a origem do seu papel como potencia commercial e marítima. Foi por terem sabido ouvir as palavras do Cardeal Wolsey, primeiro ministro de Henrique VIII, quando dizia ao seu rei que a sua frota de guerra devia ser tão forte que as mercadorias só podessem transitar seguras nos oceanos nos porões dos navios que arvorassem a bandeira britannica, que os Inglezes do seculo XVI crearam a marinha

dos Tudor com que poucas decadas depois Sir Francis Drake aniquilava a armada castelhana e em meados do seculo XVII Cromwell podia varrer dos mares as esquadras da Hollanda e estabelecer com a Lei da Navegação as bases da grandeza commercial da Inglaterra.

Toda a exploração das nossas terras uberrimas e do opulento sub-sólo do nosso immenso hinterland não servirão para nos tornar ricos si continuarmos a entregar ao estrangeiro, no nosso littoral, os productos do trabalho brasileiro. Esse é um dos aspectos primordiales da actual situação economica na nacionalidade e, repito, a elle vincula-se a renovação da nossa Marinha de Guerra.

Mas não é apenas nesse terreno que a urgencia de nos aparelharmos efficientemente para assegurar o dominio do mar nas nossas aguas se faz sentir de modo impressionante. Com uma população que anda perto de 40 milhões, a segunda potencia da America, o Brasil, commetteria um ignominioso suicidio politico si não se preparasse para cooperar com as outras nações do continente na obra de protecção commum contra os perigos da repercussão inevitavel dos conflictos que os desequilibrios economicos e antagonismos profundos de interesses ameaçam precipitar mais tarde ou mais cedo em outras regiões do globo. Por uma providencial circumstancia, tudo que inconscientemente se tem feito, com perfeição que se diria proposital, para destruir a nossa marinha, ella sobrevive na capacidade profissional e na disciplina do seu pessoal. Mas as esquadras não se improvisam, o material bellico não surge por encanto dos estaleiros ao toque de alarma das crises internacionaes. E' preciso mesmo que entre o marinheiro e o seu navio, entre o artilheiro e o seu canhão, entre o piloto e o avião, se estabeleça na vigilia da paz a intimidade que lhe permite nos minutos rapidos da fulminante acção da moderna guerra do mar assegurar a victoria. Qualquer observador mediodre da meteorologia internacional contemporanea, póde dizer aos nossos homens de governo que ha cyclones mundiaes capazes de surgir de varios quadrantes do horizonte. Si uma dessas borrascas romper, a missão do Brasil é cooperar com os Estados Americanos na inviolabilidade da America. Como estamos, não nos achamos na altura do dever historico que teremos a cumprir. Esta Revista, para a qual um generoso convite me facilitou a honra de escrever estas linhas, e o melhor attestado de que a nova geração naval tem a fibra e o coração dos homens que salvaram o Brasil em Riachuelo. Aos que tem a responsabilidade da conservação da nacionalidade, e que em maior ou menor escala somos todos os brasileiros, cabe não perder tempo em trabalhar dentro dos limites que as circumstancias nos permittirem para renovar a nossa frota de guerra affim de que o Atlantico Meridional possa ser para as futuras gerações o Mar Americano que nos promete a extensão da nossa costa, a immensidade dos nossos recursos naturaes e a bravura dos nossos homens de mar.



PERFIS



H. P. [Signature]

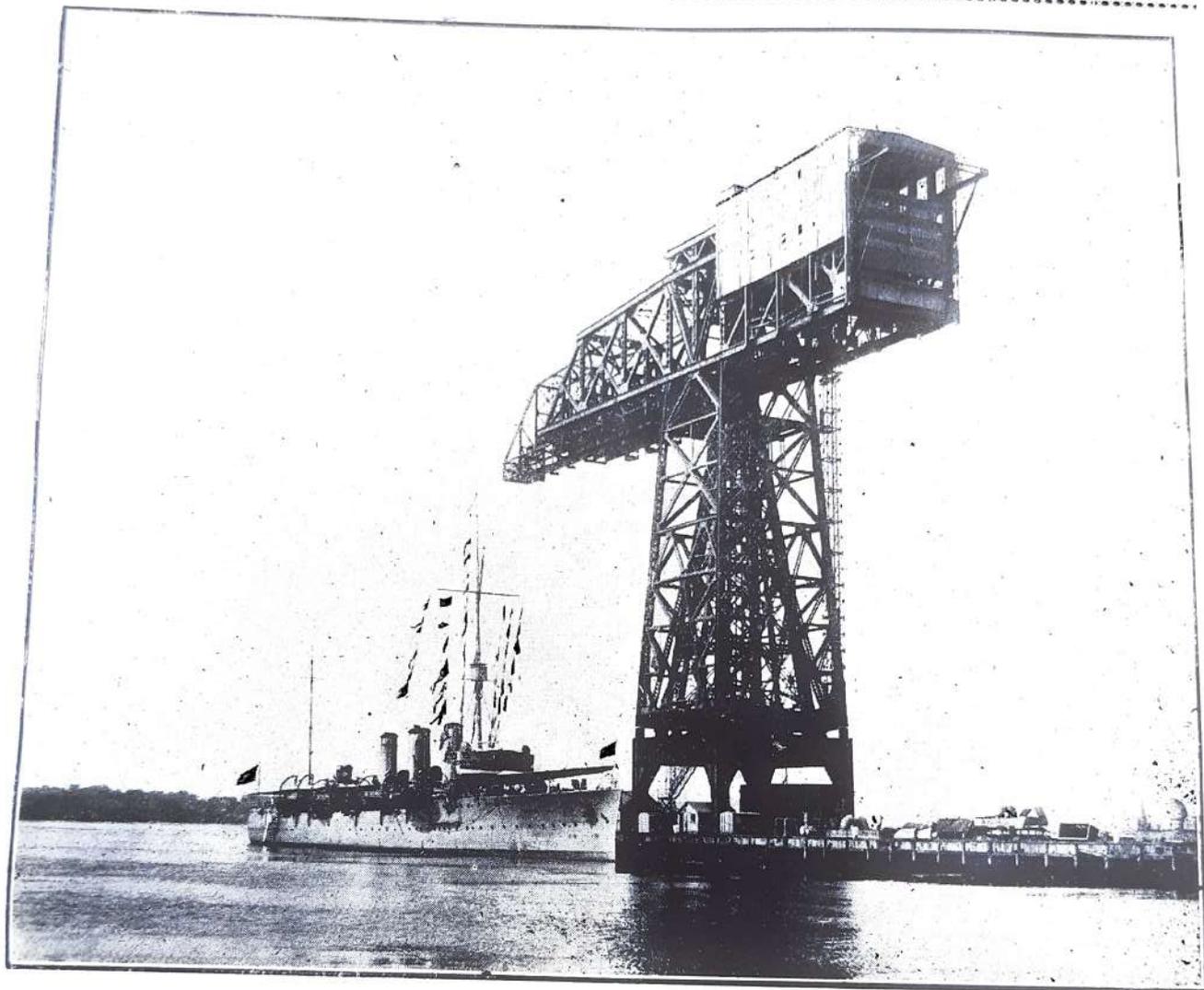
Commandante Frederico Villar

O Loti portuguez

Giago Coutinho, glorioso nauta e meu amigo, acaba de enviar-me de Lisboa mais uma preciosidade literaria. E' o *Relato da ultima viagem* de Venceslau de Moraes, em um brinde amavel destas palavras: «Para tentar a olhar-lhe a boça a voce, mando-lhe a ultima producao do Loti portuguez, hoje um velho de 70 annos, que ha mais de 30, reside no Japão. Foi official de marinha, e abandonou

annos, e, ainda hoje, trago na memoria com um desvanecimento de reliquia.

Rumando para lá, em calmarias, e um cruzeiro sem fim, á sombra da mezena que pancejava afflieta, chamando as auras do Pacifico, eu já havia levado tudo quanto Venceslau Moraes escrevera sobre o paiz encantador do iris e dos chrysanthemos. De sorte que, pondo os pés em Yokohama, no *brouhaha*



O cruzador "Bahia" por occasião de sua ultima visita aos Estados Unidos.

a carreira em 1910, com o advento da Republica. Este será possivelmente — como elle diz — o seu ultimo trabalho. O primeiro — um delicioso volume — data de perto de 10 annos, e intitula-se: *Traços do Extremo-Oriente*. Leia-o, pois creio que muito agradará o Loti brasileiro.»

Pondo de parte o encomio descrito num qualificativo absolutamente improprio, li de um folego a obra interessante por dous motivos principaes: a mão fidalga que me presenteou, e o de recordar o Japão — terra que admirei com os olhos extasiados dos meus vinte

maritimo do céas, parecia que toda aquella gente e todo aquelle scenario já me eram familiares de uma passada viagem que se costuma fazer quando se lê sobre regiões ignotas e se acompanha a fantasia do autor, sentindo as mesmas impressões, vivendo a mesma vida errante.

Se eu tornasse ao Japão, agora que os meus olhos tanto se alargaram no descortinio do mundo e das muitas ecusas que se aprendem na varia escola do mundo, talvez seria como Gulliver em Liliput, tanto a bruteza dos acontecimentos me callejou os sentidos para

avaliar de paisagens tão delicadas — campos imensos de arvores rachiticas — e povo tão gentil — creaturinhas microscópicas, repetas de bondade e de meiguice, que lavam o culto da hospitalidade a ponto de velar toda uma noite a cabeça do estrangeiro, sussurrando preces e catinhos, como quem vela o enfermo do mais triste dos males — a nostalgia.

Quem percorre o Japão, e sofre da desgraça do sentimentalismo, fatalmente se contamina da alma japonesa. E se não reage, e não procura a todo o instante desvenear-se dessa doença que avassalla, em pouco se reduz á classica *neurasthenia nipponica*, originaria do tedo que communica um perenne bem-estar.

Deixei em Tokió um amigo que lá vivia por dever de officio; e ao cabo de annos, ataca-do do mal, queixava-se desoladamente:

— Isto aqui no Japão é um inferno. Tudo monotono. Ninguém nos incomoda. Passa-se a vida inteira sem uma ruga, uma contrariedade. O estrangeiro é um semi-deus; curvam-se-lhe á passagem os da terra num exagero de urbanidade que toca as raas do servilismo. Tive um criado de Nagasaki que em um anno ao meu serviço nunca quebrou um prato, nunca me perturbou o sono, nunca exigiu augmento de ordenado. A mulher japonesa é um arminho de caricia voluptuosa. Ju-ga-se escrava. Nunca se irrita, nunca offende. Se ama, rende-se como uma gata sem unhas; se tem ciumes, chóra ás escancieas, por detrás de biombo e almofadas, onde se mistura como uma *cousa* sem valor; se necessita, faz um rodeio intermino, conta uma lenda fantastica onde ha mendigas anarajoras que imploram, e generosos principes que dão. Ora, tudo isto enerva, excita, escaldia a paciencia. Ha paz em danasia nesse ambiente que Budha santifica.

O ultimo livro de Venceslau de Moraes transportou-me ao Japão. Sobretudo, um capitulo, veio trazer-me uma saudade infinida de episodios que não conto reviver. E' o capitulo da poesia japonesa.

Certa vez, fatigado do cosmopolitismo das turbas, embrenhei-me num campo de arroz de Yokohama. Andei leguas num *rikshá* veoz e prestimoso, que só detinha o trote se o calor e o cansaço o forcavam a uma ablução, ou a um gole d'agua, ou se um espectáculo da natureza subito lhe inundava o ser de fascinada convicção. No Japão é estheta até o pobre paria que puxa um carro.

Cheguei por fim a uma cabara de palha em meio a paisagem morta de arrozaas pardacentas, onde era praxe um trago de *saké*, e um a sésta. Logo uma *geisha* pressurosa, de olhinhos negros apertados, e uma boquinha alegre, em

coração, veio servir-me entre infandaveis salmaleques de boas vindas. Trouxe depois salpratarraz de arroz, um pote de *sake* e uma *tarola*. Puz-me a beber e, lla a abanar-me e cessar, mastigando o inglez com o japonês numa algaravia de crianca loquaz. Fim de meia hora, farta a curiosidade, sobreveio a monotonia, a classica, a fatal. Havia, na sala, meia sombra, um divan confortavel de salnhas e glycinias, que enredaçavam azas e dunculos em moivos de bizarrice decorativa. Estirei-me. A *geisha* ajoelhou-se junto a mim abanando e falando. Vinha do campo de tranquillidade aragem de verão, com um morno a fezo e ao suor das pasagens. Depurado a uma trave da varanda, enlauçava um pequeno lustre de pingentes de crystal que chocavam desafinadamente, numa plangencia dissonante de *shamisen* mal tozado. As talpebras pesavam-me. E Masumé começou a cantar:

— *Furu-aké ya, kawazu tobikomu, mizu no oto...*

— Que quer dizer?

— Ah! E' o velho tanque, e o ruido das rãs quando se atiram nagua.

E continou:

— *Asagao ni tsuru bé torarete morai mizu...*

— E isso?

— A trepadeira enrolou-se á corda do poço: vae-se pedir agua ao visinho.

Aquella voz, tão cheia de pureza e blandicia, cantava a immensa poesia do Japão.

— *Furutera ya, kané mono twasu, sakura chiru...*

— E agora?

— Oh! o velho templo. O sino não toca mais; flores de cerejeira caem sobre o sclo...

Ainda escuei por algum tempo, o doce rumorejar dessa pequenina fonte de sentimento poeico. Depois, acomecei.

Muito tarde, despertei com um tropel de recémvindos que recamavam aos berros arroz fumo e *saké*. Eram lavradores que findavam o labor dos campos. Procurei Musumé. Andava no meio celles, saltitante e jovial como uma boneca animada.

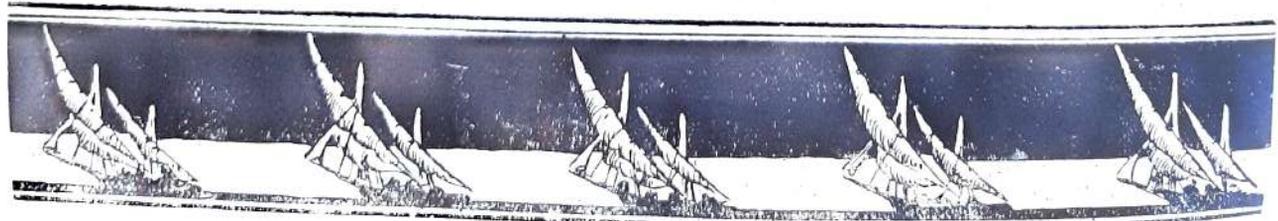
— *Sayonára!* — fiz-lhe da porta, á despedida levando na alra confortada, como um remendo de tons balsamicos, um retalho da alma japonesa.

Tudo isso está no bello livro do Loti portuguez, que tanto da vida gastou no exilio desse torturado paiz de *samurais* e poeas.

— Depois celle, passou pelo Japão o grande amante de *Madame Crysanthéne*. Depois eu.

E recordo essas cousas de tão longe, e tão mesquinho como o fanatico que contempla o Himalaya das suas illusões.

Gastao Pevalva



LENDAS DE GUERRA

A noite sobrevio á batalha, apagando no recondito das distancias o troar desencontrado dos canhões.

Agora, mercê da calma que lhes proporcionava a treva, as esquadras se refaziam, em formações caprichosas, vultos silenciosos a se cruzavam pelas sombras. Uma ou outra vez fantasmas de navios mortos, que iam á matroca, restos fluctuantes de uma batalha sem treguas.

No mar porem o combate e a victoria não são o epilogo dos sacrificios. Aquelles mesmos homens feridos, exaustos, reduzidos, que se haviam batido horas seguidas como leões, do control ás torres, do passadizo ás machinas, continuavam o exhaustivo e enervante serviço de vigilancia.

Os artilheiros, olhos travados no mar, continuavam a viver as horas de angustia, junto aos canhões meio destroçados, onde ainda não houvera tempo para apagar as manchas de sangue.

A certeza de um dever bem cumprido não os podia alliviar da rude tarefa: havia outros deveres a cumprir, e lá estavam a postos alguns que não se haviam suicitado ao calmo recolhimento das enfermarias e apresentavam como gloriosas condecorações as manchas de sangue, que ainda corria debaixo das gazes e ataduras.

Na escuridão, a que todos os olhos estavam habituados faziam-se agora as dolorosas revisitas de presença.

Aos nomes lançados a meia voz na sombra, respondiam indicações, vagas umas vezes, outras, penosas reticencias.

Depois foram as ultimas honras prestadas aos companheiros mortos.

Na popa se alinhavam silenciosos, cabeças descobertas, todos os marujos que o podiam. Os outros, nos postos de vigilia, abriam mais os olhos, procurando ver um vulto que ia sumir no oceano, e apuravam os ouvidos para distinguir um nome numa lista de bravos: nome talvez de um amigo, de um irmão, de um companheiro da mesma torre, que elles haviam visto cair horas antes, no meio da peleja, substituindo-o sem pestanejar, e cuja lembrança fazia na sua grandiosa alma de marujos crescer a maré cheia de emoção, transbordando em lagrimas grossas pelas faces rudes.

A custo os enfermeiros haviam retido os feridos mais gravemente; os outros lá estavam, sangrando, pallidos, a se apoiarem nos

indemnes, para a ultima continencia, aquella que se faz mais com a alma e o coração do que com o chapéo que tomba.

Na popa, a bandeira hasteada em funeiral, humedecia-se ao contacto da noite, como se a patria chorasse as frias lagrimas de orvalho, e se desdobrava á brisa fresca, como lançando sobre os filhos mortos a bençam gloriosa do futuro....

E os corpos um a um immergiram no oceano e no passado deixando immorredouro o exemplo daquelles que souberam cumprir o dever de marinheiros e de patriotas.

Depois, foi o silencio, o terrifico silencio das escutas, que o somno e a vigilia povoa de rumores e de sustos...

Subito tiniram as campainhas de alarme. Commandos breves cahiram de chofre das estações directoras e as fauces negras dos canhões moveram-se escancaradas á procura do inimigo...

A luz de um projector rasgou a noite, e uma sombra muito branca, muito tenue, appareceu no mar, com as suas grandes velas levemente enfunadas ao sopro da brisa.

E o que não fizera a aparição do inimigo, fel-o a vista daquella visão de calma: um arrepio correu a maruja da esquadra: o navio fantasma!

Sim; era ella, a velha nau de outros tempos, onde se entreviam varias ordens de canhões, trazendo á carangueija um pavilhão, que não se distinguia.

Era a nau fantasma da tradição, aquella em cujo seio os almirantes desaparecidos vêm tomar parte nas luctas da grande marinha britannica.

E á uma, sem ordem de ninguem, por um sentimento religioso que os ligava áquella passado de glorias, a maruja da esquadra levou a mão ao chapéo, numa continencia tocante de heróes.

E muitos daquelles homens sentiram que aquelle gesto era o prolongamento da cerimonia fúnebre de toda a pouco, porque os bravos que o oceano acellhera já tinham com certa entrada para sempre para a guarnição daquelle veleiro fantasma, que era a nau da Tradição, o navio do passado..

O vulto illuminado no circulo de prata do projector, cumprimentou arriando a buiarona...

Depois se foi afastando lentamente, desmaiando á proporção que sahia da restia do

inter-
centro
de
das
que
frente
ago-
as

nuito
pre-
ta e
difi-
tor-

tra
sap-
ita-
qui-

ada
ida,
erra
ssi-
les-
ulo

las
ra-
ção
tia-
cia
is,

de
ao
n-
ti-

re-
a-
lo-
os
e
na
ta
e
O
Z-
is
e
s
a

e
e
t

l
i
:

luz e ficou para traz, como uma sombra indecisa a dançar ao compasso das ondas...

...No tombadilho do veleiro, Nelson considerou com orgulho a linha de encouraçados e os grupos de torpedeiros, sombras escuras, que se atiravam velozes para o seio da treva e da distancia.

Ao seu lado, a sombra de Hardy sorria. Mais alem, os vultos dos bravos capitães se inclinavam para o mar. Eram todos os heroes da marinha ingleza que tinham vindo assistir á victoria de seus navios.

Tinham estado em Coronel, onde Craddock, agora um delles, confirmara mais uma vez o valor do marinheiro britannico. Nas Falklands haviam passado entre as linhas de combatentes, e o almirante Sturdee, para evitar ao veleiro branco os golpes allemães, não trepidara em mudar de rumo, num gesto digno dos tempos da cavallaria. Por toda a parte onde o combate chamava a marinha britannica,

o velho veleiro surge. Velha nau da tradiçãõ, num povo que presa o seu passado mais que tudo, é bem possível que, apesar da lenda, ella só exista nos seus corações patrioticos.

Mas não. Ella esteve em Coronel, nas Falklands, na Jutlandia, por toda a parte onde fluctuava o navilhão britannico. E a prova é que, quando a luz do projector se apagou, um sussurro da brisa levou para o alto mar as palavras que a sombra de Hardy murmurava ao ouvido de Nelson:

— Almirante, neste veleiro, ainda trabalhamos pela Inglaterra. A tradiçãõ completa a lenda...

E Nelson, pensativo, apagando-se numa nevoa com as formas do seu veleiro murmurou num sopro:

— E' preciso crer no passado para ser forte...

O. C.

Leitão, Irmãos & Cia.

FORNECEDORES DO GOVERNO

CASA LEITÃO

Importação e Exportação de Fazendas, Modas, Armarinho, Perfumarias,
Roupas Feitas, Tapeçaria, Alfaiataria, etc.

Largo de Santa Rita n. 2

Rua Visc. de Inhauma

Rua Municipal

Travessa Santa Rita

Telephone Norte 767

RIO DE JANEIRO

JOSE' BONIFACIO

(FRAGMENTOS)

Janacio do Amaral

Traços diversos distinguem, em sua origem, a expansão marítima de cada um dos dois povos da península ibérica.

Emquanto a Hespanha, sob o peso das influencias que actuaram em sua formação nacional, imprimia aos seus empreendimentos de além mar o característico typico da conquista militar, as «descobertas» portuguezas se precisavam com o objectivo nitidamente commercial que animava os navegadores do periplo africano á procura de terras onde pudessem installar «feitorias» para o intercambio de productos.

Em busca do caminho das Indias, cujas legendarias riquezas excitavam a sua cobiça, os portuguezes não satisfaziam uma necessidade de expansão territorial, nem obedeciam ás impulsões do instincto guerreiro.

Não eram soldados que se destinassem á conquista militar de terras extranhas e sim mercadores que se apresentando em boa paz, só se armavam para a defesa de sua fazenda.

Não os animava a verdadeira ambição de predomínio politico, mas o espirito mercantil proprio á raça semitica, desde muito infiltrada entre a gente lusitana, graças á sua generosa acolhida, acolhida que a intolerancia religiosa de Castella sempre recusara ás immi-grações acatholicas.

Mais lhes apraziam as perigosas travessias do oceano Indico, em demanda das costas Indostanicas, onde a existencia de uma industria organizada permittia um commercio regular e lucrativo, do que a facil navegação para o littoral brasileiro, onde as possibilidades de mais avultado ganho dependiam de laboriosas explorações.

Foi sómente pela força das circunstancias, para se garantirem contra a concurrencia de terceiros, que os navegantes mercadores se tornaram colonizadores.

Essa transformação, porém, perturbada por condições politicas desfavoraveis, e, além disso, contrariando as tendencias naturaes do povo e excedendo ás capacidades da nação portugueza, effectuou-se á custa do progressivo estiolamento d'esta e em prejuizo do desenvolvimento futuro das colonias.

A incapacidade colonizadora da metropole se revelou desde logo pela primeira tentativa posta em pratica, após vinte annos de abandono das terras do Brasil.

A organização feudal da colonia em capitancias hereditarias e autonomas, embora fosse o melhor recurso que poderia empregar a coroa portugueza, nem por isso deixa de constituir prova incontestavel de que a empreza colonial escapava ás forças do povo descobridor.

Os graves inconvenientes politicos que aquelle systema apresentava para o fim collimado, fazem-se sentir até hoje em nossa evolução nacional.

A prematura fragmentação do extenso territorio em elementos sem cohesão, e unicamente sujeitos á longinqua e reduzida autoridade

de real, não tardou em pôr em risco a integridade e segurança do todo, forçando a centralização politica da colonia pela criação de um governo geral. Mas o desenvolvimento das capitancias, por anarcizado e imperfeito que fosse, já havia attingido a um grau sufficiente para entreter o germen de um perenne antagonismo entre as tendencias autonomistas e as aspirações de unidade politica.

A nossa historia se desenvolve, como muito bem observa João Ribeiro, na alternativa preponderancia, secularmente periodica, de uma e outra d'essas duas correntes, que, se modificando no correr do tempo, prepararam a formação nacional.

As expansões autonomistas, reagindo contra a compressão centralizadora, desde que desapareciam as determinantes de maior estreitamento dos laços de união, mantiveram o equilibrio dynamico da evolução brasileira.

Foi por isso que a centralização, iniciada pela criação do governo geral e fortalecida, no seculo XVII, pelas contingencias da guerra hollandeza, longe de se incrementar, progressivamente se afrouxa no seculo XVIII, ao despertar o espirito das capitancias, sob o estímulo da exploração mineira.

Foi por isso que esse renascimento das tendencias autonomistas, orientando as aspirações da nacionalidade nascente para a separação politica da metropole, só arrefeceu transitoriamente no seculo XIX, quando a independencia exigiu a unidade, para recrudescer logo depois, até a conquista da federação.

A colonização brasileira irradiando-se de dois focos, situados um ao norte e outro ao sul (1), determinou a formação dos dois centros distinctos que dirigiram a evolução politi-

(1) João Ribeiro, na introdução de sua bella obra sobre a historia de nossa patria, indicou cinco «cellulas fundametaes que por multiplicação tornaram todo o tecido do Brazil antigo: a de PERNAMBUCO, que gera os nucleos secundarios da Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceara e Alagoas, e a cujo influxo material sempre obedecem (na guerra dos *muscatês*, 1710-12, na revolução de 1817, na confederação do Equador); a da BAHIA, que absorve Ilhéos e Porto Seguro, e gera Sergipe; a de SÃO PAULO d'onde evolve todo o oeste, com os bandeirantes, Goyaz, Minas, Matto-Grosso; a do RIO, que pelo elemento official em luta com os hespanhoes faz nascer, e ja tarde, as capitancias do extremo sul; a do MARANHÃO ou PARA, que gera as unidades administrativas do extremo norte, e sempre viveu separado do Brazil e até pelos portuguezes lhe foi lembrado no tempo da independencia que poderia manter, como um novo Canadá, o realismo á coroa».

Não existe antagonismo entre essa classificação e a proposição que formulei, pois que as cinco cellulas de que se formou o Brazil actual, não se constituíram em centros politicos directores da evolução de nossa nacionalidade.

O Maranhão não interveio na vida colonial do Brazil verdadeiramente brasileiro, ao qual só se ligou depois da independencia; o Rio de Janeiro sempre se manteve ligado pelo mesmo sentimento commum ao centro paulista de que se derivava e com o qual agio de concerto em todos os grandes movimentos politicos; a Bahia teve o seu papel politico adstricto ás condições de sua situação official, sobretudo depois que a expulsão dos hollandezes consolidou o prestigio pernambucano.

No Brazil brasileiro, que preparou a evolução da colonia ao imperio independente, só existiram, pois, dois verdadeiros centros directores; o do norte e o do Sul.

ca de nossa nacionalidade. A acção do centro meridional ou paulista, se desenvolveu pelo interior do paiz até á bacia amazonica, e formou o grande emporio commercial onde deveria se assentar a futura capital do imperio; o centro septentrional, localizado, a principio, no nucleo pernambucano, deslocou-se, posteriormente, para Pernambuco, extendendo a sua influencia do São Francisco ás divisas orientaes da bacia do Parahyba.

O dominio hespanhol facilitando a marcha das «bandeiras» além da divisa de Tordezillas e fornecendo pretexto á aggressão hollandeza, indirectamente favoreceu ao duplo desenvolvimento desses centros; sua acção, porém, se distingue, desde o inicio, por características proprias, que annunciam a diversidade de tendencias entre os movimentos politicos do norte e do sul, fazendo prever o particularismo daquelles e o caracter de generalidade deste.

E' assim que, enquanto o centro paulista affirma a sua aptidão expansiva na actividade conquistadora dos «bandeirantes», a feição peculiar do centro pernambucano se define na resistencia defensiva do proprio territorio.

No correr do tempo progressivamente se accentua essa differenciação, mesmo quando a analogia de circumstancias empresta um caracter commum aos movimentos originados de de um e outro centro.

Nelles se processa de modo diverso até o proprio sentimento nativista, que explode ao norte, na guerra dos Mascates, estimulado por um antagonismo de interesses entre productores e commerciantes, offerecendo um aspecto

particular do conflicto entre o capital e o trabalho, enquanto que, ao sul, a rivalidade entre paulistas e emboabas assume a feição typica das luctas decisivas para a conquista do predomínio politico.

Falta á agitação pernambucana esse objectivo amplo da contenda em que se decidiu a sorte da região das Minas.

Embora revelando um espirito revolucionario mais organizado, a guerra Mascate tem o cunho das competições regionaes, fadadas á esrildade e á limitação geographica.

Foi esse, ainda, o motivo por que se frustraram os esforços da revolução de 1817, tambem restricta á zona da influencia pernambucana.

Movimento originariamente militar, — em que as aspirações emancipadoras e republicanas, despertadas desde a Inconfidencia mineira, buscaram apoio em rivalidades de caserna, — tinha elle o insuccesso prefixado pela sua genese sobejamente definida no açodado galarção das tropas que o promoveram.

O fracasso do movimento de 1817, exgotando os forças revolucionarias do centro nordesta, o constrangeu á temporaria renuncia de quaesquer tentativas autonomistas, e permittio a sua subordinação á influencia meridional para a consummação da Independencia.

Decido-se, assim, a contenda secular entre o norte e o sul, pela affirmação da preponderancia deste na direcção politica da nacionalidade, preponderancia consolidada, posteriormente, pelo mallogro da «Republica do Equador».

SIRGUEIRO

Salvador Sciammarella

ALFAIATE CIVIL E MILITAR

ESPECIALIDADE em Roupas e fardamentos sob medida

Artigos em deposito : Flanella kaki e brim kaki inglez, francez e nacional, garance e casemiras inglezas e francezas. Brins brancos — diversos fabricantes — estrangeiros e nacionaes. Mesclas, espadas, bandeiras, etc., etc.

Vendas por Atacado e a Varejo

Importador de casemiras estrangeiras e artigos militares

Fornecedor dos Ministerios da Guerra e da Marinha

Acceita-se encomendas de bandeiras de qualquer tamanho e para qualquer nação ou sociedade. Dispõe sempre de accessorios para completar fardamentos. Galões de ouro e prata, capotilhos e fios para bordar, dragonas e platinas, chaques, chapens armados, kepis, espadas, fiadores, correames de todas as armas, arreios, etc.

8, Rua Rodrigo Silva, 8

TELEPHONE CENTRAL 1527

RIO DE JANEIRO



Maria Sabina

Rio, Dezembro 1926

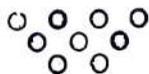
Para "A GALERA"

O cofre das conchas

Pelas claras manhãs, nas areias douradas,
ia pés nus, cabelos esvoaçantes
meus melhores instantes
passando, como criança, a beiramar.
Apanhava feliz as conchas nacaradas
atiradas
pelas espumas do mar...
Cada concha era rósea, nacarina
como os meus sonhos de menina
e de Sonhos enchi meu tesouro encantado,
o pequenino cofre cinzelado...

O meu cofre das conchas... Novamente
pensei revê-los como outr'ora
os Sonhos que eram valvas cor de aurora.
Olhei medrosamente,
mas que tristeza, que melancolia...
a caixa está vazia...
e nada mais existe do passado
no pequenino cofre cinzelado...

A tarde é linda e triste... Sobre a praia
onde a vaga se espraia
há tantas conchas! Quero recolhe-las
com o mesmo zelo dos perdidos anos.
Mas difere o presente do passado
e são tantas as Conchas-Desenganos
que é pequeno demais para conte-las
o pequenino cofre cinzelado...



UM CONTO ORIENTAL

INGRATIDÃO EXIGIDA

Por MALBA TAHAN

Devo dizer, antes de tudo, que eu muito raramente me commovo ou me admiro deante dos espectaculos torvos da vida.

Certa vez, porém, ao passar junto á mesquita de Omar, presenciei a uma scena que deixou em meu espirito uma impressão in-delevel.

Um velho cheick, approximando-se de um mendigo que esmolava á entrada do famoso templo de Bagdad, atirou-lhe aos pés um punhado de moedas louras e cantantes.

Ao tempo que as arrebanhava com os olhos esbugalhados e mãos rapaces, o misero pedinte, em vez de entregar-se ás usuaes e surradas demonstrações de reconhecimento, entrou a descompor o generoso ancião num sujo linguajar, chamando para sobre suas cãs não as bençãos de Allah (com Elle a oração e a gloria!), mas todas as maldições do inferno, todas as pragas que assolam a humana especie:

— Allah que te castigue, velho nojento! Longe de mim, podridão! Possa o fogo do Maligno livrar-nos de tuas mãos pestilentas, consumindo-te inteiro!

Desta vez não pude seguir indifferente. Todas as minhas energias se revoltaram, escaldantes de odio, contra aquelle monstruoso mendigo, que assim pagava, com improperios e pragas, o generoso obulo do bom passante.

Prestes a desancal-o com o meu bastão, gritei-lhe com mal contido odio:

— Cala-te, ó cão, filho de cão! Pelas barbas do Propheta.

Não sei porque não te esmago já os ossos, ó torpe creatura. Pois, então, tens coragem de offender aquelle generoso ancião que te deu o pão de muitos dias?

— Não me condemnes nem me castigues, ó senhor! — respondeu-me o pedinte com brandas inflexões na voz macia e humilde. — Si assim procedo, é porque assim o exigiu de mim aquelle meu bemfeitor!

Fiquei attonito ao ouvir tão inesperada defeza de um procedimento tão singular! Seria, assim, possível que houvesse na Arabia, na Persia ou no Egypto, um homem que se entregasse a trocar espontaneamente os mais calidos beneficios pelas mais negras maldições?

Dando livre curso ás mais desencontradas cogitações, cheguei a concluir que o velho esmoler estava sendo victima de alguma implacavel demencia ou, talvez, andava a cumprir algum extranho voto feito, z'luclinadamente, nalguma terrivel dependura.

Como quer que fosse, não pude dominar a curiosidade, que crescera em mim, de deslindar a meada. Presentindo nisso um caso digno de registro, resolvi correr ao encaço do velho cheick que, indifferente, seguia pela rua afóra, no seu caminhar vagaroso e compassado.

O' «cheick» dos «cheicks»! — disse-lhe ao alcançal-o, saudando-o com respeito — Allah vos cubra de beneficios e prolongue, por muitos annos, a vossa preciosa existencia! Acabo de assistir, surprehendido e revoltado, ao procedimento indigno daquelle vil mendigo da mesquita. Era meu intuito castigar o ingrato de uma maneira fantastica, terrivel! Disse-me elle, porém, que fostes vós mesmo quem exigiu delle aquelles insultos e maldições. E' verdade: o veneravel cheick! — é verdade que tendes por justo pagar beneficios e esmolas com a mais negra das ingratições?

— E' verdade, sim, meu filho — respondeu-me elle pousando em meu hombro a mão tremula que tantos beneficios espalhava — E' verdade! Não lhe mentiu o mendigo. Fui eu mesmo que lhe impuz, não só a elle, senão a todos a quem valho, aquelle modo de proceder. E a minha exigencia não passa de um egoismo gerado da minha philantropia. Sou de natureza esmoler e caridosa. Não tem conta as bocas famintas a que dei pão, os labios sedentos a que cheguei um pucaro d'agua, os enregelados que agasalhei nas dobras do meu manto. De todos, porém, passada a fome estancada a sede, aquecidos os membros, só recebia as mais cruas provas de irreconhecimento e ingratição. Passada a hora da necessidade, passava a lembrança do beneficio!

A principio, meu filho — continuou o velho — doam-me as injustiças daquelles que eu beneficiava e, por vezes, cheguei quasi a transformar os meus sentimentos de piedade nesse indifferentismo com que a maioria dos homens aprecia as miserias de seus semelhantes. Repudiando, porém, essa fraqueza, esse desanimo, que me assaltava quando me feria uma ingratição profunda, deliberei habitar-me a receber taes pagas. Allah (com Elle a oração e a gloria!) seja louvado pela sabia inspiração que me deu! Comecei a exigir de todos quantos recebem qualquer auxilio meu, que me dêem desde logo o que iriam dar mais tarde: a paga de uma ingratição!

E parando um momento, na curva da rua, o original e piedoso velho deixou cair uma moeda de ouro aos pés de um cego, que dormitava apoiado ao humbral de uma taverna.

O cego, que reconhecera pela voz o «cheick» doador, exclamou:

— O Demonio que te persiga, velho devasso! Tua mãe é uma ladra! Teu paé é um libertino!

O velho sorriu.

Não era de esperar outra cousa.

Os homens bons e generosos não devem nunca permittir que a ingratição estiole, ou siquer embace, os sentimentos que o coração lhes dita.



A Yara

Segundo Affonso Arinos

A Coelho Netto

Jaguarary, o filho do tuxana,
Era formoso, clássico e sensual,
Tinha nos olhos o impeto bravo
Da agua do Grande Rio
Quando passa em tropel, quando ruga em caudal,

Destro, selvagem como um pôtro,
Vel-o era vêr na gloria matutina,
A bandeira das azas em trophéo,
O gavião de pennacho que domina
Toda a floresta e faz maior o azul do céu.

Quando na igara pequenina e leve
A correnteza murmura descei
Ao clarão flamejante do arrebol,
A' proa, o filho do tuxana parecia
Um passaro de fogo em caminho do sol.

O puma ruivo e hostil, de olhos de ferro em braza,
No enredado cipol da selva accessa,
Ou o veado arisco ao pé do burity,
Não tinham a bravura, a insolencia, a destreza
Nem a elegancia de Jaguarary.

Ninguem como elle arremessava a flexa
Do arco retezo. A flexa ia, certeira.
Ao gesto varonil do braço nú,
E cortava, de subito, a carreira
Por valles e grotões, do xaitetú.

Na taba dos manaus havendo festa,
Ao rufar do trocano, elle terça
A tangapema de tal geito, que a uma voz,
O grupo dos guerreiros proclamava
Jaguarary o mais valente e o mais veloz!

Ao florescer da mamorana, quando
Fendia a igara a superficie plana
Da agua que se encrespava em frenesi,
O vento sacudia a mamorana
Jogando flôres em Jaguarary...

A setta hervada da zarabatana
Que elle assoprava ás arvores, sorrindo,
No orgulho de um guerreiro seductor,
Rompia o espesso mattagal, ferindo
O carachué na castanheira em flôr.

No canto das mulheres o seu nome
Vibrava, ora em relampagos de ameaça,
Ora plangendo como os urutãos.
Esse nome que dando orgulho á raça,
Era a gloria da taba dos manaus.

Nas tardes silenciosas, a canôa
Do joven deus, banhada pelo poente,
Ia, ligeira como a jaçanan,
Ao sabor do destino da corrente,
Rumo da ponta azul de Taruman.

E lá ficava hoas inteiras... Vinha
A noite e a agua, em balanço, como um berço,
Apurava-se em musica a embalar
Jaguarary num grande sonho immerso,
Sob a melancolia alva do luar...

— Que pescaria é essa, filho, que entra
Na noite immensa que me desconforta
Como o presagio de uma sorte má,
Na hora em que ronda a natureza morta
O espirito funesto de Anhangá?

Nunca lhe ouviste a voz maldita e cava?
Anhangá, altas horas, quando passa
Eriçando o cabelo aos capinzaes,
Espalha como a sombra da desgraça
O veneno das dôres immortaes. —

Assim se lastimava a mãe tapuya
Ao ver o filho amargurado e afflicto
Entrar com passo tardo a habitação,
Trazendo os olhos cheios de infinito
E o infinito do céu no coração.

As palavras da mãe enternecida
Jaguarary, absorto em suas maguas,
Olhava-o muito e em seu olhar cruel,
Toda a profunda solidão das aguas
Borbulhava num lugubre tropel.

— Filho! Guardo nos olhos a lembrança
Da derradeira vez em que sorriste...
A alegria esvoaçava em torno a ti,
Hoje vives sem alma, sempre triste
Olhando as aguas como o maguary.

Os jurupys perversos da floresta
Na hora em que o vento os arvoredos corta,
Os jurupys envenenaram-te o ar.
A acauan vem cantar á nossa porta.
Dize, meu filho, que te faz chorar?

— Mãe! Eu a vi! Como era linda! Tinha
Os cabellos cahidos pelas ancas
Como raios de um sol que não tem fim.
E o corpo branco como as garças brancas
Tremiam caminhando para mim...

Quando ella canta os passaros se callam.
A tarde absorta fica mais tranquilla
Ao som daquella voz vinda de além.
Quedam-se os rios todos para ouvil-a
E a cachoeira, a escutar, pára tambem.

Ella olhou para mim e abriu-me os braços...
Era linda! Toquei, desfallecendo,
Seu corpo nú de uma nudez sem véo
Que ia de manso desaparecendo
No fundo da agua que reflecte o céu.

Eu quero ouvil-a ainda! Quero vel-a!...
Quando sobre a intranquilla natureza
A yacy vem surgindo, de vagar,
Não tem a melancolica pureza
Que anda boiando á flôr do seu olhar.

— Tu viste Yara! Foge, filho amado,
A Yara mente! Nos seus olhos vagos,
Na luz verde que espalha em derredór,
Como da agua parada de dois lagos
A morte ri para matar melhor. —

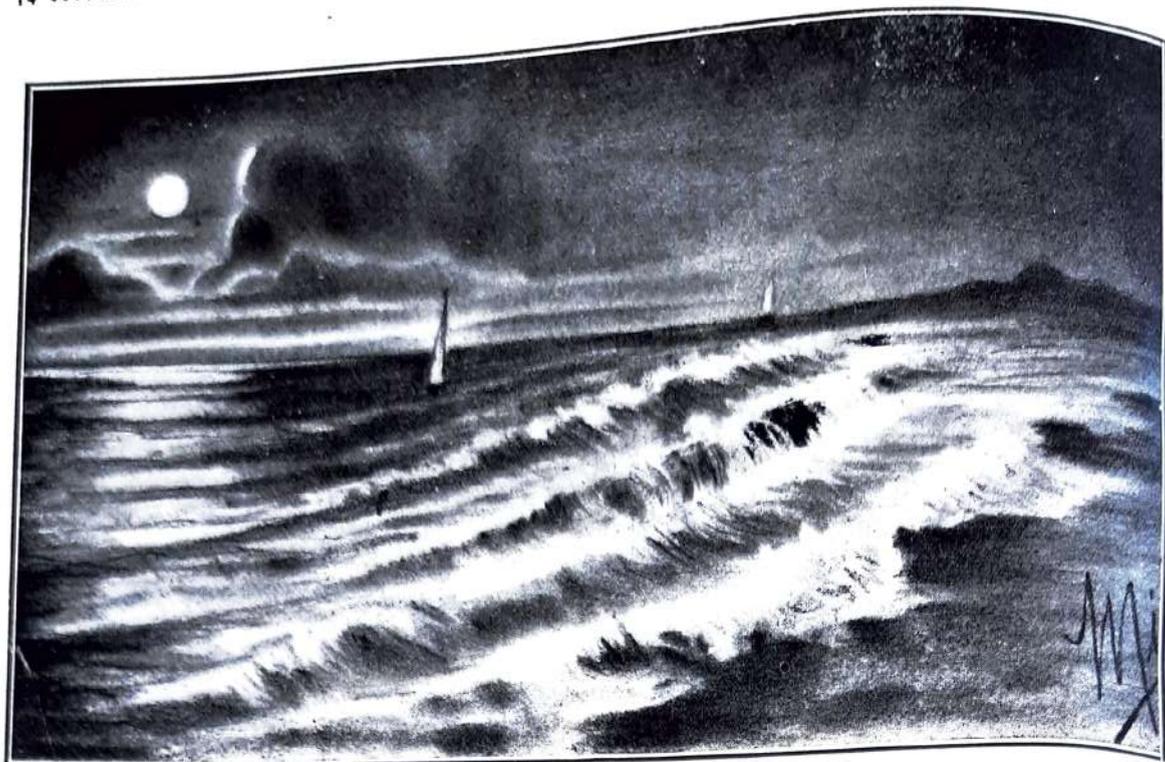
E a velhinha chorava... No outro dia
A canôa nas aguas que a levaram
Passou de igrapé em igrapé...
Os manaus quando a viram, murmuraram:
— Lá vae Jaguarary pescar tucumaré!

Mas, de subito, euchendo a tarde immensa
Um grito abriu-se na alma do infinito,
De quebrada em quebrada a se perder...
As mulheres choravam nesse grito:
Corre, gente, vem vêr! Corre, gente, vem vêr:

Dois corpos enlaçados num só corpo,
Ao bramido monotono e tremendo
Da cachoeira em diabolico escarcéo,
Iam de manso desaparecendo
No fundo da agua que reflecte o céu...

Hoje, as aguas que passam dia e noite,
Ora em furia selvagem que espadana,
Ora gorgolejando aqui e ali,
Quando cae uma flôr da mamorana
Cantam de magua por Jaguarary...

Oregario Luciano



FRAGMENTO

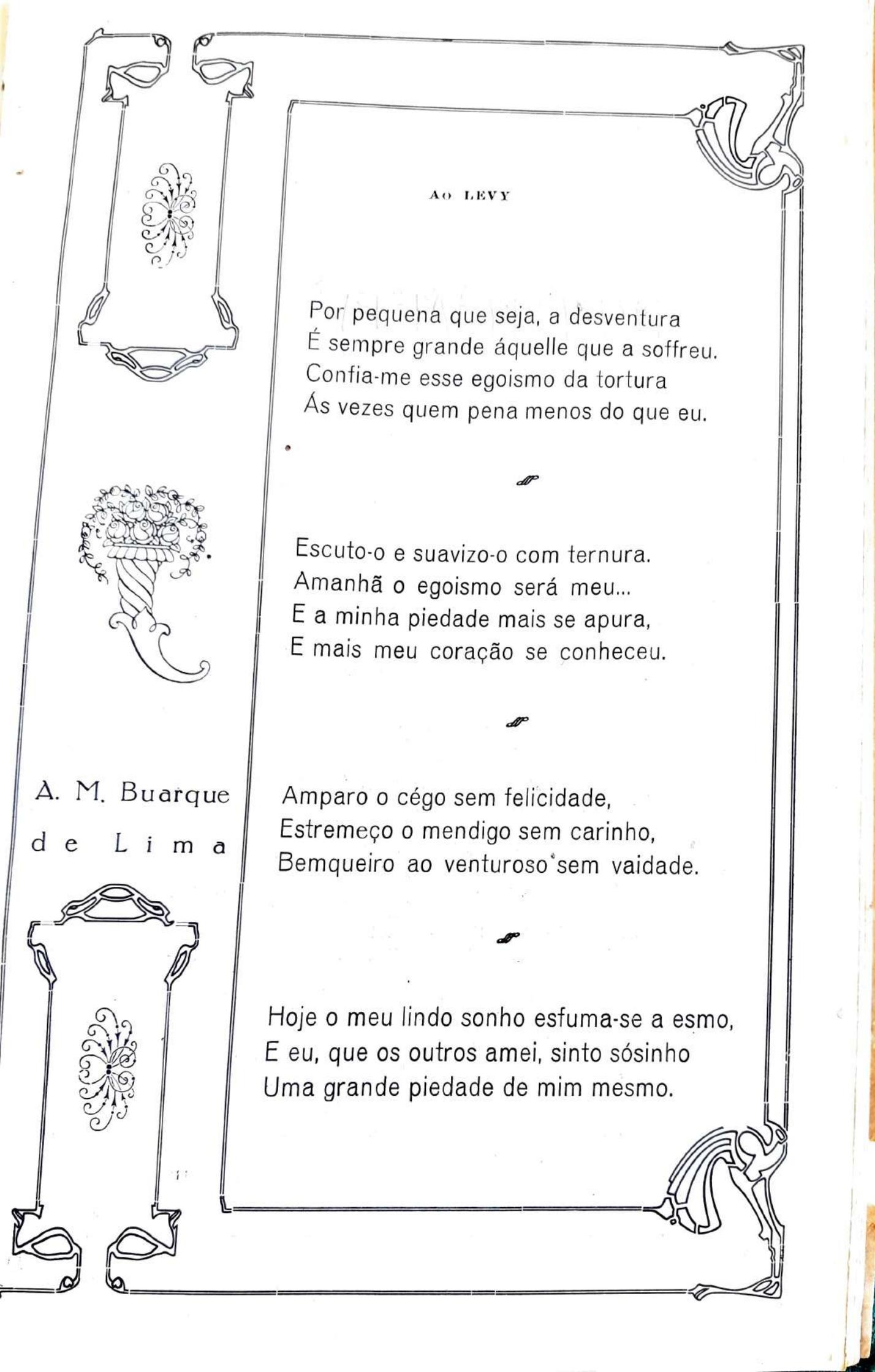
Para o album da Zuila.

.....

Olhei para o mar: o luar escorria, filtrando-se pelas nuvens, que algoavam o céu com as florações brancas e caprichosas dos seus flócos. Falúas errantes listavam a transparência da noite com a pincelada das vélas enfunadas. A's vezes, juntas, aos pares, reproduziam no pannejar o fremito de desespero duma gaivota gigantesca, que quisesse sobreviver na elegancia da plumagem. Mas quase sempre velejavam dispersas, em adejos isolados, emplumando as ondas e

..... accordando a noite com o estalo das vergas e o assobio dos cabos. Baques surdos succediam-se a pequenos intervallos: eram peixes vagabundos numa bohemia de saltos. No fundeadouro, as bellonaves levantavam para o céu o cruzeiro dos mastros illuminados. Mais ao longe, tres estrellas estiravam-se sobre a espumarada, que a viração delia. Quis fixar a impressão daquelle momento; só escrevi a primeira palavra: Saudade. Voltei a olhar as tres estrellas: como a continuação da minha frásé, boiava ainda aquella reticencia de espumas e reflexos.

A. M. BUARQUE DE LIMA



AO LEVY

Por pequena que seja, a desventura
É sempre grande áquelle que a soffreu.
Confia-me esse egoismo da tortura
Ás vezes quem pena menos do que eu.

Escuto-o e suavizo-o com ternura.
Amanhã o egoismo será meu...
E a minha piedade mais se apura,
E mais meu coração se conheceu.

Amparo o cégo sem felicidade,
Estremeço o mendigo sem carinho,
Bemqueiro ao venturoso sem vaidade.

Hoje o meu lindo sonho esfuma-se a esmo,
E eu, que os outros amei, sinto sósinho
Uma grande piedade de mim mesmo.

A. M. Buarque
de Lima

DE PAU

QUANTA CHIMERA SOBRE NÓS ESVOAÇA!
E QUANTA COISA EXISTE QUE CAPTIVA
A BORDO DE UM NAVIO! COMO É VIVA
A SÉRIE DE ILLUSÕES POR QUE SE PASSA.

HA PROGRESSOS: HA POLVORA SEM FUMAÇA;
HA TORRES E HA PROJECTIS DE OJIVA;
QUANDO NAVEGA, A NOSSA NAU E' ALTIVA
ATTESTANDO A ALTIVEZ DA NOSSA RAÇA.

HA VANTAGENS; E, EM TERRAS DE OUTROS POVOS,
HA BANQUETES E BRINDES (BONS OU PARVOS)
PRAZERES SEM RIVAL, DELIRIOS NOVOS.

OFFERECEM-NOS RÉCITA NO THEATRO!
MAS, COLLEGAS, É DURO CONFESSAR-VOS:
EXISTE O PÁU DE MEIA NOITE ÀS QUATRO.

TENENTE.

ENJOADO

PASSOU ELLE DE NAU: VEM ANCHO, TRIUMPHANTE,
«DISPOSTO A TRABALHAR AQUI NESTE NAVIO»—
TRAZ AS CARTAS DA COSTA, OS LIVROS, O SEXTANTE
E O GRANDE CAPOTÃO P'RA QUANDO FIZER FRIO;

TRAZ UM OCULO DE ALCANCE, UM MORINGÃO VASIO;
CIGARROS DO GOULART EM NUMERO ABUNDANTE;
«E DÊS QUE SUSPENDER» (DIZ ELLE) AQUI DO RIO
AS MARCAÇÕES FAREI E O PONTO A CADA INSTANTE.»

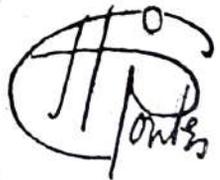
EIS SUSPENDE O NAVIO; E O NOSSO D. QUIXOTE
DESANIMA, DE VEZ, E VAE PRO CAMAROTE
COMO ALMA QUE VAE PURGAR NO PURGATORIO.

QUANDO CHEGA O NAVIO (E DISTANTE !)
ELLE É O PRIMEIRO A DAR AO COMMANDANTE
UMA IMMENSÁ DERROTA E UM BELLO RELATORIO.

TENENTE.

PERFIS



do Pinto

10-926

Commandante Gill (Missão Americana)

Parece-me ouvir cantar
Uma canção de alegria
Em cada onda do mar!

Anna Amelia

Mez de Dezembro! Não ha outro igual!
E' o mez das festas... o mez do Natal!

E' o mez das lendas abençoadas, que trouxeram nossas infancias encantadas.

E' o mez das ferias, mez da liberdade, pelo qual suspira toda a mocidade.

A natureza, tem um aspecto radiante, os dias longos, o céu azul, o sol brilhante.

Até o vento, aqui na Escola que faz um barulho infernal, tem nestes dias um som tão diferente, que parece um hymno triumphal.

E os pardaes nos arvoredos com seu cantar barulhento impicante, parece que cantam suave diferente, a alegria a liberdade do Aspirante.

Mez de Dezembro!!! Tudo é alegria e animação; todos anelam ver-se livres da prisão!!

Os do 4.º anno estão alegres a contar, as horas que como aspirantes vão passar.

Que prazer, estão as aulas encerradas! Acabou-se para o 4.º anno as sabatinas e massadas.

Não terão mais matutinas, nem a amolação, de aturar o **Chapolata** e... o **Conceição**.

E' uma mudança, radical e importante, que se dá, na vida do 4.º annista Aspirante.

Livres! Homens independentes vão se governar, e a vida de officiaes iniciar.

Vão poder dormir em suas casas, tranquillos socegados, sem ser pelo toque da Alvorada perturbados.

Livres!! ganhar dinheiro, poder andar, sem a corneta estar sempre a chamar!!

Não se pôde avaliar o prazer da primeira promoção, e a alegria e importancia que dá este galão.

Na vida militar não terão igual prazer, nem mesmo quando as **estrellas** de Almirante venham a ter.

E' a promoção que traz a liberdade, bem almejada pela mocidade.

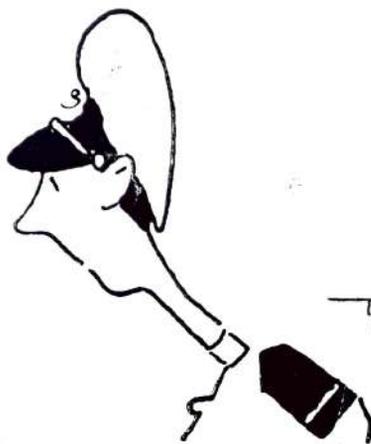
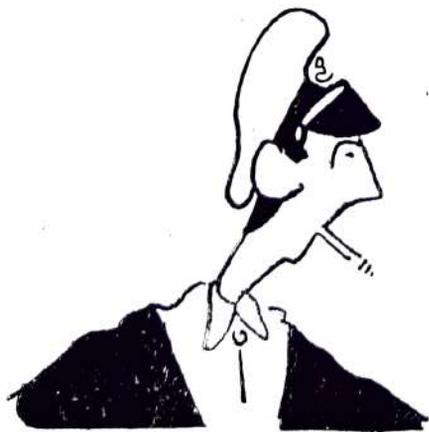
Veremos breve 31 Guarda Marinhas, garbosos e elegantes, seus galõesinhos ostentando radiantes.

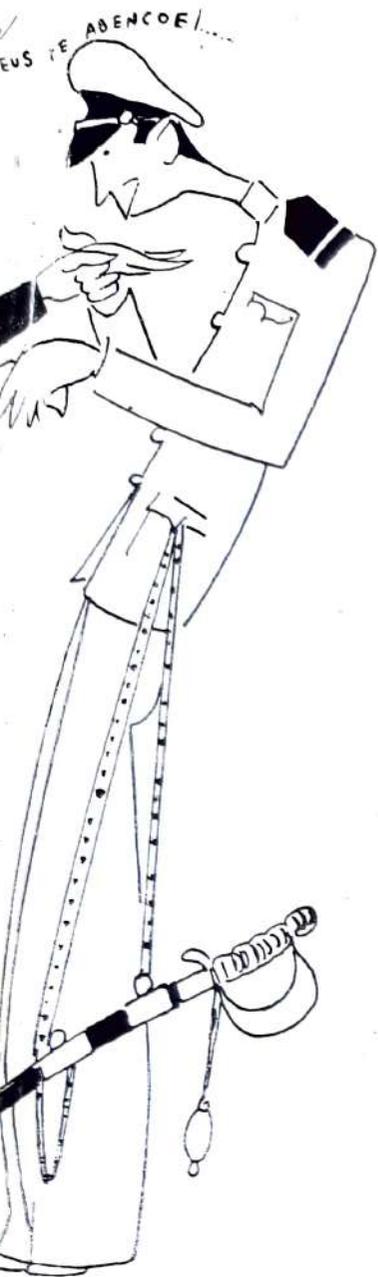
Rapazes todos destemidos, inteligentes, que com a profissão que abraçaram estão contentes.

E os vendo podemos affirmar: — que esta turma a marinha vai honrar.



Alegres estão reunidos
da de Aspirantes já se
Fallam das madias
da uma mais gentil e





discutindo, e da vi-
pedindo.
lindas graciosas, ca-
s formosa.

Tiveram gosto os rapazes em escolher, ma-
drinhas mais lindas não podiam ter!

E alguém diz: o Djalma teve gosto, es-
colheu bem, e caladinho nada disse a ninguém.
E o Djalma que passa altivo perfillado, sorri
e ouve calado.

A ideia das madrinhas é cheia de encanto,
e não querer ter madrinha, causa espanto.

E' uma cerimonia que parece medievall,
com tanta graça e poesia não ha igual!

Pois quem é **que não quer**, ter as plati-
nas mudadas por **uma mulher?**

A mulher — Anjo da Guarda, nossa mor-
ral providencia, que em si reúne tres nomes
que são do amor pura essencia.

A mulher, idealizada no typo da Virgem
Mãe, é a afeçria da terra, a iniciadora do bem.

A mulher que meigamente as nossas dores
acalma, quando a borrasca da vida nos faz
vacillar a alma.

E assim convencidos cada um elogia a
madrinha, dizendo entusiasmados: «a mais lin-
da é a minha».

Conversam todos animados, fazendo pro-
jectos de futuro, uns simples, outros com-
plicados.

O Meira diz: que vae descansar de tanto
x, tanta **artilharia**, e que **enfim** vai ter tempo
para o **flirt**, para a dança e alegria!

E que em lugar da **trajectoria do movimento**
dos projectis no vacuo calcular, é melhor...
sent'r — os **efeitos dos raios** de um olhar...

O Moss conversa com o Ferraz sobre a
proxima liberdade, e conta as horas que faltam
com anciedade. Mas typo perfeito do rapaz
galante, encantador, o Moss esperto não se vai
deixar prender nas teias do amor.

E ao Ferraz está elle a explicar, como
alegre o tempo vai passar.

— Diz elle: não se deve ter um **flirt** so-
mente, pois um **flirt** só — complica a gente.

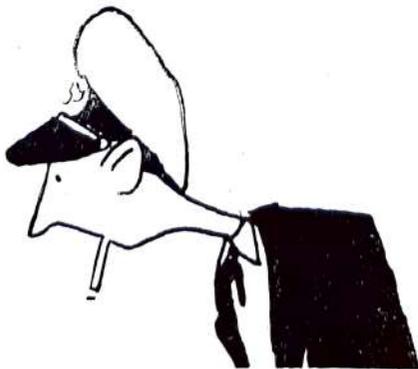
Sahindo o Moss da Escola, os que ficam
— **nunca mais** — comerão bem, pois ran-
cheiro como elle, **não ha ningem**

O Mattos communica que já alugou um
bungalow, a que com graça deu o nome de
chateau!!! E elle como sempre ordeiro ar-
rumado, já tem o serviço do **chateau** orga-
nizado. E uma empregada de **confiança** procurou,
e está contente porque sempre encontrou...

E o **bungalow** branquinho, no meto do ar-
voredo se ocultando, como que ao **descanso**,
está mesmo convidando.

E o Mattos ao Amaral já convidou para
visitar o seu **chateau!!!**

Mas... o Amaral diz que primeiro vai
agir, e entre o **Sul** e **Villa** decidir...



Como as iante, o Amaral teve sempre coação, e perturbou o sossego de mais de um coração.

Como Guarda Marinha vai ser um horror!!!... pois elle tem labia para fallar de amor...

Mas... não ha perigo de se a narrar, pois elle é safo — sabe se livrar.

Enquanto os outros estão animados conversando, o Ferraz o «*Home sweet home*» vai cantando.

O Ferraz está alegre e tem razão... quatro annos de Escola, e de prisão!!!

Elle só pensa na paz tranquilla do seu Lar, em sua casinha em Copacabana juncto ao mar.

Tambem... desde Novembro está a se preparar, e tudo o que vê chic, elegante quer comprar.

E nas compras só tinha uma preocupação Tudo a Prínci e de Galles — Vai chamar a attenção.

O Belact que ouve o Toscano, diz com ar desanimado: «Não penso nestas cousas, sinto-me velho e cansado.

Como Guarda Marinha meu tempo todo vou dedicar, aos projectos que venham nossa vida melhorar».

Enquanto os outros fallam, o Sampaio está abstracto, está pensando, em *Alguem* flôr gracil e animada que leva sua vida encantando



N ssos correspondentes na Praia Vermelha, Drs. Gonçalves e Ignacio de Araujo.

E como quer ter os amigos com elle em Copacabana passeiando, para os banhos de mar já os está convidando.

Para o Ferraz é sempre motivo de alegria, ter em sua casa dos amigos a companhia.

O Fragoso descreve animado e contente, os projectos que acalenta em sua mente.

Diz elle: «Como Guarda Marinha só vou me preocupar de «*Ado'phe Menjou*» em tudo imitar. Uma viagem aos Estados Unidos vou fazer, e o pessoal de *Hollywood* conhecer. Mas, enquanto não posso para a America partir, já tenho um meio de me divertir. — As noites nos *Clubs* vou passar dançando; e no «*Charleston*» me aperfeiçoando».

O Heck pensa como seria feliz, se pudesse dar um passeio até *Paris*!!!... Não para ver *Montmartre*, nem os encantos da cidade luz; mas sim *Alguem* — que roubou-lhe o coração, e que de longe o atrahê e o seduz...

E o Heck saudoso leva a pensar... quanto tempo falta para se casar!»

O Toscano que chega de terra diz, que em compras tem andado;... e alegre communica: «meu enxoval todo está comprado»...

do Em *Alguem*, toda graça e formosura, a mais linda e perfeita creatura!

E os projectos que o Sampaio leva para o futuro a fazer; só tem um fim — *pode!-a merecer*

O Djalma, calmo como sempre ponderado, já tem seu plano de vida bem marcado. E aqui calado só está pensando, quando estiver num navio manobrando.

E o Djalma tem geito e voz para manobrar, que pena!... não ter um navio a vela para comandar!

Elle imagina as horas que vai passar, cheias de alegria, no *Flamengo*, no seu barquinho só; sem companhia...

Mas... é um perigo do mar a solidão; faz um mal immenso... ao coração.

E já pelo Djalma, vemos *Cupido* e *Marte* a lutar. Qual dos dois o conseguirá dominar????!

O *Guilhon* catharinense convencido e audaz; está vendo do que *Santa Catharina* é capaz. E aqui está elle a pensar, que a um dos *ministros patricios* vai se encostar. E o *Gui-*

lhon já tem a pretensão, de ser addido naval na — **Viação**

E como Santa Catharina está agora no poder, elle quer ver se — **deputado** vem a ser...

E eu penso que elle tem razão... devemos aproveitar a occasião!!

O Apollinario está cansado de tanto trabalhar, para o futuro da **Galera** organizar. Durante dois annos foi a «Galera» sua preocupação, **quasi**... que lhe tomava o coração!

Porém... outro poder mais forte appareceu, que a influencia da **Galera** absorveu.

E agora elle anseia a liberdade, para poder fazer versos — tranquillo e a vontade.

E' poeta, e como poeta sabe amar e fazer versos aos effluvios de um olhar,

E quando os poetas estão apaixonados, é que os versos são melhores inspirados.

E assim... agora teremos o prazer do Apollinario os lindos versos ler.

O Levi, do Apollinario dedicado auxiliar, nestes assumptos não o quer imitar.

Ele não gosta de dansas, nem de divertimentos, só **para** a marinha vão seus pensamentos;

No futuro da Marinha — elle é crente, e nunca o desanimo lhe passou na mente.

E o Levi aos collegas só leva a dizer: sempre **crente** na marinha, aconteça o que acontecer.

E assim, agora está elle a desejar, ver-se — Guarda Marinha, a bordo a trabalhar.

O Menescal só tem na imaginação — o dia que chegar no Ceará, — já **de galão**

E as festas que com certeza vão fazer para o **Cearense ousado** receber.

Já mandou fazer um uniforme elegante, para o dia do seu desembarque triumphante.

E as moças que adoram a fardinha, não deixarão em paz, o guapo Guarda Marinha.

O successo que elle fará é certo, e muito coração deixará inquieto.

E o Menescal é atirado e ousado, em pouco tempo estará apaixonado.

Mas... as paixões do Menescal são como o furacão, — tão depressa vem — tão depressa vão.

O Angelo, o emulo do Raul; está pensando, que poderá passar os dias desenhando.

E as moças trazem o Angelo atormentado, todas querem ter um nome figurado.

E aqui na Escola está a maginhar, os nomes complicados que vae desenhlar.

As moças tem o Angelo em **cotação**, mas... por enquanto parece ter livre o coração.

Porém — Guarda Marinha, e artista, do bello apreciador, — cedo estará enrascado nas fêras garras do amor.

O Lopes deixa a Escola com pezar —... do **Chapo'tata** vae se separar!!...

E para recobrar o animo e alegria, vai fazer uma viagem a Bahia.

E a chegada do Lopes na Bahia, será só festanças, haverá jantares, foguetes, muitas dansas.

O Lopes na Bahia, já está sendo esperado; Guarda Marinha bahiano, é muito apreciado.

Vae despertar das moças a attenção, a fardinha tem muita cotação!!....

Mas... o Lopes não flirta é indifferente, em negocios de amor é um descrente.

Desde que a **Paulina namorou**, nunca mais outro flirt arranjou...

Mas... não sei... na Bahia ha tantas santas milagrosas... e as bahianas são feiticeiras gentis e bem formosas!!

Talvez, que o Lopes fique **enfeitado**, e volte de lá... apaixonado.

O Radmaker diz: «que como Guarda Marinha, vae **todos os Cinemas** frequentar; e assim todas as **fitas comicas** poder socegado apreciar».

Mas... as vezes quem sabe? pode ser... que não sejam as **fitas comicas** que elle vae ver...

Com certeza esta **mania** occulta algum segredo, e de ser descoberto, elle tem medo.

Talvez... que nos Cinemas se vá encontrar com alguem... e com a **mania** das fitas comicas, disfarça bem...

O Bardy declara que em casa vae ficar: tranquillo apreciando as doçuras do Lar.

Elle diz que não tem flirts nem amor, mas isto é um dito enganador. As naturezas calmas socegadas, ás vezes... são as mais apaixonadas.

E lá em Ipanema como elle sabe nadar, **auxilia**.. as meninas no banho de mar.

Tem pois **muito** com que se **divertir**,.. sem de Copacabana **precisar** sahir.

E assim, as brisas marinhas e a liberdade, vão pôr o coração do Bardy — em actividade.

O Humberto está radiante, contando os dias de **solteiro**, e de Aspirante.

Diz elle: «Assim que receber o meu galão, vou de uma vez acorrentar o coração»!

Resolveu quanto antes se casar, nem pela **Argolla** quer esperar.

E o Armando que **sempre vive atrazado**, para casar andou logo **adiantado**. Está com o primo alegre conversando, e os papeis do casamento estão tratando!!...

Corajosos!!! Afrontam calmos os encargos que a vida de casado tem... o **aluguel da casa**.. a **lavadeira**.. o **Armazem** ;!!

Ouvindo-os fallar do casamento, alegres entusiasmados; vejo que na nossa turma ha muitos apaixonados.

Parece que o **microbio do amor**, veio esta turma atacar, e por isto é que tem tantos, que só fallam em casar.

Nem ligaram aos conselhos que **Alguem** levava lhes dando, e sem olhar **empencilhos** dizem —: «**Tenente, estamos casando**».

Como o Humberto e o Armando, alguns tem o pensamento de — «muito antes de **Tenentes** — realisar o casamento!!...

Mas... não ha meio de evitar... quando **alguem** teima em se afogar!!!

O João Costa está aqui contente feliz imaginando, quando estiver com as **calças largas** na Avenida passejando.

E o Costinha foi de uma exageração!!! que as **calças delle** vão chamar attenção.

O Atahualpa pensa com alegria, que vae emfim tratar-se da **neurasthenia**.

Mas... neurasthenia em rapaz é synonymo de **paixão**; elle deve tratar-se, mas é... do coração!

O Sá diz que como Guarda Marinha vae se especialisar, e no estudo dos **combustiveis** se aperfeçoar.

Já declarou que passará os dias **combustiveis** estudando, porém que... convite para **jantar** vae aceitando.

O Brasil calmo e moderado, já tem seu futuro arranjado. Vai o casamento **logo contractar**, e o mais depressa possivel se casar.

E como elle é muito serio e reflectido, com certeza dará um bom marido.

Aqui na Escola, no **Jockey Club** só leva fallando, e como feliz vai passar o tempo o frequentando.

E a primeira cousa que elle vai fazer, — é como socio do **Jockey Club** se inscrever!

Chega o Milliet, alegre e apressado, vem com os collegas jantar, 4.º annista honorario elle quer, da alegria dos amigos partilhar.

O Ferraz diz: «O Milliet tem que uma espada receber, e Guarda Marinha honorario deve ser».

E todos alegres ficam a combinar, como uma espada de pau vão arranjar.

O Milliet acha graça na folia, e concorda satisfeito e com alegria. Mas... elle não se esquece dos negócios, e presto logo vai dizendo: «Guarda-Marinha não se esqueçam, que — **Terrenos esto a vendendo**»!!!

O Saldanha e o Guaraná, o **duo raro**, que não pôde imaginar sequer, o encanto, a graça feiticeira que tem um sorriso de mulher.

Estão como sempre conversando, e planos para o futuro organisando.

O Saldanha communica, que Guarda Marinha, vai viver **onde cara de mulher não possa ver**.. A bordo todo o tempo vai ficar, só vindo aos domingos a familia visitar.

Cada vez o Saldanha tem mais horror, pelas palavras moças, flirt, amor!

E é pena porque elle é um **turco** elegante, tem um olhar que atrahe, e um sorriso insinuante!

O Guaraná que com o Saldanha vai concordando, certo, de modo differente está pensando. Neste assumpto, — não gostar de mo-

ças elle é **fingido**, eu não creio que elle seja convencido.

O Guaraná foge das moças é verdade, e não gosta da sociedade... Mas... gosta de **estrellas theatraes**, genero **ba-ta-clan**, e outros iguaes...

E bem que elle dança animado, nos Clubs, quando não é observado!

O Novaes e Mario Lima, na viagem a França, só levam a fallar; e nos dias de pangedas e folia, que em Paris brevemente vão passar.

Os projectos que elles fazem — assombrosos, e os passeios que vão dar — maravilhosos —

Diz o Novaes: «Vou logo ao **Rat Mort** e ao **Chat Noir**, onde as noites alegres irei passar».

E o Mario Lima diz: «Todos os **cabarets de Montmartre** visitaremos, e até a **dansa dos Apaches** dansaremos»!.

Naturalmente se divertirão bem, mas... voltarão de lá sem um vintem.

Felizmente... e como precaução... a passagem de volta levarão.

Todos estão tão alegres, nem sentem passar o tempo, só a proxima promoção occupalhes o pensamento.

O que era triste, hoje é alegre; tudo é luz e alegria, até o marulho das aguas, tem uma doce harmonia.

Adeus, Escola!!! Nossa vida de Aspirantes vae breve acabar-se, e os que viveram quatro annos junctos, daqui ha dias vão se-parar-se.

Voltam as vagas docemente, no paredão a bater, e parece até dizerem: — «Liberdade ides

Deter Dan

Scena de escola

(Para mais informações com o Cie. Eleazar Tavares) —

^{1 2 3 4 5 6 7 8}
Primeiro estudo. Ninguem fala.
Silencio augusto e timorato.
Subito um grito a um canto estala:
— «Eta negra! alerta o rato!...»

Leve um zum-zum aos poucos cresce.
E o rato, victima innocente,
Fazendo o «footing» espairose,
Philosophando calmamente...

^{1 2 3 4 5 6 7 8}
Um mais ousado se levanta
Pé ante pé; outro em seguida...
O camondongo záz! se espanta
E põe-se em fuga a toda brida.

Vão-lhe no encaço. Embarafusta
Pelo salão do primeiro anno.
A calourada então se assusta
E arma-se um frege diluviano.

Tombam carteiras; rompem gritos;
Protestos, soccos, discussão...
Tinteiros viram aerolithos.
«Voam» botinas pelo chão...

^{1 2 3 4 5 6 7 8}
Chega o immediato esbaforido:
— Que é isto?! — brada. O «livro» é um facto:
Para o estridor; cessa o ruido.
Põe-se a inquirir o immediato:

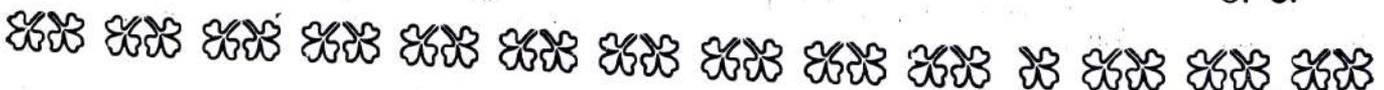
— «Que houve? O senhor, que está me olhando,
Vá me explicando este escarcéo.
E muito tento, senão mando
A turma toda p'r'o bailéo!...

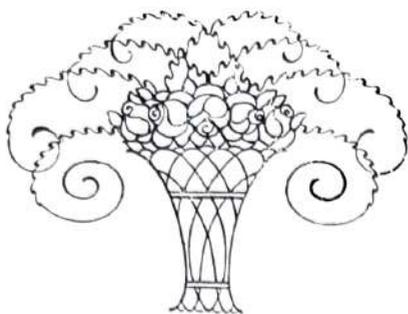
— «Como o senhor sabe por certo»,
— O outro responde calmamente —
«O rato é um bicho, e um bicho esperto,
Daminho, sujo e repelente...»

— «Guarde p'ra uma outra occasião
Este seu modo galhofeiro!
Sem mais rodeio, eis a questão!
Quem foi que entrou aqui primeiro?»

^{1 2 3 4 5 6 7 8}
— «Quem foi que entrou primeiro aqui?
Eis o busilis, immediato!...
Creio que foi... espere!... eu vi...
Ah! sim! é mesmo!... foi o rato!»

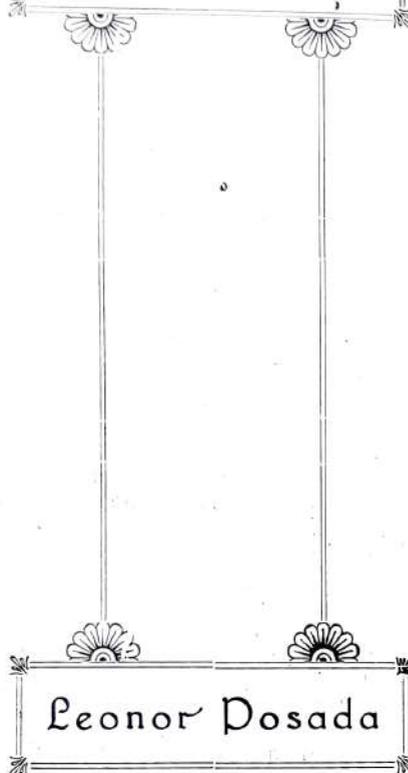
O. C.



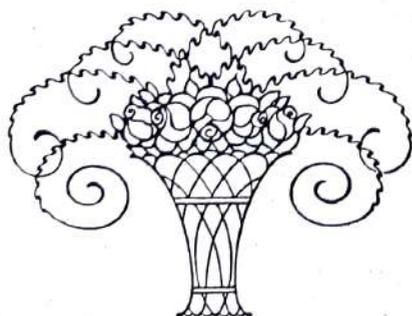


Neptunia

Para "A Galera"



Leonor Dosada



Chorei as minhas maguas
a beira-mar ;
e o mar,
espreguiçando-se veio as verdes aguas
para ver-me chorar.

Cantei minha alegria
a beira-mar ;
e o mar,
em ondas, crespo, arrepelado, ria
ao ouvir-me cantar.

E assim deixei nas aguas
espelhantes do mar,
a tristeza sem fim das minhas maguas,
a alegria sem par do meu cantar.

Quando ás vezes o mar triste se embuça
ennevoadado na areia,
é minha alma saudosa, que soluça
é meu sonho que anseia !
E' saudade longinqua de um desejo
em prantos desmanchada,
é a lembrança feliz de um louco beijo
que foi calor... arroubô e agora é nada.

Chorei as minhas maguas
á beira-mar ;
e o mar,
espreguiçando veio as verdes aguas
para ver-me chorar.

Mas quando o mar encurva o dorso undoso
em cachões e novellos ;
quando estridúla altissimo, ruidoso,
e effervescente pelos
rochedos nús cercado-os de alvas plumas,
é a minha Alegria que pompeia
subindo aos céos, a desdenhar na areia,
vibrando no ar salsos leques de espumas...

E' a minha ventura
que se transforma em força e magestade
e não cabendo dentro da creatura
busca o Creador vencendo a Immensidade !

Sou eu quem vence o mar !
Eu, quem doce lhe ensina
cantigas de quando era pequenina
e podia cantar...

Sou eu quem lhe insinúa o orgulho e a calma
dando-lhe como espelho o espelho dalma,
dando como modelo o coração !
Chora o mar ?... E' de mim que vem seu pranto...
Tens ansias de subir?... Abre-se em verde canto ?
A mim deve a alegria,
a agitação febril que o desvaria
e lhe dá sempre uma nova emoção.

Cantei minha alegria
a beira-mar ;
e o mar
em ondas, crespo, arrepelado, ria
ao ouvir-me cantar.

E assim deixei nas aguas
espelhantes do mar :
o orgulho sem igual das minhas maguas...
— a alegria sem fim do meu cantar.

DISCURSO

PRONUNCIADO PELO CAPITÃO DE CORVETA ANTONIO BARDY POR OCCASIÃO
DE FESTEJAR A TURMA DE ASPIRANTES DE 1897 SEU
VIGESIMO QUINTO ANNO DE SERVIÇO



Castigat ridendo mores!

Eis, queridos collegas, a divisa que Santeul, poeta latino, imaginou para a comedia, e mandou de presente ao arlequim Dominico, para que elle a inscrevesse no panno de bocca do seu theatro, como um conceito moralizador.

Ella (Santeul refere-se á Comedia) «ella corrige os costumes com o riso». — E' a expressão dessa legenda em portuguez.

Perdoem-me, collegas, o ter eu traduzido o conceito de Santeul. Não o fiz por ostentação; fil-o, sómente, por estar capacitado de que os sogras, os faladores desta turma não se dão muito bem com as linguas mortas.

Justificam-me vocês a traducção? E' porque emprego eu a divisa do poeta? Emprego-a, não porque o recordarmos a nossa juventude, com toda a *via lactea* das meninas e rapaziadas que a illuminaram, e de que tão pouco nos arrependemos, possa agora, já tão tarde, actuar sobre a nossa vida terrena como se fôra um *Salvarsan* retroactivo; mas, porque, segundo a crença de alguns (e crença não se discute) é possível que, ao desertarmos este languido planeta, no cumprimento do nosso fadario de transatlanticos do ether, tenhamos que recommear, em outro planeta, melhorados com a experiencia cá da Terra, uma nova carreira militar.

Motivos compulsorios de doutrina fazem-me concluir que passaremos, primeiro, para um planeta no qual se esteja cogitando, com afincado, a exemplo do que se passa neste orbe, do rejuvenescimento dos quadros da Marinha — pois só assim poderá justificar-se o termos que constituir, com as nossas quarenta e tantas primaveras, uma turma de jovens Aspirantes...

E emquanto, aqui na Terra, que é a Mãe fecunda dos pensadores e dos philosophos, se vae, commeticulosidade, cogitando desse rejuvenescimento, nós, os rejuvenescidos, continuamos a marcar passo no mesmo terreno, porquanto «marcar passo» é considerado pelos philosophos das coisas militares como sendo a parte meditativa das marchas: corresponde, no dominio da associação perfeita das idéas, ao espetar o dedo no nariz, do ineffavel Pacheco.

Mas, qual será o planeta para que iremos? Quizera Marte. E por dois motivos: Primeiro, porque, sendo Marte o planeta eminentemente militar, para elle levaremos a esperança de algum dia reformarmos a Ordenança Geral para o Serviço da Armada — esta mumia que a sabedoria juridica de Galdino Duarte denominou legislação adjectiva — e o Codigo de Justiça Militar — este Processual almofadinha, que descobriu que, nos criminosos, não se dá nem com uma flôr...

Segundo, porque é de todos sabido que esse planeta de ha muito nos vem fazendo uns signaes que ninguem entende, e que, por isso mesmo, são os que melhor convêm ao entendimento das esquadras.

Muito teremos que fazer, no outro planeta, carissimos collegas, afim de conseguirmos re-vindicar, em proporção conveniente, toda a importância e antiguidade que houvermos desfructado cá em baixo.

De facto, a respeito de importancia, têm-na aqui, em maior escala — como o nome do nosso planeta logo indica — os que mais commissões contam de terra; ao passo que, em Marte, bastará que se cumpra o que diz a sua primeira syllaba para que nada mais nós possamos fazer do que embarcar.

Quanto á antiguidade a que ha pouco me referi, certamente, não se passará, lá em cima, o que se verifica entre os de cá.

Emquanto, aqui, na Marinha da Terra, se costuma, abuzando-se de uma alchimia inteiramente especulativa, transformar intervallo de tempo em serviço, serviço em quota e quota em dinheiro (operações estas que fazem inveja aos Exmos. Srs. Ministros da Fazenda os quaes, até hoje, só têm transformado ouro em papel e papel em cinza intangivel) emquanto isto aqui se passa, repito, não sei se, na outra vida, nos contarão para a reforma, esse tempo, que, de coração, tanto prezamos — o Curso Previo — os tempos heroicos da nossa carreira Militar.

Considerando que, para as reuniões deste caracter, não se traz a razão intransigente, mas, ao contrario, collegas, um sentimento fraternal de paz e de concordia, esqueçamos (provisoriamente ou para sempre, como quizermos) os resentimentos que, por acaso, possa haver entre nós; e considerando, outrossim, que não somos aqui todos eguaes, por isso que, dentre os presentes, alguns ha que já se encontram nos suburbios do generalato, resolvamos que a disciplina refresque, por momentos, o apparelho, alliviando-se, tanto quanto possível, dos estais, enques e costaneiras que a consolidam e, dest'arte, lhe dão o necessario aprumo.

Reatando, carissimos collegas, devo dizer-lhes que, embora não nos devamos arrepender das façanhas que tanto nos celebrizaram nesta vida, não poderemos reproduzir, em outra parte, estas mesmas façanhas, porque, como «as almas se movem no ether com uma velocidade incrível» (Suidas) tudo aquillo que, aqui na Terra, o Riso não nos arrancou com a sua cortante raspa moralizadora, se desprende de nós

durante os cruzeiros interplanetários, como as estrás se soltam dos costados.

As almas são como os navios: basta que se immobilizem, durante muito tempo, aqui na Terra (que é o ancoradouro de S. Bento das almas) para que, a despeito de todos os cuidados, se povôem de mexilhões e mariscos erosivos, que outra coisa não são que os preconceitos e as peculiaridades inherentes a cada um de nós; mas, se se movem de continuo, se transmigram de astro para astro, cada vez mais se purificam e se alimpam de mexilhões, mariscos e sururus.

Assim, amadíssimos collegas de turma, quando o destino agremiar, na Escola Naval de Marte, representantes de São Paulo, Pernambuco, Alagoás, Rio Grande do Sul, Santa Catharina e queijandas de Minas, enfim, toda aquella fecunda sementeira que foi o Curso Previo de 1897, então **Never more!** como arengava o corvo de Edgard Põe!

Nunca mais! nunca mais! Nunca mais o Aspirante Campos Lomba convidará o seu collega Vieira Torres «para o banho de mar porque a agua está supimpa»;

Nunca mais o Boiteux, transformando moedas em moedinhas, nos virá alterar, tão fundamentalmente, o systema monetario brasileiro;

Nunca mais o Goulart de Andrade — o primeiro que, neste mundo, se utilizou da «camouflage» como meio de defesa — nunca mais o Goulart de Andrade se livrará da ferocidade hunesca dos veteranos, dizendo-lhes nada mais ser do que «uma pequena criaturinha que veio lutar pela vida»;

Nunca mais o Edmundo Pereira — um dos Capitães de Mar e Guerra desta turma — quererá «arvorar» em meio da carreira, afim de não abrir mão da vantagem que já tem sobre nós;

Nunca mais o Thiers Fleming repetirá vagarosamente o seu nome Thi... er... s... Fle... m... g. com o fim de fatigar os veteranos, e assim conseguir que elles deixassem medrar, em socego, a semente do Salomão dos Limites Interestadaes, o qual devia mais tarde pronunciar o seu famoso lemma: «Todos os Estados devem ser iguaes, e Minas deve ser maior que todos», «Rule, Minas, rule on the mountaints!»

Nunca mais o Leopoldo Moreira lançará uma telha sobre o lente de desenho, pois agora já se sabe que eram outros os lentes que tinham aquella telha de menos;

Nunca mais o Zé Nunes abusará da logica de ferro, logica que sempre serviu aos homens como elemento de persuasão, e que, no caso do Zé Nunes, só serviu para persuadir o Barros Gonda de que elle — o Zé Nunes — devia ir para o bailéu;

Nunca mais o Orlando discutirá simultaneamente com o Junqueira, o Nobrega e o Nogueira, sobre assumptos diversos, como se fosse o Dr. Caldas Vianna a jogar, com pessoas differentes, tres partidas de xadrez ao mesmo tempo;

Nunca mais o Lemos Basto usufruirá, de sociedade com o humilde orador deste momento, uma escova de dentes e outros objectos que, por fazerem parte da palamenta dentaria de um mesmo individuo, não ha disposição de direito internacional que possa transformar em «res nullius»;

Nunca mais o Gomensoro revolucionará a classificação das vozes humanas, conhecida até

1897, procurando exhibir o rythmo su-generis da sua bella voz de «basso perfilatore»;

Nunca mais o Appio negará aos Guardães do Carlos Gomes o sagrado direito de apitar;

Nunca mais este que agora dirige a vocês estas palavras evocativas, reeditará as suas insulsas palhaçadas, nem, tão pouco, inculcará aos calouros do futuro os inebriantes perfumes da sua diabolica invenção;

Nunca mais o Borba e Souza, como se fôra, então, um Nero a seu pezar, assistirá, de uma calçada da Rua Gonçalves Dias, ao incendio da Alfaiataria onde tinha guardado a sua sobrecasaca, para ir fazer «musica de camera» em casa de uma austera familia da Rua do Lavradio;

Nunca mais o Andrade Pinto, verberando a ineptia dos cometeiros, fará variações sobre os toques das faixas costumeiras, imprimindo-lhes, deste modo, um cunho wagneriano;

Nunca mais o Imenes consentirá em que os melindres da nossa virilidade passem os transees dolorosos que lhes infligiu «esse que se dice que es Yocotó Pequenho»;

Nunca mais o Benedicto Leal poderá confessar que transformava os carangueijos de Caxangá em submarinos que, impunemente, exerciam o curso contra as docciras ambulantes do Recife, e que elle «lasciava cadere ed ricadere sulla bandieja della dolceira, a goipi ripetuti», com o fim de lhes bater, desta maneira, os bolos e as cocadas.

Nunca mais, nunca mais!

Felizmente, queridos camaradas, de nada nos devemos penitenciar; nem os pequenos delictos lembrados no correr desta palestra, reunidos aos que escaparam á revista aqui passada, poderão, mesmo de leve, conspurcar o curriculum vitae que teremos de apresentar á censura marciana, porquanto já lhes informei a folião tantas que chegaremos ao porto de destino muito limpos das culpas desta terra.

Em todo o caso, boníssimos collegas, convem que não abusemos das possibilidades prophylacticas do riso e das migrações, afim de que não aconteça a nenhum de nós o que succedeu a um collega da Marinha (é claro que não é nenhum de nós) o qual já está d'ante mão condemnado a não ser admittido ao planeta prussiano, em razão das falsas qualidades militares que revelou aqui na Terra.

Eu lhes conto o que foi.

Esse camarada era noivo; e, no ajuntar as palhas para o ninho, quiz levar muito longe a previsão dos acontecimentos possiveis.

Por isso, a um amigo que partia no «Benjamin Constant», completamente equipadado de catalogos (os catalogos são as cartas em que, segundo preceitua Jomini, se concebe a estrategia das compras e das pechinchas. As mi lheres entram ahí como espiões) e a um collega — repito — que partia no «Benjamin Constant», fez o tal camarada a encomenda de tudo quanto lhe pareceu de uso indispensavel, inclusive um carrião para criança.

Ora, com encommeadar ao amigo esse carrião, o nosso collega revelou, apparentemente notavel previsão, mas incidiu, effectivamente forte erro de artilharia, pois mostrou que ignorava, por completo, a theoria das probabilidades balísticas.

O pobre collega teve contra si a época em que o facto se passou; porque hoje, depois que se exhibiu a fita dos exercicios da Esquadra, não ha mais passeante da Avenida que

ignore que uma coisa é enquadrar o alvo, outra coisa é acertar.

Como me sinto bem neste momento!

Como vocês se sentem bem agora!

Ha longos annos, venho acariciando, com delicia, o prazer de lhes dar esta optima noticia.

Subiremos a Marte, onde, em virtude da nossa idade avantajada, passaremos a ser os coevos de Xenophonte, Alexandre, Annibal, Napoleão, Von Moltke, etc., — nós, na qualidade especifica de Aspirantes daquella Escola Naval; e elles, na de Cadetes do Realengo lá de Marte.

Comprometto-me, desde já, carissimos collegas, a assignar, no minimo, dez espadas (la em Marte o dinheiro é offensivo: lá não existe, como aqui entre nós, o defensivo escudo) para reproduzir no outro planeta, aquella memoravel confraternização entre Cadetes e Aspirantes, a qual occorreu, aqui na Terra, em 1898.

Como sabem vocês, essas confraternizações se poderão reproduzir na outra vida, porquanto, longe de representarem os delictos e as faltas marca **mexilhão** a que acima me referi, antes se incorporam ao nosso activo moral, como acontecimentos, que foram, de elevado merito politico. — Ha-de ser estupenda essa confraternização, no caso em que, no outro planeta, a camaradagem seja, como neste, a base fundamental da disciplina militar.

Então, é Xenophonte p'ra lá, é Bardy p'ra cá; é Bonaparte p'ra lá, é Beltrão Pontes p'ra cá; é Von Moltke p'ra lá, é Miguel Lopes p'ra cá; é Barquinha (Annibal Barca) p'ra lá, é Ve-

dinho p'ra cá...; e, como «corpora non agunt nisi soluta», affectaremos ao nosso prestimoso Mestre e proecto estrategista Figueiredo Costa (que teremos a precaução de desactivar com uma mordaza) a tarefa de introduzir no bellico planeta vultuoso contrabando de um conhecido liquido que communica aos homens imprudentes a prudencia e a lucidez de espirito indispensaveis á cabal realização de suicidios, assassinatos e até mesmo confraternizações.

Afinal, amcissimos collegas, sinto que estou no espaço illimitado, para onde ha cerca de meia hora, me arrastou o meu engenho aereo, e para onde vocês não me seguiram, é claro, por prudencia. Não sei como acabar este discurso. Um orador honesto e coerente, quando quer terminar o seu discurso, usa a peroração á guisa de marcação do ponto de chegada.

Como não vim aqui para ser deshonesto ou incoherente, e uma vez que me acho nas alturas, terei que perorar, neste momento, como soem fazer os aviadores, isto é, cahindo redondamente; mas, em vez de me esborrachar pelas calçadas, prefiro despejar-me por sobre aquelles que, com evangelica paciencia, engolem, ha vinte e cinco annos, as minhas insossas bacalhoadas. Cahindo sobre vocês, evito a morte. Nada, porém, me livra do ridiculo, por isso que o riso, na phrase de Pompéa, é o resultado de um illogismo inesperado. E, se rirem de mim, da minha queda, não serei orador p'ro jubileu.

Decididamente, collegas, «Castigat ridendo mores»!

Confeitaria Paschoal

O tradicional e mais distinto
ponto de reunião carioca.

158 = Rua do Ouvidor = 160

RIO DE JANEIRO

DOZE DIAS NO RIO DA PRATA

IMPRESSÕES DE VIAGEM

II

Um passeio pela cidade

Ao dia seguinte, eu e mais dois companheiros, aproveitando as poucas horas de folga de que dispunhamos a bordo, saímos a visitar a cidade.

O automovel que nos conduzia, depois de correr ao longo de uma interminável fila de armazens e depositos, atravessou varias linhas rhas de ferro carril repletas de wagões, indo finalmente desembocar numa ampla e formosa praça — a praça de Mayo onde a soberba fachada de um palacio cõr de chocolate nos feriu logo a attenção.

O **chauffeur**, sem esquecer sua dupla função de cynesiphoro e cicerone, explicou logo com orgulho:

— **La Casa Rosada**, señores, el palcio del gobierno...

Ao centro da extensa praça erguia-se um obelisco branco, a **pyramide da Independencia**, symbolo da liberdade argentina; mas adeante, no outro extremo, da praça, despertou-nos a attenção a architectura olympica de um templo pagão — **A Cathedral** — e logo adeante, já no começo de uma avenida, elevava-se a alterosa cupola de outro edificio imponente, — a **Municipalidad**.

O nosso automovel entrou logo a deslizar no asphalto lúsidio da Avenida de Mayo, a maior e principal arteria de Buenos Ayres. Estende-se esta de um jacto da praça de Mayo aos elegantes boulevards de Entrerios e Calláo. Apezar da sua grande largura parece entretanto estreita e como que comprimida e asphyxiada sob o peso dos dois longos renques de edificios altissimos que a marginam. Ao centro, uma extensa fila de candelabros electricos estendia-se até á praça do Congresso; e dos lados, bordando os largos passeios marginaes, duas alinhadissimas fileiras de platanos lugubres erguiam na bruma cinzenta da tarde, como braços descarnados de um esqueleto humano, os seus desgraçosos ramos desfolhados. Duas ininterruptas filas de vehiculos, automoveis luxuosos, omnibos enormes, **tilburies** grotescos e **tranways** ruidosos subiam e desciam de ambos os lados da ampla arteria, lentamente, vagarosamente, aos arrancos, como o desfile apparatuso de um immenso cortejo triumphal.

De momento em momento estacava o nosso automovel; parava tambem, instantaneamente, aquelle tumultuoso formigueiro de carros e tranways. Era o transitito que paralyzara. Os guardas civis, imponentes e graves nos seus apparatusos uniformes de inverno, agitavam os bastões com rigido ademan militar, conscios e orgulhosos das suas funções. E de novo se punha em marcha a longa fileira de vehiculos, lentamente, vagarosamente, com novos arrancos e novas paradas intermittentes.

Aquella hora da tarde, a immensa arteria estava repleta de povo. De ambos os la-

dos, enchendo os largos passeios marginaes, numerosas correntes humanas desciam e subiam, entrechocando-se, repellindo-se, acotovelando-se, esbarrando nas esquinas com outras massas de povo que affluíam tumultuosamente das innumeras ruas transversaes.

Notava-se no andar apressado dos transeuntes a febre do movimento caracteristica das grandes cidades. Ninguém andava:

Todos corriam, com a consciencia exacta do valor inestimavel do tempo no borbórinho agitado de um grande centro de actividade e trabalho.

A' porta do jornal **La Prensa**, de onde pendia um enorme cartaz ao lado de um mappa do Brasil, estacionava uma grande multidão que bracejava, se comprimia e fazia esforços herculeos para ler as ultimas noticias sobre o raid dos aviadores argentinos. Mais adeante, á porta dos hoteis, sob o toldo dos cafés, sobre o passeio, onde se achavam espalhadas numerosas mesas e cadeiras, grupos de **miromes** obstruíam o transitito, gozando o movimento cosmopolita da tarde invernal...

Despertava a attenção o requintado luxo dos transeuntes.

Passavam apressadas, no seu passinho breve de corsa arisca, tímidas e sorridentes sob o olhar guloso dos homens, lindas **señoritas** de olhos grandes e ardentes, exhibindo com gracioso donaire os seus elegantes trajés de inverno.

A' porta dos cafés e das confeitarias, rapazes chics e desoccupados, rigidos como manequins dentro dos seus vistosos sobretudos de casimira cinzenta, ostentavam uma **pose** tranquilla e arrogante de homens ricos bem installados na vida. Alguns, de vez em quando, como que impulsionalmente por uma molla occulta, atiravam-se subitamente no meio da multidão rolante, desaparecendo logo ao embate da onda popular. Iam em persęuição de uma linda **chica** que passava...

O nosso automovel percorreu finalmente a ultima quadra da Avenida do Mayo e entrou na Praça do Congresso. No extremo desta, sobraceira á Avenida, dominando-a com a imponente magestade da sua architectura soberba, erguia-se a fachada, reluzente do palacio legislativo com a sua altissima cupola de crystal e de oiro faiscando sob os ultimos clarões ensanguentados de um sol poente de inverno. E ao centro da praça, dentro de um fresco grammado circular, um gigantesco monumento de bronze sujo e oxydado pelo tempo — **O Pensador** de Rodin — parecia sonhar no seu eterno somno de bronze, com o seu formidavel tronco de athleta inclinado sobre os braços, a pesada cabeça apoiada entre as mãos, a fronte severa duramente vincada em duas rugas de agonía: — imagem grandiosa e perfeita da Meditação dolorosa...

O nosso automovel, depois de contornar a praça, enveredou por uma extensa rua, larga e lusida.

— La calle Calláo, señores, — gritou o chauffeur.

Os mesmos edificios altos e imponentes, os mesmos renques de platanos desfolhados bordando os passeios marginaes, o mesmo tumultuoso formigueiro humano, o mesmo congestionamento de carros e vehiculos da Avenida de Mayo. Impossivel quasi o transito nesta outra formidavel arteria de commercio e de luxo. Retrocedemos.

Descemos novamente a Avenida de Mayo. Na esquina da Calle Florida, o movimento da Avenida attingia o auge. Apeamo-nos. E rompendo atravez da densa massa popular, com repellões e esbarros á direita e á esquerda, fomos seguindo vagarosamente pela estreita rua congestionada de povo. Nenhum vehiculo a atravessava naquelle momento. Soubemos depois que a Prefeitura prohibia o transito de carros por alli a partir de uma certa hora da tarde. Desta hora em diante, começava propriamente o *foot'ng* das familias.

Tudo ali se assemelhava á nossa rua do Ouvidor. A impressão era identica. Os mes-

mos mosaicos lusidios dos passeios, as mesmas joalherias, os mesmos armazens de modas, as mesmas casas de musica, o mesmo ruido doce e suave do desfilar encantador de milhares de mulheres bonitas. Porém tudo em escala maior, com mais luxo, com mais movimento, com mais vida, com maior dose de cosmopolitanismo.

De ambos os lados, armazens altissimos de muitos andares assoberbavam a rua estressissima com os suas pesadas fachadas de varios estylos.

Grupos de respeitaveis matronas e adoráveis *señoritas* estacionavam sobre os passeios, deante das vitrines, admirando as joias carissimas e os ultimos artigos de moda, em exposição. Enorme multidão de homens, mulheres e creanças entrava e sahia dos luxuosos armazens de Gath L. Chaves, e da porta da confeitaria L'Aiglon, luxuoso centro de elegancia e do mundanismo porteños, deixava-se escapar a musica dolorida e atormentada de um tango milonga...

Não segui mais adeante. Invadi a confeitaria...

(Continúa).

José Domingos Barbosa.

BARCAROLA DO PAU

A noite é escura como breu.
Treme um archote a meia não.
E a vida passa, emquanto que eu,
Novo rabbino galileu,
Levo ao calvario o duro páo.

Tonto um vigia se debruça
Da balaustrada para o mar;
E nessa manta, em que se embuça,
Foge do vento que soluça
E pode ás vezes... cochilar.

Macas oscillam brandamente
A' luz escassa do pavio;
Um rato me olha tristemente
Como quem diz: — Mas, francamente,
E' uma «macumba» o seu navio!

Não ha logar mal assombrado
Que o seja mais do que um navio:
Sombras resvalam num bailado
Desde as cobertas ao costado,
N'um desvairante corropio...

...A luz do archote já morreu,
Ao sopro hostile de um genio máo.
E a vida passa, emquanto que eu,
Novo rabbino galileu,
Levo ao calvario o duro páo...

Ha procissões no tejupá
E andam bruxedos na trincheira;
Vêm abusões de lá p'ra cá,
E, em meio a todo este sabbat,
Tambem 'stou eu, que sou... *caveira!*

Tudo se anima á luz do archote,
Em que um sabor magico actua!
Na sombra timida de um bote,
Um gato preto fala scott,
Piscando os olhos para a lua.

Ha no convez, de vez em quando,
Uma «bagunça» (lá vae giria!)
E, num tropel desabulando,
Ratos galopam, parodiando
A cavalgada das Walkyrias...

Horas monotonas, tardias,
Cheias de somnos e abusões,
Tiram-me dalma as alegrias
Com a paciencia e as tiranias
De um cobrador de prestações.

A PEDRO II

NO DIA DO SEU NATALICIO



QUE ALGUMAS LINHAS POSSAM CONSO-
LA-LO NA SUA MANSÃO EM QUE RE-
POUSA, É O QUE DESEJO, SI ACASO A
PENNA HUMILDE DE UMA MENINA LHE
POSSA DAR ESSA CONSOLAÇÃO.



BENEMERITO imperador que tão cruelmente fosteis expulso da terra brasileira por guerreiros sequiosos de proclamarem a republica. Apesar de não assistir á vossa expulsão, lamento sinceramente que brasileiros fossem capazes disso. Oh! não choreis, si isso ainda arrancar lagrimas de vossos cansados olhos, na calma mansão em que descansais o vosso ultimo somno. Consolai-vos, pois o exilio sempre foi applicado aos nobres. Aristides, Themistocles, Cimon, que longos annos permaneceram longe de suas patrias pela barbara lei do ostracismo.

Vêde ? é proprio dos nobres...

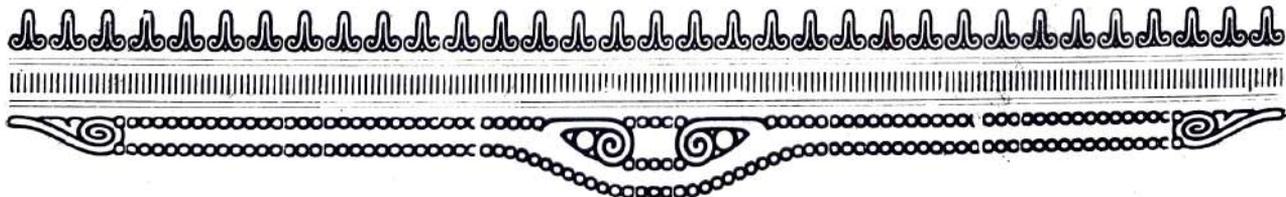
Si expulso fosteis por Deodoro e seus alliados que não podiam ser muitos, pois o povo brasileiro não é ingrato, esse resto do mesmo povo não vos esqueceu ainda, e hoje para mostrar a veracidade de minhas palavras, existe em Petropolis uma estatua cheia de naturalidade e vida — a vossa imagem.

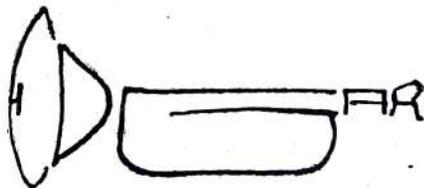
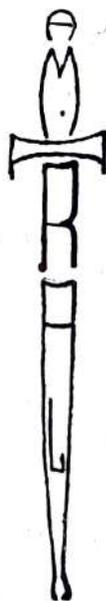
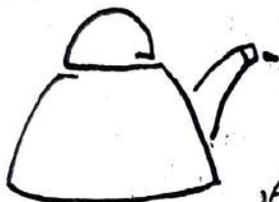
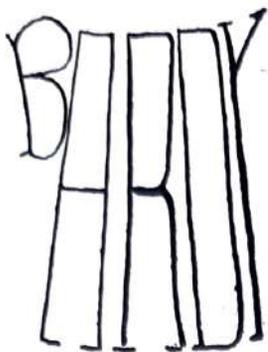
Crêde, pois, veneravel imperador, que a terra brasileira que tanto beneficiasteis, ainda é grata á vossa memoria e vos ama intensamente como quando ereis vivo e espalhaveis o bem que emanava constantemente dessas mãos bemdictas.

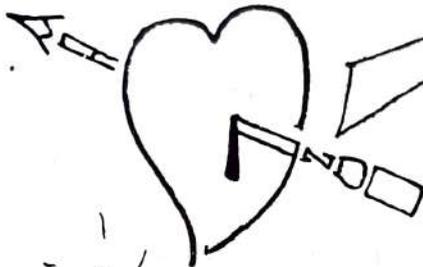
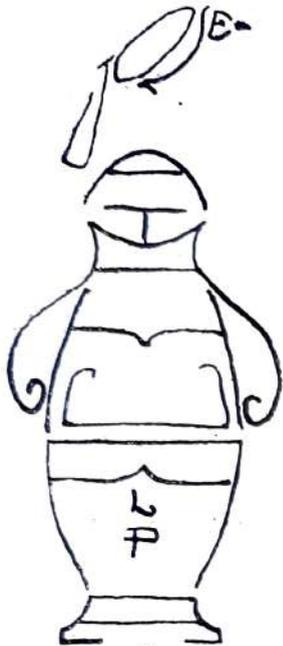
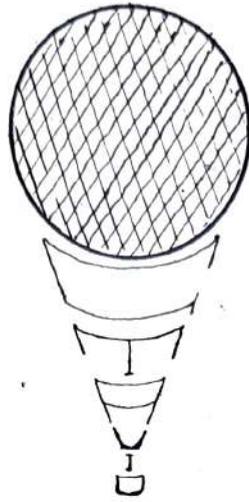
Bemdicta seja a vossa memoria !

R E G I N A H E L E N A

(*) Regina Helena é o pseudonymo de Regina de Souza — filha do nosso querido Gastão Penalva — que mostra nesta pagina de saudade «que de tai pae tal filha se esperava».







COMBERTO



Free



Angelo
n. 926

PHYSICA RACIONAL

(Conclusão)

Não ha absolutamente axiomas no sci-fido de verdades innatas, evidentes por si mesma. Todas essas verdades intuitivas são o resultado de uma descoberta que cada um faz por si mesmo, tão simplesmente ellas se apresentam ao nosso espirito. Quem é capaz de fixar a data precisa em que descobriu esta verdade elemental ou «o tod» é sempre maior do qualquer uma de suas partes», ou que «a linha recta é o mais curto caminho para ir de um ponto a outro do espaço?»

O que não se pôde fazer, é deduzir de onde não se induziu; isto é, tirar de onde nada existe; fazer cahir o fruto de uma arvore que não tem existencia! Isto é que não é possível. E é o que se pretende fazer, inventando principios, com o fito de depois proval-os mediante a verificação de suas consequencias. E' o mundo ás avéssas, o senso commum de pernas para o ar. E' pretender partir do desconhecido para o conhecido, desobedecendo á velha regra aristotelica que estatúe justamente o contrario, e querer explicar o visível partindo do invisível.

E' a lei do menor esforço applicado ao raciocinio, pois se a indução é laboriosa e difficil, a deducção é mais facil, e uniforme, sobre tudo se é feita mediante o instrumento algebrico, tão commodo de manejar. Ahí é que está o erro clamoroso. Não se pôde de modo nenhum **deduzir**, onde é indispensavel **induzir**! Induzir é apanhar o que há de constante

entre phenomenos que variam em intensidade. Deduzir é tirar uma lei de outra, mais geral, que nella esteja contida. Para deduzir é preciso, pois, começar por instituir inductivamente as leis, afim de mostrar como umas emanam de outras, como casos particulares. Depois que Galileu instituiu a lei da queda dos graves á superficie da Terra, e que Newton demonstrou inductivamente a lei de gravitação, é que se tornou possível mostrar **deductivamente** que aquella não passa de um caso particular desta, podendo ser tirada como uma simples consequencia della. O que se fez ahí, senão ligar, enlaçar induções que estavam separadas?!

Quem conhece o rigor da verdadeira logica não pôde accetar a opinião de Abel Rey em sua «Theorie Physique», segundo a qual «Maxwell, por meio de uma série pouco coherente, por vezes incorrecta e illogica de deducções, chegou a equações uteis para interpretar certos phenomenos». Não: tal não é nem será jámais possível! E' uma simples apparencia illusoria, quando, se mascara a indução, inventando principios, dos quaes as induções reaes parece terem sido deduzidas.

Não ha nem pôde haver, portanto, uma physica racional, inteiramente tirada de nossa razão, como Minerva da cabeça de Jupiter, como pretende a descompassada phantasia do «marinettismo» pseudo-scientifico!

Alfredo Severo.



MAR A VELA



EM PONTA DELGADA

Lucas A. Boiteuf

(Conclusão)

E fomos a terra... O desembarque é feito em pequeno molhe empedrado, tendo á destra uma ala de edificações com alpendres e columnatas toscas, cuja base o mar mollemente acaricia. Em frente eleva-se centenario portico, com tres arcadas, todo de lióz ou marmore de Lisboa e de estylo simples, encimado pelas armas reaes.

Transposto o arco está-se no largo João Franco, irregular na fórma, mas bem cuidado. Nelle se ergue a Matriz, templo severo e acaçapado, de architectura archaica, com uma unica torre, simples e de boa apparencia.

Mal chegamos ao largo, um bando de pom-

bas espalhou-se pelos ares, e em alviçareira revoada baixou junto a nós e começou a debicar pequenos detritos.

E aquellas pombas mansas, o portico vetusto, as columnatas, os alpendres, a esguia torre da matriz e o mar a rumoreiar bem perto, deram-me a impressão fugidia da praça de S. Marcos, em Veneza, conforme as descripções dos que lá tem estado... Reservamos a tarde para percorrer os monumentos historicos, raridades e velharias que, afinal, são bem poucos: — a Matriz, o collegio dos Jesuitas, casarão pesado e de estylo barroco; uma capellinha coeva dos grandes navegadores, pois tem no frontão a

data de 1504; o hospital de S. Francisco, onde se encontram esplendidos banhos; o monumento ao official de marinha Ivens, denodado explorador das selvas africanas; o solar dos Canto, etc.

Fatigado do caminho e já com regular appetite, procurámos um hotel.

Um garoto apontou-nos o melhor da terra. Recebeu-nos uma senhora nutrida, bem apessoada, gentil e... já madura. Dissemos-lhe a nossa disposição e ella explicou-nos: «que era infa um tanto cedo, mas que nos arranjará algo para entreter a gana»; e toda cortezias, toda misuras, sem nunca voltar-nos as costas, desapareceu nas dobras de um reposteiro arrepe-lado.

Eu e o meu amigo Bardy nos entrecolhamos a rebentar de risos... Para encobrir essa inconveniência, começamos a passar em revista as paredes da pequena sala, cobertas de photographias. D'aquelle amontoado de carantonhas, inexpressivas e originaes, destacava-se mais velada por um creps, a physionomia singela, graciosa e meiga de uma mocinha. Pouco depois, sabiamos, contada pela propria hoteleiro em lagrimas, que aquella era uma de suas filhas, e lhe fôra arrancada aos seus carinhos pelo clima malsão da Africa.

Veio o jantar que, regado a *vinho de cheiro*, especie do nosso vinho do Rio Grande, nos reconfortou assaz.

Bem grande foi o nosso espanto quando, ao desejarmos satisfazer a importancia da refeição, a nedia senhora se negou accepta-la.

— Absolutamente...
Vocencias nada me devem...
São viasileiros e como tal muita honra nos deram em cá virem...

E nós, de estomago cheio e farto, confusos não soubemos como agradecer a hospitalidade da boa e graciosa senhora, e de facto era ella natural da ilha Graciosa. Gratos á gentileza, fizemos, em retribuição, uma propaganda sym-pathica a favor do seu estabelecimento. Não foi em vão a nossa campanha, pois a elle afluíram muitos collegas.

No dia seguinte, porém, ficamos desolados diante de suas recriminações. A graciosa e bôa senhora hoteleira os explorára desabusadamente, cobrando a juros fabulosos o nosso gratuito jantar...

Continuamos a perambular, sem rumo nem destino. A proporção que iam penetrando na cidade, chocavam-nos a vista certos usos e costumes daquelle povo simples e original. Muitos desses habitos eram-mz familiares. Sabem todos que a ilha de Santa Catharina como quasi todo o littoral do meu estado foram povoados por milhares de colonos originarios das ilhas dos Açores.

Nota-se por isso uma similhaça extrema nos habitos, costumes e linguagem entre os da

ilha de S. Miguel e os do torrão sul-brasilieiro; a vida açorita transplantou-se intacta para aquellas plagas.

Os catharienses guardam ainda, apesar dos cruzamentos, que vão experimentando, alguns traços bem caracterizados, frizantes mesmo, daquelles aldeãos e ilhéos simples, segregados do mundo.

Eu revia, e com muitas saudade, nas feições daquelle gente simples e bonachona os matutos da Lagoa, de Canavieira, com seus chapéos desabados, a barba passa-piolho ou com as faces adustas, limpas dos pellos incommodos.

Certa vez, tive impeto de achegar-me e pedir a benção a uma velhinha engelhada e meiga, tanta era a semelhança de seus traços physionomicos com os da minha defunta avó, que Deus haja em sua santa gloria por muitos annos sem mim...

Ah! e se não fôra escandalizar ou estomagar aquella velhinha, que nos olhava com seus olhos apagados, eu o teria feito e com satisfação!

Vestem-se os homens da cidade á moda geral; mas a maioria, a parte conservadora e tradicionalista, continua a usar os curtos jalecos côr de rapê, o collete mais curto ainda, bragas d'alçapão, sapatões grossos e ferrados e chapéos d'abas largas que lhe sombreiam o rosto moreno.

As aldeans, mui graciosas e gentis, tem a carnacção do moreno rosco dos jambos maduros e os olhos negros, profundos, fascinantes, onde scintilla a chamma clara, abrasadora da raça mosarabe. Usam communmente o vestido redondo, e tão curvo e tão redondo que a tentação de uma perna bem torneada, roliça, explende sempre com a maior naturalidade e graça.

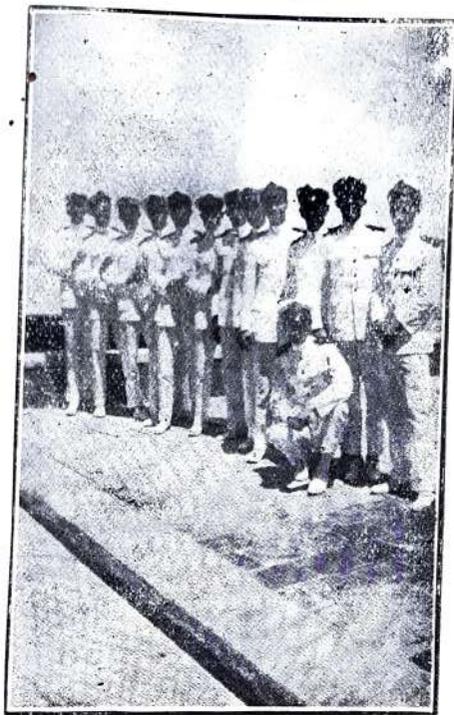
Já não acontece o mesmo com as moças da cidade que, como em toda parte, abusando das modas e dos arrebiques enganam-se a si proprias julgando burlar

a outrem. Cada bando de moças que passava, cheio de magias e de risos, faziam-me lembrar as patricias gentis, donairosas e elegantes, quando aos domingos vae á missa ou passeiam, venturosas, nas aleas do jardim, ao compasso de uma valsa lenta desferida por uma banda militar...

As velhas, no geral, por heitice ou economia, envolvem-se em ampla capa negra munida de enorme capuz, que vela por completo a cabeça de quem o traz.

Estas *velhas de capello* ou *de salpim*, como são chamadas, tambem já as tivemos no sul em outros tempos, conforme informação fidedigna de um senhor respeitavel. Esse vestuario é uma das peças obrigatorias ao enxoval de casamento das raparigas campesinas.

O que mais me surprehêndia era o aspecto saudavel daquelle rustica gente, com a tez sempre corada; e nenhum individuo vi com o livor



A guarnição de remo do quarto anno que levantou o campeonato de 1926 da Escola Naval.

doentio que a cada instante notamos nos nossos depauperados patricios do littoral.

Outra coisa que me impressionou bem foi o carinho e respeito com que guardam as tradições. O Pão-por-Deus, o terno dos Reis, a folia do Divino, com a viola dolente, a rabeca destemperada (faltando apenas a nossa puita, a roncadora e original *puita*). E aqui entre nós?... Tudo vai acabando com uma indiferença, um descaso lamentáveis. Vamos sendo absorvidos aos poucos, sem reacção, desoladoramente... Até as imagens sagradas dos nossos altares trocaram de raça, transmutaram-se. Não



me consta que Maria, Jesus e José tivessem olhos azues e cabellos louros, israelitas que eram e de boa raça; mas hoje os vemos transformados em puros allemães do norte. Muito breve, até o proprio S. Benedicto, por obra e graça especial, perdendo o negro pigmento, nos appare-

cerá albino ou assa.

Os presepes e lapinhas, tão interessantes e sugestivos, foram substituidos pela arvore do Natal, pinheiro de caramellos pendentes, sem a minima significação entre o nosso povo.

Era noite já, quando começamos a nos approximar do caes de embarque.

Ao passarmos por certa casa, fomos surprehendidos agradavelmente pelos accordes doridos de uma guitarra acompanhando uma terna voz feminina.

Sustamos o passo e, refugiando-nos em larga sombra projectada por um dos edificios vizinhos, quedamos a escutar.

As notas tremulas e plangentes da guitarra casavam-se tão bem com a voz limpida e vibrante da cantora, que era um encanto ouvil-as.

Alli permanecemos, quedos, por longo tempo, até que finalizou-se o concerto com uma trova original, cantada em duetto e cuja primeira quadra gravei:

«—Ai meu rico S. João,
Meu Santo marinheiro!...
Dai-me um noivo bonito,
Muita saude e dinheiro...

Repinica, repinica, repinica...
E o S. João a suar em bica...

Chegamos a bordo com a alma cheia de illusões e o corpo assaz fatigado.

E tal foi a impressão recebida daquellas trovas simples, banaes, mas cheias de sentimento, que, já entre os lençoes, parecia-me ainda ouvir ao longe aquella voz quente e melodiosa repetir o estribilho:

Repinica, repinica, repinica...
E o S. João a suar em bica...

Para terminar, aqui fica a ultima impressão de Ponta Delgada. Nas vespersas da partida, fazia eu o quarto das 4 da tarde ás 8 da noite. O tempo era bom, mas bochornal e somnolento. No porto, em descarga, um paquete allemão e, junto a nós, um elegante hiate de recreio norte-americano.



Fatigado e aborrecido, lembrei-me de dar ensaio á banda de musica e, para isso pedi a necessaria autorização ao commandante. Começou ella a percorrer o seu soffrivel e variado repertorio. Nesse tempo passeava ao longo do quebra-mar o millionario americano, dono do hiate, acompanhado da cara-metade, da filha, moçoila vistosa e elegante, e dous pequenos cães de raça. De repente a banda sahiu-se com um *Cake-walke* endemoniado, daquelles de fazer coxegas a qualquer frade de pedra. A esbelta e donairoza *miss* não se conteve. E, em meneios e requebros graciosos e petulantes, rompeu a bailar... Chamei logo a rapaziada que, pressurosa, invadiu o tombadilho e o portaló de borste e, com grande entusiasmo applaudia a galharda desenvoltura da americana.

Mandamos que a banda repetisse a musica. A alegre rapariga, porem, fatigada já ou enlevada então pelo aspecto da paizagem, que o sol poente cobria de tonalidades tristes, sentou-se ao lado dos paes e, apontando o binoculo para o mar violaceo, deixou-se ficar scismadora e absorta...

CASA VIEIRA NUNES

.. ARTIGOS PARA HOMENS ..

FORNECEDORA DO MUNDO SPORTIVO

AVENIDA RIO BRANCO, 142

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PAULO DE AZEVEDO & C.

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

166 - Rua do Ouvidor - 166 -- Rio de Janeiro

End. Teleg. ALVESIA = Caixa Postal n. 658

Filiaes: R. LIBERO BADARÓ, 129 - S. Paulo - R. DA BAHIA, 1052 - Belo Horizonte

Bernado — **Desenho de Machinas.** Exercícios de desenho á vista, desenho rigoroso, indicações praticas e proporções de diversos órgãos de machinas, tabellas, etc., por **Thomaz Bordallo Pinheiro**, professor das Escolas Industriales, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 283 figuras no texto, 21 estampas de desenho, com diversos exercicios 9\$000

Bernice — **Nomenclatura de Caldeiras e de Machinas de Vapor.** Diversos typos de caldeiras e seus accessorios; apparatus auxiliares, alimentadores, etc., etc. Nomenclatura de machinas. — Nomenclatura detalhada de machinas de vapor em geral. — Machinas terrestres e machinas maritimas, por **João do Pinho** e **A. Lima Santos**, demonstradores de machinas da Escola Naval. 2 vols. enc. juntos, com 470 figuras explicativas e muitas estampas especiaes. 6\$000

Brandão — **Problema de Machinas.** Problemas dos mais usuaes para a avaliação das superficies e volumes, com applicações de principios de physica e mecanica, problemas sobre caldeiras, machinas de vapor, resistencias de materiaes, etc., por **Antonio J. Lima Santos**, demonstrador de machinas da Escola Naval. 1 vol. enc., com 170 figuras para resoluções de problemas 7\$000

Naval — **Construcção Naval.** Noções geraes. Elementos de geometria descriptiva. Representação das fórmias do navio. Plano geometrico. Sala do risco, lançamento á casa. Regras de arqueação, etc. Provas dos materiaes de construcção e modo de os trabalhar, processos de ligação, zincagem, estanhagem e nickelagem, fabrico de couraças, por **Eugenio Estanislau de Barros**, engenheiro constructor naval e **Ferreira de Freitas**, desenhador chefe do Arsenal de Marinha. 2 vols. enc. juntos, em percalina, com 188 figuras no texto e 5 estampas \$

Madre — **Construcção de Navios de Madeira.** Sua descripção, armamento e accessorios do casco, protecção das querenas, carreiras de construcção, meios de reparação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 138 fig. no texto e estampas especiaes \$

Combate — **Construcção de Navios de Ferro.** Descripção e nomenclatura da estrutura do casco propriamente dito. Disposição da couraça nos navios de combate.

Conservação dos navios; pelos mesmos autores. 1 vol. enc. em percalina, com 188 figuras no texto \$

Acesoro — **Accessorios dos Navios de Ferro.** Apparelho de fundear e manobra dos ferros; Leme; Embarcações; Paiões e alojamentos; Serviço de agua doce e salgada; Ventilação, aquecimento e refrigeração; Installação do apparatus motor; Installações relativas á artilharia. 1 vol. enc. em percalina com muitas figuras 4\$500

Conduto — **Conductor de Machinas.** Descripção dos diferentes typos de machinas e caldeiras de vapor, seu funcionamento, regras geraes para a sua conducção e conservação; turbinas, sua classificação e descripção, por **Carlos Pedro da Silva**, engenheiro machinista naval, edição muito melhorada. 1 vol. enc. em percalina, com 284 figuras no texto e 19 estampas elucidativas. 6\$000

Navegal — **Manual do Navegante.** Sinaes maritimos, pharóes, boias e balisas. Telegraphia sem fio. — Reboques. — Incendios. — Encalhes. — Agua aberta e reparação de avarias. — Soccorros a navios naufragados, salvação. — Meteorologia, perturbações atmosphericas, previsão do tempo, correntes, marés, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e artigo professor do curso de pilotagem, 1 vol. enc. em percalina, com 143 gravuras e 4 estampas a côres 6\$000

Piltage — **Manual de Pilotagem.** Navegação costeira. Navegação estimada e navegação orthodromica. Cosmographia. Navegação astronomica. Regulação e compensação de instrumentos nauticos. Noções de hydrographia, etc., por **Guilherme Ivens Ferraz**, official da armada e antigo professor do curso de pilotagem. 1 vol. enc. em percalina, com 113 gravuras e 8 estampas, sendo 4 a côres 6\$000

Fundura — **Motores de Explosão.** Resumo historico. Ideia geral do funcionamento dos motores. Comparação entre as machinas de combustão interna e as de vapor. Combustiveis. Cauradores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Apparelhos auxiliares. Descripção de alguns typos de motores de explosão. Machinas de combustão interna. Machinas Semi-Diesel. Conducção e conservação dos motores. 1 vol. com 303 gravuras 6\$000

Tinta Toxica Polyvalente

para pinturas submarinas.

REGULAMENTAR NA MARINHA DE GUERRA
BRASILEIRA

PATENTE No. 14.743

"RUPTURITA"

TYPOS VIVO E HYDRAULICO

ALTO EXPLOSIVO BRASILEIRO

DE

ALVARO ALBERTO

(OFFICIAL DE MARINHA)

Patentes Nos. 9970 e 11638

Fabricantes : F. VENANCIO & Cia.

VENDEDORES :

P. PINTO LIMA & Cia.

Escritorio : Avenida Rio Branco, 29 - Rio de Janeiro.

- Telephone Norte 3974 -
End. Teleg. "Rupturita" - Codigo Ribeiro.

Fabrica : Merity - Estado do Rio. - E. F. Leopoldina.

